

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

Felipe Eduardo Ferreira Marta

**A memória das lutas ou o lugar do “DO”: as artes marciais
e a construção de um caminho oriental para a cultura
corporal na cidade de São Paulo**

DOUTORADO EM HISTÓRIA

SÃO PAULO

2009

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

Felipe Eduardo Ferreira Marta

**A memória das lutas ou o lugar do “DO”: as artes marciais
e a construção de um caminho oriental para a cultura
corporal na cidade de São Paulo**

DOUTORADO EM HISTÓRIA

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em História Social, sob a orientação da Prof^ª Dr^ª Estefânia Knotz Canguçu Fraga.

SÃO PAULO

2009

Banca examinadora.

_____.

_____.

_____.

_____.

_____.

À memória de, Benedito, Ariadna, Faustino e Maria. Meus avôs e avós. Pessoas de pouco estudo, com quem pouco tive a oportunidade de conversar e ouvir narrar a própria história, mas que mesmo assim fui capaz de amar e admirar. Não viveram o suficiente para presenciar esse momento, porém é a eles que rendo essa pequena homenagem e é para honrar o nome deles que tenho vivido os meus dias.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que iluminou e que ilumina meus passos, pela sabedoria conquistada durante o longo percurso.

Acredito que toda pesquisa possui uma história que normalmente não figura em suas linhas. Os bastidores de uma pesquisa são por vezes tão ou mais importantes que a pesquisa em si, pois as pessoas que atuaram nesses bastidores são, em conjunto com o autor, uma parte importante do resultado final. Com esse estudo não foi diferente. Ao longo de todo esse tempo contei com a ajuda de muitas pessoas, às quais não poderia deixar de agradecer nesse momento.

Agradeço à minha família, especialmente à Camila, minha amada esposa, uma pessoa fundamental nesse processo, que me auxiliou nas intermináveis transcrições de entrevistas e que soube entender meus momentos de ansiedade, a cada período de entrega de relatório, não deixando que meu gênio explosivo abalasse nossa doce relação. Uma pessoa que assumiu o compromisso de caminhar ao meu lado e de cujo amor tenho tido a oportunidade de desfrutar a cada dia. Aos meus irmãos, e principalmente aos meus pais, pelo amor com que me criaram, pela educação que me proporcionaram e pelo apoio sem medida que me deram em cada momento de dificuldade.

Agradeço à Prof.^a Estefânia, por ter aceitado o desafio de orientar este trabalho cujo tema é tão inusitado, se comparado aos demais temas que encontrados na área da História. Sem o seu auxílio, seguramente não conseguiria concretizá-lo. Sua sensibilidade foi capaz de reconhecer em um professor de Educação Física um historiador em potencial. Lembro até hoje de suas palavras, ao aceitar meu projeto de mestrado, em 2004: “seja o que Deus quiser”. Parece que ele quis, professora. Muito obrigado.

Agradeço aos meus colegas de turma, por contribuírem com minha formação, em especial ao colega Ipojucam Dias Campos, o historiador em quem tentei me espelhar.

Agradeço especialmente aos meus grandes amigos Chiquinho e Josi, pela calorosa acolhida em seu lar em todos os momentos de que necessitei.

Agradeço a todos os docentes e funcionários do Departamento de Pós-Graduação em História da Puc-SP, pela sólida formação que me proporcionaram.

Agradeço aos meus novos amigos da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, que foram capazes de contornar minha ausência nos momento em que a tese me chamou.

Agradeço também ao meu primo Márcio que, em seu enorme coração, nunca me recusou a ajuda de que eu tanto necessitava.

Ao meu amigo e confidente Marcelo, pelo incentivo dado a cada passo realizado.

Agradeço a Capes, por ter financiado essa pesquisa.

Por fim, gostaria de agradecer a todos os meus amigos de infância que, apesar de não terem participado efetivamente da execução dessa pesquisa, foram e sempre serão o meu “porto seguro”, compartilhando comigo suas alegrias e tristezas, permitindo que eu fizesse parte de seu cotidiano, não só durante esse período, mas durante toda a minha vida. Mesmo distante trago vocês sempre comigo e é por isso que a vocês, Gustavo, Mohor, Cazuzza, Daniel, Wirso, Zóio, Dani (Pequeno), Coxinha, Rolha, Pardal, Aline, Renata, Douglas, Alexandre, Márcio, Elaine, enfim, a todos vocês da “Turma da Vista Verde”, ofereço agora o meu muito obrigado.

A memória das lutas ou o lugar do “DO”: As Artes Marciais e a construção de um caminho oriental para a cultura corporal na cidade de São Paulo

Felipe Eduardo Ferreira Marta

Resumo

Atualmente as artes marciais orientais são um elemento constitutivo da cultura corporal da cidade de São Paulo. Sua prática encontra-se disponível enquanto possibilidade de experiência. Em outras palavras, qualquer pessoa que deseje pode facilmente ter acesso a essas práticas corporais originadas nos países do extremo oriente. Mas como isso foi possível? Como um elemento de uma cultura tão diferente em relação a que existia em São Paulo pôde se estabelecer? Foi justamente para tentar responder a essas questões que escrevi este trabalho. Nesse sentido, a presente pesquisa se baseou em fontes orais, bibliográficas e documentais, para investigar parte do processo de introdução e disseminação de algumas das mais populares artes marciais orientais atualmente praticadas na cidade de São Paulo. Especificamente sobre as fontes orais, optei por uma estratégia que focou mestres imigrantes de três países: Japão, China (Hong Kong) e Coréia do Sul. A justificativa para tal estratégia reside no fato de que são esses os países onde se originaram algumas das artes marciais orientais mais populares, atualmente praticadas na cidade de São Paulo. Para análise dos depoimentos, foram observados os apontamentos de Alessandro Portelli (1997), para quem os relatos orais “*são um documento do presente, compartilhados em sua responsabilidade tanto pelo depoente quanto pelo pesquisador*”. Como resultado, observou-se que a introdução das artes marciais orientais, em muito, deve-se à imigração dos povos de origem oriental, iniciada nos anos iniciais do século XX, e que parte do sucesso no trabalho de disseminação dessas práticas deve-se ao processo de modernização, na perspectiva defendida por Norbert Elias (1994), ao qual elas foram submetidas. Essa modernização expressou-se na adoção em seus países de origem e também no país receptor, no caso o Brasil, de alguns padrões de trabalho corporal de origem européia, com destaque, nesse sentido, para o esporte e para os métodos ginásticos e também para o “controle da violência potencial” inerente a essas práticas. Verificou-se também que o período Pós II Guerra Mundial, mais especificamente nas décadas de 1960 e 1970, representou um novo momento no processo de disseminação dessas práticas na cidade, processo que até então vinha sendo promovido pelo trabalho exclusivo dos mestres imigrantes e que, a partir desse momento, começa a se beneficiar do surgimento de um terreno fértil para essas práticas advindo do aumento de sua visibilidade na cidade, um fenômeno gerado pela difusão em massa de produtos da indústria do entretenimento relacionados às artes marciais orientais. Por fim, verificou-se o papel de um fenômeno que teve início para algumas dessas práticas ainda nos anos finais do século XIX, em seus respectivos países de origem, mas que atualmente continua em curso, a esportivização. Nesse sentido, com o auxílio dos estudos realizados por Pierre Bourdieu (1990; 1983) e Norbert Elias (1994; 1992), verificou-se que os desdobramentos desse processo têm sido os responsáveis por um embate entre as tradições dessas artes marciais orientais e os anseios daqueles que são partidários do processo de modernização, ocidentalização e esportivização para essas práticas. Tal situação tem agido no sentido de tornar possível a associação das artes marciais na cidade de São Paulo a uma diversidade de sentidos, que, de alguma forma, buscam saciar os anseios dos atores sociais envolvidos no cotidiano das artes marciais, seja no trabalho de disseminação das práticas, seja no seu consumo.

Palavras-chave: São Paulo, história oral, cultura corporal, artes marciais orientais, modernização, ocidentalização, e esportivização.

The memory of the struggles or the place of "DO": The Martial Arts and the construction of an oriental way for the corporal culture in the city of São Paulo

Felipe Eduardo Ferreira Marta

Abstract

Currently, the eastern martial arts are a part of the corporal culture of the city of São Paulo. His practice is available as an opportunity to experience. In other words, anyone that desire easily can have access to those corporal practices originated at countries of the far east. But how that was possible? How an element of so different culture is able to be established in São Paulo? To try to answer those questions that, I wrote this work. Accordingly, this research was based on oral sources, bibliographic and documentary to investigate the process of introduction and spread of some of the most popular eastern martial arts practiced today in the city of São Paulo. Specifically on oral sources, I chose a strategy that focused masters immigrants from three countries: Japan, China (Hong Kong) and South Korea. The justification for such strategy resides in the fact of that are those the countries where originated some of the most popular eastern martial arts, currently practiced in the city of São Paulo. For analysis of the statements, were observed the annotations of Alessandro Portelli (1997), for whom the oral reports "It is a document of present, in its shared responsibility by both the deponent as the researcher". As a result, it was observed that the introduction of oriental martial arts in most due to the migration of peoples of oriental origin, started in the early years of the twentieth century, and that the success in the work of dissemination of such practices should be the process of modernization, the perspective advocated by Norbert Elias (1994), to which they were submitted. This modernization is expressed in the adoption in their home countries and also in the receiving country, in Brazil, the labor standards of some body of European origin, with emphasis, accordingly, for the sport and gymnastics and also the methods by "control the potential violence" inherent in such practices. It was also noted that the period after World War II, more specifically in the 1960s and 1970s, represented a new moment in the dissemination of such practices in the city. Process that until then had been promoted by the exclusive work of the masters immigrants and that from that moment on, begin to benefit from the emergence of a breeding ground for these practices arise from increased visibility in the city, a phenomenon generated by the diffusion mass products of the entertainment industry relating to eastern martial arts. Finally, there was the role of a phenomenon that began for some of these practices even in the final years of the nineteenth century, in their home countries, but currently still in progress, making it a sport. Accordingly, with the help of the studies conducted by Pierre Bourdieu (1990, 1983) and Norbert Elias (1994, 1992), it was found that the unfolding of this process have been the responsible for a clash between the traditions of martial arts and oriental desires of those who are supporters of the process of modernization, Westernization and sportivization of these practices. Such situation has acted in the sense of become possible the association of the martial arts in a variety of ways. Senses that in some way seek satiate the desires of the actors involved in the life of martial arts, are the work of dissemination of the practice and are in its consumption.

Keywords: São Paulo, oral history, corporal culture, eastern martial arts, modernization, westernization and sportivization.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
I – Possibilidades de Experiências: Artes Marciais e cultura corporal no século XX	26
1 – As filhas de Marte adotadas por Salus e Victória: da necessidade ao sentido moderno	31
2 – “Dois bronzes no tatame”	48
2.1 Terra estrangeira, sociabilidades e identidade: a memória das lutas e o período Pré-II Guerra Mundial.....	51
2.2 Técnicos para Brasil. Sim, mas com alguma coisa a mais... A memória das lutas e o período Pós-II Guerra Mundial.....	67
II – Memórias em disputa: artes marciais orientais, visibilidade, esportivização e sociabilidades na cidade	84
1 – Artes Marciais orientais e sua visibilidade na cidade: o surgimento de um novo tipo de mestre, os cinemas do Centro e o “Judoka”	90
1.1 Visibilidade e presença: as artes marciais orientais na cidade.....	122
2 – Ocidentalização e esportivização à brasileira: tradições, identidades ou as pedras no caminho	143
2.1 A memória das lutas e as condições materiais necessárias à prática	146
2.2 A memória das lutas: esporte, saúde e defesa pessoal	156
2.3 A memória das lutas entre a tradição e a esportivização	163

CONSIDERAÇÕES FINAIS	177
FONTES	186
BIBLIOGRAFIA	189
ANEXOS.....	197

INTRODUÇÃO

Oficialmente o presente estudo teve sua origem em setembro de 2004 quando, após a entrega de minha dissertação de mestrado intitulada “O caminho dos pés e das mãos: Taekwondo. Arte marcial, esporte e colônia coreana em São Paulo (1970 – 2000)”, iniciei as pesquisas para elaborar o projeto de doutoramento, para ingressar, em março de 2005, no Programa de Estudos Pós Graduados em História, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

No entanto, a origem dessa pesquisa reside em um período um pouco mais distante. O mais adequado talvez fosse atribuir sua gênese ao imaginário de um garoto de classe média da Vista Verde¹ que, devido ao seu físico franzino, não raro, era vítima da truculência de garotos maiores e mais fortes. Foi nessa época, por volta de 1985, que as artes marciais começaram a despertar seu interesse.

Como ainda hoje ocorre com muitos outros garotos, o mito do herói exerceu grande influência em sua formação e escolhas (a escolha do vestuário, dos brinquedos e também das atividades extraescolares, onde se enquadraria a prática de uma arte marcial oriental).

Assim, o que era mais próximo do que aquele garoto assistia na televisão e que poderia aproximá-lo dos feitos daqueles heróis que ele tanto admirava era a prática de algum tipo de arte marcial oriental. A partir daí, o universo das artes marciais orientais passou a fazer parte do seu cotidiano, acompanhando-o durante a adolescência, juventude e idade adulta.

¹ Bairro situado na zona leste da cidade São José dos Campos – SP – composto, no período em questão, predominantemente por industriários da cidade e suas famílias.

A primeira questão que orientou esta pesquisa foi saber como o Brasil, um país tão distante, geográfica e talvez mais ainda culturalmente, dos países do chamado extremo oriente, acolheu as práticas corporais oriundas daquela região.

Nesse sentido, a pesquisa teve como referência contextual o estado de São Paulo, especialmente a capital, que, a partir das décadas finais do século XIX e durante todo o século XX, foi o grande pólo de atração de imigrantes. Esse processo migratório abriga uma série de transformações no cotidiano da cidade, durante esse período, diversos foram os motivos e incentivos que trouxeram para cá famílias inteiras de imigrantes de diferentes partes do mundo. Mas esse não foi o objetivo deste estudo.

Esse processo justifica minha opção, na medida em que São Paulo, na atualidade, apresenta-se como um lugar onde é possível detectar a presença de múltiplas etnias, merecendo destaque as de origem oriental, não só por sua aura imersa em certo exotismo, mas também pela posição econômica e social que muitas dessas pessoas alcançaram na cidade. Esse aspecto pode ser percebido de muitas maneiras, mas, para utilizar um dado concreto, aponto o fato de que esse grupo de pessoas não apenas se integrou à sociedade brasileira como também, no caso da cidade de São Paulo, foi capaz de demarcar seu próprio território. Nesse sentido, andar pelas ruas do Bairro da Liberdade ou fazer compras nas lojas do Bom Retiro é, sem dúvida alguma, estar em contato com uma parcela da cultura oriental que se incrustou em meio ao ambiente cosmopolita de uma das maiores cidades do mundo. De qualquer maneira, mesmo que não se queira visitar esses bairros, qualquer observador mais atento irá notar, em um breve passeio pela cidade, a presença de alguns traços da cultura oriental, seja nos letreiros de restaurantes especializados em servir comidas típicas dos países do Oriente, seja nos letreiros de alguma das muitas academias de artes marciais orientais existentes na cidade, apenas para citar alguns exemplos.

Essas constatações a respeito da questão que buscou entender como foi possível, a um país como o Brasil, acolher as artes marciais orientais remetem à segunda questão geradora desse estudo, que, por sua vez, buscou entender como um determinado tipo de cultura corporal originária dos países do Oriente – as artes marciais orientais – pôde, em um período de tempo relativamente curto, atingir o atual estágio de popularização em uma cidade como São Paulo. Que transformações essas práticas sofreram na adaptação ao novo ambiente? E ainda, quais as transformações que a

própria cidade teria sofrido, no sentido de acolher, reconhecer, aceitar e, em certa medida, valorizar essa cultura corporal?

Um trabalho dessa natureza, obviamente, não é tão simples de ser realizado, dada a sua notória complexidade, algo que implicou leituras específicas sobre a cultura oriental e especialmente sobre as artes marciais orientais, além da consulta a fontes de natureza diversa. Assim, esse estudo pretendeu ser uma contribuição ao entendimento desse processo.

O que se pretendeu estudar foi uma parte significativa do processo de difusão das artes marciais em São Paulo, tendo como foco de análise as práticas trazidas por imigrantes (mestres²) do Japão, China (Hong Kong) e Coréia do Sul, com o objetivo de detectar se, de alguma forma, esse processo pode ser entendido como um facilitador que contribuiu para a construção de um caminho oriental, no que tange às possibilidades de experiências corporais presentes na cidade conforme a expressão “condições de possibilidade” utilizada por Epple (2006) ao analisar a importância dos escritos de Michel Foucault para a construção de uma historiografia, sob o ponto de vista do gênero e que aqui estou transferindo para o ponto de vista da cultura corporal. Segundo a autora:

[...] as condições do poder determinam a ordem do conhecimento em certo momento, pois elas definem o que será aceito como verdade e aplicado. As condições do poder não são externas ao objeto, e o objeto não é seu reflexo ou seu produto; ele é incorporado nas condições de produção mútua. Do jeito que eu entendo Foucault, a análise do discurso mostra que todas as ordens são historicamente variáveis, entretanto, a historicidade de todo conhecimento não é contrária às categorias históricas além da historicidade³.

Assim, a escolha desses três países se justifica, dado o entendimento corrente que os coloca como os “berços” de algumas das artes marciais orientais mais populares⁴ praticadas atualmente em nosso país, que, em nosso entendimento,

² Com relação à utilização do termo “mestre” na classificação dos depoentes, é importante destacar que, ao fazê-lo, não estou preocupado com fato de os mesmos serem reconhecidos dessa maneira perante os rituais ou a hierarquia próprios de suas artes marciais; estou, antes, considerando-os dessa forma por entendê-los representantes e disseminadores de um saber específico, o que, portanto, salvo melhor juízo, os habilita a serem chamados de mestres.

³ Cf.: EPPLE, Angelika. Gênero e espécie da História. In. MALERBA, Jurandir (org.). **A história escrita: teoria e história da historiografia**. São Paulo: Contexto, 2006.)

⁴ Como exemplo, podemos citar o Judô, o Karatê, o Aikido, o Sumô e o Kendo como artes marciais originadas no Japão, o Kung-Fu e seus vários estilos, como arte marcial originada na China e amplamente difundida em Hong Kong, o Taekwondo e o Hapkido, como artes marciais originadas na Coréia do Sul.

colocaram, no Brasil, as condições de possibilidade para a experimentação de outra forma de cultura corporal.

É importante considerar que já havia, na cidade de São Paulo, uma cultura corporal com a adoção dos padrões europeus de trabalho corporal, o modelo esportivo inglês e os métodos ginásticos (em especial o francês). Ou seja, durante o século XX, e mais especificamente nas décadas de 30 e 40, assiste-se à consolidação da Educação Física como disciplina obrigatória nos currículos escolares, bem como a eleição de seus conteúdos, os esportes e a ginástica, como alternativa de trabalho corporal nas cidades brasileiras dentro e fora das instituições de ensino formal, e que encontram sua justificativa nos discursos médico e pedagógico, utilizados conforme os interesses políticos da época.

Durante aquele momento apontava-se para a disseminação da Educação Física como uma questão relevante a ser enfrentada pela sociedade brasileira o que gerou algumas iniciativas no sentido de firmar sua incorporação no conjunto das práticas sociais. De um lado, caminhou-se rumo à institucionalização da Educação Física, integrando-a definitivamente nos currículos escolares e criando-se organismos oficiais para regulamentá-la. Por outro, no campo da formação profissional, importantes escolas surgiram destinadas a formar técnicos e professores de Educação Física. Ao mesmo tempo, este foi um período em que houve uma produção teórica expressiva sobre essa matéria, caracterizada por um forte conteúdo político [...].⁵

Foi nesse universo que as artes marciais orientais procuraram conquistar o seu espaço e é da construção desse espaço que trato nesse estudo.

Percebemos a contribuição pessoal de cada um dos mestres de artes marciais brasileiros e imigrantes entrevistados na edificação de um caminho alternativo para a cultura corporal na cidade de São Paulo, a partir do relato das experiências cotidianas contidas nas memórias desses sujeitos e na sua relação com as artes marciais que representam. Para tanto, chamo a atenção para o fato de ter eleito como ponto de partida para essa pesquisa os depoimentos colhidos juntos a mestres de artes marciais originadas nesses três países do oriente: Japão, China (Hong Kong) e Coréia do Sul, alguns deles imigrantes, mas não só, uma vez que também foram colhidos depoimentos junto a mestres brasileiros, com ou sem descendência oriental. Assim, foram

⁵ Cf.: BERCITO, Sonia de Deus Rodrigues. **“Ser forte para fazer a nação forte”: a Educação Física no Brasil (1932-1945)**. São Paulo, 1991, p.7. (Dissertação de mestrado apresentada ao departamento de história da faculdade de filosofia, letras e ciências humanas, USP).

entrevistados mestres das seguintes artes marciais orientais: Judô⁶, Karatê⁷, Aikido⁸, Sumô⁹, Kendo¹⁰, Kung Fu¹¹, Taekwondo¹² e Hapkido¹³.

Com respeito aos mestres imigrantes, vale destacar que, em alguns casos, esse procedimento tornou possível o registro da memória de alguns dos precursores dessas práticas em nosso país. Desde já, agradeço aos mestres por colaborarem com esse estudo permitindo o registro de seus depoimentos e, por consequência, de sua experiência, resultado de anos de trabalho junto a essas práticas corporais orientais.

Este estudo questionou também se todo esse processo de disseminação e aceitação das artes marciais na cidade de São Paulo, como alternativa de prática corporal, não estaria inserido em um processo mais amplo de mudança de subjetividade, no que se refere às relações que o brasileiro, sobretudo a partir da segunda metade do século XX, começa a estabelecer com seu corpo.

Essa mudança seria expressa principalmente na emergência do dilema que colocaria em cheque o Homem da modernidade que “tem o seu corpo” e que expressa sua individualidade através do intelecto, em função da emergência de um novo Homem “que tem e é o seu corpo”, mas, que “tendo e sendo” usa-o como última fronteira de expressão de uma individualidade que o coloca em relação com seus contemporâneos¹⁴, pois não se deve esquecer também da relação que essas práticas corporais do oriente estabelecem com as ditas filosofias orientais, fortemente fundamentadas na indissociabilidade corpo e mente. Ou seria esse aspecto na atualidade apenas mais um apelo estratégico, um mero recurso de marketing? Afinal, o que de oriental essas práticas ainda carregam? Se é que em algum momento desse processo, na cidade de São Paulo, elas carregaram algum traço dessa cultura.

⁶ Em português: “caminho suave”.

⁷ Em português: “caminho das mãos vazias”.

⁸ Em português: “caminho da harmonização das energias”.

⁹ De acordo com Newton (1994), citado por Gomes (2008), “a palavra *sumô* vem de *sumai*, antiga palavra japonesa que designa estrangulamentos ou golpes de chave, uma luta ou wrestling asiático, Sumô é uma luta desarmada, que, a priori, não teve finalidade militar, tal como remonta sua origem mítica e lendária. Seus passos mais primitivos apontariam lutas oriundas do continente, especialmente China e Coréia”. (Cf.: GOMES, Fábio José Cárdis. Quatro histórias e uma epifania: estudos interdisciplinares acerca do *budô* japonês. **Dialogia**. São Paulo: Universidade Nove de Julho, v.7, n.1, p. 41-52, 2008.)

¹⁰ Em português: “caminho da espada”.

¹¹ Ou Wushu que em português significa: “arte da guerra”.

¹² Em português: caminho dos pés e das mãos

¹³ Em português: “caminho da energia coordenada”.

¹⁴ Para uma melhor compreensão a respeito dessa mudança de subjetividade em relação ao “Corpo” sugiro a leitura de: SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. É possível realizar uma história do corpo? In. SOARES, Carmen Lúcia (Org.). **Corpo e história**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001 e; GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. **O Corpo: filosofia e educação**. São Paulo: Ática, 2007.

Retomando a questão dos grupos que optei estudar e o processo migratório dos mesmos para o nosso país, é importante frisar que, durante o século XX, o Brasil se apresentou como um pólo de atração para diversos grupos de imigrantes, e, em meio a esses grupos, provenientes, sobretudo, de países da Europa, começaram a surgir também grupos de imigrantes de origem oriental, não obstante as críticas de intelectuais, que classificavam as pessoas desse grupo como “inassimiláveis” enquanto “raça” e “inadequadas” para o trabalho na lavoura, conforme se observou, por exemplo, no incidente narrado por Lesser a da primeira experiência de imigração envolvendo pessoas de origem oriental¹⁵.

Assim, a chegada em massa desse grupo de imigrantes provenientes dos países do Oriente, bem como seu estabelecimento em nosso país, com destaque, nesse sentido, para os japoneses¹⁶ que representam o maior contingente de pessoas fora do Japão e, além disso, o grande afluxo em data mais recente de pessoas originárias de Hong Kong, China, Taiwan e Coréia do Sul, fizeram com que, aos poucos, a existência de uma cultura completamente distinta daquela trazida pelos imigrantes europeus pudesse ser notada em muitas cidades brasileiras, onde colônias desses países se desenvolveram. Contudo, em nenhuma dessas cidades houve uma concentração tão grande desses grupos quanto na cidade de São Paulo.

¹⁵ Contudo destacamos que a primeira experiência de imigração desse grupo foi realizada em 1810, quando algumas centenas de chineses aportaram no Brasil para se dedicarem ao plantio de chá no Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Essa primeira experiência com o tempo converteu-se em um grande fracasso, primeiro porque o cultivo de chá não atingiu os resultados esperados e, segundo, em virtude do difícil relacionamento entre os imigrantes chineses e os dirigentes do Jardim Botânico. O fracasso dessa primeira experiência fomentou opiniões preconceituosas em relação à imigração de pessoas oriundas dos países do Oriente, que iam buscar fundamentação nas mais diversas teorias de superioridade étnica em voga na época, o que dificultou por algum tempo a vinda em massa para o Brasil desses imigrantes. (Cf.: LESSER, J. **A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2000)

¹⁶ O ano de 1908 marca o início da imigração “oficial” de japoneses para o Brasil, com o aportar, em 18 de julho, do navio “Kasato-Maru” em terras brasileiras trazendo a bordo 781 imigrantes formando “a maior colônia japonesa fora do Japão”. (Cf.: LESSER, J. Em busca de um hífen. In: _____. Op. cit. p. 159.)

Em outras palavras, esse afluxo considerável de imigrantes de origem oriental para a cidade de São Paulo, já na primeira metade do século XX, devido ao declínio da agricultura e crescente desenvolvimento da atividade industrial, verificado a partir dos anos quarenta do mesmo século, na cidade, permitiu que a cultura oriental¹⁷ fosse gradativamente incorporada à cidade e reconhecida por ela.

Esse processo gerou intensos debates no que tange à questão de esses imigrantes serem ou não os mais adequados para o trabalho nas lavouras brasileiras. Tal debate foi, possivelmente, responsável pelo surgimento de certo preconceito em relação às pessoas de origem oriental, sobretudo no que se refere à sua cultura, muito pouco conhecida dos brasileiros do fim do século XIX e início do século XX; o que traz à tona as seguintes questões: de que maneira essa cultura trazida pelos povos do Oriente, repudiada e desqualificada por uma parcela significativa da sociedade brasileira no final do século XIX e no início do século XX, pôde alcançar o atual estágio de popularização, aceitação e notoriedade em uma cidade como São Paulo? Que elementos teriam atuado a favor dessa mudança na percepção da sociedade brasileira?

Antes de mais nada, é necessário dizer que, ao imigrar, cada grupo traz consigo mais do que apenas bens materiais; traz, antes de tudo, um grande arcabouço cultural reafirmador de sua identidade, que irá influenciar o modo como irão se relacionar com o novo ambiente.

Com efeito, considerando os grupos de origem oriental, é possível encontrar, nesse arcabouço cultural, entre outros aspectos, um elemento *sui-generis*, que, na adaptação à nova realidade, bem como na afirmação de sua identidade, não deixou de ser praticado no novo país: as artes marciais orientais, cuja breve caracterização faz-se necessária¹⁸.

Atualmente é possível observarmos a existência de vários tipos de artes

¹⁷ Um indício de que alguns aspectos da cultura oriental gradualmente se infiltraram na sociedade Brasileira pôde ser notado ao pesquisarmos periódicos de grande circulação (revistas “Veja” e “O Cruzeiro”) no período de 1970 a 1980 onde foram encontradas matérias que versavam na esfera internacional sobre a China e sobre a guerra do Vietnã; e na esfera doméstica em matérias que versavam sobre o bairro da Liberdade em São Paulo, sobre as colônias japonesas do interior do Estado de São Paulo e também em algumas matérias sobre artes marciais, em especial sobre o Jiu-Jitsu no Rio de Janeiro, apenas para citar alguns exemplos.

¹⁸ Destaco que ao utilizar o termo artes marciais entendo que o mesmo não se refere apenas aos sistemas de ataque e defesa com os próprios corpos criados nos países do oriente. Entendo que, além desses, o termo é utilizado também para designar toda e qualquer técnica de preparação do seres humanos para a guerra com ou sem a utilização de armas e que, portanto, essas “artes” tiveram seu espaço também junto à cultura corporal do ocidente. Adiante retomarei a questão e explicitarei minha opção pelo termo “artes marciais orientais”, ao invés de simplesmente artes marciais.

marciais orientais, destacando-se: Koon-Tao, Kung Fu e o Tai Chi Chuan, na China; Selambam, na Índia; Karatê-do, Kempo-Do, Judô, Aikido, Jujititsu, e Kendo, no Japão; Taekwondo, Subakki-do, Taekkyun-do, Kwonbop-do, e Tangsu-do, na Coreia; Basilat na Malásia; e Kick Boxing, na Tailândia¹⁹.

No artigo intitulado “*Observações sobre a história das artes marciais*”, Proni (1994) define arte marcial como:

[...] conceito que engloba um amplo conjunto de técnicas de defesa pessoal. Cada modalidade possui uma história e uma filosofia particulares. Algumas são muito antigas, tendo surgido dentro de uma perspectiva militar; surgiram da necessidade de preservação da integridade física de grupos oprimidos. De um modo geral elas estabelecem uma rígida disciplina corporal e exigem respeito a códigos éticos e a rituais de passagem²⁰.

Não obstante o fato de as artes marciais orientais, conforme aponta Proni (1994), se configurarem como um conjunto de técnicas de defesa pessoal, cabe destacar que, na atualidade, outros interesses, tais como necessidade de praticar uma atividade física, o convívio social, o interesse pela prática de uma atividade esportiva e o interesse pela cultura e filosofia orientais, nas quais as artes marciais, em maior ou menor grau, encontram-se imersas, fazem com que muitas pessoas se aproximem desse tipo de atividade. Dito de outra maneira, é possível observar um sentido moderno, no que se refere à busca por essas práticas corporais e nisso há um aspecto importante a ser considerado, na medida em que interessa não apenas conhecer e entender como se dá a prática das artes marciais em nossa sociedade, mas, como também, tentar entender como foi possível que essas práticas de origem oriental fossem aos poucos sendo apropriadas por essa sociedade e desenvolvidas das mais diferentes formas e, em alguns casos, contrariando até mesmo as suas raízes, ou seja, tentar entender como as múltiplas possibilidades de experiências foram se agregando às artes marciais orientais, expressando, dessa maneira um processo de constituição de um sentido moderno para essas práticas corporais.

¹⁹ YANG, D. J. A new perspective of martial arts education for the 21st century. **ICHPER journal, The official magazine of the international council for health, physical education, recreation, sport and dance**, Virginia, USA, v.36, p. 23-28, 2000.

²⁰ PRONI, M. W. _____. Observações sobre a história das artes marciais. ENCONTRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA E DO ESPORTE, 2, 1994, DEF/UEPG. **Coletânea**. Campinas: Unicamp, 1994. p.401.

O que se observa atualmente no Brasil é que as artes marciais passaram por processo de massificação que, à primeira vista, parece ter contado com o apoio de três fatores: a) a chegada e o posterior estabelecimento, a partir do início do século XX, de grupos imigrantes de origem oriental – algo que já destaquei anteriormente –; b) a influência dos meios de comunicação de massa, sobretudo o cinema e a televisão; e c) o processo de esportivização vivenciado não apenas pelas artes marciais, mas também por outras práticas corporais. Os detalhes desse processo ainda carecem de mais estudo; contudo, alguns indicativos são passíveis de uma maior explicação nesse momento.

Assim, no que tange aos meios de comunicação de massa e sua influência na massificação das artes marciais, bem como dos outros tipos de atividade física, como os vários tipos de ginástica, os vários tipos de esporte, e as outras práticas corporais do Oriente, é possível notar um movimento, a princípio sutil, porém contínuo e progressivo que, na atualidade assumiu grandes proporções, sendo observado nas matérias jornalísticas que versam sobre os benefícios da atividade física, nas novelas difusoras de padrões de beleza estética, no jornalismo esportivo e nos filmes de ação patrocinados pela indústria de cinema norte-americana, em que os protagonistas, via de regra, se não são exímios lutadores de artes marciais, fazem uso de suas técnicas de forma coreografada, nas mais diversas sequências cinematográficas, apenas para citar alguns exemplos.

Além disso, ao observar com atenção esse movimento, aparentemente desinteressado, é possível notar um sentido bem definido e que, no Brasil, evidenciou-se com mais clareza a partir da década de 1970, rumo a uma forma “autorizada” de ocupação do tempo livre²¹.

Nesse sentido, destaco a importância de um duplo argumento, o da estética e o da saúde, no desencadear e na manutenção desse movimento, pois na medida em que esses dois saberes foram se consolidando, tornaram possível também o nascimento e estabelecimento do que hoje conhecemos como “mundo fitness”, e por que não dizer, “indústria fitness”, em que o lema é “perder calorias”, e que, para além da criação de corpos bonitos e saudáveis, com egos tão ou mais “hipertrofiados” que os músculos, contribuíram e ainda contribuem, mesmo que secretamente, para o

²¹ Para se ter um panorama detalhado desse processo, ver: SANT’ANNA, D. B. de. **O prazer justificado, história e lazer (São Paulo, 1969-1979)**. São Paulo: Marco Zero, 1992.

provimento de uma mão-de-obra bonita, e, principal e fundamentalmente saudável, para o desenvolvimento dos diversos setores da economia²².

Outro fator a ser levado em consideração no processo de massificação das artes marciais é o da “esportivização²³”, que fez com que as mesmas, aos poucos, fossem regidas pelo sistema da organização esportiva, muito semelhante ao da capitalista; mais do que isso, um sistema que tem no capitalismo sua base, o que torna mais complexa sua compreensão. Segundo Proni (1993):

Durante as últimas décadas, algumas das chamadas artes marciais foram transformadas em modalidades esportivas. Este fato, aparentemente banal, pode ter contribuído para tornar mais complexa a compreensão do significado contemporâneo dessas disciplinas corporais. Na verdade, as artes marciais não deixaram de ser o que sempre foram – técnicas de defesa pessoal –, mas para que elas pudessem ganhar espaço num mundo cada vez mais dominado pela concorrência e pelo imediatismo, foi preciso que as academias se adaptassem às novas exigências do mercado. E, em alguns casos, a expansão dessas práticas acabou suscitando a aparição e o fortalecimento de federações de âmbito internacional, as quais padronizaram as técnicas e estabeleceram normas para competições e torneios²⁴

Na tentativa de melhor compreender as implicações do processo descrito acima, faz-se necessário, ainda que de forma abreviada, o entendimento da categoria “esporte”. Nesse sentido, recorro a Bracht (2002), que, do ponto de vista da gênese histórica desse fenômeno, identifica a possibilidade de duas vertentes: a primeira, a da continuidade, encara o esporte como natureza essencial; e a segunda, a da descontinuidade, encara o esporte como natureza histórico-social.

Numa visão o esporte, na sua essência, já sempre existiu, em todas as culturas, ele apenas se atualiza em diferentes contextos e momentos históricos, e em outra, o fenômeno datado. Essas teses levam a – e são fruto de – visões distintas das determinações das manifestações culturais. São de um lado, as visões que conferem um alto grau de autonomia a essas manifestações, vinculando-as a características especificamente humanas e aistóricas, e, por outro, as visões que condicionam a cultura em maior ou menor grau (existem diferenças que fazem a diferença) às formas como o homem produz e reproduz a vida, especialmente como este vem

²² As raízes desse processo podem ser observadas em: SOARES, Carmem Lúcia. **Educação Física: raízes européias e Brasil**. Campinas, SP, 1994.

²³ O termo corresponde ao processo de transição de parte dos antigos jogos comunitários europeus para os esportes de performance, que, no caso específico desse estudo, ao utilizar o termo estou me referindo ao processo de introdução do esporte nas artes marciais (Cf.: PRONI, M. W. Referências para o estudo das artes marciais. ENCONTRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA E DO ESPORTE, 1, 1993, FEF/Unicamp. *Coletânea*. Campinas: Unicamp, 1994).

²⁴ PRONI, M. W. Op. Cit., 1993. p.22-23.

organizando-se para produzir e distribuir bens (numa linguagem mais ortodoxa: condicionada pelo modo de produção e seus desenvolvimentos)²⁵.

Com efeito, recorro também a Bourdieu (1990), que, com relação ao “esporte”, defende a existência de um “campo” específico, portanto:

Para que uma sociologia do esporte possa se constituir, é preciso primeiro perceber que não se pode analisar um esporte particular, independente do conjunto de práticas esportivas; é preciso pensar o espaço das práticas esportivas como um sistema no qual cada elemento recebe seu valor distintivo. Em outros termos, para compreender um esporte, qualquer que seja ele, é preciso reconhecer a posição que ele ocupa no espaço dos esportes. Este só pode ser construído a partir de conjuntos indicadores, como, de um lado, a distribuição dos praticantes segundo sua posição no espaço social, a distribuição das diferentes federações, segundo o número de adeptos, sua riqueza, as características sociais dos dirigentes, etc., ou, de outro lado, o tipo de relação com o corpo que ele favorece ou exige, conforme implique um contato direto, um corpo-a-corpo, como a luta ou o rúgbi, ou, ao contrário, exclua qualquer contato, como o golfe, ou só autorize por bola interposta, como o tênis, ou por intermédio de instrumentos, como a esgrima. Em seguida, é preciso relacionar esse espaço dos esportes como um espaço social que se manifesta nele. Isso a fim de evitar os erros ligados ao estabelecimento de uma relação direta entre um esporte e um grupo o que a intuição comum sugere²⁶.

Além da constituição de um campo específico para as artes marciais orientais, há que se atentar para outro aspecto determinante do processo de esportivização dessas práticas, diretamente relacionado ao processo civilizador,²⁷ na medida em que, para que sua aceitação fosse possível, ao longo do século XX, delas foram gradualmente retirados ou sublimados os gestos considerados violentos em demasia, o que batizei como *controle da violência potencial*²⁸. Esse movimento, evidentemente, não ocorreu de maneira idêntica, nas diferentes artes, uma vez que algumas delas encontram justamente na crítica ao processo de *controle da violência potencial* uma ferramenta de marketing para sua difusão. Dois exemplos clássicos disso podem ser observados no Karatê Kyokushin e em alguns estilos de Jiu-Jitsu, em especial os que enfatizam as competições batizadas de “vale-tudo²⁹”. Ao mesmo tempo,

²⁵BRACHT, Valter. Esporte, história e cultura. In. PRONI, Marcelo Weishaupt; LUCENA, Ricardo de Figueredo (orgs.). **Esporte: história e sociedade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

²⁶BOURDIEU, P., Programa para uma sociologia do esporte. In:____. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990, p.208.

²⁷ ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994, v1.

²⁸A questão do *controle da violência potencial* seu papel no desenvolvimento das artes marciais orientais serão abordados com mais detalhes no capítulo 2 da segunda parte do presente estudo.

²⁹ As competições de “vale-tudo” possuem esse nome por apresentarem poucas restrições de ação entre os competidores, tais como, categorização por peso, idade, estilo de luta, etc. Alguns autores consideram a

é possível ver exemplos de artes marciais orientais que abraçaram livremente essa possibilidade – o *controle da violência potencial* pela via da esportivização –, algo que, não por acaso, resultou em um grande ganho de popularidade e de número de praticantes culminado com a inclusão das mesmas entre as modalidades olímpicas³⁰.

O entendimento do processo esportivização que muitas das artes marciais orientais, em maior ou menor grau, sofreram constitui um ponto fundamental no que se refere à massificação dessas práticas na cidade de São Paulo, porém não é o único. Assim sendo, entendo que essas práticas ainda possuem algumas características próprias às quais o entendimento desse processo de esportivização por si só não responde.

Estou me referindo a um elemento que supostamente permeia tanto as artes marciais orientais quanto as demais práticas corporais originadas no Oriente e que as difere do esporte ou dos vários tipos de ginástica, quais sejam os princípios filosóficos norteadores dessas práticas.

Nesse sentido, Yang (2000), versando exclusivamente sobre as artes marciais orientais, aponta a existência de uma forte relação entre os nomes das artes marciais e as filosofias orientais, como por exemplo, o Taoísmo, que se identifica no sufixo “Do”. O sufixo "Do" significa caminho, um código de conduta que o praticante de artes marciais deve seguir durante sua vida³¹. A esse respeito, Hyams (1979) afirma que:

[...] as artes marciais, em sua modalidade mais delicada, são muito mais do que uma disputa física entre dois oponentes, um meio de impor a própria vontade ou de infligir dano ao outro. Mais que isso, para os verdadeiros mestres, o Karatê, o kung-fu, o aikidô, o wing-chun e todas as demais artes marciais são basicamente caminhos amplos através dos quais eles podem alcançar a serenidade espiritual, a tranquilidade mental e a mais profunda autoconfiança³².

Com efeito, Yang (2000) defende que todas as artes marciais do Oriente foram criadas e desenvolvidas sob uma forte influência das tradições e valores

ascensão das artes marciais em que se observam as competições de “vale tudo” como fenômeno de “des-esportivização” partindo da teoria a Elisiana para quem o processo de esportivização teria um papel como parte do processo civilizador ocidental em especial no que se refere ao controle das emoções e por consequência da violência. (Cf.: BOTTENBURG, Maarten van; HEILBRON, Johan. De-sportization of fighting contests: the origins and dynamics of no holds barred events and the theory of sportization. **INTERNATIONAL REVIEW FOR THE SOCIOLOGY OF SPORT**. v.3-4, Londres, n.41, p. 259-282, 2006.)

³⁰ Nesse aspecto Judô e Taekwondo são os maiores exemplos.

³¹ YANG, D.J. Op. cit.

³² HYAMS, J. **O zen nas artes marciais**. São Paulo: Pensamento, 1979, p.11. (Grifo nosso).

socioculturais do Confucionismo³³, Taoísmo³⁴, Budismo³⁵, Zen Budismo³⁶ e Monismo³⁷. Acredita nas artes marciais como uma forma superior de educação associada ao movimento humano. No entanto, no que tange à sua dimensão espiritual, entende que as mesmas não possuem caráter religioso e, nesse sentido, aquilo que os autores classificam como “espiritual” estaria relacionado com a conduta de cada praticante de artes marciais na sociedade.

As artes marciais são como um microcosmo do macrocosmo em que vivemos, no qual os valores filosóficos, religiosos e culturais do Oriente encontram um ponto de congruência e integração. Pelo estudo das artes marciais, uma pessoa pode confrontar a essência da grande sabedoria do oriente, com seu próprio ego de modo a se tornar um ser humano harmonioso, com seu corpo e mente conectados. As artes marciais podem ainda ser um meio para que as pessoas possam melhorar sua autoestima, emocional, social e mental, além de suas capacidades físicas. Não obstante, a prática das artes marciais não garante um crescimento espiritual, uma vez que, as artes marciais não são uma religião. Ser um verdadeiro mestre nas artes marciais não significa, entretanto, dominar ou derrotar outras pessoas em uma competição, dado que seu propósito principal é tão somente proporcionar ao praticante o domínio de seu próprio ego pelo constante aperfeiçoamento pessoal proveniente de sua devoção para com a disciplina escolhida. Nesse sentido, as artes marciais configuram-se como uma forma superior de educação conectada ao

³³ Filosofia baseada nos ensinamentos de Kung Fu Tzu (cerca de 550 a.C.), conhecido no ocidente como Confúcio. Enfatiza a harmonia social promovida pelo respeito aos superiores e benevolência para com os subordinados. Tornou-se a filosofia oficial da China imperial de aproximadamente 200 d.C. até a queda da Dinastia Ching e fundação da República Chinesa, em 1911. Os ensinamentos confucionistas formaram a base do sistema de exames imperiais usado para selecionar funcionários públicos e proporcionaram grande parte da lógica da administração do Império Chinês. (Cf.: STEVENSON, J. **O mais completo guia sobre filosofia oriental**. São Paulo: Arx, 2002. p.217)

³⁴Ensinamento filosófico-religioso desenvolvido, sobretudo por Lao-tse (séc. VI a.C.) e Tchuang-tseu (séc. IV a.C.), filósofos chineses, cuja noção fundamental é o *Tao - Caminho* - que nomeia o grande princípio da ordem universal, sintetizador e harmonizador do *Yin e do Yang*, e ao qual se tem acesso por meio da meditação e da prática de exercícios físicos e respiratórios. (Cf.: FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. p.1647).

³⁵Sistema ético, religioso e filosófico fundado por Siddharta Gautama, o Buda (Ásia Central, 563 - 483 a.C.), difundido por todo o L. asiático, e que consiste fundamentalmente no ensinamento de como pela conquista do mais alto conhecimento se escapa da roda dos nascimentos e chega ao nirvana. Por volta do séc. III separaram-se dois ramos do budismo: O budismo hinaiana e o budismo maaiana. Budismo hinaiana: Ramo ortodoxo do budismo, também chamado de pequeno veículo, e que se espalhou pelo S. da Ásia. Budismo maaiana: Ramo do Budismo, também chamado de grande veículo, difundido principalmente por todo o N. da Ásia, e que se opõe ao budismo primitivo por considerar que, muito embora aspiração final deva ser o nirvana, deva este, por compaixão, ser adiado, a fim de que o sábio possa dedicar-se a ensinar aos outros o caminho da salvação. (Ibid., p.291).

³⁶Forma de budismo que se definiu, sobretudo no Japão, a partir séc. VI, e se vem difundindo no Ocidente, caracterizada por valorizar a contemplação intuitiva (em oposição à meditação racional abstrata) suscitada pelo amor à natureza e à vida, a qual se exercita pela prática de toda espécie de trabalhos manuais e leva ao desenvolvimento da personalidade mediante o conhecimento próprio. (Ibid., p.1804).

³⁷Doutrina filosófica segundo a qual o conjunto das coisas pode ser reduzido à unidade, quer do ponto de vista de sua substância (e o monismo poderá ser um materialismo ou espiritualismo), quer do ponto de vista das leis (lógicas ou físicas) pelas qual o universo se ordena (e o monismo será lógico ou físico). (Ibid., p.1153).

movimento humano³⁸.

Nota-se um ponto de confluência entre as diversas artes marciais orientais existentes, no que se refere a sua dimensão filosófica, destacando-se, sobretudo o "Do"³⁹.

Além das filosofias orientais, outro aspecto interessante que faz com que as artes marciais orientais não possam ser entendidas apenas pelo viés da esportivização é o fato de, na atualidade, ser encontrado nas grandes academias de ginástica, esse tipo de atividade em certa medida desvinculada dos aspectos do mundo esportivo, e mais do que isso, desvinculadas de tudo o que a caracterizaria como arte marcial.

Assim, é possível observar, nas grandes academias de ginástica, uma forma de apropriação que liga as artes marciais a um tipo de ideologia amplamente difundida e influenciada pela mídia e por uma lógica de mercado; uma ideologia que mescla saúde e estética. Estou me referindo ao mito da “qualidade de vida” ou, como as academias preferem, “wellness”.

Nesse ambiente, as artes marciais, na maioria dos casos, não deixam de ser, como nos lembra Proni (1993), “... *o que sempre foram técnicas de defesa pessoal... 40*”, no entanto, todo o seu contexto parece ter sido modificado, e o discurso em torno das mesmas também, mas não – como já foi dito anteriormente – para aquele do mundo esportivo.

Nas academias de ginástica as artes marciais converteram-se em apenas mais um produto a ser oferecido na busca pela “qualidade de vida”, chegando ao extremo de estar totalmente desvinculada de tudo aquilo que a caracteriza como arte marcial, com exceção dos movimentos, um exemplo é o “body combat⁴¹”. Nesse tipo

³⁸No original: Martial arts is reflected as a microcosm of the macrocosm as the Whole in which Eastern religio-philosophical values and indigenous cultural uniqueness are congruently integrated. Through the course of study in martial arts, one confronts the core essence of the great wisdom of the East while discovering one's self in the mode of becoming a harmonious human being of mind and body as one. Martial arts can be the resource for all people that enhances emotional, social, mental, and physical well-being, but not spiritual well being, because the martial arts are not a religion. To become a true practitioner or champion in the martial arts is not to master others or to defeat them in competition. Its purpose, rather, is solely for self-mastery and self-actualization through the practice of virtue, one's devotion to the chosen discipline, and a sustained victory in competition with one self. The martial arts are indeed a superior form of education connected with human movement. (Grifo nosso) Para mais informações confira: YANG, D. J. Op. cit.

³⁹ Sobre a filosofia das artes marciais, Hyams, defende que: “A filosofia das artes marciais não é projetada para ser pensada ou intelectualizada, é feita para ser experimentada. Assim, as palavras, inevitavelmente, transmitem apenas parte do significado”. (Cf.: HYAMS, J. Op. cit., p.15.)

⁴⁰ PRONI, M. W. Op. Cit. 1993.

⁴¹ Tipo de ginástica onde pelo emprego de movimentos coreografados, apropriados das artes marciais

de ginástica, é possível observar a apropriação dos movimentos das artes marciais orientais, porém sem nenhuma menção aos princípios filosóficos, aos golpes, aos rituais de passagem, ou ao combate, enfim, a tudo aquilo que caracterizaria uma arte marcial oriental.

Apesar de tudo isso, esse fato parece ter contribuído de maneira importante no processo de massificação das mesmas, pois, na medida em que trouxeram para um ambiente “asséptico” uma prática que anteriormente se dava apenas em “dojôs⁴²” especializados, as academias de ginástica possibilitaram o encontro, ao menos, de parte do que compõe as artes marciais orientais com um novo público, que antes se mantinha afastado, por conta de todo um imaginário difundido por alguns filmes hollywoodianos, que associavam as mesmas, bem como os locais tradicionais de sua prática, a uma atmosfera exótica e, em certa medida, violenta.

Dessa maneira, ao estudarmos a difusão da cultura oriental na cidade de São Paulo, sob o prisma das artes marciais orientais e de sua disseminação, uma questão intrigante com que nos deparamos é justamente tentar entender como foi possível para um elemento característico de uma cultura, diferente, dado o seu exotismo em relação aos valores correntes no Brasil em finais do século XIX e início do século XX, pudesse ter alcançado os níveis atuais de popularidade? E, inversamente, de que maneira a popularização desse tipo de atividade teria influenciado o reconhecimento e a aceitação dos povos e da cultura de origem oriental?

Igualmente intrigante, nesse particular, é o fato de que esse processo de popularização das artes marciais orientais, em um determinado momento, deixou de ser implementado, exclusivamente pelas pessoas de origem oriental, que, em tese, seriam os “legítimos guardiões” desse saber, na medida em que passou a ser apropriado pelos brasileiros, algo que teria agido no sentido de acelerar a conversão desse tipo de atividade em um “produto” com um mercado próprio nos dias atuais.

E, nesse sentido, parece-nos possível inferir que a transformação das artes marciais orientais em um produto no Brasil e no mundo correu em paralelo à criação de uma série de outros produtos associados como, por exemplo, os filmes de longa metragem, as histórias em quadrinhos, as revistas especializadas, os livros didáticos, os desenhos animados, os seriados de televisão, os cartuchos de vídeo game,

orientais tem-se como objetivo a “perda de calorias”.

⁴² Local onde se pratica as artes marciais orientais.

além, é claro, de uma série de outros produtos com aplicação específica em cada uma dessas práticas. O nascimento de um mercado como esse traz consigo a necessidade de um corpo de profissionais que, de maneira direta ou indireta, mantém um elo com essas práticas corporais do Oriente.

Assim, o presente estudo encontra-se fundamentado em depoimentos⁴³ de mestres de artes marciais orientais, imigrantes ou não, no sentido de se compreender melhor como se deu esse processo, as adaptações que se fizeram necessárias e as dificuldades enfrentadas no encontro desse elemento constitutivo da cultura oriental com a cultura e a realidade da cidade de São Paulo, seguindo os apontamentos de Alessandro Portelli⁴⁴, para quem o depoimento é, antes de tudo, um documento do presente compartilhado em sua responsabilidade tanto pelo depoente quanto pelo entrevistador no momento de sua produção.

Cabe ressaltar que, ao optar por esse procedimento, tenho consciência de que estou lidando com a memória a respeito do processo de desenvolvimento das artes marciais orientais como experiência corporal, na cidade de São Paulo.

Ao trabalhar com a memória, estou reconhecendo suas limitações como “versões do passado” socialmente situadas em relação aos depoentes. Assim, ao trabalhar com essa memória especificamente, optei por uma estratégia de ação que, pela relativização das posições socialmente ocupadas pelos depoentes em seu passado e no momento em que foram produzidos os depoimentos, teve o objetivo de conceder maior historicidade a esses fragmentos do passado, atento ao estudo de Pierre Nora (1993), onde esse autor reconhece que:

Memória e história: longe de serem sinônimos, tomamos consciência de que tudo opõe uma à outra. A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível a longas latências e repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não

⁴³ Exclusivamente para esse estudo foi coletado um total de 14 depoimentos, sendo: 8 de mestres imigrantes; 6 de mestres brasileiros e; 1 depoimento concedido por um empresário proprietário de uma confecção de kimonos. Além disso, destacamos uso da gravação de evento comemorativo aos 40 anos da imigração coreana no Brasil ocorrido na Universidade de São Paulo, em 2004, e de outros depoimentos (em um total de 16) coletados componentes de nosso arquivo pessoal sobre a arte marcial Taekwondo, sendo: 2 de um mesmo depoente mestre imigrante; 1 de um imigrante membro da colônia coreana de São Paulo e; 13 de mestres brasileiros.

⁴⁴ PORTELLI, A. “Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na história oral”. In: **Projeto História**, Nº 15. São Paulo: Educ., 1997.

se acomoda a detalhes que confortam: ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. A história, porque operação intelectual laicizante demanda análise e discurso crítico. [...] A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo⁴⁵.

Mesmo que essa pesquisa se limitasse aos depoimentos desses mestres, acredito que já teria grandes resultados para analisar, baseado em minha experiência ao estudar o processo de desenvolvimento do Taekwondo, principalmente no que se refere ao encontro dessas culturas com a realidade de uma cidade como São Paulo⁴⁶. Entretanto, para que as artes marciais orientais pudessem atingir o atual estágio de popularidade, é de se supor que essas práticas, ao serem trazidas para o Brasil, encontraram aqui um “terreno fértil” para se desenvolverem.

Nesse sentido, busquei encontrar os fatores que agiram de modo a favorecer, na cidade de São Paulo, a ascensão das artes marciais orientais como prática corporal. Ao empreender esse trabalho com o objetivo de analisar as artes marciais orientais, acredito também ter contribuído com as pesquisas sobre as práticas corporais na cidade de São Paulo, em um espectro mais amplo.

Em minha dissertação de mestrado⁴⁷ estudei o Taekwondo, uma arte marcial de origem coreana, cuja introdução no Brasil data de 1970. Para realização daquela pesquisa utilizei, como fonte principal, os depoimentos de mestres de Taekwondo coreanos e brasileiros, e também de pessoas ligadas à colônia coreana de São Paulo. Nessa ocasião, a escolha da década de 1970 como o período a ser estudado se deu em função de ser este o período correspondente aos dez primeiros anos em que a prática do Taekwondo se desenvolveu em nosso país. Entretanto, ao analisar os depoimentos produzidos, encontrei indícios que apontaram para a importância desse período no desenvolvimento não apenas do Taekwondo, com também, para outras artes marciais.

Os depoentes apontaram, por exemplo, a exibição da filmografia de Bruce Lee, nos cinemas localizados no centro da cidade de São Paulo, como um dos

⁴⁵NORA, Pierre. “Entre memória e história: a problemática dos lugares”. In: **Projeto História**, Nº 10. São Paulo: Educ., 1993.

⁴⁶MARTA, Felipe Eduardo Ferreira. **O caminho dos pés e das mãos: taekwondo. Arte marcial, esporte e colônia coreana em São Paulo (1970 – 2000)**. São Paulo, 2004 (Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Estudos Pós-graduados em História da Puc/SP).

⁴⁷ Ibid.

principais fatores desse processo. Além disso, a constatação de que a grande maioria dos mestres brasileiros entrevistados iniciou a prática do Taekwondo no período em questão reforçou ainda mais essa hipótese.

Assim, para esta pesquisa, fiz uma amostragem dos anúncios publicitários dos filmes exibidos nos cinemas da capital paulista publicados no jornal “Notícias Populares”.

Nessa primeira etapa, foram analisados junto ao acervo do Arquivo do Estado de São Paulo os anúncios de filmes publicados no jornal “Notícias Populares” entre os meses de maio e junho, no período entre 1970 e 1978. Para minha surpresa, foram encontrados, nesse período, anúncios de mais de 90 títulos de filmes, cujo tema principal eram as artes marciais orientais, todos eles exibidos nos cinemas localizados na região central da cidade de São Paulo. Muito mais, portanto, do que apenas os filmes de Bruce Lee, algo que denota que existiu no período um grande interesse por esse gênero de filme⁴⁸.

Em uma segunda etapa da pesquisa, retornei ao Arquivo do Estado de São Paulo e novamente analisei o acervo do jornal “Notícias Populares”; dessa vez, entretanto, percorri todas as segundas-feiras⁴⁹ dos meses de maio, junho e julho de toda a década de 1970 e digitalizei alguns dos anúncios, para que pudesse proceder à análise de seus conteúdos, textos e imagens. Além disso, foi possível também digitalizar uma entrevista que tratava de um dos filmes de Bruce Lee exibidos no período.

Em outra frente, realizei também uma pesquisa no Jornal Folha de São Paulo, seguindo os mesmos procedimentos de pesquisa adotados em relação ao Jornal Notícias Populares. Dessa forma, foi possível verificar a maneira como os mesmos anúncios eram veiculados em jornais diferentes⁵⁰.

Com o intuito de encontrar outros tipos de fonte que, de alguma maneira, fizessem referência às artes marciais orientais, decidi fazer uma pesquisa na Gibiteca Henfil, localizada no Centro Cultural São Paulo. A princípio, estava à procura de revistas de histórias em quadrinhos originárias dos países do Oriente com tradução para o português, mais especificamente as japonesas, popularmente conhecidas como

⁴⁸ No capítulo 1 da segunda parte do presente estudo abordarei com mais detalhes os resultados obtidos na pesquisa sobre os filmes de artes marciais orientais exibidos na cidade São Paulo durante a década de 1970.

⁴⁹ Essa estratégia foi adotada por ser a segunda-feira o dia em que antigamente ocorriam as estréias de filmes nos cinemas da cidade de São Paulo.

⁵⁰ Essas diferenças serão explicitadas no capítulo 2 da segunda parte do presente estudo.

“mangá”. Nessa pesquisa, descobri que a primeira história em quadrinhos do gênero “mangá”, traduzida e publicada no Brasil foi “O Lobo Solitário”, em dois momentos: em 1989, pela editora Cedibra, e em 1990, pela editora Nova Sampa,⁵¹ muito distante do período que estava estudando. Considerando o período em que a revista foi publicada, levantei outra questão: seria possível que apenas no final da década de 1980 os quadrinhos sobre artes marciais orientais tivessem começado a ser publicados no Brasil? De fato, não. “O Lobo Solitário” é a primeira revista do gênero “mangá” e não a primeira revista a utilizar as artes marciais orientais como argumento para suas histórias.

Ainda pesquisando na “Gibiteca Henfil”, encontrei outra publicação, “O Judoka”, cujo acervo conta apenas com cerca de 50 exemplares. “O Judoka” foi uma revista em quadrinhos, mensal, publicada pela Editora Brasil-América LTDA (EBAL)⁵², cujo primeiro número chegou às bancas de jornal em abril de 1969. Os seis primeiros números são traduções dos originais publicados nos Estados Unidos da América pela “Charlton Comics” e contam as aventuras de um sargento do exército norte-americano que, disfarçado, utiliza seus conhecimentos em vários tipos de artes marciais, para derrotar seus inimigos representados por soldados do exército japonês.

Quando a revista começa a ser escrita e desenhada no Brasil⁵³, a partir do sétimo número, há uma mudança radical no argumento das histórias, a roupa do herói passa a conter as cores e a forma da bandeira nacional, o herói deixa de ser representado por um soldado para se tornar um jovem estudante e se, nos números traduzidos, os inimigos eram do exército japonês, nos números escritos e desenhados no Brasil eles

⁵¹ Sua publicação original no Japão ocorreu em 1970. A revista trata das aventuras de um “ronin” (samurai sem mestre) no Japão da Era Tokugawa (1600-1867), cujo principal objetivo era vingar a morte de sua esposa.

⁵² “A Ebal foi a maior e mais importante editora de quadrinhos do Brasil, tendo sido criada em 1945 por Adolfo Aizen. A criação da editora foi quase uma decorrência do grande sucesso do “Suplemento Juvenil”. A Ebal publicou no Brasil inúmeros autores estrangeiros como: Walt Disney (Seleções Coloridas), Alex Raymond (Flash Gordon), Hal Foster (Príncipe Valente), Lee Falk e Phil Davis (Mandrake), Lee Falk (O Fantasma), Chester Gould (Dick Tracy) e Charles M. Schulz (Peanuts), além das revistas da DC Comics e mais tarde Marvel Comics. [...] Além do material importado a Ebal, valorizando os artistas brasileiros, publicou dezenas de talentos em revistas como Álbum Gigante, Série Sagrada que publicava biografias de santos católicos, a Edição Maravilhosa (mais tarde reeditada como Clássicos Ilustrados), que publicava versões quadrinizadas de obras de escritores nacionais, como José de Alencar, Euclides da Cunha e Dinah Silveira de Queiroz, ou a publicação de adaptações de fatos históricos como as séries Grandes Figuras do Brasil, Episódios e História do Brasil, esta última com textos do acadêmico Gustavo Barroso e extensa pesquisa iconográfica (que consumiu oito anos de trabalho) de Ivan Wash Rodrigues”. (Disponível em: <<http://www.gibindex.com/enciclopedia/br/e/46>>, acesso em 04/10/04)

⁵³ No Brasil as histórias foram escritas por Pedro Anísio e desenhadas por Mário José de Lima e Eduardo Baron.

passam a ser representados por membros de gangues urbanas e ladrões comuns⁵⁴.

Um aspecto muito interessante acerca dessa publicação se refere ao fato de que, desde o seu segundo número, essa revista em quadrinhos apresenta, em suas páginas finais, dois pontos: o primeiro deles se refere a desenhos didáticos sobre algumas técnicas de artes marciais, mais especificamente de Judô. Menos do que a intenção de ensinar realmente algumas técnicas de artes marciais esse suplemento da revista parece ter exercido uma função de propaganda para esse tipo de atividade. E nesse sentido questiona-se: quem se queria ver beneficiado por esse tipo de propaganda?

O segundo refere-se à publicação de um boletim informativo sobre artes marciais, o “Judô Notícias”, com informações sobre academias e campeonatos de Judô e outras artes marciais, de várias partes do país, com destaque para o Rio de Janeiro e São Paulo e que, tal como nos desenhos didáticos de técnicas, parece ter exercido uma função de propaganda.

Analisar as décadas de 1960 e 1970, a partir do trabalho com as fontes e consulta à bibliografia específica, me permitiu constatar um aumento considerável na oferta de bens culturais relacionados não apenas às artes marciais orientais, mas também à cultura oriental de uma maneira geral, na cidade de São Paulo, que, nesse momento, já se apresentava como o grande foco de estabelecimento de imigrantes oriundos dos países do Oriente, em especial daqueles países que elegi como objeto de estudo de minha pesquisa, promoveu o nascimento de um mercado específico.

Para que o mercado em torno das artes marciais orientais pudesse ganhar força, a partir da década de 1970, chegando até os dias atuais, suas bases tiveram que ser construídas em um período anterior, o que ficou evidente nas falas dos depoentes nos seguintes aspectos: a) os motivos de sua vinda para o Brasil; b) o papel que a arte marcial oriental, da qual são representantes, exerceu no seu processo de fixação em São Paulo; e c) o período em que emigraram. Além disso, vale destacar que, no que se referiu a esse mercado específico e também ao processo de esportivização das artes marciais orientais na cidade, as falas focaram muito mais o momento presente do que propriamente os fatos ocorridos no passado dos depoentes. Isso provavelmente ocorreu pelo fato de esses temas ainda hoje estarem em pleno movimento.

Os depoentes foram divididos, não apenas de acordo com a arte marcial

⁵⁴ Os resultados da pesquisa com essa revista em quadrinhos serão apresentados com mais detalhes no capítulo 1 da segunda parte do presente estudo.

oriental que praticam ou em relação ao seu país de origem, mas em função de suas experiências de vida.

Os depoimentos revelaram aspectos fundamentais para o entendimento do processo que tornou possível o oferecimento dessas práticas corporais na cidade de São Paulo. Como consequência, foi possível agrupar os depoentes nas seguintes categorias: aprendizagem, profissionalização e período de emigração.

A categoria aprendizagem se subdividiu em: a) Imigrantes que aprenderam a arte marcial no seu país de origem; e b) Imigrantes que aprenderam a arte marcial no Brasil.

A categoria profissionalização se subdividiu em: a) Imigrantes que têm na arte marcial oriental seu único meio de subsistência; b) Imigrantes que têm na arte marcial oriental uma atividade complementar à atividade de subsistência; e c) Imigrantes que têm a arte marcial oriental como uma atividade voluntária.

Por fim, a categoria período de emigração se subdividiu em: a) Imigrantes Pré II Guerra Mundial; b) Imigrantes Pós-II Guerra Mundial até o fim da década de 1960; e c) Imigrantes da década de 1970.

Mais do que estabelecer categorias interpretativas, essa divisão teve a intenção de orientar a análise dos depoimentos, em função das outras fontes pesquisadas, tornando possível a apreensão de detalhes que possivelmente passariam despercebidos, caso nossa opção tivesse sido pelo agrupamento automático, de acordo a arte marcial oriental praticada por cada depoente. Além disso, saliento que essa divisão está longe de ser um procedimento estanque, uma vez que um mesmo depoente pode ocupar diferentes categorias ao mesmo tempo.

Nesse sentido, destaco, em especial, a categoria profissionalização, que foi de fundamental importância também na interpretação dos depoimentos concedidos pelos mestres brasileiros. E já que estou falando dos mestres brasileiros, aponto também que, além da categoria supracitada, delimitei a categoria descendência, que se subdividiu em: a) mestres com ascendência de oriental; e b) mestres sem ascendência oriental.

Destaco que o objetivo da presente pesquisa foi estudar o processo de origem e disseminação de algumas das artes marciais orientais mais populares praticadas na cidade de São Paulo, no sentido de avaliar o papel que cada uma delas teve na abertura de um caminho oriental, em meio às muitas possibilidades de práticas

corporais disponíveis na cidade. Em relação às fontes que fundamentam esse estudo, aponto os depoimentos de mestres diretamente ligados a essas práticas, bem como a utilização de jornais e revistas em quadrinhos publicados durante as décadas de 1960 e 1970, período em que constatei um considerável incremento no processo de disseminação das artes marciais orientais em São Paulo.

No que se refere às balizas cronológicas, enfoco o período entre os anos de 1932 e 1979, época que abrange o momento em que chegaram os depoentes mais idosos, e as décadas de 1960 e 1970, quando se acelerou o processo de difusão das artes marciais orientais na cidade de São Paulo. Em função do reconhecimento dos relatos orais como “documentos do presente” na análise de temas como a formação de um mercado específico e das transformações advindas do processo de esportivização das artes marciais orientais na cidade, optei pela utilização de trechos dos depoimentos que retratam muito mais o momento presente do que propriamente uma realidade vivida nas décadas de 1960 e 1970. Essa estratégia, longe de esgotar o debate em torno dessas questões, serviu como um meio para detectar as artes marciais orientais como um campo de tensões em que diferentes atores buscam seu espaço, o que lança ricas perspectivas para pesquisas futuras.

Assim, o presente estudo encontra-se dividido em duas partes. Na primeira, que está dividida em dois capítulos, discute-se o desenvolvimento das artes marciais orientais na cidade de São Paulo, como prática corporal. No primeiro capítulo dessa parte, discute-se o processo de desenvolvimento de algumas dessas práticas (de grande popularidade no Brasil) no momento pré-emigração. No segundo capítulo, discute-se, a partir das lembranças dos depoentes, o desenvolvimento das artes marciais orientais em São Paulo. Basicamente o referido capítulo pretendeu responder o que tornou possível a prática de uma determinada arte marcial oriental na cidade de São Paulo e como uma cultura oriental, muitas vezes discriminada por setores da sociedade brasileira, em finais do século XIX e primeira metade do século XX – sobretudo nos anos da II Guerra Mundial – conseguiu conquistar o seu espaço em meio às práticas corporais de origem européia (falamos fundamentalmente os métodos ginásticos e as práticas esportivas), na cidade de São Paulo.

Na segunda parte, trabalhei as falas dos depoentes, considerando, sobretudo, a referência a alguns fatos ocorridos durante as décadas de 1960 e 1970, um período fundamental para entendimento do atual nível de popularização que as artes

marciais orientais conquistaram na cidade de São Paulo e também no que se refere à formação de mercado próprio e às transformações advindas do processo de esportivização, a fatos referentes ao momento presente. As falas, quando relacionadas umas às outras e também às demais fontes pesquisadas, evidenciaram, em alguns momentos, uma disputa entre memórias fundamentalmente em relação ao que são e ao que se tornaram ou ao que devem ser as artes marciais orientais. Esse seguimento encontra-se dividido em dois capítulos. O primeiro é destinado à discussão em torno da chegada de um novo tipo de mestre e também do papel exercido pela indústria do entretenimento na ampliação da visibilidade das artes marciais orientais na cidade e do conseqüente aumento de praticantes.

Em linhas gerais, o objetivo continuou sendo responder às questões levantadas no primeiro capítulo, porém, nesse momento, o trabalho funda-se na análise de outros tipos de fonte – jornais e revistas em quadrinhos – e sua relação com a memória dos depoentes sobre o período. Esse entrecruzamento de fontes teve a intenção de enriquecer e, em certa medida, elucidar pontos do processo de disseminação das artes marciais e que, na documentação oral, continuavam pouco tangíveis. Aliás, serviu-me como importante orientação, a propósito da natureza dos relatos orais, como documentos do presente, de acordo com a observação realizada por Portelli:

A essencialidade do indivíduo é salientada pelo fato de a História Oral dizer respeito a versões do passado, ou seja, à memória. Ainda que esta seja sempre moldada de diversas formas pelo meio social, em última análise, o ato e a arte de lembrar jamais deixam de ser profundamente pessoais. A memória pode existir em elaborações socialmente estruturadas, mas apenas os seres humanos são capazes de guardar lembranças. Se considerarmos a memória um processo, e não um depósito de dados poderá constatar que, à semelhança da linguagem, a memória é social, tornando-se concreta apenas quando mentalizada ou verbalizada pelas pessoas. A memória é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados. Em vista disso, as recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas. Porém, em hipótese alguma, as lembranças de duas pessoas são – assim como as impressões digitais, ou, a bem da verdade, como as vozes – exatamente iguais⁵⁵.

E nesse sentido:

A demanda de um indivíduo ao contar sua estória, pode, muitas vezes, trazer tanto conformidade quanto mudança, tanto congruência quanto amadurecimento. Os narradores estabelecem assim, serem tanto a mesma pessoa que sempre foram

⁵⁵ PORTELLI, Alessandro. Op. Cit.

quanto uma outra pessoa. Assim as estórias mudam tanto com quantidade de tempo (a experiência acumulada pelo narrador) quanto com a qualidade do tempo (os aspectos que ele quer enfatizar durante a narrativa). Nenhuma estória será repetida duas vezes de forma idêntica. Cada estória que ouvimos é única⁵⁶.

O segundo capítulo dessa parte destina-se à análise da memória (passada e presente) em torno do processo ocidentalização e esportivização das artes marciais orientais, de fundamental importância para que essas práticas pudessem configurar-se em um caminho alternativo para a cultura corporal na cidade São Paulo. Não foram raras as situações em que se evidenciaram conflitos identitários no embate entre mestres brasileiros e imigrantes.

Questionou-se o quanto o desenvolvimento dessas práticas em São Paulo agiu no sentido de aproximá-las de uma lógica mais ocidentalizada de trabalho corporal, observável na associação entre as artes marciais orientais e alguns elementos presentes nos métodos ginásticos e nos esportes modernos, além das condições materiais necessárias à prática, que, como consequência, favoreceu a criação e a manutenção de um mercado próprio e da sua união junto a múltiplos discursos como, por exemplo, o do esporte, o da saúde e o da defesa pessoal – face ao aumento da violência urbana verificado nos grandes centros, sem mencionar a adoção de um sistema de graduação de acordo com os níveis de aprendizagem, que, segundo os depoentes, expressa uma lógica completamente diversa daquela que seria a aceitável, quando do momento em que os mesmos aprenderam a arte marcial oriental que representam, mas que se mostrou como uma estratégia necessária durante o processo de reconhecimento e aceitação dessas práticas em meio às demais possibilidades de práticas corporais disponíveis na cidade.

Entendo que essas adaptações não foram vivenciadas apenas no Brasil, todavia trabalho com a hipótese de que, aqui, essas adaptações assumiram algumas características peculiares. Dessa forma, ao conferir uma “roupagem moderna” – no mesmo sentido observado em relação ao esporte nas sociedades ocidentais⁵⁷ – aos

⁵⁶ PORTELLI, Alessandro. The death of Luigi Trastuli, o momento da minha vida: funções do tempo na História oral. Mimeo traduzido. Publicado pela primeira vez em **Internacional Oral History Journal**, II, 3 (Outono, 1981) 162-180.

⁵⁷ Nesse ponto, apoio-me fundamentalmente nos estudos realizados por Norbert Elias em relação ao papel dos esportes modernos no processo civilizador europeu, que, salvo melhor juízo, foi de grande importância também no processo de desenvolvimento das demais sociedades ocidentais bem como nos estudos de Pierre Bourdieu em relação ao esporte moderno em que diferentes agentes sociais atuam no sentido de promover a construção de “estruturas estruturantes” para a organização das práticas material e simbolicamente que seguindo uma cronologia específica, ou seja, uma cronologia que mesmo relacionada às demais dimensões da sociedade possui seu próprio tempo e suas próprias regras, gerando o surgimento de mercado relacionado tanto do ponto de vista do consumo quanto do ponto de vista do surgimento de

antigos métodos de ataque e defesa, originados nos países do oriente em uma perspectiva belicista, as adaptações colocadas em curso no Brasil promoveram um andamento particular ao processo de modernização dessas práticas.

Por fim, são apresentadas as considerações finais do presente estudo, em que são retomadas as conclusões apresentadas em cada uma das duas partes.

um corpo profissionais. (Cf.: BOURDIEU, Pierre. Op. Cit., 1990, p.208; BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo. In: **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero. São Paulo: Brasiliense, 1983; ELIAS, Norbert. Op. Cit. 1994, v1. e ELIAS, N. & DUNNING, E. **A Busca da Excitação**. Lisboa: DIFEL, 1992.)

I – Possibilidades de Experiências¹: Artes Marciais e cultura corporal no século XX

Medidas, cálculos, comparações, o fim do século XIX e início do século XX marcam um período de profundas transformações, no que se refere às práticas corporais nas cidades européias.

A revolução industrial traz consigo a necessidade de mão-de-obra. Em resposta, as cidades experimentam um intenso crescimento populacional, rápido e desordenado. Novas sensibilidades são construídas como parte do esforço civilizador europeu, conforme aponta Elias², o tempo deixa de ser regido pela natureza para ser mecanicamente determinado pelo relógio das fábricas. Tal fato iria permitir não só a determinação de tempos de trabalho e não-trabalho, mas também a emergência de um tempo de lazer claramente definido.

Na mesma esteira, a Europa insere novos elementos à cultura corporal do ocidente, elementos que rapidamente seriam utilizados na ocupação desse tempo de lazer. A ciência ajuda a construir “movimentos novos e corpos novos³”, a ginástica e principalmente o esporte começam a fazer parte da vida das pessoas.

E não demorou muito, essas novas possibilidades atravessaram o Atlântico e puderam ser experimentadas no Brasil. Um exemplo disso foi a Educação

¹ A expressão “possibilidades de experiência” aqui utilizada deriva de uma livre interpretação da expressão “condições de possibilidade” utilizada por Angelika Epple (2006) ao analisar a importância dos escritos de Michel Foucault para a construção de uma historiografia sob o ponto de vista do gênero. (Cf.: EPPLE, Angelika. Op. Cit.)

² ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

³ VIGARELLO, Georges; HOLT, Richard. O corpo trabalhado: ginastas e esportistas do século XIX. In. CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jaques; VIGARELLO, Georges (Orgs.). **História do Corpo 2: da Revolução à Grande Guerra**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

Física começando a figurar entre as disciplinas do currículo escolar⁴, conforme apontou a historiadora Sonia Bercito em sua dissertação de mestrado:

Em nosso país, acompanhando o movimento europeu, pode ser detectada, em meados do século XIX, uma preocupação de introduzir as atividades físicas orientadas, ainda que pontualmente, tanto no meio educacional quanto no militar. O Brasil Republicano, bastante influenciado pelas idéias educacionais liberais, via França, estendeu a introdução, embora ainda incipiente das atividades ginásticas nas escolas. Nesse momento, eram muitas as preocupações dirigidas à educação relacionadas à própria afirmação da ordem republicana. Defendendo-se o ensino laico, público e popular, empreendia-se, no âmbito dos estados, os primeiros esforços de se organizar um sistema educacional no país. Em São Paulo, por exemplo, onde o desenvolvimento da educação pública nos fins do século XIX e inícios deste foi de especial relevância, e marcado pelo modelo francês, a Educação Física figurava nos currículos escolares desde o Grupo Escolar até o Normal. Vale lembrar, também, a existência de iniciativas pontuais de difundir a prática da Educação Física em escolas particulares com orientação diferenciada da oficial, como o Instituto Mackenzie, na cidade de São Paulo, que, de origem anglo-americana, incluía esportes e ginástica em suas atividades pedagógicas⁵.

E o surgimento de clubes esportivos⁶, muitos deles fundados por operários, ao longo das primeiras décadas do século XX. A esse respeito, conforme conta Sevcenko, em São Paulo, no ano de 1919 é criada a Associação Paulista de Sports Atléticos (APSA) que por sua vez nesse mesmo ano:

[...] criou sua Comissão de Educação Física, envolvendo no seu projeto o próprio governo do estado, que assumia a tarefa de implementar uma política estadual de educação física, abrangendo todos os níveis de instituições escolares estaduais. A proliferação de clubes esportivos se dissemina pelas várzeas operárias, levando a APSA à criação do Campeonato Municipal de Football, visando tanto estimular quanto envolver esses novos contingentes e tornar a várzea numa fonte fornecedora de novos talentos esportivos. As Uniões Operárias, por sua vez, organizam suas próprias unidades atléticas dedicadas, sobretudo ao futebol, mas envolvendo também os chamados “esportes terrestres”. Várias empresas privadas estimulam o surto esportivo, organizando equipes, realizando campeonatos ou subsidiando troféus, medalhas e prêmios⁷.

Tal como aconteceu na Europa, o esporte no Brasil vai se diversificando em suas possibilidades de prática e se consolidando como instituição, ao longo do século XX.

Entretanto, Ricardo Lucena fundamentado nos estudos de Norbert Elias, atenta para a forma peculiar com que esse processo teria se dado no Brasil. Nesse

⁴ BERKITO, Sonia de Deus Rodrigues. Op. Cit.

⁵ Ibid. p. 17-18.

⁶ Alguns exemplos: Botafogo, 1904; Corinthians, 1910; Fluminense, 1902; Palmeiras, 1914; Ponte Preta, 1900; Santos, 1912, Coritiba, 1909, entre outros.

⁷ SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu estático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo: Companhia da Letras, 1992. p. 53.

sentido, o esporte não teria surgido por aqui como o resultado de um processo de transição dos jogos populares e ritualísticos, a exemplo do que teria ocorrido na Inglaterra, mas sim como o resultado de um processo de implante realizado por setores específicos da sociedade brasileira. Nas palavras do autor:

No caso do Brasil, não há, tomando por base o ocorrido em alguns países europeus, e na Inglaterra em particular, uma passagem sincrônica do jogo popular e ritualístico ao esporte ou jogo esportivizado. Em nossa opinião, há, na verdade, o “implante” de uma prática específica ao lado dos jogos de caráter popular. Referimo-nos aqui ao termo implante, por que o esporte chega até nós, não por um amadurecimento contínuo, que permitiu a passagem de uma ação mais simples para outra de caráter mais complexo, apoiado numa técnica específica, que parece caracterizá-lo; mas por uma ação deliberada e dirigida para determinados setores da elite brasileira⁸.

Ainda de acordo com o autor, devem ser considerados, nesse processo, o contexto social, que em meados do século XIX ansiava por mudanças (imigração, abolição, identidade nacional, por exemplo); a diversificação e ampliação das inter-relações sociais e a natureza do jogo ritual, que, por ser uma prática ancestral não foi capaz de suprir as expectativas de uma sociedade em mutação. Em contrapartida, o esporte, como técnica ritualizada, seria a expressão dessas mudanças sociais. A esse respeito destaca o autor:

[...] para além de pensar a distinção entre jogo e esporte por seus aspectos físicos, por exemplo: material, espaço de realização, marcação de tempo etc. propomo-nos a pensar a partir das inter-relações pessoais possibilitadas pela diversificação de funções, entendida aqui como pressão exercida desde baixo, e que aponta na direção de um processo de individualização mais amplo, permitindo o surgimento de novas configurações⁹.

Para a disseminação do esporte teria contribuído também o maior acesso ao ensino, fator que, em seu bojo, em um certo momento, passou a prever o oferecimento da disciplina Educação Física, espaço em que essa prática encontraria um terreno fértil para se desenvolver.

Ao longo do século XX, outro fator importante para o vigoroso desenvolvimento do esporte seria o processo de mercadorização¹⁰ das práticas corporais, favorecido, sobremaneira, pelo progresso dos meios de comunicação de

⁸ LUCENA, Ricardo Figueredo. **O esporte na cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001. p.46.

⁹ Ibid.

¹⁰ BRACHT, Valter. Esporte, história e cultura. In. PRONI, Marcelo Weishaupt; LUCENA, Ricardo de Figueredo (orgs.). Op. Cit.

massa, em especial da televisão. Some-se a isso o surgimento de um “mercado de bens de consumo associados¹¹”: loterias, bancas de apostas, materiais esportivos, o vestuário estilo “Sport”, locais de prática (clubes desportivos, escolinhas, academias, etc.), todo um corpo de profissionais técnicos, direta ou indiretamente relacionados (técnicos, nutricionistas, professores de Educação Física, árbitros, psicólogos, médicos, fisioterapeutas, fisiologistas, jornalistas, profissionais de marketing, etc.), e, em conjunto, a emergência rápida e vigorosa do profissionalismo no esporte.

O ano de 1908 assume um significado importante para esse estudo. Em 18 de junho, aportou em Santos o primeiro navio trazendo imigrantes de origem japonesa, dando início ao processo de imigração em massa de pessoas de origem oriental, incentivado pelo governo brasileiro¹².

Isso não significa que antes da chegada do *Kasato Maru*, não houve outras iniciativas que resultaram na chegada de imigrantes oriundos do extremo leste do mundo. A primeira experiência de imigração desse grupo foi realizada em 1810 quando algumas centenas de chineses aportaram no Brasil para se dedicarem ao plantio de chá no Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Essa primeira experiência, com o tempo, converteu-se em um grande fracasso, em virtude de o cultivo de chá não ter atingido os resultados esperados, e, de ter sido difícil o relacionamento entre os imigrantes chineses e os dirigentes do Jardim Botânico¹³. Entretanto, o caso dos japoneses é o primeiro exemplo de sucesso.

Mas, em que a imigração japonesa se relaciona com o processo de constituição da atual gama de possibilidades de experiências corporais presentes na cidade de São Paulo?

É claro que, como indicamos anteriormente, já existia uma cultura corporal de base européia em curso no Brasil naquele momento; isso sem falar de outras práticas não aceitas em uma sociedade onde ser índio ou negro não constituía padrão de civilização desejado, afinal, do ponto de vista do que ocorreu com os esportes e as ginásticas no Brasil, pouco foi o interesse dispensado às práticas corporais indígenas. Com elas preferiu-se seguir pelo caminho de uma explicação, em grande parte

¹¹ BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? In. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

¹² LESSER, Jeffrey. Op. Cit.

¹³ O fracasso dessa primeira experiência fomentou opiniões preconceituosas em relação à imigração de pessoas oriundas dos países do Oriente, que, buscando fundamentação nas diversas teorias de superioridade étnica em voga na época, dificultou, por algum tempo, a vinda em massa para o Brasil desses imigrantes. (Cf.: LESSER, Jeffrey. **A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.)

etnocêntrica, classificando-as como selvagens e bárbaras¹⁴. Essas práticas não puderam ser adotadas em uma aula de Educação Física, por exemplo.

E o que dizer então das experiências corporais de base africana, cujo maior expoente é a capoeira? Nesse caso, somente a partir da década de 30 do século XX é que têm início as primeiras tentativas de valorização, a despeito do enorme contingente de afro-descendentes em nosso país. Ressalte-se, porém que a esse respeito, do ponto de vista do oferecimento da capoeira como elemento das aulas de Educação Física nas escolas brasileiras, um longo caminho ainda deve ser trilhado para que ela possa ser comparada ao que ocorreu com os esportes e as ginásticas¹⁵.

Enfim, atente-se que, para um país inserido no contexto da modernidade, os corpos e suas práticas também deveriam expressá-la. Era necessário, portanto, e esse é um aspecto fundamental, embranquecer, clarear, europeizar, não somente a visão dos corpos expressa na pele (daí o processo de imigração para o Brasil de povos de origem européia), mas também, e em especial, para aqueles em que a cor da pele denunciava o padrão dominante, porém indesejável, era necessário que seu comportamento corporal expressasse o padrão europeu.

Mas, a despeito de todo um contexto cultural desfavorável, pois a cultura corporal desses povos, apesar de diferente daquela praticada por índios e afro-descendentes também guardava certa distância do que seria o padrão desejado pelas elites nacionais¹⁶, os imigrantes de origem oriental conseguem conquistar seu espaço no Brasil, e em especial na cidade de São Paulo, e é interessante saber como isso foi possível.

¹⁴ A esse respeito o exemplo dos índios Kaingang é emblemático. (Cf.: FASSHERBER, José Ronaldo, Mendonça. **Kanjire X Estado: um etno-desporto Kaingang e a colonização brasileira no século XIX.** In. Simpósio Nacional de História, 24., 2007, São Leopoldo, RS. **Anais eletrônicos...** São Leopoldo: Unisinos, 2007. 1 CD-ROM.)

¹⁵ Na história da Capoeira dois momentos merecem destaque, sua proibição no século XIX sendo criminalizada no código penal de 1890, e sua liberação durante o período do Estado Novo, momento em que foi marcante ação de mestre Bimba que criou o estilo “regional” agregando à capoeira elementos do esporte, da ginástica e das artes marciais orientais, algo teria facilitado o processo aceitação dessa prática perante a sociedade brasileira. (Cf.: SANTOS, Isabele Pires. **Oficina de capoeira: escola em movimento.** Salvador: Fundação Cultural Palmares, 2002.)

¹⁶ Para mais informações sobre o debate em torno da vinda dos povos de origem oriental para o Brasil, em especial chineses e japoneses, confira: LESSER, Jeffrey, Op. Cit. 2000, sobretudo os capítulos 2 e 6.

1 – As filhas de Marte¹⁷ adotadas por Salus¹⁸ e Victória¹⁹: da necessidade ao sentido moderno

Quando se pergunta o que são as artes marciais, formula-se uma indagação importante na medida em que, ao tentarmos esclarecer um pouco do que compreende o universo das artes marciais orientais, estamos muito mais preocupados, não com o seu sentido original, mas com o significado contemporâneo assumido por essas práticas. Portanto, o que nos interessa aqui é entender o processo de transformação de seus objetivos, significados e mesmo de sua prática.

Vale destacar que o termo arte marcial, ao contrário do que sugere nosso senso comum, não se restringe apenas às práticas originadas no extremo oriente, por isso, nesse trabalho, associo o termo à expressão “oriental”, pois existem artes marciais criadas no ocidente que foram sendo lentamente convertidas em jogos, que, em alguns casos, posteriormente, foram convertidos em esportes²⁰, como resultado de um processo de amenização ou supressão daqueles elementos considerados violentos ou bárbaros para as novas sensibilidades “civilizadas” que foram se desenvolvendo na Europa, a partir da centralização do poder e do conseqüente monopólio da violência²¹.

Assim, gradualmente passou a ser inaceitável que, durante um jogo ou disputa, algum participante terminasse gravemente ferido ou mesmo morto.

¹⁷ Deus romano da guerra de onde deriva a expressão artes marciais.

¹⁸ Deusa romana da saúde e sanitariedade.

¹⁹ Deusa romana da vitória que em seu sentido contemporâneo é associada às conquistas esportivas.

²⁰ Chamo a atenção especialmente para alguns exemplos empíricos, como, o tiro, a esgrima, o arco e flexa. E além desses, no terreno específico das lutas, chamo atenção para o boxe e a luta greco-romana.

²¹ Sobre o assunto, recomendo a leitura da obra de Norbert Elias “O processo civilizador: uma história dos costumes” em especial o segmento X do segundo capítulo do volume I intitulado: “Mudanças na agressividade”. (Cf.: ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994, v1.)

Cabe aqui a questão: teriam os países do oriente vivenciado um processo semelhante? Se sim, quais teriam sido as consequências desse processo para as artes marciais orientais?

Para pontuar esse questionamento seria necessário investigar a fundo a história desses países, algo que não é meu objetivo. Entretanto, quando voltamos nosso olhar para a questão da entrada da cultura corporal européia nos países do oriente, alguns indícios interessantes vêm à tona e esses indícios nos ajudam esclarecer o porquê da rápida aceitação das artes marciais enquanto experiência corporal nas cidades do ocidente.

Isso me leva ao seguinte questionamento: será que essas práticas eram, na ocasião de sua introdução no Brasil, tão orientais assim? Ou, para não ser pego pelo equívoco de imaginar que essas práticas eram ou são homogêneas, questiono quanto à possibilidade de as diversas artes marciais orientais que aqui aportaram apresentarem, mesmo no momento de sua introdução, a interferência de elementos próprios de uma visão mais ocidentalizada de trabalho corporal.

Ao analisar parte da história dos países onde se originaram essas práticas, alguns indícios surgiram: a história de algumas das mais populares artes marciais difundidas no Brasil, como por exemplo, o Judô, o Karatê, e o Taekwondo, quando colocadas em contraste com determinados aspectos da história de seus países de origem, revelam o papel que o contato com as práticas corporais européias exerceu na sistematização de um sentido moderno para as mesmas.

Assim, muito embora a grande maioria das artes marciais orientais atualmente praticadas na cidade de São Paulo relacionar sua gênese às práticas corporais presentes na antiguidade de seus países de origem; o período entre os anos finais do século XIX e a primeira metade do século XX, marca uma mudança gradual nessas práticas rumo a uma perspectiva moderna de trabalho corporal.

Além da questão do contato com formas européias de trabalho corporal na edificação de um sentido moderno para as artes marciais orientais, há que se destacar também a influência das inovações tecnológicas no campo da “arte da guerra”, sobretudo a crescente utilização das armas de fogo em combate, em detrimento da espada que, gradualmente, foi se configurando mais como um objeto de distinção de patentes do que propriamente uma arma de combate.

A respeito desse contato com as práticas corporais européias, é importante frisar que esse “encontro” não apagou rapidamente ou por completo as raízes tradicionais dessas práticas, mesmo porque é nos elementos tradicionais da cultura oriental que as mesmas buscam a afirmação de sua identidade. Contudo, houve, e ainda hoje há uma disputa pela hegemonia, no que se refere ao modo como devem ser entendidas essas práticas, expressando o que Williams (1979) chamou de “dominante, residual e emergente²²”. Assim, não foi no ocidente, como se poderia supor, que essas práticas tiveram o seu primeiro contato com alguns elementos de determinadas formas de ginástica e também com o esporte moderno, e sim em seus próprios países de origem.

Um exemplo disso pode ser verificado em Zheng (2007), que afirma que o primeiro programa de calistenia foi introduzido no Japão em 1878, anteriormente, portanto, à criação de algumas das artes marciais mais populares no Brasil, como por exemplo, o Judô (1882), o Taekwondo (1955), o Karatê²³ (1936). Mais do que isso, a calistenia foi também a primeira forma de Educação Física de origem ocidental a entrar na China²⁴. A respeito de sua introdução no Japão escreveu o autor:

O primeiro programa de calistenia do Japão foi introduzido em 1878 por George A. Leland, um educador físico norte-americano que serviu como diretor de Educação Física nomeado pelo Ministério de Educação Japonês. Leland desenvolveu um sistema de "calistenia leve" (*kei taiso*) que foi instituído em escolas primárias como regime regular de exercício em 1881. A rotina desenvolvida por Leland, no entanto, não resistiu por um longo período. Pois, em 1886 uma ordem na educação primária fez que se fossem adotados "exercícios no estilo da infantaria" uma nova "calistenia militar" (*heishiki taiso*). Essas reformas não foram projetadas apenas para “construir corpos mais fortes”, mas também, para instigar nas crianças a “virtude” de não questionar a obediência ao estado. No Japão, estudantes serviram como uma população importante na experiência e desenvolvimento das categorias e técnicas de gerência populacional. Eram usados como “crianças recrutas” que por não terem capacidade para questionar ofereciam as vantagens de uma população cativa²⁵.

²² WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar editor, 1979.

²³ No que se refere ao Karatê o ano de 1936 marca o início da utilização da palavra “Karatê” escrita com caracteres japoneses para designar os diferentes estilos de arte marcial desenvolvidos na ilha de Okinawa, como por exemplo, Shotoukan (1936), o Shitou-ryuu (1934), Goujuu-ryu (1930), Wadou-ryu (1940). (Cf.: TAN, Kevin S.Y. Constructing a martial tradition: rethinking a popular history of karate-dou. **Journal of Sport and Social Issues**, Thousand Oaks, CA, n. 28, p. 169 – 192, 2004.)

²⁴ ZHENG, Tiantian. Embodied masculinity: sex and Sport in a (post) colonial chinese city. **The China quarterly**, Cambridge, UK, n. 190, p. 432-450, 2007.

²⁵ Tradução livre do autor. No original: Japan's first programme of calisthenics was introduced in 1878 by Dr George A. Leland, an American physical educator serving as director of the Japanese Ministry of Education. Leland developed a system of "light calisthenics" (*kei taiso*) that was instituted in primary schools as the regular exercise regimen is 1881. Leland's routine, however, did not remain in place for long. An 1886 ordinance on primary school education made "infantry-style exercises in rank and file" the

Desse modo, o principal fator que tornou possível a entrada da cultura corporal de base europeia nos países do oriente em finais do século XIX foi o período da história do Japão conhecido como Restauração Meiji (1868-1912) e a consequente expansão imperialista japonesa.

O período conhecido como Restauração Meiji é marcado pela abertura do Japão aos países do ocidente, é o início do processo de ocidentalização, modernização e industrialização do país. Não obstante, é importante destacar, por mais contraditório que possa parecer, que esse período também foi marcado pela criação e fortalecimento de valores japoneses autóctones²⁶.

A expansão imperialista japonesa tornou possível a anexação de parte de China, de toda a península coreana e das ilhas Ryu Kyu²⁷, sendo estas as únicas que se tornaram efetiva e definitivamente parte do Japão de hoje. O domínio japonês sobre a China e a Coreia só terminou com o fim da II Guerra Mundial. Mais do que apenas uma presença indesejável nos territórios ocupados, os japoneses trataram de impor sua cultura nas colônias, sua educação, sua escrita, e também sua cultura corporal. Porém, nesse momento, é necessário que se diga, mais uma vez, que essa cultura corporal já havia sofrido a influência ocidental.

A esse respeito, o estudo sobre a cidade chinesa de Dalian²⁸, realizado por Zheng (2007), nos mostra que a dominação cultural japonesa nas colônias tinha a dupla função de impor seu modelo educacional e ao mesmo tempo inculcar um sentimento de inferioridade entre os dominados, e, nesse processo, não foi pequeno o papel da ginástica calistênica. Afinal, foi também corporalmente que os japoneses tentaram impor a sua superioridade, identificando os meninos chineses matriculados nas escolas mantidas pelos japoneses como afeminados, por não conseguirem executar com o mesmo vigor que os filhos do “sol nascente” os exercícios calistênicos, e isso, de

core of a new "military calisthenics" (heishiki taiso). The reforms were designed not only to "build stronger bodies but also to "instill the nation's children's with the virtues of unquestioning obedience to the state". In Japan, students served as an important test population for the development of the categories and techniques of population management. Like military conscripts, they offered the advantages of a captive population. (Cf. Ibid.)

²⁶ MEHL, Margaret. Chinese learning (kangaku) in Meiji Japan (1868-1912). **History**. Oxford, UK, n. 277, p. 48-66, 2000.

²⁷ Também conhecido como arquipélago de Okinawa.

²⁸ Cidade portuária localizada na região nordeste da China e que foi colônia japonesa de 1905 a 1945. (Cf.: ZHENG, Tiantian, 2007. Op. Cit.)

acordo com Zeng (2007), teria ocorrido graças à situação de subnutrição a que eram submetidas às crianças chinesas²⁹.

Mais interessante ainda é a afirmação de que contra a dominação japonesa os nativos de Dalian lançaram mão de outro elemento da cultura corporal européia o esporte, mais especificamente o futebol, pois foi com ele que os jovens chineses, a despeito de toda humilhação a que foram submetidos nas escolas, conseguiram reafirmar sua masculinidade. Isso tudo graças à liberdade de execução de movimentos que o esporte, diferentemente da ginástica, oferece aos seus praticantes³⁰.

Na Coreia, a presença japonesa não foi diferente: práticas corporais tradicionais foram proibidas, pessoas foram levadas para o Japão para trabalharem em regime de semiescravidão, coreanos tiveram seus nomes substituídos por nomes japoneses, um momento histórico que ainda está vivo na memória dos descendentes dessa geração, como se observa nesses fragmentos retirados do depoimento de três coreanos:

Nessa época muitos coreanos se exilaram voluntariamente para a China ou Rússia que são os países vizinhos ou muitos coreanos foram levados à força para trabalharem no Japão³¹.

[...] É a mesma coisa o brasileiro ir prôs Estados Unidos e ser chamado de argentino. Pior! Não é a mesma coisa é pior! Porque meu pai foi obrigado a aprender japonês porque era proibido falar coreano no tempo da colonização japonesa, domínio japonês. Meu pai estudou no Japão e ainda hoje ele conta isso, ele é bem velhinho, agora que ele tá velho conta mais vezes, de como ele fez engenharia. Se um coreano tirar 8 e o Japonês 6, entra o japonês e o coreano fica, ele disse que tirou 8,75 no exame de ingresso. Então quando nós somos chamados de japoneses é o pior³².

[...] quando me chamava de japonês ficava um pouco feio por que realmente ficava na minha memória e nunca fui japonês e ficava feio, mas fora disso, isso também tem um resquício da cultura dos meus pais que odiavam japonês em função da dominação japonesa sobre a Coreia, né? Japonês ocuparam desde 1903 até 1945 e tiraram nome, trocaram nome, puseram nome de japo...coreano e fizeram o diabo com coreano e só com perda da II Guerra Mundial aí coreano se libertou [...]³³.

²⁹ ZHENG, Tiantian, 2007. Op. Cit.

³⁰ Ibid.

³¹ Extraído da fala de Hwa Hyun Jung, então Cônsul Geral da Coreia do Sul em São Paulo, em 07 de junho de 2003, durante mesa redonda comemorativa aos 40 anos de imigração coreana no Brasil, evento promovido pelo Instituto de Psicologia da USP (IP-USP).

³² Extraído da fala de Jung Mo Sung, professor do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião da Puc-SP, em 07 de junho de 2003, durante mesa redonda comemorativa aos 40 anos de imigração coreana no Brasil – evento promovido pelo Instituto de Psicologia da USP (IP-USP).

³³ Extraído da fala de Augusto Myung Ho Kwon, então presidente da Associação Brasileira dos Coreanos (ABC), em 07 de junho de 2003, durante mesa redonda comemorativa aos 40 anos de imigração coreana no Brasil – evento promovido pelo Instituto de Psicologia da USP (IP-USP).

Nesse raciocínio, que afirma a existência de um sentido moderno, não seria inadequado classificar as práticas corporais nascidas a partir dos últimos anos do século XIX de “artes marciais orientais modernas e inventadas”, pois, a partir desse momento, é possível identificar o acréscimo de cinco elementos determinantes: a) a influência do pensamento ocidental “moderno”, com as práticas, passando a objetivar a saúde moral e física dos seus praticantes e posteriormente a adoção do ideal esportivo da vitória; b) a ação de sujeitos que atestam para a si a função de fundadores das diferentes práticas; c) a preocupação gradual com a sistematização racional e escrita das práticas, que lentamente vai rompendo com a tradição oral que até então marcava, de forma exclusiva, a dinâmica de transmissão dos movimentos das artes marciais orientais; d) o processo de internacionalização, com envio de mestres a diferentes partes do mundo com o objetivo de difundir as práticas e também a formação de federações de âmbito internacional; e e) a adequação da prática às necessidades impostas pelo momento histórico, tema que perpassa todos os quatro itens anteriores.

Nesse sentido, algumas artes marciais orientais tornam-se bons exemplos. O Judô é uma delas. Tendo o seu desenvolvimento diretamente atrelado à biografia de Jigoro Kano, japonês nascido em 1860, o Judô foi a primeira arte marcial oriental a expressar um sentido pedagógico que, ao mesmo tempo em que buscava a difusão e manutenção de valores morais tradicionais japoneses, buscava também fundir esses valores a aspectos pedagógicos ocidentais.

Um indício do papel de Jigoro Kano na invenção moderna do Judô pode ser observado no estudo realizado por Calleja (1981):

Pessoa de alta cultura geral, Jigoro Kano, era um esforçado cultor do jujutsu. Procurando encontrar explicações científicas aos golpes, selecionou e classificou as melhores técnicas dos vários sistemas de jujutsu. Estabeleceu normas a fim de tornar o aprendizado mais fácil e racional. Idealizou regras para um confronto esportivo, baseado no espírito do ipom-shobu (luta por ponto completo). Procurou demonstrar que o jujutsu aprimorado, além da sua utilidade para a defesa pessoal, poderia oferecer aos praticantes extraordinárias oportunidades no sentido de serem superadas as próprias limitações do ser humano³⁴.

³⁴ CALLEJA, Carlos Catalano. **Contribuição para o estudo e interpretação das regras internacionais de Judô**. 1981. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Escola de Educação Física da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1981. (Grifo nosso)

Rapidamente o Judô começa a ganhar notoriedade no Japão. Mas essa ascensão não deve ser analisada fora do contexto da Restauração Meiji, uma vez que, passado o primeiro momento da revolução em que se assistiu a uma desvalorização das tradições japonesas em relação às idéias ocidentais³⁵, o que por consequência levou a uma desvalorização das artes marciais japonesas, em um segundo momento, passou-se à valorização das tradições com vistas ao fortalecimento do sentimento nacionalista em torno do império japonês. Esse ideal justifica, por exemplo, a criação em 1895 da Dai Nippon Butoku Kai, uma entidade cuja função era ser um centro de referência no ensino, pesquisa, licenciamento e publicações de todas as artes marciais de origem japonesa, dentre as quais também o Judô.

Em 1895, o élan das principais elites marciais apoiadas por Governador Watanabe da prefeitura de Kyoto estabeleceu o Dai Nippon Butoku Kai (Grande Sociedade Japonesa da Virtude Marcial), em Kyoto – Japão, sob a autorização do Ministério de Educação e o endosso de Imperador de Meiji, para solidificar, promover, e padronizar todos os sistemas e disciplinas marciais. Sua pretensão era restaurar as tradições marciais clássicas e as virtudes dos Samurais, bem como mobilizar a nação japonesa em torno de um poderoso legado de cultura marcial. Muitos mestres de proeminência nacional das artes tradicionais do Heiho, Kenjutsu, Jujutsu, Battojutsu, Iaijutsu, Kenpo, Naginatajutsu, Aikijujutsu, Bojutsu, Sojutsu, Kendo, Karatedo, Iaido, Aikido, Judô, Kobudo e de outras formas de Jutsu e sistemas de DO participaram da sociedade DNBK. Era até então a primeira instituição de artes marciais oficial de Japão sancionada pela autoridade do governo nacional. O Príncipe Komatsu No Miya Akihito serviu como o primeiro Sosai, comandante supremo do Dai Nippon Butoku Kai enquanto Governador Watanabe serviu como Fuku Sosai, vice-comandante. Portanto, DNBK tornou-se o quartel general, centro de treinamento, pesquisa, licenciamento e publicação de normas a respeito de todas as artes marciais japonesas³⁶.

³⁵ Um aspecto marcante desse momento histórico no Japão foi o decreto de proibição do uso do birrote, que foi muito bem retratado na autobiografia de Ginchin Funakoshi, especialmente na passagem em que é relatada a reação de seu pai e de sua mãe ao notar que seu filho havia aderido à determinação do decreto imperial para poder ocupar suas funções como professor em uma escola primária de Okinawa: “Meu pai mal podia acreditar em seus olhos. ‘O que você fez a você mesmo?’, gritou com raiva. ‘Você, o filho de um Samurai!’ Minha mãe, ainda mais raivosa do que ele, recusou-se a falar comigo. Virou-me as costas, saiu de casa pela porta dos fundos e fugiu para a casa de seus pais”. (Cf.: FUNAKOSHI, Ginchin. **Karatê-dô: meu modo de vida**. São Paulo: Cultrix, 1975.p.21.)

³⁶Tradução livre do autor. No original: In **1895**, the leading élan of martial elites backed by **Governor Watanabe of Kyoto Prefecture** established The **Dai Nippon Butoku Kai** (Greater Japan Martial Virtue Society) in **Kyoto** Japan under the authority of the Ministry of Education and the endorsement of **Meiji Emperor** to solidify, promote, and standardize all martial disciplines and systems. It intended to restore the classical martial traditions and virtues of Samurai way and it mobilized the nation of Japan with powerful legacy of martial culture. Many outstanding and renowned practitioners in traditional Heiho systems, Kenjutsu, Jujutsu, Battojutsu, Iaijutsu, Kenpo, Naginatajutsu, Aikijujutsu, Bojutsu, Sojutsu, Kendo, Karatedo, Iaido, Aikido, Judo, Kobudo and from other Jutsu forms and Do systems joined in the DNBK society of national prominence. It was the first official martial arts institution of Japan sanctioned by the authority of the national government. The **Prince Komatsu no Miya Akihito** had served as the first **Sosai**, supreme commander of the Dai Nippon Butoku Kai while Governor Watanabe served as Fuku Sosai, vice-commander. Consequently, DNBK became the prestigious headquarters empowered by the

Outro aspecto importante em relação ao desenvolvimento do Judô no processo de modernização das artes marciais se deu após a II Guerra Mundial em 1948, por ocasião da criação da Federação Nacional de Judô, algo que demonstra a adoção de mais um elemento próprio da cultura corporal européia, o esporte³⁷.

Além dos aspectos já citados, houve também a influência exercida pelo processo de internacionalização da prática, algo que para o Judô deu-se logo no início do século XX, conforme aponta Calleja (1981):

No ocidente, uma das primeiras academias foi estabelecida em 1900, em Londres, por um japonês que se intitulava “Prof. S. K. Uyenishi, campeão de jujutsu do mundo” e sua propaganda, assim afirmava: “A arte que se aprende em algumas lições”. Anos após uma academia em Liverpool, denominada “Ashikaga”, só ensinava por correspondência e garantia que o sistema de jujutsu era “uma cura positiva para os males da constipação, dispepsia, insônia e perda da vitalidade³⁸”.

Além do já citado processo de internacionalização do Judô, a passagem acima nos mostra também a associação entre as artes marciais e o binômio esporte e saúde, elementos tão presentes em nossas possibilidades de experiências corporais atualmente.

Por fim, não se pode deixar de destacar que, das artes marciais orientais, o Judô foi a primeira a tomar parte nos Jogos Olímpicos da Era Moderna, realizando sua estreia na cidade Tóquio, em 1964³⁹.

Trilhando o mesmo caminho aberto pelo Judô no Japão iremos encontrar outra arte marcial japonesa: o Karatê. Tal como o caso do Judô, que é uma adaptação moderna das técnicas do Jujutsu, o Karatê tem seu desenvolvimento atrelado às antigas artes marciais praticadas na ilha de Okinawa. Mais uma vez, é possível identificar a presença dos cinco elementos destacados anteriormente.

Assim, no caso do Karatê, tal como no Judô, onde a influência de Jigoro Kano foi determinante, temos a figura de Ginchin Funakoshi – nascido na ilha de Okinawa⁴⁰ no mesmo ano em que teve início a Restauração Meiji, 1868, Funakoshi é

nation's leading experts, and established as the center for training, research, licensing, and publication of all martial arts disciplines. Disponível em: <<http://www.dnbk.org/history.cfm>>. Acesso em 15/09/2008.

³⁷ CALLEJA. Op. Cit.

³⁸ Ibid.

³⁹ Ibid.

⁴⁰ Okinawa é a província mais ao sul do Japão e consiste de 169 ilhas que formam o arquipélago Ryukyu. Sua história é marcada pela influência cultural chinesa e japonesa o que contribuiu para emergência de

considerado o idealizador do processo de modernização das artes marciais da ilha, bem como da adoção do nome Karatê⁴¹.

Em sua autobiografia, é marcante a forma como Funakoshi entende a questão da adequação do Karatê à nova realidade imposta pelo século XX, em quatro aspectos fundamentais da prática: a) a questão do nome Karatê e a forma de escrevê-lo; b) a questão do objetivo da prática; c) a preocupação gradual com a sistematização racional e escrita das práticas, algo que lentamente vai rompendo com a tradição oral que até então marcava, de forma exclusiva, a dinâmica de transmissão dos movimentos das artes marciais orientais; e d) o processo de internacionalização, com envio de mestres as diferentes partes do mundo com o objetivo de difundir as práticas e também a formação de federações de âmbito internacional.

No que se refere à adoção do nome Karatê para classificar as artes marciais desenvolvidas em Okinawa e da forma de se escrever essa palavra – se com caracteres japoneses ou chineses –, Funakoshi acaba optando pela maneira japonesa de escrever e isso, mais do que uma simples escolha entre caracteres, expressa um sentido político duplo, referenciando ao mesmo o Japão e Okinawa, algo que casou perfeitamente com o momento histórico em que foi estabelecido. O trecho a seguir extraído de sua autobiografia esclarece essa afirmação:

Não é fácil dominar a língua japonesa, e também ela nem sempre é tão explícita quanto poderia ser: caracteres diferentes podem ter exatamente a mesma pronúncia, e um mesmo caractere pode ter pronúncias diferentes, dependendo do uso. A expressão *karate* é um exemplo excelente. *Te* é bastante fácil; significa “mão(s)”. Mas há dois caracteres bem diferentes pronunciados *kara*; um significa “vazio”, e o outro é o caractere chinês que se refere à dinastia Tang e que pode ser traduzido por “chinês”. Assim, deveríamos escrever nossa arte marcial com os caracteres que significam “mão(s) vazias” ou como os que significam “mão(s) chinesas”? Encontramo-nos novamente no domínio nebuloso da conjectura, mas acredito estar livre de erro ao dizer que, antes de eu vir de Okinawa a Tóquio no início da década de 1920, era comum usar o caractere para “chinês” em vez do caractere para “vazio” para escrever *karate*, mas isso não significa que o uso do *kara* chinês era necessariamente correto⁴².

uma cultura própria. (Cf.: FREITAS, Sônia Maria de. **Falam os imigrantes: armênios, chineses, espanhóis, húngaros, italianos de Monte San Giacomo e Sanza, lituanos, okinawanos, poloneses, russos, ucranianos, memória e diversidade cultural em São Paulo**. São Paulo, 2001. (Tese de doutorado apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo).

⁴¹ TAN. Kevin S. Y. Op. Cit.

⁴² FUNAKOSHI, Ginchin. Op. Cit. p.45.

Funakoshi está escrevendo de Tóquio para Tóquio, “antes de eu vir de Okinawa a Tóquio no início da década de 1920⁴³”, demonstrando toda sua preocupação com o momento histórico vivido, ou seja, o de um Japão imperial prestes a ingressar na II Guerra Mundial, momento em que qualquer influência chinesa, inclusive (ou seria fundamentalmente?) cultural deveria ser abafada em favor da valorização de tradições supostamente autóctones⁴⁴. Apesar de reconhecer a tradição, Funakoshi rompe com ela no momento em que lança dúvida sobre o costume corrente na ilha de Okinawa em relação à escrita do nome Karatê. No trecho seguinte, o posicionamento de Funakoshi se torna ainda mais claro, sendo possível detectar até mesmo um “*mea culpa*”:

De fato, em Okinawa, usávamos a palavra *karate*, mas mais frequentemente chamávamos a arte simplesmente de *te* ou *bushi no te*, “a(s) mão(s) do guerreiro”. Assim, poderíamos dizer que um homem estudou *te* ou teve experiência no *bushi no te*. Quanto à época que *te* se tornou *karate* no uso de Okinawa, devo conter-me de apresentar até mesmo uma suposição, visto que não existe nenhum material escrito que possa nos prover a mais vaga referência e, portanto muito menos nos dizer se o caractere usado foi aquele para “chinês” ou aquele para “vazio”. Pelo fato de que Okinawa estivera por um longo tempo sob a influência chinesa e também por que tudo o que era importado da China era considerado de melhor qualidade e de acordo com a moda, muito provavelmente foi o *kara* “chinês” mais do que o *kara* “vazio”, mas isso, repito, pode ser apenas um mero jogo de adivinhação⁴⁵.

Negando a tradição, selecionando memórias, desqualificando costumes, Funakoshi vai gradativamente fundamentando na “razão” e na forma, como a prática se apresentava naquele momento histórico, sua opção por um Karatê distante da influência chinesa, porém não sem enfrentar opiniões contrárias ao seu intento:

Efetivamente os dois tipos de *te* ensinados e praticados em Okinawa poderiam mais corretamente ter sido chamados *Shurite* e *Nahate*⁴⁶, decorrentes das duas diferentes escolas de karatê existentes na ilha. Mas os caracteres para “mão(s) chinesa(s)” parecem ter se tornado mais populares, e, talvez como consequência, as pessoas passaram a acreditar que o karatê era realmente uma forma da arte do boxe chinês. Mesmo atualmente há os que sustentam essa opinião, mas de fato o karatê como praticado hoje é muito diferente da antiga arte chinesa do boxe. Em grande parte por essa razão, achei difícil acreditar que “mão(s) chinesa(s)” era o termo correto para descrever o karatê de Okinawa como ele evoluiu ao longo dos séculos. Então,

⁴³ Ibid.

⁴⁴ Para uma explicação pormenorizada a respeito da ação política de Ginchin Funakoshi no processo de inserção do Karatê no Japão confira: TAN. Kevin S. Y. Op. Cit.

⁴⁵ Ibid.

⁴⁶ Shurite e Nahate significam respectivamente: mãos de Shuri e mãos de Naha. Ambas são vilarejos de da ilha de Okinawa onde era praticado o Karatê de forma particular, além desses dois estilos existe um terceiro, o Tomarite que é relativo ao Karatê praticado no vilarejo de Tomari também na ilha de Okinawa. (Cf.: TAN. Kevin S. Y. Op. Cit.)

alguns anos depois que vim para Tóquio, tive oportunidade de manifestar minha discordância como essa maneira de escrever tradicional. Essa oportunidade surgiu quando a Universidade de Keio constituiu um grupo de pesquisa do karatê, e eu então pude sugerir que a arte recebesse o nome Dai Nippon Kempo Karatê-dô (“Grande Caminho Japonês do Método do Punho das Mãos Vazias”), utilizando o caractere para “vazio” em vez do caractere para “chinês”. Minha sugestão provocou inicialmente explosões violentas tanto em Tóquio como em Okinawa, mas eu acreditava na mudança e me dediquei a ela no decorrer dos anos. Desde então essa mudança foi tão amplamente aceita que a palavra *karate* pareceria estranha a todos nós hoje se fosse escrita com o caractere *kara* “chinês”. O *kara* que significa vazio é definitivamente o mais apropriado. Em primeiro lugar, ele simboliza o fato evidente de que essa arte de autodefesa não usa armas, somente pés desguarnecidos e mãos vazias. Além disso, os estudantes de karatê-dô têm como meta esvaziar o coração e a mente de todo o desejo e vaidade terrenos⁴⁷.

Dessa maneira, Funakoshi termina sua justificativa a respeito da escrita da palavra Karatê com caracteres japoneses. Além disso, não devemos tomar como inocente o fato de Funakoshi ter optado pelo anúncio de sua decisão em adotar a escrita japonesa para Karatê, tendo o suporte de uma universidade, ou seja, um lugar de poder.

Outro ponto interessante, com relação à construção de um sentido moderno para a prática, está nos objetivos defendidos por Funakoshi que visava à inclusão do Karatê como disciplina escolar, como uma forma de Educação Física. Nesse particular é possível perceber influência da cultura corporal de base européia sobre a japonesa, pois a desejo de Funakoshi era trilhar, com a arte marcial Karatê, o mesmo caminho trilhado, anos antes, pela ginástica, enquanto possibilidade de experiência corporal na sociedade européia, usando, para isso, um veículo poderoso, a escola.

Depois de perceber que obteria sucesso no empreendimento de alterar mãos “chinesas” por mãos “vazias”, dei início a outras tarefas de revisão e simplificação. Com a esperança de ver o karatê incluído na educação física universal ensinada em nossas escolas públicas, dediquei-me a revisar os *katas*⁴⁸ de modo a simplificá-los o mais possível. Os tempos mudam, o mundo muda e obviamente as artes marciais também devem mudar. O karatê que os alunos de segundo grau praticam hoje não é o mesmo que era praticado há dez anos, e é bem grande a distância que o separa do karatê que aprendi quando era criança em Okinawa. Considerando que não há atualmente, e nem nunca houve, nenhuma regra rígida com relação aos vários *katas*, não é de surpreender que esses tenham mudado não somente com os tempos, mas ainda de instrutor para instrutor. O mais importante de tudo é que o Karatê como uma forma de esporte utilizado na educação física, deveria ser bastante

⁴⁷ FUNAKOSHI, Ginchin. Op. Cit.p 46.

⁴⁸ Os “katas” ou “formas” constituem os movimentos básicos do Karatê, mas também são verificados em outras marciais, guardando, entretanto suas especificidades. Para mais explicações sobre os katas do Karatê confira: NAKAYAMA, M. **O melhor do Karatê I: visão abrangente-práticas**. São Paulo: Cultrix, 1977.

simples para ser praticado sem maiores dificuldades por todos, jovens e velhos, meninos e meninas, homens e mulheres⁴⁹.

O fragmento acima mostra que o Karatê também seguiu o mesmo caminho iniciado pelo Judô de Jigoro Kano, anos antes, o caminho da escola através do esporte e da Educação Física. Além disso, é possível notar a necessidade de se oferecer às artes marciais uma explicação racional, através da sistematização escrita da prática propriamente dita, buscando algo que a colocasse em total harmonia com o que havia de mais moderno em termos de trabalho corporal.

Outra reforma a que dediquei minha atenção foi a da nomenclatura. Pouco tempo depois que cheguei a Tóquio em 1922, a editora Bukyosha publicou um livro escrito por mim, intitulado *RyuKyu Kempo: Karate*. Naquela época, a palavra ainda estava sendo escrita como “mãos chinesas”, quase todos os nomes dos *katas* que descrevia em meu livro tinham sua origem em Okinawa: *Pinan, Naifanchi, Chinto, Bassai, Seishan, Jitte, Jion, Sanchin*, e assim por diante. De fato, esses eram os nomes que eu havia aprendido há muito tempo de meus professores. A essas alturas, ninguém tinha a mínima idéia de como eles surgiram, e as pessoas tinham dificuldade em aprendê-los. Em consequência disso, depois de ter transformado “mãos chinesas” em “mãos vazias”, comecei a dar aos *katas* nomes mais fáceis para o uso do povo japonês e agora conhecidos em todo mundo: *Ten no Kata, Chi no Kata, Hito no Kata, Empi, Gankaku, Hangetsu, Meykiô, Hakkô, Kiun, Shôtô, Shôin, Hotaku, Shôkyô* e outros. Apresso-me a garantir ao leitor que não trabalho com a falsa idéia de que os nomes que escolhi são imutáveis e eternos. Não tenho nenhuma dúvida de que no futuro, com a mudança dos tempos, de novo, e mais uma vez, os *katas* receberão novos nomes. E, na verdade, é assim que deve ser⁵⁰.

De tudo o que foi exposto, o que mais impressiona é o relativo desprendimento de Funakoshi em relação à tradição, tendo em vista que o objetivo de ver o Karatê sendo difundido em tantos lugares quanto fosse possível, exigia adaptações, que, mais do que necessárias, eram até mesmo desejáveis, afinal para ele “*o mundo muda e obviamente as artes marciais também devem mudar*⁵¹”.

Além desses dois exemplos de artes marciais japonesas, cuja prática é bem popular na cidade de São Paulo e em outras cidades brasileiras, é importante pontuar também o desenvolvimento de mais uma arte de origem coreana, mas que, tal como as anteriormente citadas, seguiu o mesmo caminho de modernização, o Taekwondo. Um processo bem sucedido, sobretudo no que tange à sua associação com

⁴⁹ FUNAKOSHI, Ginchin. Op. Cit.

⁵⁰ Ibid.

⁵¹ Ibid.

o ideal esportivo, uma vez que o Taekwondo, em conjunto com Judô, goza do status de ser uma modalidade olímpica.

Assim, em seu desenvolvimento, os cinco elementos destacados no processo de modernização das artes marciais orientais anteriormente citadas também são observados. Mas, para entendermos esse processo em relação ao Taekwondo, é preciso retornar ao período imediatamente posterior ao fim da II Guerra Mundial quando, após a derrota para os Estados Unidos da América (EUA) e para a União Soviética (URSS), as tropas japonesas deixam a península coreana, que, mais uma vez, pôde voltar a praticar suas manifestações culturais, dentre as quais suas antigas artes marciais⁵².

Todavia, essa retomada dos valores tradicionais da cultura coreana veio como um amargo remédio, pois foi acompanhada pela divisão do país em norte e sul pelo paralelo 38, ficando a “tutela” do sul sob responsabilidade dos EUA e a do norte sob responsabilidade da URSS, uma situação que acabou lançando a Coreia no meio da Guerra Fria⁵³.

Essa situação de tensão atingiu seu ápice em 1950, quando tem início a guerra civil na Coreia, em que se envolveram a China, a URSS, os EUA e mais 16 países filiados a ONU, inclusive o Brasil. Com o fim da Guerra em 1953, a Coreia do Sul tornou-se extremamente dependente dos EUA, que subsidiavam sua economia⁵⁴. Nas palavras de Choi (1991):

Com a guerra, a economia da Coreia foi totalmente demolida. O subsídio dos Estados Unidos proporcionou, em grande parte, a reconstrução do país e de sua economia. A partir de então, a economia coreana ficou dependente do referido subsídio, a ponto de ser qualificada de “economia de subsídio”⁵⁵.

E foi no contexto de um país em processo de reconstrução que, em 1955, um grupo liderado pelo General Choi Hong Hi é reunido para sistematizar e unir as diferentes escolas e estilos de artes marciais coreanas, adotando o nome de Taekwondo, estilo Chang-Hun-Ryu⁵⁶. Assim, tal como ocorreu com o Karatê e com o Judô, temos a presença do General Choi Hong Hi.

⁵² MARTA, Felipe Eduardo Ferreira. Op. Cit.

⁵³ Ibid.

⁵⁴ Ibid.

⁵⁵ CHOI, Keum Joa. **Além do arco-íris: a imigração coreana no Brasil**. São Paulo, 1991 (Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP). p.14.

⁵⁶ MARTA, Felipe Eduardo Ferreira. Op. Cit.

Mas há também um detalhe que faz toda a diferença, em especial quando pensamos em um sentido moderno para as antigas artes marciais coreanas, diferentemente do que ocorreu com o Judô e o Karatê, cuja influência das formas européias de trabalho se deu por ação civil, ou seja, com um enfoque voltado para a educação. No caso do Taekwondo, não podemos tomar como inocente a influência militar. Afinal, seu maior incentivador não foi um educador, como ocorreu no caso do Judô e do Karatê, e sim um General.

Assim, é possível notar a influência das formas européias de trabalho corporal, não apenas na adoção de alguns elementos da ginástica e do esporte, como ocorreu com o Judô e o Karatê, mas principalmente nos traços de uma disciplina militar. Nesse particular, alguns elementos da própria prática se destacam como, por exemplo, a questão da reverência à bandeira nacional coreana no início e no fim de cada sessão de treinamento, e também disposição cartesiana de colunas de fileiras em que devem se posicionar, tendo à frente sempre os de maior graduação.

Com relação à adoção do esporte na modernização do Taekwondo, o fragmento abaixo nos traz um indício.

Com a independência nacional em 1945, ajudada pela restauração das liberdades pessoais, teve início mais uma vez a revitalização do taekkieon. É neste período que surge a palavra taekwon, e se consolida o seu uso. Neste momento, a relação professor- aluno começa a se aproximar do esporte afastando-se das artes marciais. Com a fundação da Associação de Taekwondo da Coreia em setembro de 1961, o Taekwondo se configura em um esporte⁵⁷.

No trecho acima é significativo para os nossos propósitos, nessa parte, a afirmação de que a relação professor-aluno começa a aproximar o Taekwondo do esporte, afastando-o das artes marciais e que, com a criação, em 1961, da Associação de Taekwondo da Coreia, ocorre a inserção definitiva do Taekwondo no mundo dos esportes. Porém, é importante dizer que, ao menos no Brasil, essa mudança não se deu

⁵⁷ Tradução livre do autor. No original: Después de la independencia nacional en 1945, empezó una vez más la revitalización del taekkieon, ayudada por la restauración de las libertades personales. Fue en este período cuando apareció la nueva palabra taekwon y ampliamente en su uso. En este momento, las características de relación maestro – alumno han sido cambiadas y se convierte más en un deporte que las artes marciales. Con la fundación de la Asociación de Taekwondo de Corea en septiembre de 1961, el Taekwondo llegó a ser un deporte. (Cf.: COREIA, **Guia de la herencia cultural de Corea**. Servicio de Informacion de Corea, 2002).

de forma tão rápida e harmoniosa, como se pretende fazer acreditar, sendo ainda hoje motivo de discussão entre aqueles que desenvolvem essa prática em nosso país⁵⁸.

De acordo com Mergulhão e Lee, o primeiro campeonato de Taekwondo do mundo se realizou na Coreia, em 1964. Ainda de acordo com esses autores, em 1961 foi criada a “KOREAN TAEKWONDO ASSOCIATION” cujo primeiro presidente foi o General Choi Hong Hi, que, anos mais tarde, em 1967, fundaria também na Coreia a INTERNATIONAL TEAKWONDO FEDERATION (ITF)⁵⁹.

A questão do processo de internacionalização da prática se evidencia na ação de Choi Hong Hi em preparar e enviar mestres instrutores para diferentes partes do globo. A esse respeito, temos o depoimento de Kun Mo Bang um dos mestres preparados por Choi Hong Hi.

Taekwondo mesmo eu nunca pensei pra trabalhar como mestre, como eu era um menino muito fraco, eu era muito estudioso, eu gostava de livro, aí meu pai me obrigou a treinar alguma coisa, aí comecei, então eu cheguei a mestre, depois a mestre internacional, fiz o curso, eu gostava, mas nunca pensei, mas fui escolhido, eu obedecendo vim pra cá⁶⁰.

Nesse trecho, Bang nos conta como chegou ao Brasil. Mas, para além da questão de Bang ser um dos enviados de Choi Hong Hi para a difusão do Taekwondo pelo mundo, chama atenção a obediência ao mestre, um aspecto comparável apenas à disciplina da caserna. Contudo, não podemos deixar de frisar que a disciplina e o respeito à hierarquia, próprios da instituição militar, coadunam perfeitamente com a filosofia milenar criada por Confúcio e amplamente difundida e respeitada, mesmo na atualidade, nos países do oriente extremo.

Em 1971, o Taekwondo é proclamado esporte nacional coreano pelo então presidente Park Chunghee⁶¹. E o que é interessante nesse aspecto é que, tal como ocorreu no Japão com o Judô e o Karatê, o Taekwondo passa ser fortemente incentivado pelo governo local, tendo a dupla função de dar ao país uma identidade esportiva, ao mesmo tempo em que passa a ser divulgado mundo afora.

O ano de 1973 marca a criação da “WORLD TAEKWONDO FEDERATION” (WTF). Com forte subsídio governamental, a WTF nasce para rivalizar com a ITF passando a constituir as duas maiores federações de Taekwondo do

⁵⁸ MARTA, Felipe Eduardo Ferreira. Op. Cit.

⁵⁹ MARTA, Felipe Eduardo Ferreira. Op. cit.

⁶⁰ Kun Mo Bang em depoimento ao autor em 11 de outubro de 2003 na cidade de Marília-SP.

⁶¹ Park Chunghee governou a Coreia do Sul no período entre 1963 e 1979.

mundo⁶². Além disso, para se diferenciar da ITF, a WTF cria e adota um novo estilo de Taekwondo: o Kukkiwon.

Em 1980, o Taekwondo passa a ser reconhecido pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) como modalidade oficial de competição, tendo sua estréia nas olimpíadas de Sydney em 2000⁶³.

De tudo o que foi exposto acerca do processo de desenvolvimento do Taekwondo, o que me chama a atenção é a intenção de conferir-lhe uma origem coreana autóctone, ligando-o, desde a antiguidade, ou pelo menos aquelas práticas ditas precursoras do mesmo como, por exemplo, o Subak e o Taekkion⁶⁴, ao esporte, um fenômeno de origem reconhecidamente ocidental, ao menos em sua forma moderna, tendo surgido e se estruturado na Europa, no decorrer dos séculos XVIII e XIX, em conjunto com a nova sociedade urbana e industrial⁶⁵. Dito de outra maneira, buscando naturalizar o processo que, na atualidade, tem marcado o desenvolvimento do Taekwondo, como se esse fosse desde o início o seu “destino histórico⁶⁶”.

Evidentemente, os três exemplos citados não correspondem ao número total de artes marciais orientais que atualmente são praticadas na cidade de São Paulo. Além disso, estamos conscientes de que, principalmente no que se refere à adoção do modelo esportivo moderno, não foram todas as práticas corporais orientais que estamos estudando que optaram por esse caminho ainda em seus países de origem, antes de serem introduzidas no Brasil. E mesmo quando esse foi o caminho escolhido, o da esportivização, não se pode dizer que essas práticas tenham experimentado esse da mesma forma que as três artes marciais orientais citadas. Ou seja, poderia estar incorrendo em um grande erro, se afirmasse que o destino das três artes marciais apontadas pode servir de explicação para as demais práticas corporais dessa natureza que aqui chegaram.

Esse é um ponto crucial para esse estudo, algumas adaptações foram necessárias para que essas práticas corporais fossem “traduzidas” e encontrassem seu

⁶² MARTA, Felipe Eduardo Ferreira. Op. cit.

⁶³ Ibid.

⁶⁴ Ambos, Subak e Taekkion, são apontados na história como as artes marciais coreanas precursoras do Taekwondo. (Cf.: MERGULHÃO e LEE, Op. Cit.)

⁶⁵ Cf.: HOBSBAWM, E. A produção em massa de tradições: Europa, 1870 a 1914. In. ____ e RANGER, T. A invenção das tradições, pp. 306-307 e HOBSBAWM, E. J. **A Era dos Impérios (1875-1914)**. Cap. 7. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

⁶⁶ MARTA, Felipe Eduardo Ferreira. Op. Cit.

espaço na cidade de São Paulo e nesse percurso não foi rara a adoção total ou em parte de elementos do modelo esportivo, conforme veremos ao longo do presente estudo⁶⁷.

Assim, o próximo segmento é fruto da análise da memória dos mestres de artes marciais orientais, no que se refere à sua atuação na difusão de algumas das artes marciais orientais praticadas atualmente na cidade de São Paulo e de como cada uma delas deixou de ser um elemento cultural considerado exótico, para se tornar parte efetiva do universo de experiências corporais na cidade.

⁶⁷ A questão das adaptações a que as artes marciais orientais foram submetidas na cidade de São Paulo será abordada em maiores detalhes tendo como fonte a memória de mestres imigrantes no capítulo 2 da segunda parte do presente estudo.

2 – “Dois bronzes no tatame⁶⁸”

Há muito tempo, a afirmação acima deixou de ser novidade para muitos brasileiros. Em outras palavras, não é de hoje que as conquistas brasileiras no Judô e em outras artes marciais orientais são destaque nos meios de comunicação de massa⁶⁹.

Nesse sentido, entendo não ser necessário falar do sucesso dessas práticas no que se refere à sua penetração no cotidiano de São Paulo; isso pode ser constatado empiricamente por qualquer pessoa que ande pelas ruas da cidade.

Contudo, nesse sucesso há algo de intrigante, especialmente se tivermos em mente o lugar-comum que se tornou o uso de certas palavras em nosso vocabulário, como por exemplo, tatame, kimono, ipon, etc. Muito provavelmente se a manchete acima destacada fosse veiculada em outro momento histórico, em especial nos anos da primeira metade do século XX, seu entendimento estaria comprometido, pois, naquele momento, as artes marciais orientais ainda não gozavam dos atuais níveis de popularidade.

Como essas práticas corporais que, como o próprio nome denuncia, são elementos constitutivos da cultura corporal dos países do oriente, atingiram o atual nível de popularização no Brasil?

Para tanto, trabalho com a hipótese de que a vinda dos primeiros imigrantes japoneses, no início do século XX, marcou o início do processo de inserção de elementos da cultura corporal oriental no Brasil e mais especificamente na cidade de São Paulo.

Contudo, são escassas as fontes bibliográficas e documentais que tratam especificamente desse processo no Brasil. Assim, optei pelo registro da memória de

⁶⁸ Principal manchete do site do periódico brasileiro especializado em esporte “Lance” em 11 de agosto de 2008 (Disponível em: <<http://www.lancenet.com.br>>. Acesso 11/08/2008).

⁶⁹ Além do Judô destacamos também a popularização do Taekwondo no Brasil, modalidade que recentemente conquistou sua primeira medalha olímpica para o Brasil nos jogos de Pequim 2008.

alguns mestres de artes marciais orientais que, direta ou indiretamente, fizeram parte desse processo.

Nesse sentido, torna-se necessário reconhecer os limites dessas “versões do passado”, bem como da interferência do momento vivido pelo depoente no presente, ao rememorar fatos referentes a um momento de sua vida por vezes muito distante. Os relatos orais são um documento do presente e por conta disso são *aceitáveis, mas com uma credibilidade diferente*⁷⁰.

Dessa maneira, menos do que trazer uma realidade factual, a memória contida nesses relatos trazem como valor a subjetividade própria de uma construção de significados em torno dos fatos a que se referem. Afinal:

Não temos, pois, a certeza do fato, mas apenas a certeza do texto: o que nossas fontes dizem pode não haver sucedido verdadeiramente, mas está contado de modo verdadeiro. Não dispomos de fatos, mas dispomos de textos; e estes, ao seu modo, são também fatos, ou o que o mesmo: dados de algum modo objetivos, que podem ser analisados e estudados por técnicas e procedimentos em alguma medida controláveis, elaborados por disciplinas precisas como a linguística, a narrativa ou a teoria da literatura⁷¹.

Assim, para realização dessa pesquisa, muitos foram os depoimentos colhidos e diversos são seus significados, para o entendimento do processo que se propôs analisar.

Em sua totalidade, esses depoimentos tornaram possível a indicação de três momentos no processo de disseminação das artes marciais orientais na cidade de São Paulo, quais sejam: o período Pré-II Guerra Mundial, caracterizado por uma prática, em grande parte, restrita ao interior das colônias japonesas do interior do estado; o período Pós-II Guerra Mundial, caracterizado pela vinda de imigrantes com formação técnica que, ao mesmo tempo, eram mestres de artes marciais orientais e também pelo deslocamento de japoneses do interior para a capital; e o período referente à década de 1970, caracterizado pela vinda de mestres profissionais com o objetivo específico de difundir a arte marcial oriental que representavam na cidade de São Paulo⁷².

⁷⁰ PORTELLI, Alessandro. “O que faz a história oral diferente”. **Projeto História**, São Paulo, n.14, p.31 fev. 1997.

⁷¹ PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos: narração interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**, Rio de Janeiro, v.1, n.2, pp.59-72, p.64, 1996.

⁷² Destaco que o período da década de 1970 será objeto do capítulo 1 da segunda parte do presente estudo no que se refere à visibilidade das artes marciais orientais na cidade de São Paulo.

Cabe destacar uma peculiaridade em relação à divisão acima proposta e os grupos estudados⁷³. Nesse particular, as questões levantadas em relação ao primeiro e segundo momentos do processo de difusão das artes marciais orientais em São Paulo têm como referência os depoimentos de mestres de origem japonesa.

Isso não significa, é preciso que fique claro, que, nos períodos estudados – e classificados como primeiro e segundo mestres oriundos de outros países do oriente – dentre aqueles que definimos como foco de análise – não possam ter emigrado e se estabelecido em São Paulo, tendo como uma de suas atividades a difusão de uma determinada arte marcial oriental. Com efeito, destaco que existem estudos que atestam justamente isso⁷⁴, contudo – e esse pode ser entendido como um dos limites dessa pesquisa –, no que tange à periodização proposta, os depoimentos coletados se restringiram ao registro da memória de mestres membros da colônia japonesa.

Assim, o próximo seguimento é destinado à análise do primeiro período proposto, tendo como fonte os depoimentos que versam sobre a prática das artes marciais japonesas no interior das colônias e seu significado perante os imigrantes.

⁷³ Quanto aos grupos que estamos estudando ver: Introdução.

⁷⁴ Falamos da dissertação de mestrado em Ciências da Religião defendida em 2004 na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo por Rodrigo Wolff Apolloni e que teve como tema a religião oriental e a arte marcial de origem chinesa chamada Kung-Fu que, segundo o autor, teria sua difusão iniciada em São Paulo na década de 1960, dentro, portanto, daquele que elegemos como o segundo período do processo de difusão das artes marciais na cidade. Para mais informações confira: APOLLONI, Rodrigo Wolff. **“Shaolin à brasileira”: estudo sobre a presença e a transformação de elementos religiosos orientais no Kung-Fu praticado no Brasil**. São Paulo, 2004 (Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Puc-SP).

2.1 Terra estrangeira, sociabilidades e identidade: a memória das lutas e o período Pré-II Guerra Mundial.

Quando eu tinha 17, 18 anos rapaziada sabe como é que é, naquele tempo não tinha esporte muito. Agora, Sumô é mais fácil, beisebol precisa duas turma [...]. Agora sumô não, se tiver duas pessoas só, dá pra treinar. Não precisa nada, certo⁷⁵?

Mais do que trazer à tona a memória em torno da prática do Sumô, em uma das diversas colônias agrícolas japonesas que se estabeleceram no interior do Estado de São Paulo, o fragmento em epígrafe traz consigo elementos que tornam possível perceber indícios do cotidiano desses imigrantes; e o motivo de; não obstante a presença das artes marciais japonesas, em São Paulo, estar em íntima relação com a imigração japonesa, a generalização de sua prática não se efetivar entre os não-japoneses, imediatamente após o início do processo imigratório, e sim, apenas anos mais tarde.

O ano de 1908 marca o início do processo de imigração japonesa para o Brasil. Estudos acerca da imigração japonesa no Brasil dividem esse processo em três períodos distintos: a) a fase I, que compreende os anos de 1908 a 1941 e é caracterizada pela imigração de trabalhadores agrícolas para as lavouras de café; b) a fase II, que compreende os anos de 1953⁷⁶ a 1962 e é caracterizada pelo envio de imigrantes para formação de núcleos coloniais na Amazônia, Nordeste e Sul, além dos estados de São Paulo e Paraná; e c) a fase III, que se inicia no ano de 1963 e é caracterizada pelo trinômio capital-tecnologia-empresário, com transferência de empresas, investimentos e mão-de-obra qualificada⁷⁷.

Dentro da fase I, é possível observar dois momentos: o primeiro referente aos primeiros anos do processo imigratório (1908-1925), quando a transferência das

⁷⁵ Masatoshi Akagi, em depoimento ao autor, em 13 de maio de 2008, na cidade de São Paulo.

⁷⁶ Destacamos que o hiato entre os anos de 1941 e 1953 é uma consequência direta da II Guerra Mundial. (Cf.: SAITO, Hiroshi (org.). **A presença japonesa no Brasil**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1980.)

⁷⁷ Ibid.

Fig. 2⁸⁰.Fig. 3⁸¹.

⁸⁰ Mapa da região por onde passava a estrada de ferro Paulista. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/mapa92.htm>> Acesso em 14/10/08.

⁸¹ Mapa da região por onde passava a estrada de ferro Mogiana. Disponível em: <http://www.pell.portland.or.us/~efbrazil/efs_map_1961.html> Acesso em 14/10/08.

No segundo momento da primeira fase do processo imigratório japonês, chegam ao Brasil Masatoshi Akagi, Tomeji Ito e Matsumoto⁸², e, além deles, os pais de Ciutoco Kogima e Mateus Sugizaki.

Os depoimentos desses mestres nos trazem informações preciosas sobre esse período específico da imigração japonesa, bem como do papel ocupado pelas artes marciais naquele país no período que antecede a emigração.

Masatoshi Akagi⁸³, por exemplo, revelou muitos detalhes acerca de sua vida. Primogênito de uma família de nove irmãos, Masatoshi emigrou do Japão com seus pais com apenas um ano de idade, na década de 1930, chegando ao Brasil exatamente no dia 22 de março de 1932.

Conforme exposto anteriormente, Masatoshi e sua família são parte do grupo de imigrantes japoneses que vieram para o Brasil no segundo momento da primeira fase do processo imigratório, ou seja, aquele grupo cuja viagem foi subsidiada pelo governo japonês e não pelo governo brasileiro.

O motivo para essa mudança está relacionado com a Primeira Grande Guerra (1914-1918), pois se antes do conflito para algumas autoridades brasileiras os japoneses não se configuravam como um ideal de imigrante, por conta da guerra –

⁸² Especialmente com relação a Matsumoto, agradeço a ajuda de Zen Tachibana, que, durante a construção desse depoimento, foi fundamental na tradução de minhas perguntas ao depoente, bem como de suas respostas para as perguntas realizadas. Vale destacar que o próprio Zen Tachibana, jovem praticante de Kendo, também me concedeu o seu depoimento.

⁸³ Sobre a entrevista concedida por esse mestre, algumas peculiaridades precisam ser destacadas, pois o simples fato de ir ao seu encontro, por si só, já se configurou em uma grande experiência, sobretudo no que se refere aos meus próprios preconceitos, na medida em que me permitiu estar em contato com alguns medos atuais, aos quais os moradores de uma grande cidade como São Paulo, estão sujeitos. E eu explicarei o porquê. O Sr. Masatoshi reside em um ponto relativamente afastado da cidade de São Paulo, um lugar conhecido como Ermelino Matarazzo, que não raro figura nos jornais como um lugar pobre e violento. O trajeto até o local pode ser feito de carro, de ônibus, ou de trem, contudo, tanto mais quando feito de trem, esse caminho reforça a imagem retratada nos jornais, pois os trens da linha F da CPTM⁸³, e suas estações estão em péssimas condições de conservação. Ir de trem até Ermelino Matarazzo me permitiu lançar sobre a cidade um olhar privilegiado, me permitiu enxergar a metrópole por um ângulo pelo qual ela não está acostumada e se mostrar, o dos “fundos”. Ao cumprir esse trajeto me foi possível ver nascer uma cidade bem diferente daquela da modernidade e da prosperidade econômica emanada pelos edifícios das Avenidas Paulista e Faria Lima, pobre e, em certa medida, ameaçadora em função dos olhares que acreditava estarem sendo lançados sobre nós no interior dos vagões, à medida que me distanciava dos “pilares da modernidade paulistana”. Porém, logo que deixei a estação deixei também meus medos e preconceitos, pois o encontro com a realidade me permitiu ver algo bem diferente daquilo que via nos jornais, um bairro tranquilo cujo centro, a Avenida Paranaguá, lembra o centro de uma pequena cidade do interior paulista, com estabelecimentos comerciais, bancos, escolas, farmácias, enfim uma paisagem para nós em nada ameaçadora. E quão poderoso pode ser o desconhecido... Contudo, não foi nessa ocasião que consegui me encontrar com Masatoshi Akagi, pois, quando cheguei na sua casa, ele havia saído para uma sessão de fisioterapia, necessária em função de um acidente sofrido e cujo resultado, uma fratura no fêmur, na ocasião deste encontro, ainda requeria alguns cuidados. Assim, agendei um novo encontro no dia 13 de maio de 2005, ocasião em que preferi cumprir o trajeto de carro, quando, finalmente, consegui colher seu depoimento.

que impediu a vinda de imigrantes provenientes do continente europeu para cá – não houve outra opção senão a de investir e subsidiar esse tipo de imigração. Porém, com o fim do conflito a situação muda, a imigração japonesa, que antes apareceu como uma solução para a falta de braços para o trabalho na lavoura, deixou de ser interessante. A esse respeito escreveu Saito em 1961:

Como o conflito mundial havia terminado, não faltavam colonos europeus para suprir o déficit de braços das fazendas de café. Seguindo a política tradicional, o governo paulista deu preferência aos trabalhadores provenientes de Portugal, Espanha e Itália em detrimento dos colonos orientais. O argumento para essa preferência foi de que os japoneses não eram indicados como colonos de café por se mostrarem extremamente “instáveis” e de difícil adaptação⁸⁴.

Para que se efetivasse o incentivo por parte do governo japonês foi fundamental a constituição de empresa de imigração a Kaigai Kogyo Kaisha (K.K.K.), que iniciou suas atividades no ano de 1917⁸⁵.

Essas peculiaridades do processo migratório japonês contrastam com a memória de Masatoshi – na época um menino – no que se refere aos motivos que trouxeram sua família para o Brasil. Nesse sentido, sua justificativa não poderia ser mais “saborosa”, na medida em que Masatoshi traçou um paralelo entre o passado do Japão e atual momento brasileiro.

Naquela época, governo do Japão parece que..., situação também, né? Situação obrigo, que nem agora aqui no Brasil, tá indo... [...]. Muita gente voltando o nosso filho, neto, neta, voltando pro Japão. Os Estados Unidos mesma coisa, né? Então aquela época, Bra... Japão, situação não tava muito bom, saiu, tava saindo do Japão⁸⁶.

Tal como muitas outras famílias de imigrantes, a família de Masatoshi veio para o Brasil com contrato de trabalho na lavoura previamente assinado.

Sua família se fixou em uma fazenda de café na divisa dos estados de São Paulo e Minas Gerais, no município de Igarapava. *É, estado de São Paulo. Mas já veio, já veio contrato feito, né? Já foi, já foi ..., é perto Ribeirão Preto, Igarapava.[...]. Café. Era fazenda Junqueira, encostado no Estado de Minas*⁸⁷.

⁸⁴ SAITO, Hiroshi. Op. Cit., 1961. p.32.

⁸⁵ Ibid.

⁸⁶ Masatoshi Akagi, em depoimento concedido ao autor, em 13 de maio de 2005, na cidade de São Paulo.

⁸⁷ Ibid.

Além do trabalho nas lavouras de café, a família de Masatoshi conseguiu permissão para o plantio de arroz, algo que revela a tradição de uma família ligada à terra no Japão.

Não, contrato era dois anos, né, era obrigado dois anos. E nós ficamos três anos porque meu pai era de lavoura no Japão, né, e ele, então não... Pra ele era fichinha. Então ele trabalhava bem, meu pai, minha mãe e minha tia. E eu era criança, um ano de idade. Aí, a administradora da fazenda gostou da família de meu pai, pediu pra ficasse mais, mais tempo lá. Aí meu pai ficou, plantando arroz, arroz que colhia é tudo pra nós. Só que terra tão bom, terra tão boa que arroz, não sei se você conhece arroz? Era, não arroz seco [...]. Não era alagado. Então, era tão bom, tão boa que cresceu demais, dá altura de 1 metro e 50 mais ou menos, né? Quase 2 metros⁸⁸.

O depoimento de Masatoshi em relação aos desafios enfrentados pelos imigrantes no Estado de São Paulo se assemelha ao de Tomeji Ito, sobretudo em relação às condições de habitação que os imigrantes encontraram nas fazendas.

Seu depoimento nos traz uma riqueza de detalhes ainda maior, muito provavelmente porque na época Ito era um menino de oito anos de idade. Ao mesmo tempo seu depoimento retrata bem o propósito desses imigrantes de acumular capital e retornar ao Japão. Em suas palavras: “É. 33 vim pra cá. Com promessa do governo japonês que em dois três anos vocês voltariam pro Japão rico, né? Esse era o (risos)... como diz por aí a maravilha, né⁸⁹?” E em relação à realidade das condições de habitação encontradas, contou Ito:

Lavora mesmo. [...] Então o que acontece... Fui mandado pra Barretos. Em Barretos numa fazenda [...]. E nós fomos lançado em uma, como você já viu aqui... tipo cabanas, né. E todo mundo foi enfiado lá dentro pra morá, né? Sabe. Existia sim divisão de quartos cada... Mas praticamente éramos, é... É... Como escravos. Quando é quatro, quatro e meia da manhã já vinha a corneta tocá lá. Não pode ficá ninguém dentro de casa. Tem que saí todo mundo, em fila indiana e vinha o representante de cada grupo e assim: “Vocês vão pra cidade, vocês vão pra qui”. Cada um com sua... com seu lugar de trabalho, né? Entende? E nós vamos criando assim⁹⁰.

O estudo realizado por Cardoso (1972) sobre o processo de fixação e mobilidade das famílias japonesas mostra que os primeiros anos foram marcados por intenso trabalho nas lavouras de café, movido pelo desejo desses imigrantes de acumular o capital necessário para retornar ao Japão, em situação melhor do que

⁸⁸ Ibid.

⁸⁹ Tomeji Ito, em depoimento ao autor concedido, em 19 de maio de 2005, na cidade de São Paulo.

⁹⁰ Ibid.

aquela em que eles viviam antes de vir para cá, ou mesmo pelo desejo de emigrar para outro país, notadamente os Estados Unidos da América.

Contudo, como na grande maioria dos casos, esse desejo não se concretizou, o que se observou foi o emprego do capital, conquistado por esses imigrantes, ao longo do tempo, na aquisição de terras, fazendo com que se tornassem pequenos produtores de gêneros agrícolas, como o algodão, o arroz, o feijão entre outros. O caminho para isso obviamente não foi fácil e também deixou suas marcas, sobretudo no que refere aos valores tradicionais dessas famílias, pois:

[...] o japonês colono concentrou todo o seu esforço na capitalização necessária para superar esta condição de trabalho, restringindo seus contatos quase que exclusivamente à família cujos laços são reforçados por que tem uma função cooperativa imediata. Vemos, portanto que no primeiro período de vida no Brasil, que os imigrantes se despojaram de muitos aspectos de sua vida tradicional que não podiam ser mantidos nas condições de isolamento e pobreza que caracterizaram o período do colonato. É um período que se caracterizou pelo trabalho, e só ele é lembrado. Nossos entrevistados unanimemente confirmaram que todos os membros válidos da família trabalhavam duramente⁹¹.

A família de nossos depoentes se enquadra nesse perfil; entretanto, além do trabalho, foi lembrada também a prática de alguma das artes marciais japonesas em meio às atividades dominicais – um dos raros momentos de sociabilidade –, conforme veremos.

Além disso, vale destacar, em especial no que se refere à família de Masatoshi, que era gente do campo, cujo saber estava vinculado muito mais à experiência cotidiana do que a algo visto nos bancos escolares. Uma característica que iria influenciar toda a história dessa família de imigrantes no Brasil.

Antes de se fixar em Ermelino Matarazzo⁹², na década de 1950, a família de Masatoshi ainda teve a oportunidade de se estabelecer em muitas cidades do interior paulista, exercendo sempre a atividade agrícola como meio de sobrevivência.

Marília, Tibiriçá, Pompéia, Tupã foram algumas das cidades onde a família de Masatoshi se estabeleceu – repetindo o destino de muitas das famílias de imigrantes japoneses nesse período – trabalhando basicamente com arroz, algodão e amendoim, vivendo um cotidiano extremamente penoso, especialmente para um grupo

⁹¹ CARDOSO, Ruth Corrêa Leite. Estrutura familiar e mobilidade social: estudo dos japoneses no Estado de São Paulo. 1972. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. p.120.

⁹² Ver nota 83.

de imigrantes japoneses com pouca ou nenhuma formação escolar, isso sem mencionar o total desconhecimento da língua portuguesa.

Aí veio embora pra Marília, região de Marília. Saiu, ficamos lá três anos, 32, 33, 34 e 35. Trinta e cinco veio pra Marília, interior da Marília, né? Não é na cidade[...]. Derrubava mata virgem que ainda tinha bastante mata virgem e derrubava mata virgem. Assim, meu pai sofreu. [...]. Não falavam nada⁹³.

Esse “nomadismo” em relação aos primeiros anos da imigração é traço marcante entre os japoneses e está diretamente relacionado ao desejo de melhorar as extenuantes condições de trabalho, pela busca de ocupações que, mesmo não fugindo do cenário agrícola, trouxessem maiores ganhos. Muito interessante nesse sentido é a memória de Mateus Sugizaki em relação à vinda de seu pai para São Paulo:

[...] ele veio com um irmão, só que ele se separou do irmão logo após [...] ter chegado no Brasil porque ele não se adaptou no local onde foi a família [...] Porque, não sei se você sabe, pra vir de lá do Japão tinha que ter [...] uma certa composição familiar pra poder, poder, ser aceito na imigração. [...] Todos eles vieram exatamente pra, pra lavoura já em locais pré-determinados. Então meu pai inicialmente [...] foi pra região da Mogiana e da região da Mogiana ele foi pra Bastos, aqui na Paulista, na alta paulista. E permaneceu em Bastos num período curto de tempo e depois de Bastos, ele mudou para região de Avaré, onde estavam desenvolvendo a plantação de algodão. Então ele, ele foi buscar nesse local, onde estavam trabalhando com algodão, que não..., naquela época em que ele veio o algodão tava sendo um...um... a grande novidade em termos de agricultura. [...] Ele veio pra trabalhar o que tinha..., o que surgia pela frente com aquele, aquela ilusão do Eldorado. Do Eldorado Brasileiro, não é? E, claro, lógico que as condições dos imigrantes japoneses na época eram funções muito difíceis lá no Japão. Por isso que, claro evidentemente eles aceitaram as condições de virem pra cá, né⁹⁴?

No cerne da questão para o entendimento do “sucesso” dos japoneses na lavoura está o fato de não “falar nada”, pois isso, ao mesmo tempo em que era um obstáculo, tornou possível a concentração de todos os esforços no trabalho, coadunando com o que foi observado no estudo de Cardoso que, em relação aos anseios do imigrante japonês escreveu: *“libertar-se do patrão, ou do fiscal, mais visível que o proprietário da fazenda, era o desejo de todos, que tudo aceitavam*

⁹³ Masatoshi Akagi, em depoimento concedido ao autor, em 13 de maio de 2005, na cidade de São Paulo.

⁹⁴ Mateus Sugizaki, em depoimento concedido ao autor, em 26 de fevereiro de 2008, na cidade de Botucatu-SP.

*para estabelecer-se como sitiantes garantindo maior independência e maiores vinculações com seus patriotas*⁹⁵”.

Tomeji Ito reforça o que já foi constatado no estudo realizado por Cardoso, ao dizer: *nunca vi fazendero. Eu vi lá um, um representante da colônia. Que era um japonês que se chamava de, de chamado de fiscal [...]*⁹⁶. Mas, além disso, é necessário destacar outro aspecto que aproxima a experiência de nossos depoentes com os apontamentos realizados pela referida autora. Algo que se fez sentir na prática e na difusão das artes marciais japonesas, como consequência do isolamento a que as famílias de imigrantes foram submetidas. Assim, temos o seguinte fragmento retirado do depoimento de Tomeji Ito:

Lá é totalmente abandonado mesmo, né?... Como você sabe hoje nós temos muito habitante, mas lá é..., pra você encontra uma pessoa na fazenda, você tinha que andá meio dia pra encontrá uma pessoa, né? Era difícil, sabe⁹⁷?

A respeito do acesso aos estudos, nossos depoentes seguiram a sina das famílias de imigrantes, cujo trabalho nas lavouras dificultava a formação escolar, consumindo todo o tempo e toda a força de trabalho. Conforme se observa no depoimento de Masatoshi:

Não, eu..., depois que tinha mais ou menos sete anos, sete oito anos de idade aí foram a própria colônia Japonesa abriu escola. Escola português, né? E chamou professor e eu foi dois anos só. Então, quase não, não teve [...]. Depois que cresceu que eu estudei um pouco sozinho, né? Como português e japonês também. Não tem grupo. Naquele tempo era grupo. Não, não foi formado grupo. Sempre na lavoura. Quando tinha nove anos de idade, já trabalhava direto [...]. Nossa família é de lavoura⁹⁸.

Outra marca dos primeiros anos da imigração japonesa no Brasil foi justamente a dificuldade de acesso à escola. Isso não significa que os japoneses não considerassem a Educação uma dimensão importante da vida, pois tão logo estabilizaram-se financeiramente, buscaram, por meio da Educação, sua mobilidade e representatividade social⁹⁹.

⁹⁵ CARDOSO, Ruth Corrêa Leite. Op. Cit. p122.

⁹⁶ Tomeji Ito, em depoimento ao autor, concedido em 19 de maio de 2005, na cidade de São Paulo.

⁹⁷ Ibid.

⁹⁸ Masatoshi Akagi, em depoimento concedido ao autor, em 13 de maio de 2005, na cidade de São Paulo.

⁹⁹ Sobre o assunto ver: SAITO, H. Op. Cit. 1961 e 1980; CARDOSO, R. C. L. Op. Cit. 1972; e KAWAHARA, L. S. I. **Um estudo transgeracional: a escola de língua japonesa em Cuiabá, segundo as representações sociais de membros da colônia nipônica**. Cuiabá: Ed.UFMT/FAPEMAT, 2007.

No caso específico de nossos depoentes, existem algumas peculiaridades que necessitam ser destacadas em relação ao modo como se deu a imigração de suas famílias e a faixa etária em que eles se encontravam nos anos em que o trabalho nas lavouras foi mais duro.

Dentre os nossos depoentes, aquele que mais sofreu os efeitos da dificuldade de acesso à Educação foi Masatoshi, basicamente por dois motivos: ter chegado em 1932 com apenas um ano de idade, e também por sua condição de primogênito da família. Assim, seu contato com a Escola se deu tardiamente, apenas quando sua família já havia alcançado condições de trabalho um pouco melhores, mas, mesmo assim, por pouco tempo, pois aos nove anos de idade esse imigrante já trabalhava como um adulto.

Um destino bem diferente – pelo menos com respeito ao acesso à Educação – daquele experimentado por Tomeji Ito. Mas, para isso, foi determinante o fato de ele ter vindo para o Brasil com oito anos de idade e já alfabetizado na língua japonesa, ser o filho caçula da família e, mais do que tudo isso, o fato de sua família ter se transferido para a cidade de São Paulo, já em 1938, e não apenas em 1950, como foi o caso de Masatoshi. Essas condições lhe garantiram – anos mais tarde – inclusive o acesso à Universidade¹⁰⁰.

E diferente também do destino de Matsumoto e também do pai de Mateus Sugizaki, que vieram para o Brasil acompanhando a família de seus irmãos, sendo que ambos chegaram ao Brasil em 1932, de adolescentes, com 15 e 14 anos de idade, respectivamente¹⁰¹.

Os três imigrantes tiveram contato com o sistema educacional japonês antes de emigrarem e isso foi fundamental, no que se refere à possibilidade de realizar a prática de uma arte marcial japonesa. Em outras palavras, foi ainda durante a infância no Japão que Tomeji Ito, Matsumoto e também o pai de Mateus Sugizaki tiveram suas primeiras experiências como praticantes de artes marciais japonesas.

Em relação a isso, vale lembrar que o grau de escolaridade foi um fato que fomentou opiniões positivas de certos segmentos da sociedade brasileira que eram favoráveis a imigração japonesa, pois a constatação de que a grande maioria dos

¹⁰⁰ Tomeji Ito, em depoimento concedido ao autor, em 19 de maio de 2005, na cidade de São Paulo.

¹⁰¹ Matsumoto, em depoimento concedido ao autor, em 22 de maio de 2007, na cidade de São Paulo e Mateus Sugizaki, em depoimento concedido ao autor, em 26 de fevereiro de 2008, na cidade de Botucatu-SP.

imigrantes era alfabetizada na língua de seu país de origem em muito contrastava com a realidade dos trabalhadores brasileiros da época¹⁰².

Nesse particular, cabe destacar que, durante infância desses garotos, o Japão estava passando por profundas transformações, resultado dos anos da Restauração Meiji, e que, nesse contexto, as artes marciais tiveram um importante papel como parte integrante do sistema educacional japonês¹⁰³. Sobre esse assunto, o depoimento de Tomeji Ito é esclarecedor: “*Judô eu comecei no Japão, né? Com três anos eu já fazia. Né? E, Kendô, Sumô tudo essas coisas a gente fazia quando era pequeno*”¹⁰⁴.

É importante não perder de vista o local onde se deu o primeiro contato dos mestres com a arte marcial, uma vez que, na difusão da prática no Brasil, não teria sido pequena a sua influência. Nesse sentido, essa influência se expressaria basicamente de três maneiras: a) em relação à restrição da difusão da prática limitando-a ao interior da colônia; b) em relação ao caráter voluntário de difusão da prática; e c) em relação à dinâmica da prática propriamente dita, que em função do “isolamento forçado” nos primeiros anos da imigração, dificultou o contato desses mestres com as mudanças advindas do processo de modernização dessas artes marciais orientais, apontado no primeiro capítulo.

Assim, a prática das artes marciais japonesas, não obstante a rígida rotina de trabalho na lavoura, configurou-se em um momento de sociabilidade, ao mesmo tempo em que permitiu a manutenção dos laços identitários desses imigrantes com seu país de origem ou – no caso dos descendentes – com um aspecto da cultura do país de seus pais.

Nas palavras de Matsumoto: “*na lavora, quando eu tava trabalhando lavora, prantar algodon, a prantar arroz. Aí também eu treinava kendo e judô, né? Foi os dois. [...] Judô também, kendo também. Domingo assim...*”¹⁰⁵.

A esse respeito o depoimento Masatoshi é ainda mais detalhista, enfatizando o fato de que os brasileiros não participavam desses momentos:

Num tinha tempo de praticá. Quando eu tinha 17, 18 anos rapaziada sabe como é que é naquele tempo não tinha esporte muito. [...] fazia o coisa aqui, né? (gesticula) O mawashi¹⁰⁶ e só. Pelado, né? [...] Então juntava a rapaziada no domingo

¹⁰² Cf.: LESSER, Jeffrey. Op. Cit., p.161.

¹⁰³ Conforme apontado no primeiro segmento do presente capítulo.

¹⁰⁴ Tomeji Ito, em depoimento ao autor, concedido, em 19 de maio de 2005, na cidade de São Paulo.

¹⁰⁵ Matsumoto, em depoimento concedido ao autor, em 22 de maio de 2007, na cidade de São Paulo.

¹⁰⁶ Vestimenta própria para a prática do Sumô e que, segundo a memória de Masatoshi, era feito de forma improvisada com os tecidos dos fardos de trigo ou algodão, em sua juventude na colônia.

praticava sumô. [...] tinha gente que sabia né, então ensinava. [...] dentro da própria colônia. [...] Naquele tempo, brasileiro nato, ninguém treinava porque ficava pelado, né, praticamente, ficava só com essa faixa¹⁰⁷.

A improvisação é uma característica marcante, no que tange à prática das artes marciais japonesas no período, afinal, a esportivização ainda não tinha adentrado o cotidiano dessas práticas corporais, pelo menos não nas colônias que se instalaram no interior do Estado de São Paulo.

Outro ponto importante, em relação à prática de uma arte marcial japonesa, são os aspectos identitários orientais que vieram à tona, sobretudo quando solicitei aos mestres dessa geração que me falassem sobre os motivos que os levaram a manter vivo esse elemento constitutivo da cultura de seu país de origem. Sobre esse assunto o depoimento concedido por Matsumoto é exemplar:

Judô origem [...] e o Kendo também origem japonesa. E o Kendo é Bushido. Conhece Bushido? [...] É, Bushido, o..., se não tivesse interior Japon, treinador pelo Japon [...] não tinha esse Bushido. Acaba tudo esse. Bushido é..., Bushido é..., Kendo essas coisas se não tiver o império vermelho, imperador, acaba¹⁰⁸.

Manter a identidade japonesa era algo bastante caro aos imigrantes, em especial nos anos que antecederam a II Guerra Mundial, quando, em 1938, sob a égide do Estado Novo, dois decretos federais proibiram a publicação de jornais em língua estrangeira, bem como o ensino de outra língua, que não o português, aos menores de 14 anos¹⁰⁹. Menos do que atingir outros grupos imigrantes, essas medidas nacionalistas tinham como alvo prioritário os imigrantes japoneses, algo que em muito tinha a ver com o ressurgimento de um discurso discriminatório que, em fins do século XIX, colocou em cheque a vinda desse grupo de imigrantes ao Brasil, como uma alternativa para a substituição do trabalho escravo nas lavouras brasileiras de café¹¹⁰. Segundo Cytrynowicz, a formação de entidades nacionalistas secretas entre os imigrantes japoneses que se seguiu – em especial nos idos da II Guerra – em muito se deveu a implantação dessa política discriminatória.

¹⁰⁷ Masatoshi Akagi, em depoimento concedido ao autor, em 13 de maio de 2005, na cidade de São Paulo.

¹⁰⁸ Matsumoto, em depoimento concedido ao autor, em 22 de maio de 2007, na cidade de São Paulo.

¹⁰⁹ CYTRYNOWICZ, Roney. Guerra sem guerra: a mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Geração Editorial: Edusp, 2000.

¹¹⁰ Ibid.

A proibição do ensino da língua nas escolas e da circulação jornais em japonês quebrou a espinha dorsal da comunidade japonesa e provocou graves dissensões internas na comunidade, que perduraram pelo menos dez anos após o fim da Segunda Guerra Mundial. A restrição imposta ao ensino de idiomas estrangeiros e a proibição da publicação de periódicos em língua estrangeira eram, entre outras, medidas que afetaram a comunicação interna dos imigrantes. No final da década de 30, cerca de trinta mil filhos de imigrantes estudavam em 486 escolas japonesas. Em 1939, 219 delas foram fechadas em boa parte desses locais não havia escola pública “brasileira” próxima¹¹¹.

Isolados e sem acesso à educação, não é de se estranhar que muitos dos imigrantes recorressem ao espírito do “Bushido” destacado no depoimento de Matsumoto, uma vez que, sem a difusão do “caminho do guerreiro¹¹²”, morreria também o “Império do Sol Nascente”, não de fato, mas nos “corações” dos imigrantes e de seus descendentes. Tal posicionamento atesta a grande importância que as artes marciais japonesas ocupavam, senão entre todos os imigrantes, ao menos entre aqueles que optaram por manter viva sua prática na colônia.

Apesar de todos os percalços enfrentados pelos imigrantes japoneses no Brasil, nada se compara às situações vividas durante o Estado Novo, mais especificamente no período em que o Brasil declarou guerra ao Eixo e, por consequência, ao Japão, bem como no período imediatamente após o conflito, quando se assistiu, em pleno território brasileiro, a uma verdadeira “guerra entre irmãos”. Em muitas oportunidades, a diferença entre os katigumi¹¹³ e os makigumi¹¹⁴ extrapolou o mundo das idéias. Dessa forma, atentados e assassinatos envolvendo membros da colônia japonesa não raro passaram a figurar em meio às notícias de jornal¹¹⁵.

Todavia nos questionamos se as artes marciais japonesas tiveram um papel de destaque no período. Teriam seus ensinamentos sido utilizados pelos grupos japoneses que se diziam leais ao império?

Em nossos depoimentos, essa ligação não ficou clara, porém entendemos não ser totalmente descabida a possibilidade de que a prática das artes marciais japonesas, no interior das colônias, tenha concorrido para o fortalecimento de ideais

¹¹¹ Ibid., p. 163.

¹¹² Tradução da palavra Bushido.

¹¹³ Vitoristas, aqueles que acreditavam que o Japão havia vencido a Guerra.

¹¹⁴ Derrotistas ou esclarecidos, os acreditavam que o Japão havia perdido a Guerra.

¹¹⁵ Cf.: LESSER, Jeffrey. Op. Cit.; CYTRYNOWICZ, Roney. Op. Cit.; DEZEM, Rogério. **Inventário Deops: módulo III, japoneses: Shindô Renmei: terrorismo e repressão**. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial, 2000; e NAKAGATE, Jouji. **O Japão venceu os aliados na Segunda Guerra Mundial? O Movimento social “Shindô-Renmei” em São Paulo (1945 – 1949)**. São Paulo, 1988. (Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Estudos Pós-graduados em História da Puc/SP).

nacionalistas entre os japoneses e seus descendentes, sobretudo após o recrudescimento da política estadonovista em relação aos imigrantes. Além disso, os ecos dessa política discriminatória, que acabou por isolar os imigrantes entre si e em relação ao Brasil, ainda ressoariam por muitos anos, mesmo com o fim da II Guerra, sendo entendida por alguns como o estopim para o surgimento das atividades terroristas no interior da colônia, tendo como exemplo maior o caso “Shindô Renmei”, conforme veremos adiante¹¹⁶.

A Guerra trouxe muitas dificuldades para os imigrantes japoneses, pois, dentre todos aqueles cuja origem estava vinculada a um dos países do eixo – além dos japoneses havia ainda, alemães e italianos –, foram eles os mais perseguidos no país, durante o período e os únicos cujos bens foram confiscados¹¹⁷. Além disso, durante o período, todos os estrangeiros radicados Brasil foram obrigados a portar a “carteira 19”, um salvo conduto que tinha a função de tornar mais efetivo o controle sobre essa população por parte da polícia política – o DOPS¹¹⁸.

A partir daquele momento, atitude em relação aos japoneses também se tornou mais vigilante, pois propagava-se que o japonês além de ser *fanático, traiçoeiro e inassimilável*, queria dominar o Brasil, iniciando sua conquista pelo Estado de São Paulo com o objetivo de construir aqui o “Império do Sol Poente¹¹⁹”.

A respeito do período, contou Tomeji Ito:

E todos nós que morávamos na Rua Conde de Sarzedas, tivemos que mudá tudo pra até onde tô hoje, Saúde. [...] Fomos obrigado por causa da Guerra. Japonês, italiano e alemão era como se fala “Terceiro Reich” [...] somente, os que tava do lado do aliado podia morá lá. [...] Naquela época que a gente era chamado de quinta coluna não era? [...] Chamavam o japonês, alemão e o italiano de quinta coluna. Era discriminado, judiado¹²⁰.

É necessário considerar se os transtornos vivenciados pelos imigrantes japoneses que estavam instalados no bairro da Liberdade durante a II Guerra e o seu deslocamento obrigatório para regiões, na época consideradas distantes do centro de São Paulo, não terminaram por concorrer para a disseminação da cultura japonesa na cidade,

¹¹⁶ Entre outros assuntos o próximo seguimento irá tratar brevemente de algumas questões em torno do movimento “Shindô Renmei”, em sua relação com o processo de desenvolvimento das artes marciais japonesas em São Paulo, e da memória de nossos depoentes a respeito do período.

¹¹⁷ CYTRYNOWICZ, Roney. Op. Cit.

¹¹⁸ Reorganizada em 1938, a Delegacia de Ordem Política e Social tinha a função de “garantir um ambiente de paz e trabalho rumo ao progresso”. (Cf.: DEZEM, Rogério. Op. Cit.)

¹¹⁹ Ibid. p.39.

¹²⁰ Tomeji Ito, em depoimento ao autor, concedido em 19 de maio de 2005, na cidade de São Paulo.

visto que muitos desses imigrantes não mais retornaram ao bairro. Embora não tenha solicitado aos nossos depoentes que falassem a respeito, essa hipótese não parece totalmente infundada, pois, dos mestres de artes marciais japonesas dos quais registrei o depoimento, a grande maioria desenvolve suas atividades em locais relativamente distantes daquele que atualmente é apontado com o bairro oriental da cidade, a Liberdade.

Embora grande parte de nossos entrevistados realize suas atividades ou resida em bairros considerados, na época, distantes do centro¹²¹ da cidade, essa característica está longe de ser uma regra rígida. O mais adequado talvez seja pensar que essa situação teve sim uma pequena influência no episódio ocorrido durante a II Guerra na cidade de São Paulo, mas não se pode ignorar o fato de que os imóveis situados em regiões menos centralizadas possuam um valor de mercado menor. Some-se a esse fato a possibilidade de que o poder aquisitivo desses imigrantes japoneses – que, da noite para o dia, foram obrigados a se retirar da Liberdade – era relativamente baixo na ocasião. Nesse panorama, a opção por um terreno mais barato, mesmo que distante do centro, ganha uma nova dimensão. Tanto é assim, que outros imigrantes orientais que chegaram em um período posterior utilizaram-se da mesma estratégia, qual seja a opção por um bairro relativamente afastado para morar ou para desenvolver seu trabalho como mestre de uma determinada arte marcial oriental¹²².

Em um país com costumes e língua muito diferentes dos seus, e mais do que isso, em um ambiente de discriminação promovido pelo poder público, como era a cidade de São Paulo no período do Estado Novo (e que foi potencializado), em função da II Guerra Mundial, não é de se estranhar que as artes marciais japonesas não tenham rompido os limites da colônia.

¹²¹ Antes de mais nada, vale destacar que a noção de bairro distante atualmente está radicalmente transformada em São Paulo, sobretudo a partir do advento do metrô, morar “longe” parece estar diretamente relacionado ao fato de ter ou não ter uma linha de metrô cruzando aquele determinado bairro. Assim, aqueles que durante a II Guerra Mundial eram considerados bairros distantes, hoje seriam considerados, no máximo, apenas um pouco fora ou nos limites do hoje chamado “centro expandido”. Com efeito, o mapeamento de nossos depoentes de origem japonesa (residentes em bairros “distantes” de São Paulo) apresenta-se da seguinte maneira: Tomeji Ito (Karatê – Vila Mariana), Ciutoco Kogima (Kendo – Moema), Makoto Nishida (Aikido – Jabaquara), Masatoshi Akagi (Sumô – Ermelino Matarazzo), Kazuro Nakashima Diana (Karatê – Vila Prudente), Seiji Isobe (Karatê – Liberdade), e Koji Takamatsu (Karatê – Lapa).

¹²² Chamo a atenção para os dois mestres oriundos de Hong Kong, que tive a oportunidade de entrevistar, os quais se fixaram, respectivamente, nos bairros de Moema e Pinheiros, bem como para os coreanos do sul que são uma exceção a essa tendência, na medida em que os mesmos optaram por se fixar predominantemente nos bairros da Liberdade e do Bom Retiro, locais notadamente mais centralizados, e onde a colônia daquele país se estabeleceu.

Com o fim da Guerra, o processo de assimilação da realidade brasileira começa a se consolidar. O sonho de retorno dá lugar à resignação de permanecer no país que, anos antes, os havia acolhido com a promessa de enriquecimento rápido. Com isso, os traços de sua cultura – entre eles as artes marciais – começam a despontar em meio à paisagem da cidade de São Paulo. Some-se a isso a chegada de outro tipo de imigrante o “Imigrante Japão Novo¹²³” que, além de um diploma – em alguns casos –, trouxe também o conhecimento de uma determinada arte marcial japonesa que naquele momento, já estava em um estágio diferente do processo de modernização experimentada por essas práticas em seu país de origem, conforme veremos a seguir.

¹²³ Termo utilizado para designar o imigrante japonês do Pós-Guerra. (Cf.: SAITO, Hiroshi. Op. Cit.)

2.2 Técnicos para Brasil. Sim, mas com alguma coisa a mais... A memória das lutas e o período Pós-II Guerra Mundial.

“Eu sou imigrante japonês, eu vim como imigrante técnico japonês no década de 60, né? Que começou imigração técnico japoneses pra Brasil, pra ajudar no industrialização do sociedade Brasil¹²⁴”.

“E ele veio como imigrante, ele num veio como instrutor de karatê ou professor de karatê, né. Ele veio como agrônomo formado pela Universidade de Agronomia de Tóquio...¹²⁵”

Como tornar possível uma determinada prática corporal intimamente atrelada a um povo que, por ser física e culturalmente diferente daquele que se tinha como ideal de imigração, foi alvo de uma política discriminatória?

Muito provavelmente não foi esse o objetivo dos imigrantes japoneses que aqui aportaram no período anterior à II Guerra – pelo menos essa é a impressão que se depreende dos depoimentos analisados –, afinal, a prática dessas artes marciais nos primeiros anos da imigração no Estado de São Paulo estava circunscrita ao interior das colônias, configurando-se muito mais como uma alternativa de sociabilidade e de manutenção da identidade japonesa – nos raros momentos em que era possível se desvencilhar do trabalho na lavoura – do que propriamente como uma estratégia organizada de disseminação das mesmas.

Para o entendimento desse panorama devem-se somar os desafios de adaptação ao novo ambiente (língua e costumes) e também a intensa campanha promovida por alguns setores da sociedade brasileira contra a inserção desses imigrantes no país.

À medida que a II Guerra Mundial e seus desdobramentos vão se distanciando na linha do tempo, um novo momento na história da imigração japonesa em São Paulo começa a florescer. Aos poucos, os imigrantes vão se adaptando à nova realidade e criando estratégias particulares de sobrevivência em São Paulo. Além disso,

¹²⁴ Makoto Nishida, em depoimento concedido ao autor, em 14 de maio de 2005, na cidade de São Paulo.

¹²⁵ Koji Takamatsu, em depoimento concedido ao autor, em 20 de maio de 2005, na cidade de São Paulo.

outro tipo de imigrante, o imigrante “Japão novo¹²⁶”, começa a chegar e com ele alguns mestres que, à sua maneira, começam a delinear uma nova forma de pensar artes marciais japonesas e sua disseminação na cidade, conforme veremos¹²⁷.

Hiroshi Saito fornece importantes informações a respeito das mudanças em relação aos objetivos dos imigrantes japoneses quando chegaram ao Brasil, no período anterior à II Guerra Mundial, e que se radicaram no país:

A década de 1942 a 1951 marcou, como dissemos, um branco na história migratória. Entretanto os dez anos que separaram as fases anterior e posterior da II Guerra Mundial foram decisivos, por assim dizer, para a reorganização de comunidades de japoneses e de seus descendentes, numa base mais ou menos autônoma. Cortados, ainda que de maneira transitória, os laços que ligavam ao seu país de natal e na impossibilidade de dependerem da proteção do mesmo, os japoneses mostraram-se decididos a radicar-se no Brasil. Nesse sentido, o período de guerra, longe de constituir um “branco” na história da imigração japonesa, deu ensejo, ao contrário, a que a colônia japonesa no Brasil tivesse desenvolvimento assaz decisivo. A mudança verificada na atitude os imigrados, já radicados no país, refletiu necessariamente nos rumos de sua vida econômica sob múltiplos aspectos, fazendo com que eles, finalmente, desistissem do intento inicial de migração temporária de curto prazo e planejassem suas atividades econômicas numa base de longo prazo e de maior firmeza. Essa mudança radical que se operou na atitude dos imigrados não surgiu de um dia para o outro, senão depois de uma séria reflexão sobre os planos iniciais e sobre a experiência dos anos passados, bem como depois do reexame da situação em que eles e seus filhos estavam colocados. Era inevitável que tão radical mudança provocasse certa confusão e distúrbios no seio do próprio grupo¹²⁸

Uma vez terminado o contrato de trabalho na lavoura, frustradas as tentativas de alguns imigrantes japoneses de enriquecimento rápido através da agricultura nas terras do interior do estado, e tomada a decisão de permanecer no Brasil, um número significativo de imigrantes decide tentar a sorte na capital e nos seus arredores – para aqueles que ainda assim não abandonaram a vocação agrícola.

Um bom exemplo disso pôde ser verificado no depoimento de Masatoshi Akagi em relação ao porquê de sua família ter optado em um determinado momento pela cidade de São Paulo. Eram pessoas cuja vocação – segundo o próprio depoente – mesmo no Japão, estava voltada para a atividade agrícola; assim, a princípio, pode ser

¹²⁶ CARDOSO, Ruth Correa Leite. Op. Cit.

¹²⁷ Some-se a isso a chegada de imigrantes oriundos de outros países do oriente, notadamente chineses e coreanos, que, tal como os japoneses, dão sua contribuição no que se refere à disseminação das artes marciais orientais na cidade. Nesse particular, destacamos que as contribuições de chineses e coreanos em relação o processo de disseminação das artes marciais orientais serão abordadas no Capítulo 1 da segunda parte do presente estudo. (Sobre a chegada de chineses e coreanos nesse período confira também: APOLLONI, Rodrigo Wolff. Op. Cit.; FREITAS, Sônia Maria de. Op. Cit.; e CHOI, Keum. Joa. Op. Cit.)

¹²⁸ SAITO, Hiroshi. Op. Cit., 1961, p.38.

de causar espanto a escolha pelo bairro de Ermelino Matarazzo, um local tão diferente da realidade do campo, e longe da colônia japonesa da cidade de São Paulo.

Porém, “*ah! Depois é longa história*”. Uma longa história ligada à terra e que só começou a mudar quando, após 13 anos de trabalho na lavoura, a família Akagi consegue adquirir um Hotel na cidade de Pompéia.

[...] último foi pra Pompéia. Município de Pompéia, encostado... Naquele tempo chamava Vila Queiroz, hoje é Queiroz. Só que nós num tava na... Nesse patrimônio. Eu tava, nós tava na beira do Rio Tietê. É bem mata virgem. Morei 13 anos aí de lavoura. Terra ajudou mais ou menos, né? Então cinco anos num lugar, arrendado, depois comprou sítio de 30 alqueires. Aí ficou mais 5 ano. Depois vendeu aí, mudou pra esse patrimônio chama Vila Queiroz, compramo Hotel. Meu pai comprou Hotel e tocava lavoura também, plantava algodão, ficou 3 anos. Eu tava com 13 anos aí no município de Pompéia depois em 55 veio aqui. Tô aqui desde 55¹²⁹.

“Aqui”, é o bairro de Ermelino Matarazzo, na cidade de São Paulo, e, sobre esse assunto, o depoente contou que na década 1950 o bairro era rural e sua propriedade era um sítio onde, a princípio, não havia nem energia elétrica. “*Rural. E era tudo mato, cai pau, aqui atrás. Eu tenho foto, só tem minha casa. [...] É, aqui atrás era tudo campo. [...] Nós não plantô mais. Não sei se você conhece armazém ‘Secos e Molhados’?*”¹³⁰.

Uma realidade que coaduna com as observadas no estudo realizado por Saito (1980), de acordo com o autor:

Alcançada a primeira meta, a de se tornarem independentes, várias alternativas eram viáveis. Muitos continuam na agricultura, quer ampliando a propriedade nas frentes pioneiras, quer praticando nas regiões próximas a metrópole a hortifruticultura. Outros, por vocação ou por habilidade técnica, se transferem as outras atividades, comerciais e de serviços ou industriais. Assim, a partir dos anos 30, alguns começam aventurar-se em setores não-agrícolas. Primeiramente, dedicam-se às atividades que de mais perto se ligam à agricultura: compradores de cereais, corretagem de imóveis rurais, armazéns de secos e molhados, botequins e pensões, oficinas de implementos agrícolas¹³¹.

Ao se fixar naquele local, Masatoshi teve a oportunidade de ver todo aquele bairro nascer, crescer e se urbanizar, dando ainda sua parcela de contribuição nesse processo, na medida em que, no passado, sua família mantinha um armazém de

¹²⁹ Masatoshi Akagi, em depoimento concedido ao autor, em 13 de maio de 2005, na cidade de São Paulo.

¹³⁰ Idem.

¹³¹ SAITO, Hiroshi. Op. Cit. 1980, p.86 (*sic.*), grifo nosso.

secos e molhados, que servia à região e hoje, no lugar desse armazém, possui um prédio que além de estabelecimentos comerciais abriga em seus fundos a morada não apenas de Masatoshi, mas também de outros membros de sua família.

Um exemplo da situação encontrada pela família de Masatoshi na região de Ermelino Matarazzo pode ser observado no trecho em que o depoente nos fala sobre a chegada da energia elétrica em sua casa.

Tinha, tinha né? Só que eu paguei bastante dinheiro naquele tempo pra puxar. Até aí na esquina, do outro lado da esquina tinha morador aí dentro. Esquina daqui, esquina de cá tinha gente, mas nesse quarteirão não tinha gente (gesticular), nada. Então puxei luz de lá, paguei, paguei bem, bem caro. [...]. Naquele tempo é Light. [...]. Light que cobrô¹³².

No bojo das mudanças de objetivo dos imigrantes japoneses em relação a sua fixação no Brasil e das crises identitárias decorrentes desse processo nos primeiros anos do Pós-Guerra, está o movimento pró-império japonês, que ficou conhecido como Shindô Renmei. Em linhas gerais, o movimento cometeu atos terroristas e, em alguns casos, até mesmo assassinatos contra os imigrantes japoneses que se posicionaram contrários à idéia de que o Japão havia vencido a Guerra do Pacífico, defendida pelos membros do Shindô Renmei; não aceitando, inclusive, o fato de os japoneses terem assinado o termo de rendição incondicional, no dia 14 de agosto de 1945¹³³. Tal situação atingiu níveis inaceitáveis para o governo brasileiro, que passou a combater o movimento até a sua total dissolução, resultando, segundo Cytrynowicz (2000), no maior processo do judiciário brasileiro em número de pessoas julgadas sob uma mesma acusação.

Mais do que investigar os detalhes do movimento Shindô Renmei, interessou-me, durante a pesquisa, trabalhar no sentido de perceber como os depoentes se referiam àquele movimento, procurando perceber indícios, nas suas falas, de algum tipo de relação entre o movimento e o processo de desenvolvimento das artes marciais japonesas em São Paulo.

As lembranças dos depoentes apontam certa consonância com as opiniões de autores como Cytrynowicz, Lesser, Nakagate e Dezem, que afirmam ter sido esse um episódio extremamente difícil para a comunidade japonesa, haja vista a

¹³²Masatoshi Akagi, em depoimento concedido ao autor, em 13 de maio de 2005, na cidade de São Paulo.

¹³³ Para mais informações sobre o movimento Shindô Renmei confira: LESSER, Jeffrey. Op. Cit.; CYTRYNOWICZ, Roney. Op. Cit.; DEZEM, Rogério. Op. Cit; e NAKAGATE, Jouji. Op. Cit.

forma evasiva com que o assunto foi tratado. Ao tratar dessas questões, todos se apressaram em negar o envolvimento direto ou mesmo o envolvimento de qualquer outro membro de sua família com o movimento. A idéia comum foi “*eu nem era contra, nem a favor*”, algo muito interessante, em especial quando se leva em conta a proximidade no período em questão, de alguns de nossos depoentes, às regiões onde ocorreram grande parte das ações do movimento, como se observa, por exemplo, na fala de Ciutoco Kogima, em relação à atividade exercida por seu pai no município de Marília, a criação do bicho da seda:

Sempre trabalhando na agricultura. [...] Teve alguns anos num, Marília época da guerra lá, bicho de seda, [...] Na época da, de guerra, o..., então o bicho de seda era muito usado pra fio de pára-quadras, essas coisas, né? [...] Então ele fazia todo aquele tratamento, fiação, tudo né. Isso que vendia... Imagino que vendia pra alguém de alguma grande fábrica que fornecia para essa grande empresa de confecção de pára-quadras¹³⁴.

Vale lembrar que as criações de bicho da seda na região de Marília foram um dos principais alvos do movimento Shindô Renmei, conforme demonstrou o estudo realizado por Dezem (2000), entretanto a resposta de Kogima em relação a algum tipo de envolvimento de seu pai é categórica:

Nesse ponto eu posso falar que meu pai era neutro e tinha como se diz? Muita polêmica. Mas nunca fala assim nem ganhou, nem perdeu e não gostava que comentasse. Se Japão perdeu, não precisa falar que Japão perdeu. Fala pra você que perdeu, que ganhou, que ganhou tudo bem. Não precisa ficar comentando que o Japão perdeu ou não, né? Ele sentia lógico. Tem espírito do Japão, ele sentia, né? Mas meu pai não tinha nada nem Shindô Renmei nem com “Kaitana”, do outro lado.

Outro depoente, o Sr. Matsumoto, que na época vivia na cidade Londrina-PR, afirmou que na sua região o episódio não ganhou o mesmo vulto que se observou em São Paulo. Além disso, apesar de se declarar um “katigumi”, ou seja, um dos imigrantes que acreditavam na vitória do Japão, na medida em que teve acesso a notícias que demonstravam que o seu país havia se rendido, mudou internamente seu posicionamento. Em suas palavras:

Shindô Renmei e..., é aqueles que falam que, que japon ganhou e outros fala que isso, que japon perdeu.[...] E mais nós, nós lá em Londrina nunca brigou [...] Mas eu sou de, de Katigumi. Não é Shindô Renmei.[...] Katigumi que diz que Japon ganhou. Mas logo, logo eu ia perceber que Japon perdeu, já sabia né. Mas eu não

¹³⁴ Ciutoco Kogima, em depoimento concedido ao autor, em 24 de maio de 2007, na cidade de São Paulo.

falei isso pra amigo, os amigos meu era tudo é que, pensa que tá ganhando, que ganhou, né. Então non sei... que perdeu, então já fica..., amigo fica assim[...] Perde a amizade, mas non, non falou nada¹³⁵.

Mateus Sugizaki, ao se referir ao motivo pelo qual seu pai não se envolveu no movimento, coloca que a ação de seus integrantes se concentrou nas regiões mais ricas do Estado:

Olha, ele, ele teve, teve, chegou no Brasil nesse período, exatamente quando o... Havia essa formação do Shindô Renmei e principalmente as ações do Shindô Renmei no, no pós-guerra..., durante a guerra e no pós-guerra, porque eu sou nascido em 46, quer dizer, eu sou nascido logo na sequência do, da guerra. Então meu pai viveu nesse período. Mas só que na cidade de Avaré, não havia uma ação muito grande da Shindô Renmei. Shindô Renmei teve uma ação muito forte aqui na região exatamente de Bastos,... Marília, Bastos e depois na região de São Paulo e Grande São Paulo. Então, ele não teve, ele não sofreu essa, essa influência da Shindô Renmei. E, existe por que? Porque a Shindô Renmei tava ligada nos núcleos mais fortes economicamente também. E Avaré num era um núcleo um núcleo economicamente forte¹³⁶.

Segundo Neves (1960), citado por Dezem (2000), a cidade de Avaré não está entre as que apresentaram um número expressivo de associados ao movimento, entretanto aquele movimento esteve presente em 64 cidades do interior do Estado de São Paulo e do Norte do Paraná totalizando 115.530 membros¹³⁷. O quadro abaixo relaciona as regiões do Estado de São Paulo e Norte do Paraná, onde se verificou a maior concentração de membros do movimento, regiões que são as mesmas onde se fixaram nossos depoentes:

Região	Nº. de Associados	Porcentagem
Alta Paulista	43.500	37,72%
Noroeste	39.500	34,25%
Norte do Paraná	10.850	9,40%
Alta Sorocabana	7.500	6,50%
Total	101.350	87,8%

Fonte: Viera (1973), citado Dezem (2000), p.75.

Segundo Saito Hiroshi, até o ano de 1950 adentraram o Estado de São Paulo um total de 190.063 japoneses¹³⁸. Um dado que, em contraste com os 115.530

¹³⁵ Matsumoto, em depoimento concedido ao autor, em 22 de maio de 2007, na cidade de São Paulo.

¹³⁶ Mateus Sugizaki, em depoimento concedido ao autor, em 26 de fevereiro de 2008, na cidade de Botucatu-SP.

¹³⁷ DEZEM, Rogério. Op. Cit.

¹³⁸ SAITO, Hiroshi. Op. Cit.,1961.

associados do Shindô Renmei, mostra a força desse movimento no seio da colônia Japonesa.

Segundo Rogério Dezem, há diferenças entre os próprios japoneses, e isso contraria o senso comum que, sob o rótulo de “japonês”, coloca todos aqueles que possuem traços orientais em um mesmo perfil. Dito de outra maneira, há uma grande heterogeneidade entre os próprios imigrantes japoneses¹³⁹. Levar em conta essa heterogeneidade torna-se um ponto importante quando se estudam os desdobramentos do movimento Shindô Renmei. Nesse sentido, de acordo com Handa (1987), citado por Cytrynowicz (2000), a dicotomia entre os “Katigumi”, ou vitoristas, e os “Makigumi”, ou derrotistas, expressaria também as diferenças do ponto de vista do tempo de permanência no Brasil e da relação que o imigrante estabelecia com os valores tradicionais japoneses:

[...] assumir a derrota militar e um certo questionamento dos valores associado à invencibilidade do Japão seria – para uma geração de imigrantes que ainda não estava estabelecida – aceitar uma certa desestruturação de valores, como a obediência e lealdade ao pai – chefe de família, único meio de garantir a ascensão econômica desses imigrantes na pequena propriedade de base familiar, via trabalho familiar sob a chefia do pai. Os derrotistas (ou “moles”), aos olhos dos vitoristas (ou “duros”), eram imigrantes de uma geração anterior que já estavam estabelecidos¹⁴⁰.

Sob essa ótica, a posição de nossos depoentes em relação ao movimento Shindô Renmei é significativa, pois todos eles, em função do período histórico em que chegaram ao Brasil, se enquadrariam entre aqueles imigrantes considerados recém-chegados ao Brasil, ou seja, imigrantes que naquele momento ainda não haviam se estabelecido. Isso não significa necessariamente que eles eram parte dos “duros”, entretanto, mostra que eles observaram de perto esses acontecimentos.

No que se refere às artes marciais japonesas, é difícil responder se houve algum tipo de associação entre elas e o movimento Shindô Renmei. Sobretudo, se levarmos em conta o modo como nossos depoentes se referiram ao episódio. Entretanto, ao analisarmos os depoimentos, alguns indícios aparecem, como por exemplo, na fala de Ciutoco Kogima a respeito do envolvimento de praticantes de artes marciais no movimento Shindô Renmei:

¹³⁹ CARDOSO, Ruth Correa Leite. Op. Cit.

¹⁴⁰ CYTRYNOWICZ, Roney. Op. Cit., p. 168.

Bom, aí tinha o pessoal do, do, do, do, Shindô Renmei ou do “Haissen” tinha várias pessoas tanto de Kendo, né, do Judô [...] tinha pessoal envolvido tanto de um lado quanto do outro. [...] Inclusive tem uma pessoa que é lutador de Kendo que tinha amizade [...] tinha uma ligação direta com Shindô Renmei, né? [...] Tinha gente assim também, né? Assim como tinha do Kendo do outro lado, falando que perdeu. Isso eu tenho conhecimento mais tarde, né. Na época não, eu era menino, mais tarde década de 80, mais tarde, 70, 80, 90... Em 66 eu já sabia que as pessoas falavam aquele lá é “Haissen”, aquele lá é Shindô Renmei¹⁴¹.

A afirmação de Kogima denota que a participação das artes marciais japonesas estaria muito mais relacionada ao posicionamento político individual de seus praticantes frente ao movimento Shindô Renmei do que a um tipo de participação mais organizada ou institucionalizada, e isso explicaria a possibilidade levantada por ele de existirem praticantes de artes marciais japonesas de ambos os lados.

Seguindo esse raciocínio, chegamos ao Kendo, que de todas as artes marciais japonesas estudadas, é aquela cujo sentido parece estar mais fortemente atrelado a uma tradição guerreira japonesa. Tendo derivado do Kenjutsu, a antiga arte ou técnica da espada samurai, atualmente o Kendo, pode ser considerado uma forma “esportivizada” de daquela arte marcial.

Nesta pesquisa, tive a oportunidade de conhecer o Dojô da Associação Cultural Japonesa Bunkyo, no Bairro da Liberdade. Lá me chamou a atenção o fato de que a maioria dos praticantes tinha descendência japonesa; entre eles havia também alguns imigrantes que mal conseguiam se expressar em português, um deles era justamente o Sr. Matsumoto.

Nesse mesmo dia, com o auxílio de Zen Tachibana, consegui colher o depoimento de Matsumoto. Durante a entrevista chamou-me a atenção a ênfase dada por esse mestre à importância do Bushido¹⁴². De acordo com esse depoente, aí estaria o sentido da prática do Kendo. Assim, se “*Bushido é Kendo*¹⁴³” e se “*essas coisas se não tiver o império vermelho, imperador, acaba*¹⁴⁴”, não seria totalmente descabida a possibilidade de que essa arte marcial japonesa tivesse algum tipo de participação no episódio envolvendo o movimento Shindô Renmei. Uma participação, porém, que

¹⁴¹ Ciutoco Kogima, em depoimento concedido ao autor, em 24 de maio de 2007, na cidade de São Paulo.

¹⁴² Literalmente “o caminho do guerreiro”, era o antigo código de honra dos samurais do Japão feudal, que na atualidade foi apropriado (ao menos é o que dizem seus praticantes) pelas artes marciais japonesas. Disponível em: <www.bushido-online.com.br> acesso em 09/11/2008.

¹⁴³ Matsumoto, em depoimento concedido ao autor, em 22 de maio de 2007, na cidade de São Paulo.

¹⁴⁴ Ibid.

estaria menos relacionada com um posicionamento institucional, ou seja, da arte como um todo, e mais com a participação de indivíduos que a praticavam.

Derivaria daí, por exemplo, uma justificativa plausível para os atos da Shindô Renmei e os termos que foram utilizados por eles para designar os *traidores do império* e que tanto chamou a atenção de Dezem (2000), ao analisar o teor dos bilhetes ameaçadores escritos por membros do movimento e apreendidos pela Delegacia de Polícia da cidade de Tupã-SP.

Uma questão interessante a ser considerada são os termos empregados pelos “vitoristas” para designar aqueles que tentavam esclarecer a colônia sobre a verdadeira notícia do fim da guerra: *traíçoeiros, traidores, Haissen Noucha*, literalmente “os que acreditam na derrota”. Isso exemplifica que os *derrotistas* eram avaliados como verdadeiros hereges dentro da colônia. Outro aspecto que nos chama a atenção é a frase, escrita na maioria dos bilhetes: *Lave seu pescoço e nos espere*, uma espécie de metáfora que podia significar “purifiquei-se” (*lave seu pescoço*) e aguarde o castigo divino dos leais súditos do Imperador (*e nos espere*)¹⁴⁵.

Mais do que uma metáfora, a frase “*lave seu pescoço e nos espere*” é uma clara alusão a um dos pontos fundamentais do código de conduta dos samurais (Bushido), assumido na atualidade – porém em uma perspectiva moderna – pelos praticantes de artes marciais japonesas, o *Seppuku ou Harakiri*.

No Japão feudal, o *Seppuku* era uma cerimônia na qual o Samurai, após ter purificado seu corpo, cometia o suicídio ao desferir contra seu próprio abdômen um golpe de punhal ou espada curta. Tal procedimento resultava em uma morte longa, cuja agonia vinha a cabo com um golpe de espada, que deveria ser desferido de forma certa junto à base do pescoço – daí a necessidade de se purificar essa parte do corpo – por outro samurai e com tal refinamento técnico que, mesmo decepada, a cabeça deveria permanecer junto ao restante do corpo da vítima. Considerada uma medida extrema, o *Seppuku* só era utilizado em ocasiões específicas em que a honra do Samurai houvesse sido irremediavelmente atingida¹⁴⁶.

Assim, na medida em que, para os integrantes da Shindô Renmei, o ato de propagar a notícia de que o Japão havia sido derrotado na guerra configurava a desonra extrema frente aos preceitos do Bushido, não é de se estranhar que a pena

¹⁴⁵ DEZEM, Rogério. Op. Cit. (grifos do autor)

¹⁴⁶ O Bushido era composto por cinco valores fundamentais: cinco valores: a lealdade ao senhor, a coragem, o senso de honra, a benevolência, a tolerância, e o seppuku. Confira: MEULIEN, Eric. Samurais, o fim de uma era. **História viva**, Rio de Janeiro, n. 30, abr. 2006. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/samurais_o_fim_de_uma_era_imprimir.html>.

capital fosse nesses casos considerada não menos que um ato de justiça em nome do império.

Voltando nosso olhar para o processo de disseminação das artes marciais orientais em São Paulo, a questão que vem à mente é justamente a que tenta entender como essas práticas teriam se desvencilhado desses aspectos em nada positivos, em relação à história dos imigrantes japoneses no Brasil para efetivamente se configurarem em uma possibilidade de experiência corporal.

Mais uma questão difícil de ser respondida. Todavia, as conclusões de Cytrynowicz (2000) a respeito de um episódio envolvendo a colônia japonesa e os preços praticados em relação aos produtos hortifrutigranjeiros, na década de 1930, nos dão um forte indício de como e sobre que valores a imagem do imigrante japonês perante a população de São Paulo, ao longo dos anos, foi construída, sugerindo que, não obstante as ações do movimento Shindô Renmei, seus efeitos negativos foram apenas pontuais e de curto alcance nesse processo. Uma imagem bem diferente daquela que se observa em relação a outros grupos de imigrantes.

Mas era esta uma guerra do governo e de especuladores ou tinha ela apelo e apoio popular? A questão não pode ser formulada independente de uma discussão sobre como aferir os ânimos populares. Vários relatos dão conta de que houve em São Paulo e principalmente em cidades do interior do Estado ataques contra entidades japonesas, mas que só ocorreram quando houve aberta manifestação por parte dos imigrantes a favor do Japão ou quando da eclosão das ações terroristas e violentas da Shindô Renmei, a partir de 1945. Ou seja, quando grupos de imigrantes japoneses assumiram publicamente posições violentas ou abertamente pró-eixo. Fora isso, não há registros de mobilização popular anti-japonesa. Ao contrário, pode-se sugerir que a organização de trabalho dos imigrantes, o sistema de cooperativas e o investimento familiar no trabalho eram valores positivos para a população paulistana e do interior do Estado e vistas como um modelo em uma década, os anos 30, de forte apelo do cooperativismo. Poder-se-ia inferir também que a população apreciava e reconhecia o trabalho dos pequenos agricultores e os preços por eles praticados. A figura do “japonês da feira”, na década de 90, dificilmente terá qualquer associação com especulação ou prática de preços altos, o que sugere que a etnicidade, nesse caso, é uma referência marcada por uma certa tradição e imagem de trabalho e produção, de conhecimento e confiabilidade. Estereótipo também, é verdade, mas isento de conotação especulativa, como outros grupos associados ao comércio e a negócios específicos (judeus, sírio-libaneses, portugueses, espanhóis, gregos)¹⁴⁷.

Assim, parece possível que o prestígio dos japoneses tenha sido emprestado às suas artes marciais e essa pode ser uma das explicações para a

¹⁴⁷ CYTRYNOWICZ, Roney. Op. Cit., p. 160.

relativamente rápida popularização dessas práticas na cidade, a despeito das situações negativas em que se envolveram os imigrantes japoneses no Estado de São Paulo.

A esse panorama em relação aos imigrantes iria se somar, após a retomada do processo de imigração, em 1953, um novo tipo imigrante, que, diferentemente de seus patrícios – que emigraram com pouca ou nenhuma formação superior –, vieram para o Brasil na qualidade de técnicos, tanto para a agricultura quanto para a indústria. São os imigrantes chamados de “Japão novo”, que aqui ajudam a escrever uma nova página na história do processo de imigração japonesa¹⁴⁸.

Para a realização dessa pesquisa, tivemos a oportunidade de colher o depoimento de dois mestres de artes marciais japonesas que são também representantes desse grupo de imigrantes, Koji Takamatsu¹⁴⁹ e Makoto Nishida, imigrantes que chegam ao Brasil na qualidade de técnicos, mas que, com o decorrer dos anos, passam a se dedicar à difusão da prática das artes marciais japonesas, respectivamente do Karatê e do Aikidô, conforme veremos.

O ano de 1956 marca a chegada, no Porto de Santos, de Koji Takamatsu. Com formação superior em agronomia, o destino desse imigrante, nascido no ano de 1930, seria um dos núcleos coloniais do Estado da Bahia¹⁵⁰. Na bagagem, além do diploma, ele trazia um grande conhecimento a respeito da arte marcial de Okinawa, o Karatê.

Bom, o que o Mestre tava explicando, né, o karatê no Brasil quando iniciou, praticamente ele foi o pioneiro, né, que chegou ao Brasil em 1956, em Fevereiro, né, porto de Santos, né. E ele veio como imigrante, ele num veio como instrutor de karatê ou professor de karatê, né. Ele veio como agrônomo formado pela Universidade de Agronomia de Tóquio, né¹⁵¹.

Após dois anos trabalhando na Bahia, como agrônomo, fazendo algumas demonstrações e dando algumas aulas de Karatê naquele Estado, Koji se transfere para cidade de São Paulo, onde inicia o processo de disseminação do Karatê estilo Wadô Ryu.

¹⁴⁸ SAITO, Hiroshi. Op. Cit., 1961.

¹⁴⁹ Agradecemos a ajuda de Sérgio Takamatsu na tradução de nossas perguntas para seu pai Koji Takamatsu, durante a realização da entrevista.

¹⁵⁰ De acordo com Saito (1961) alguns imigrantes de desse período foram enviados para núcleos coloniais, nos estados da Bahia e do Mato Grosso. (Cf.: SAITO, Hiroshi. Op. Cit., 1961.)

¹⁵¹ Koji Takamatsu, em depoimento concedido ao autor, em 20 de maio de 2005, na cidade de São Paulo.

O interessante a esse respeito seria questionar como um imigrante que, mesmo hoje, ainda possui grandes dificuldades de comunicação em português¹⁵² teria conseguido o “espaço” necessário para a prática de uma arte marcial oriental até então desconhecida na cidade de São Paulo. Nesse particular, teria sido fundamental para o sucesso de sua empreitada o fato de já existirem na cidade de São Paulo estabelecimentos especializados no ensino de outra arte marcial de origem japonesa, o Judô.

É, o seguinte, logo que ele veio, que ele chegou aqui em São Paulo, através de colegas, ele foi é, apresentado a um professor de uma academia, né? De Judô em Pinheiros. No bairro de Pinheiros. E eu acho que ainda tem hoje. O professor chama-se Shigai, Shiromi Shigai, em Pinheiros. [...] E lá, junto com..., o mestre já fazia Judô, né? Faixa preta, segundo Dan de Judô, e começou a ensinar Karatê também prum grupo de amigos, né, que trabalhava junto¹⁵³.

Pouco depois, em 1960, chega ao Brasil outro mestre, Makoto Nishida. Diferentemente do antecessor, cuja formação estava ligada a área agrícola, Nishida tinha uma formação voltada para indústria. Além disso, no que se refere às artes marciais, esse mestre apresenta um perfil divergente e interessante, se comparado com o de Koji Takamatsu, mas que o aproxima de outros de nossos depoentes, como por exemplo, Masatoshi Akagi, pois o aprendizado da arte marcial japonesa que hoje esse mestre representa – o Aikido – se deu no Brasil e não no Japão.

Eu sou migrante japonês. Eu vim como imigrante técnico japonês no década de 60, né? Que começou imigração técnico japoneses pra Brasil, pra ajudar no industrialização do sociedade Brasil. E isso, naquele e começou Volkswagen, General Motors... Eles começaram a montar os automóveis aqui, né? [...] Mas não tinha técnico, engenheiro, técnico pra trabalho técnico e muitos japoneses, europeu também imigrou, tinha imigração, aceitação de imigração, imigrantes técnicos japoneses. Então eu vim, eu sou formado em engenharia mecânica no Japão, né? Logo depois eu formei, eu vim pra cá. Nesse ato eu não fazia Aikido, eu comecei treinar Aikido aqui no Brasil¹⁵⁴.

Os exemplos desses dois mestres suscitam algumas questões em relação ao processo de disseminação das artes marciais orientais na cidade de São Paulo, enquanto experiência corporal possível. A principal delas é também a mais difícil de ser respondida: saber se existiu um período específico em que artes marciais orientais – que

¹⁵² Koji Takamatsu não fala português, mas entende algumas palavras.

¹⁵³ Koji Takamatsu, em depoimento concedido ao autor, em 20 de maio de 2005, na cidade de São Paulo.

¹⁵⁴ Makoto Nishida, em depoimento concedido ao autor, em 14 de maio de 2005, na cidade de São Paulo.

seriam, naquele, sobretudo as de origem japonesa – começaram a ser praticadas para além dos limites da colônia (algo que, desde já, destaco não ter sido possível nessa pesquisa¹⁵⁵).

Entretanto, os indícios que emergem dos depoimentos sugerem algo extremamente relevante, em relação a esse período do processo de disseminação das artes marciais orientais, nas décadas de 1950 e 1960. Assim, não obstante o fato de serem pouco precisos em relação à delimitação de um período específico, esses indícios apontariam para uma gradativa expansão da prática das artes marciais japonesas, para além dos limites da colônia, e que esse fenômeno que estaria intimamente relacionado a pelo menos três fatores: a) a resolução, no interior da colônia japonesa, dos problemas advindos da II Guerra Mundial; b) o processo de adaptação dos imigrantes japoneses ao cotidiano da cidade de São Paulo e também das cidades do interior do Estado; e c) a chegada dos imigrantes “Japão novo”, que, ainda em sua terra natal, teriam tido contato com formas mais “modernas” ou “modernizadas” da prática propriamente dita das artes marciais japonesas, bem como com os novos significados que passaram a ser atribuídos a essas práticas, sobretudo após a derrota do Japão na II Guerra Mundial.

Exemplos que permitem realizar tais inferências podem ser verificados em grande parte dos depoimentos colhidos¹⁵⁶, contudo, selecionei trechos específicos em dois deles.

No depoimento concedido por Tomeji Ito esse indício aparece quando esse mestre narra o modo como se deu o seu primeiro contato como o Karatê. Em suas palavras:

O Karatê antigamente, quando eu comecei em 1950, anti... Antes já tinha começado com o professor okinawano que chamava Osawa né.[...] Foi aqui em São Paulo. E treino um pouco de tempo. Só tinha três okinawano e eu só que praticava.

¹⁵⁵ Para responder a essa questão, minha estratégia inicial foi a utilização dos arquivos da “Junta Comercial do Estado de São Paulo” (Jucesp), situada na cidade de São Paulo, na Rua Barra Funda, nº 930. A “Junta Comercial do Estado de São Paulo” é o órgão responsável pelo registro de abertura de empresas do Estado de São Paulo; nela estavam cadastradas no ano de 2005, 4.356.257 empresas das quais 3.724.197 encontravam-se ativas. Dentro da Jucesp, fui encaminhado à Ouvidoria, onde fui atendido por uma funcionária que me informou da impossibilidade de realizarmos nossa pesquisa em função da informatização do sistema que impunha uma série de restrições com relação ao tipo de dados que buscava. Assim, restou-me como opção, literalmente, “ir à caça” de cada um desses estabelecimentos, um trabalho verdadeiramente “hercúleo” e que, na ocasião, por motivos operacionais, optei por não realizar.

¹⁵⁶ O próprio modo como se deu o início do trabalho de Koji Takamatsu com o Karatê estilo Wadô Ryu na cidade de São Paulo demonstrado acima já constitui um bom exemplo do que estou propondo.

É totalmente diferente o movimento que nós fazemos hoje, né?[...] Tinha academia de Judô. E dava aula de karatê [...] ¹⁵⁷.

No trecho acima chama a atenção a afirmação feita por Ito de que 1950, ano em que esse mestre inicia a prática do Karatê na cidade de São Paulo, ele já possuía uma academia de Judô na cidade. À exceção de alguns anos em que Tomeji Ito trabalhou em uma tinturaria de propriedade de sua família, ao rememorar fatos de sua história de vida, em nenhum momento foi feito outro tipo de referência ao trabalho que não fosse relacionado às artes marciais orientais.

Assim, quando esse mestre diz que, em 1950, ele possuía uma academia de Judô, é possível que naquele momento fosse essa a fonte de renda com a qual ele garantia sua sobrevivência na cidade de São Paulo. Nesse sentido, mesmo que entre seus alunos só houvesse imigrantes ou descendentes de japoneses pensar que nesse momento a cidade de São Paulo já oferecia a prática das artes marciais orientais como uma alternativa a outras formas de trabalho corporal, não parece uma hipótese descabida.

Especificamente em relação ao Judô, existem relatos que dão conta de que a sua prática, para além dos limites da colônia japonesa, teria se iniciado ainda nas primeiras décadas do século XX, tendo como um dos precursores no Brasil um imigrante japonês de nome Mitsuyo Maeda, também conhecido como Conde Koma – um lutador que divulgava sua arte ao aceitar e vencer desafios ¹⁵⁸. Sobre Maeda e sua reputação frente à colônia japonesa do Estado do Pará, local onde esse imigrante, após vencer seus duelos no Rio de Janeiro e em São Paulo, instala-se e começa dar aulas de Judô, escreveu Lesser (2001):

Muitos imigrantes rapidamente exauriram seu capital e viram-se forçados a vender sua força de trabalho como diaristas. Outros foram ludibriados por compatriotas sem escrúpulos, como o infame conde Koma. Koma, cujo nome verdadeiro era Mitsuyo Maeda, foi para o Pará em 1915 ou 1920, como integrante de uma trupe de acrobatas, mas deixou a companhia para dar aulas de jiu-jitsu. Ele às vezes afirmava ser empregado governo japonês, ou seu “cônsul não-oficial”, chegando mesmo a convencer um diplomata norte-americano e adido militar a deixá-lo liderar uma visita à colônia Fukuhara. O diplomata Gerald Drew acreditava que Koma fosse um agente secreto, trabalhando num plano japonês para ocupar a Amazônia, mas outros diplomatas americanos já não tinham tanta certeza. A embaixada Americana em Tóquio descartou o relatório de Drew, dizendo que “ele tem tendência de conferir às atividades dos japoneses um desnecessário ar de

¹⁵⁷ Tomeji Ito, em depoimento concedido ao autor, em 19 de maio de 2005, na cidade de São Paulo.

¹⁵⁸ CALLEJA, Carlos Catalano. Op. Cit.

mistério”, uma vez que era pouco provável que Koma tivesse qualquer relação com o governo japonês, provavelmente não passando de um “China ronin”, um farsante japonês que enganava imigrantes afirmando ter influência nos meios oficiais¹⁵⁹.

Outra referência a respeito do Judô, porém sem comprovação, atribui à chegada de um grupo de imigrantes, em 1938, o início do processo de difusão dessa arte marcial japonesa de forma organizada.

Um fator decisivo na escalada do Judô foi à chegada ao país de grupo de nipônicos em 1938. Tinham como líder o professor Riuzo Ogawa e fundaram a Academia Ogawa, com o objetivo de aprimorar a cultura física, moral e espiritual, através do esporte do quimono. Daí por diante disseminaram-se a cultura e os ensinamentos do Mestre Jigoro Kano e em 18/03/1969 era fundada a Confederação Brasileira de Judô, sendo reconhecida por decreto em 1972¹⁶⁰.

Mesmo que esse grupo tenha iniciado uma disseminação mais organizada da prática do Judô na cidade de São Paulo, não podemos nos esquecer das duras restrições impostas aos imigrantes japoneses durante o período do Estado Novo e durante a II Guerra Mundial, episódios muito bem relatados por Cytrynowicz (2000), Dezem (2000) e Lesser (2001). Assim, a hipótese de que esse tipo de atividade, a abertura de academias de Judô, tenha encontrado espaço para se desenvolver na cidade de São Paulo, apenas nas décadas de 1950 e 1960 ganha força. Some-se a isso a própria organização do Judô no Japão, não mais como arte marcial pura e simples, mas como uma arte marcial esportivizada, que passaria a exigir sua disseminação de forma sistemática no maior número de países em que isso fosse possível, a propósito de sua estreia como modalidade olímpica nos Jogos Olímpicos de Tóquio em 1964¹⁶¹. Vale lembrar que, para que uma determinada modalidade possa ser considerada olímpica, é necessário que a mesma cumpra as exigências do Comitê Olímpico Internacional, entre elas a de que essa modalidade tenha um caráter mundial.

Vejamos outro exemplo presente em um trecho do depoimento concedido por Mateus Sugizaki, no momento em que esse mestre rememora o papel de seu pai no processo de disseminação do Judô no interior do Estado de São Paulo, mais especificamente na cidade de Avaré.

¹⁵⁹ LESSER, Jeffrey. Op. Cit., p. 177.

¹⁶⁰ Disponível em: <<http://www.cbj.com.br/novo/institucional.asp>> acesso em 11/11/2008>.

¹⁶¹ CALLEJA, Carlos Catalano. Op. Cit.

Meu pai chegou em 1932, com 14 anos de idade, né? E, então, em 1957, eles fundaram essa academia de judô, na cidade de Avaré.[...] Isso foi logo depois que funda..., fundaram a academia de judô em Avaré. E meu pai foi pra São Paulo praticar judô na chamada Academia Dom Pedro II, com o professor Yushu Kihara, que na época era 7º Dan. Já é faixa coral, né, faixa e 7º Dan de judô. E ele ficou mais de um ano. Quase dois anos morando em São Paulo, abriu lá um comércio pra ele sobreviver e praticando judô, assim com o professo Kihara. Daí, claro, a situação, a situação econômica sempre difícil, ele acabou voltando pra cidade de Avaré, mas quando ele voltou pra cidade de Avaré, ele já voltou com uma bagagem de conhecimento e de, de relacionamento com o meio do judô. Tanto que quando ele veio em 1959, mais ou menos isso, 59, na cidade de Avaré, ele já logo em seguida propôs a realização de um campeonato da Região Sorocabana¹⁶².

Ao chegar ao Brasil, em 1932, com 14 anos de idade, o pai de Mateus Sugizaki já havia tido contato com a prática do Judô no Japão, contudo esse conhecimento se estendia apenas aos aspectos fundamentais da prática. Assim, para garantir que a disseminação do Judô fosse realizada com “qualidade”, foi necessário um estágio de aprofundamento. Entretanto, onde encontrar esse conhecimento no Brasil durante a década de 1950? Mais uma vez, na cidade de São Paulo. E, dessa forma, fica demonstrado que não é desprovida de sentido a hipótese de que as décadas de 1950 e 1960 marcam o início de um trabalho sistematizado de difusão e disseminação das artes marciais orientais na de cidade de São Paulo.

Assim, aos poucos, essas práticas corporais começam a demarcar seu espaço na cidade e aquilo, que no início do século, era visto com estranhamento começa a se tornar uma dimensão possível em meio aos demais elementos da cultura corporal presentes na cidade.

É importante notar a esse respeito que, apesar estarmos apontando o início de um trabalho de disseminação – sim, as artes marciais japonesas começam a romper os limites da colônia. Elas vêm para o Brasil na “bagagem” dos imigrantes japoneses, ao mesmo tempo em que passam por processo de modernização em seu país de origem.

Entretanto, esse não deve ser tomado como um momento em que já se observa uma popularização da prática. Isso iria acontecer em um momento posterior.

Acredito, por conseguinte que, não obstante ser esse um momento em que a presença das artes marciais japonesas, como possibilidade de experiência corporal, na cidade já estar colocada, essa presença é ainda deveras marginal. Afinal, as

¹⁶² Mateus Sugizaki, em depoimento concedido ao autor, em 26 de fevereiro de 2008, na cidade de Botucatu-SP.

dificuldades de comunicação entre mestres e discípulos ainda é uma grande barreira a se transpor. As formas “modernizadas” da prática e o câmbio de seu significado, sobretudo após a adoção do ideário esportivo, são noções que estão chegando, porém ainda de maneira muito lenta, e, mais do que tudo isso, a divulgação dessas práticas de forma massificada é um elemento que ainda não se faz presente.

Nesse sentido, a segunda parte do presente estudo discutirá, tendo como fonte principal os depoimentos dos mestres, o processo de disseminação das artes marciais na cidade de São Paulo, em meados da década de 60 e na década de 70, analisando três aspectos: a visibilidade dessas práticas corporais na cidade; o processo de esportivização com seus desdobramentos, sobretudo em relação às tradições próprias de cada prática; e as sociabilidades que foram se constituindo em torno das artes marciais orientais na cidade de São Paulo, evidenciadas principalmente a partir da multiplicidade de discursos e interesses aos quais as mesmas passaram a ser associadas.

II – Memórias em disputa: artes marciais orientais, visibilidade, esportivização e sociabilidades na cidade

Observar a disseminação das artes marciais orientais em São Paulo e aceitar que o marco inicial desse movimento estaria situado em algum lugar nos primeiros anos do século XX é aceitar também a tese de que o “motor” desse processo foi o trabalho desenvolvido por alguns imigrantes japoneses junto a essas práticas, como uma forma de manter vivas suas tradições, identidades e, assim, garantir um espaço de sociabilidade com seus patrícios, nos momentos em que a rotina de trabalho nas colônias permitia esse encontro.

Um observador atento irá perceber que muita coisa mudou na forma como essa difusão se dava, do momento em que os primeiros imigrantes japoneses passaram a se dedicar à manutenção dessa tradição nas colônias japonesas do interior do Estado de São Paulo, até o que hoje se observa, sobretudo na cidade de São Paulo.

Grande parte da responsabilidade pela situação atual das artes marciais orientais na cidade de São Paulo encontra-se na emergência de três fatores fundamentais, a adaptação dos primeiros mestres imigrantes orientais à realidade brasileira, a vinda de profissionais mestres de artes marciais orientais¹, e o significativo aumento na visibilidade dessas práticas na cidade, este último fruto de um incremento da diversidade de produtos direta ou indiretamente relacionados às mesmas.

Curiosamente – mas nem tanto – os fatores acima destacados – sobretudo os dois últimos – possuem, além de seu objeto, outro ponto em comum: a sua origem cronológica, ou seja, o momento em que a presença das artes marciais orientais passa a ser mais facilmente notada na cidade de São Paulo, seja pela visibilidade, seja pela vinda de mestres profissionais com objetivo específico de difundir essas práticas, ou ainda pela maior adaptação à realidade local por parte dos mestres que por lá aportaram,

¹ Vale lembrar que nesse momento começam a chegar mestres oriundos de outros países do oriente além do Japão.

na primeira metade do século XX. Nesse sentido, essa origem não parece estar circunscrita a uma data exata, a um momento específico, e talvez o mais adequado seja dizer que essa origem se distribui ao longo de todo um período, um espaço cronológico localizado no fim da década de 1960, mas também, e mais vigorosamente, ao longo de toda a década de 1970.

Para entender melhor esse fenômeno, é preciso voltar o olhar para um momento anterior, quando o desenvolvimento dessas práticas, no Brasil e no mundo ganha um novo impulso, capaz de produzir um movimento de intercâmbio cultural entre oriente e ocidente: o período Pós-II Guerra, quando o mundo assiste a um redescobrimto do oriente, de ordem cultural, mais especificamente de sua cultura corporal, embora não se possa dizer que essa foi a primeira vez que esse encontro ocorreu².

Foi após a II Guerra e a partir desse movimento de redescoberta da cultura corporal do oriente, que a disseminação das artes marciais orientais no ocidente ganhou um novo e vigoroso impulso rumo à sua internacionalização sistemática representadas naquele momento, sobretudo pelas artes marciais de origem japonesa. Mais do que isso, esse é um encontro que se deu no sentido contrário ao ocorrido naquele primeiro momento, quando o esporte e os métodos ginásticos influenciaram as artes marciais orientais em seu local de origem, pois, nesse momento, quem vai ao encontro do ocidente são as artes marciais orientais.

Com isso, as artes marciais orientais acabam completando um ciclo muito parecido com o movimento de circularidade cultural proposto por Bakhtin (1987) e citado por Ginzburg (2006)³ no prefácio de “*O queijo e os vermes*”, porém, nesse caso, não é uma circularidade entre uma cultura considerada popular e outra erudita, mas uma circularidade entre culturas corporais com origens distintas. Afinal, tanto quanto no caso estudado por Ginzburg, ou seja, o embate entre a cosmogonia religiosa do moleiro Menocchio e o Tribunal do Santo Ofício, temos a presença de uma dicotomia cultural que não é entre erudita e popular, mas é entre ocidente e oriente e também um movimento de circularidade entre as duas – a propósito da ginástica e do

² A título de exemplo, destaco os fatos ocorridos com o Judô apresentados no capítulo 1 da primeira parte do presente estudo.

³ Para esse comentário, parti dos apontamentos sobre a obra de Bakhtin “*Cultura popular na Idade Média e no Renascimento*”, realizados por Carlo Ginzburg no prefácio à edição italiana de “*O queijo e os vermes*”. Para mais confira: GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição**. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

esporte adentrando o universo das artes marciais e vice-versa –, iniciado em fins do século XIX, todavia particularmente intenso após a II Guerra Mundial.

O estudo sobre o Karatê realizado por Tan (2004) fundamenta essa tese. Nele é destacado o papel fundamental exercido pela presença militar norte-americana na ilha de Okinawa, para o processo de internacionalização das artes marciais japonesas. Para tanto, o autor se utiliza de fontes bibliográficas que apontam o ano de 1953 como sendo um momento chave nesse processo, na medida em que essa data marca a adoção do Judô e do Karatê como parte do programa de treinamento dos militares da Base da Força Aérea Norte-Americana, em Okinawa. Algo que, com o tempo, redundou em uma disseminação sistematizada dessas práticas nos Estados Unidos da América⁴.

Interessante notar também que esse processo de internacionalização das artes marciais orientais não se restringiu apenas à delimitação de um espaço oriental no mercado de práticas corporais disponíveis até então nas cidades do ocidente, ou seja, não se limitou apenas à presença da prática propriamente dita. Sua influência e, por consequência, sua visibilidade foram mais longe. Fizeram-se sentir em outro setores da economia, com destaque para a indústria do entretenimento, deixando de ser rara, nas cidades do ocidente, a exibição de filmes de longa metragem, cuja temática envolvia direta ou indiretamente as artes marciais orientais, bem como seriados de televisão e revistas em quadrinhos com a mesma proposta⁵. Nesse sentido, questiona-se: de que maneira esse impulso se faria sentir no Brasil, e mais especificamente na cidade de São Paulo?

Antes de tentar responder à questão acima, parece fundamental destacar mais alguns pontos. O mais importante deles refere-se à natureza das artes marciais orientais, que foram importadas pelo ocidente no período em questão. Com efeito, é importante não perder de vista que nesse momento já não há “pureza”, no que se refere a essas práticas corporais, ou seja, enganam-se aqueles que pensam nessas práticas

⁴ TAN, Kevin S.Y. Constructing a martial tradition: rethinking a popular history of karate-dou. **Journal of Sport and Social Issues**, Thousand Oaks, CA, n. 28, p. 169 – 192, 2004.

⁵ Mais adiante retomarei essa tese apresentando alguns dados empíricos; por hora, convém adiantar que para fundamentá-la baseio-me em pesquisas realizadas no Arquivo do Estado de São Paulo a respeito dos filmes de artes marciais orientais exibidos nos cinemas do centro da cidade de São Paulo, em pesquisas realizadas na Gibiteca Henfil, onde localizei uma revista de histórias em quadrinhos com a mesma temática, em pesquisas realizadas no arquivo digital do periódico de grande circulação “Veja” e em sites da internet onde foram pesquisados alguns seriados de televisão. Em comum todos esses “produtos” da indústria de entretenimento possuem o mesmo espaço cronológico, as décadas de 1960 e 1970.

corporais como algo estritamente oriental, uma vez que um primeiro contato dessas com as formas ocidentais de trabalho corporal já havia se efetivado.

Em outras palavras, nesse momento – o Pós-II Guerra – as artes marciais, mais notadamente as de origem japonesa, já são pensadas e desenvolvidas – sobretudo em seus países de origem – sob uma perspectiva moderna⁶. Afinal, o objetivo agora não seria mais o de garantir uma preparação para a guerra e isso é claro. Porém, o que ainda não estava claro era o entendimento quanto à função dessas práticas. A que elas serviriam, afinal?

Apesar de nesse momento – e ainda hoje – a resposta para esse questionamento ainda não estar muito clara – tanto mais quando se tem em mente a multiplicidade de interesses e possibilidades de experiências a que foram vinculadas essas práticas, ao longo do tempo e que ainda hoje podem ser observados –, algo que ganha corpo nesse momento é a associação entre as artes marciais orientais e outros três ideais.

Os dois primeiros são mais antigos, ou seja, já estavam presentes mesmo antes da II Guerra, mas, nesse momento, recebem um novo impulso, quais sejam: o ideal de saúde e o ideal esportivo. Porém o terceiro e mais interessante é totalmente novo – ou pelo menos o seu enfoque. É como uma resposta pretensamente efetiva a uma suposta nova necessidade (ou ilusão) que começava a fazer sentido no cotidiano das grandes cidades do ocidente: o discurso em torno dessas práticas, como forma defesa pessoal.

Esse é um discurso que coloca essas práticas como uma forma do cidadão comum defender-se do aumento da violência urbana frente à inoperância do aparato público de segurança ou da desconfiança em relação à capacidade desse aparato de conter essa crescente demanda. E assim esse discurso rapidamente passou a ser utilizado com uma forma de propaganda para essas práticas.

Empiricamente os efeitos desse discurso ainda hoje podem ser facilmente percebidos, na medida em que é comum observar, em meio ao rol de benefícios supostamente oferecidos pela prática de uma determinada arte marcial oriental, a chamada “defesa pessoal”. Mais do que isso, é muito comum encontrar, entre os motivos que levam as pessoas a buscar esse tipo de prática na cidade de São Paulo, a

⁶ Para um melhor entendimento do sentido moderno das artes marciais orientais sugiro a leitura do capítulo 1 da primeira parte do estudo, intitulado: “*As filhas de Marte adotadas por Salus e Victória: da necessidade ao sentido moderno*”.

justificativa de que com ela essas pessoas estão buscando meios para melhor se defender da violência urbana.

Outro aspecto importante a ser destacado, no que tange ao modo como esse novo impulso das artes marciais orientais no período Pós-II Guerra se fez sentir na cidade de São Paulo, refere-se à origem de grande parte dos filmes de longa metragem e seriados de televisão exibidos no Brasil e relacionados a essas práticas.

A partir do período Pós-II Guerra assiste-se a um aumento na oferta dessas produções, com destaque para as produções total ou parcialmente financiadas pelo capital norte-americano⁷. Tal constatação traz consigo o seguinte questionamento: as representações construídas em torno das artes marciais orientais no Brasil teriam como base as imagens veiculadas por essas produções? Se sim, até que ponto essas representações teriam relação com a realidade cotidiana dessas práticas corporais? Essas representações teriam agido no sentido de despertar o desejo das pessoas em relação à busca pela prática das artes marciais orientais na cidade? E quais seriam as características desse público?

De qualquer maneira, esse impulso Pós-II Guerra parece ter agido no sentido de transformar as artes marciais em um “produto” ao mesmo tempo local e global, dada sua capacidade de ser consumido, independentemente da região do mundo em que se quisesse difundir-lo. E isso tudo graças, principalmente, à associação das tradições orientais com os elementos próprios do mundo ocidental, mais especificamente da cultura corporal do ocidente e também com o auxílio da indústria de entretenimento.

Cada questionamento levantado guarda em si ricas possibilidades de aprofundamento. Todavia, para a presente pesquisa buscou-se na memória (passada e presente) dos mestres de artes marciais orientais detalhes a respeito desse processo na cidade de São Paulo. Uma vez confrontados, esses depoimentos pareceram expressar uma disputa. A disputa por uma memória legítima em torno do processo de disseminação das artes marciais orientais na cidade de São Paulo, com destaque para o embate entre a tradição e o esporte.

⁷ São considerados clássicos do período: os filmes estrelados pelo ator sino-americano Bruce Lee produzidos pela Shaw Brother's; o seriado “Besouro Verde” produzido pela 20th Century Fox Television e Greenway Production, que tinha esse mesmo ator como coadjuvante no papel de “Kato”; e também o seriado “Kung Fu” produzido pela Warner Brothers e estrelado pelo ator norte-americano David Carradine. Disponível em: <<http://www.infantv.com.br>>. Acesso em 07 de fevereiro de 2009.

Qual o papel do aumento na visibilidade dessas práticas na cidade, no sentido de atrair novos adeptos? Qual o papel dos mestres orientais? Qual o papel dos mestres brasileiros? Atualmente o que seriam essas práticas: arte marcial, saúde, defesa pessoal ou esporte? Qual a melhor arte marcial? Foram essas as questões que nortearam as temáticas que serão discutidas na sequência.

1 – Artes Marciais orientais e sua visibilidade na cidade: o surgimento de um novo tipo de mestre, os cinemas do Centro e o “Judoka”

Diferentemente do que se observava em termos de artes marciais orientais em São Paulo, nas primeiras décadas do século XX, quando a prática estava restrita às colônias de imigrantes japoneses, as décadas posteriores ao fim da II Guerra marcam não só uma maior difusão das práticas, mas também uma maior diversidade dessas práticas. Dito de outra maneira, a chegada de novos mestres provenientes não só do Japão, mas também de outros países do oriente promove um significativo aumento na oferta de experiências possíveis em relação à prática das artes marciais na cidade de São Paulo.

Assim, foram traçadas metas que, apesar de abarcarem apenas parte das possibilidades de análise acerca do tema, permitiram a descoberta de uma parcela significativa do processo de disseminação de algumas das artes marciais mais praticadas na cidade de São Paulo.

Foram colhidos os depoimentos de mestres de artes marciais originadas na China (Hong Kong), Coréia do Sul e Japão. Assim, é importante destacar que essa pesquisa fundamentou-se na memória de mestres de artes marciais brasileiros e imigrantes.

Conforme dito anteriormente, no Pós-II Guerra, mas, principalmente a partir das décadas de 60 e 70, aumenta o número de artes marciais orientais possíveis de serem praticadas na cidade, porém foram diferentes os caminhos trilhados por elas do extremo oriente até o Brasil, ou seja, a forma como cada uma delas foi introduzida em nosso país⁸. Isso significa dizer que diversos foram os motivos que trouxeram para o

⁸ Apesar da generalização contida no parágrafo acima, destaco mais uma vez que o presente estudo tratou apenas de algumas das artes marciais mais populares em nosso país originadas na China, Japão e Coréia do Sul.

nosso país pessoas que, em sua bagagem, levavam, além de seus bens materiais, o conhecimento sobre uma determinada arte marcial oriental e que aqui, mais tarde, passaram a ser chamados de mestres.

Foi possível observar três vertentes distintas entre os depoentes. A primeira delas já foi apresentada na primeira parte do presente estudo e refere-se ao “*caminho da colônia*”, a segunda seria a “*vertente militar*”, e a terceira seria aquela cuja motivação estava na necessidade de “*aventurar-se*”. Vale lembrar que essas são categorias que não podem ser generalizadas; entretanto, são elas as que melhor expressam o que emergiu dos depoimentos colhidos, no que se refere às motivações para a vinda dos mestres para o Brasil e de sua opção pela difusão de uma determinada arte marcial oriental.

O caminho da colônia

O caminho da colônia é a vertente que explica o processo de disseminação de grande parte das artes marciais de origem japonesa. É expressa basicamente por uma situação em que o imigrante, uma vez no Brasil e de alguma maneira ligado à colônia de seu país de origem, decide difundir a prática de uma determinada arte marcial oriental, a princípio entre seus patrícios e posteriormente entre os brasileiros. Nesse caso, existem muitas nuances, sobretudo, quanto ao tipo de recompensa obtida por cada mestre, em função do “trabalho” realizado, variando do voluntariado até as situações em que as artes marciais orientais assumiram o lugar do principal meio de subsistência para os mestres, passando pela contribuição simbólica – quando a prática assumia a posição de uma atividade secundária em relação à principal ocupação dos mestres.

Masatoshi Akagi, Matsumoto, Ciutoco Kojima são exemplos de mestres que promoveram – e ainda promovem – a difusão da arte marcial que representam, como uma segunda atividade, porém de forma voluntária: o primeiro com o Sumô e os dois últimos com o Kendo. Mateus Sugizaki e Makoto Nishida são exemplos de mestres que difundem a prática de uma arte marcial japonesa como uma atividade secundária, o primeiro com o Judô e o segundo com o Aikido; por fim, temos Tomeji Ito e Koji Takamatssu como exemplos de mestres que têm no Karatê seu principal meio de

subsistência. Em comum, todos eles possuem o laço com a colônia japonesa, senão até os dias de hoje, ao menos até o momento em que iniciaram a prática.

É importante destacar também, no que se refere às artes marciais japonesas, em São Paulo, que o tipo de recompensa recebida por cada mestre parece ter uma forte relação com pelo menos três aspectos fundamentais: a) a assimilação por parte dos mestres do “*modus vivendi*” brasileiro, ou seja, a adaptação do mestre à realidade local; b) o nível de popularidade conquistado ao longo do tempo pela prática propriamente dita; e c) o grau de esportivização da prática.

Quanto ao nível de assimilação de aspectos referentes ao “*modus vivendi*” pelos mestres imigrantes, ao longo dos anos de permanência no Brasil, sobretudo a língua e os costumes e o tipo de recompensa adquirida através do trabalho com as artes marciais japonesas, parece existir uma relação de proporcionalidade entre os dois fatores, pois, não obstante o fato de ao buscar uma determinada arte marcial oriental, muitas pessoas preferirem uma prática “original” ou “pura”, é necessário que aquele com quem se queira aprender tenha condições de transmitir seus conhecimentos de uma forma que seja culturalmente aceitável e inteligível para o praticante.

Um exemplo dramático a respeito da questão encontra-se no depoimento de Tomeji Ito, no momento em que ele conta como se tornou mestre de Karatê, em São Paulo. Apesar de extenso, esse trecho merece ser transcrito na íntegra, pois ilustra, com riqueza de detalhes, o que estamos afirmando:

Primeira aula que nós tivemos foi assim... Juntou mais ou menos oito alunos, tudo faixinha branca, sem saber de nada. Aí chegou um rapaz magro, alto, com faixa na cabeça... Quero tudo ver com o estômago duro aí, e todo mundo tinha almoçado... (risos) Ele chegou assim... “Ih rapaz! Essa sua barriga tá muito mole” Aí tun! Aí botou tudo pra fora... “Quê isso! Você vem no Karatê de barriga cheia?” Esse foi o primeiro dia. Da segunda vez era só três, eu e mais dois só (risos). [...] Aí um mês depois tava só eu, dá minha turma tava só eu. Você tinha que ver como era difícil. [...] Então a razão disso que fala que era uma prática irracional... Ele foi aguentando, aguentando, aguentando... Ele chegou e falou: Pinatti, Karatê... Nós Brasil, pra vocês ter sucesso você não pode fazer Karatê japonês assim... Karatê japonês, a filosofia é boa, mas a prática de físico não é boa. Aí de vez em quando ele trazia o Sensei... [...] E ele trazia os alunos dele mais adiantados pra bater no faixa branca. Aí eu comecei a estudar e falei: “não, não é assim não. Não é pra apanhar não, vamos bater também. Que negócio é esse?”. E foi aí que nós começamos a fazer frente a frente com os alunos do Sensei Harada, certo? A gente falou: “não afasta não vai em frente e entra junto”. Aí era dente quebrado, (risos) sangue pro nariz (risos), era estupidez, totalmente estúpido. Aí eu comecei a estudar sobre filosofia... O Sensei Funakoshi fundou Karatê, mas não era pra isso, não era pra acontecer isso. O quê que é? Pra ter boa saúde, para ter boa formação, né? Então por que eu vou atingir meu oponente? Aí o negócio mudou, eu comecei

a estudar, estudar, estudar... O Sensei Harada foi embora, o Sensei Pinatti, mudou pra capoeira... Aí eu comecei a pegar todos aqueles alunos meus e comecei a estudar com eles. No meio tinha, médicos, dentistas, engenheiros, e falam: “é isso que nós queremos”. Aí eu criei essa Budokai⁹ e até hoje não parou mais¹⁰.

Com relação ao posicionamento de Tomeji Ito frente aos métodos empregados pelos mestres japoneses nos primórdios do processo de disseminação do Karatê na cidade de São Paulo, cabe destacar que, apesar de também ser de origem japonesa, esse mestre aprendeu a prática em São Paulo e em um momento bem posterior a sua chegada ao Brasil, sendo, nesse sentido, uma hipótese plausível, para o seu posicionamento de negação em relação aos métodos tradicionais de ensino do Karatê empregados naquele momento na cidade, o alto grau de adaptação desse mestre ao “*modus vivendi*” na cidade de São Paulo.

No que se refere à popularidade conquistada por cada uma das práticas e o tipo de recompensa adquirida pelos mestres, a conclusão é relativamente óbvia, pois, quanto mais popular é a arte marcial oriental, maior é o número de praticantes e, por consequência, maior a possibilidade de se obter lucro a partir da atividade.

Assim, entre as artes marciais japonesas estudadas, Judô e Karatê são as mais populares e isso se reflete no número de praticantes e na possibilidade de um determinado mestre, imigrante ou não, sobreviver a partir de seu trabalho com a prática. Na outra extremidade, temos o Kendo e o Sumô, práticas que gozam de uma popularidade menor, o primeiro em razão da dificuldade de acesso aos materiais necessários à prática e também em função do fato de estar ainda hoje muito restrito à colônia japonesa – na verdade só bem recentemente que o Kendo tem rompido essa barreira, tendo como grande incentivador o próprio mestre Ciutoco Kojima –; o segundo em função do preconceito em relação à prática propriamente dita que, quando divulgada nos meios de comunicação de massa, é sempre associada à figura dos lutadores profissionais, em geral muito obesos.

Por fim, a questão do grau de esportivização de cada uma dessas práticas e, nesse quesito, a associação com a popularidade é imediata, pois uma medalha olímpica é sempre uma grande ferramenta de propaganda. Mas essa é apenas a superfície da questão. Na verdade, os desdobramentos provenientes do processo de esportivização vão além, uma vez que ele atua também em uma dimensão ainda mais

⁹ Nome da associação de Karatê dirigida por Ito na cidade de São Paulo.

¹⁰ Tomeji Ito, em depoimento ao autor, concedido em 19 de maio de 2005, na cidade de São Paulo.

poderosa, a dimensão cultural, porque o esporte, associado às artes marciais orientais, funciona como uma espécie de tradutor para essas práticas, permitindo que elas sejam praticadas em qualquer parte do mundo e em qualquer situação, sobretudo pelos não orientais.

Nesse aspecto, é menos importante saber se uma determinada arte marcial oriental ocupa ou não o topo do que Bourdieu (1990) chamou de “hierarquia do mundo dos esportes¹¹”, pois, uma vez nesse universo, o processo de tradução já se inicia e, por conta disso, o acesso a ela se torna mais fácil. Todavia é evidente que, à medida que ela se aproximam do topo, maior se torna a sua tradução e, por conseguinte, o acesso dos não orientais à prática. A esse respeito, as seleções brasileiras masculina e feminina de Judô que atuaram nas olimpíadas de Pequim 2008 nos oferecem dois exemplos simples, porém emblemáticos de como o processo de esportivização das artes marciais orientais atua na tradução dessas práticas.

Seus integrantes foram, conforme dados da Confederação Brasileira de Judô: Masculino – categoria até 60kg: Denilson Lourenço/SP e Alexandre Lee/SP; categoria até 66kg: João Derly/RS e Leandro Cunha/SP; categoria até 73kg: Leandro Guilherme/SP e Victor Penalber/RJ; categoria até 81kg: Tiago Camilo/RS e Flávio Canto/RJ; categoria até 90kg: Eduardo Santos/SP e Hugo Pessanha/RJ; categoria até 100kg: Luciano Correa/MG e Leonardo Leite/RJ; e categoria acima de 100kg: João Gabriel Schlittler/RJ e Walter Santos/SP. Feminino – categoria até 48kg: Sarah Manezes/PI e Daniela Polzin/RJ; categoria até 52kg: Erika Miranda/MG e Andressa Fernandes/SP; categoria até 57kg: Ketleyn Quadros/MG e Danielle Zangrando/SP; categoria até 63kg: Danielli Yuri/SP e Vania Ishii/SP; categoria até 70kg: Mayra Aguiar/RS e Maria Portela/SP; categoria até 78kg: Edinanci Silva/SP e Claudirene Cesar/SP; e categoria acima de 78kg: Priscila Marques/SP e Aline Puglia/SP¹². Chama a atenção o número reduzido de integrantes com descendência oriental. Vale lembrar que, de todas as artes marciais orientais conhecidas no Brasil, o Judô seria aquela que, na perspectiva de Bourdieu (1990), ocuparia o ponto mais alto da hierarquia esportiva, é popular, movimentada um mercado relativamente grande de bens de consumo associados, é olímpica e, além disso, é também uma das modalidades em que o Brasil conquistou mais medalhas.

¹¹ BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? In. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

¹² Disponível em: < <http://www.cbj.com.br/novo/institucional.asp>>. Acesso em 06 de fevereiro de 2009.

Mais do que um mero acaso, esse breve exemplo mostra a força do processo de esportivização, no sentido de traduzir as artes marciais orientais no ocidente. Mostra como o esporte é capaz de tornar familiar práticas originadas em culturas por vezes extremamente diferentes.

Adiante retomarei esse ponto¹³. Por hora, resta dizer que esses três aspectos fundamentais para o entendimento da vertente de disseminação das artes marciais orientais em São Paulo, que batizei de “o caminho da colônia”, não são exclusivos das práticas de origem japonesa, porém, nesse estudo, as outras práticas (coreanas e chinesas) analisadas apresentaram outras especificidades. Conforme veremos.

Uma vertente militar

A vertente militar é expressa por uma situação, em certa medida inusitada, que no Brasil teria unido as artes marciais orientais ao regime militar. Em São Paulo essa situação foi experimentada pelas artes marciais coreanas, Taekwondo, mais notadamente, e em menor grau pelo Hapkido. Entretanto, antes de apresentar os detalhes em torno da vinda dos mestres coreanos para São Paulo falarei, ainda que de forma abreviada, da imigração coreana no Brasil.

As relações diplomáticas entre o Brasil e a Coreia do Sul iniciaram-se em 1959. Em 15 de março de 1962, o governo coreano promulga a lei de emigração e, em 11 de julho do mesmo ano, foi aberta, no Rio de Janeiro, a embaixada da Coreia do Sul. Em 1965 é inaugurada a embaixada brasileira em Seul.

A emigração coreana para o Brasil se assemelha ao processo vivenciado pelos imigrantes japoneses do Pós-Guerra (também conhecida como “segunda fase”), tendo sido implementada por civis, através de “contrato de emigração”. A primeira leva de imigrantes oficiais chegou em 12 de fevereiro de 1963, sendo composta por 17 famílias e 11 militares, perfazendo um número de 103 pessoas que desembarcaram no Porto de Santos.

Todavia, antes da chegada desse primeiro grupo, já havia alguns coreanos no Brasil: eram 4 imigrantes coreanos naturalizados japoneses que vieram em

¹³ Retomarei esse ponto novamente no capítulo 2 “Ocidentalização e esportivização a brasileira: tradições e identidades ou as pedras no caminho”.

1918¹⁴, durante o período em que a Coréia era uma colônia japonesa, e 52 ex-prisioneiros da Guerra da Coréia, que foram enviados pela ONU para o Brasil em 1956.

Tal como a grande maioria dos imigrantes que vieram em períodos anteriores, esse primeiro grupo de imigrantes oficiais foi acomodado na Hospedaria dos Imigrantes. Interessante notar que os coreanos foram o último grupo de estrangeiros a utilizar o local.



Figura 4¹⁵

Os dias iniciais desses primeiros imigrantes em São Paulo foram marcados por problemas. O principal deles está relacionado à terra em que deveriam se fixar, uma vez que, ao sair da Coréia, acreditavam que seu destino seria uma fazenda na cidade de Capão Bonito, interior de São Paulo. Entretanto, ao chegarem, eles descobriram que seu destino seria a cidade de Miracatu, também no interior de São Paulo. Isso causou grande incerteza e medo entre eles. Além disso, sua transferência da Hospedaria dos Imigrantes para Miracatu, que deveria ter sido rápida, ocorreu apenas dois meses depois¹⁶.

Além da incerteza em relação ao seu destino esses primeiros imigrantes se depararam também com as questões de ordem financeira, sobretudo em função da

¹⁴ A naturalização desses coreanos em japoneses deve-se ao fato de que na época: “os coreanos eram obrigados a adotar um nome japonês, o que vigorou durante todo o tempo em que a Coréia foi colônia do Japão. Tal prática era conveniente para disfarçar a origem étnica, em virtude dos preconceitos da sociedade japonesa para com os coreanos. Essa prática, entretanto, não foi generalizada”. (Cf.: CHOI, Keun Joa. Op. cit. p.29)

¹⁵ Fachada central da Hospedaria dos Imigrantes, atual Memorial do Imigrante localizado à Rua Visconde de Parnaíba, nº. 1316, no bairro da Mooca, na cidade de São Paulo, primeiro destino de grande parte dos imigrantes que vieram para o Estado de São Paulo durante o século XX. (Foto retirada do arquivo pessoal do autor)

¹⁶ CHOI, Keun Joa. Op. cit. p.53.

diferença cambial existente entre a moeda coreana e o Cruzeiro, que na época era desfavorável a eles. Sobre essa questão comentou Augusto Myung Ho Kwon:

[...] então já chegava ficava..., já chegava ficava pobre dez vezes menos, então pessoa vinha com mil dólar, 500 dólares, 150 dólares depois que vendeu casa não tinha nada por que transformando em dólar, depois em cruzeiro não valia nada¹⁷.

Além disso, para o grupo que optou por se fixar no campo outros problemas surgiram, tais como a inexperiência, a diferença cultural e o desconhecimento da língua portuguesa; tudo isso somado, redundou na incapacidade de adaptação à realidade agrícola brasileira daquele período, fazendo que, com o tempo, muitos deixassem o campo para se fixar nas cidades. Mais uma vez o depoimento de Augusto Myung Ho Kwon nos traz indícios importantes do que foi o período:

[...] porque lá no campo não havia nada, ofereceu terra, mas terra foi tomada por posseiro e são como vocês bem sabem com “jeitinho brasileiro” coreano não pôde tomar posse, o documento que comprou era fraudulento, então novamente essa trilha era dificuldade dos coreanos que enfrentam no Brasil foram obrigado a morar na cidade e na casa dos amigos, ora quem chegou aqui no Brasil antecipadamente¹⁸.

As emigrações oficiais em massa para o Brasil estenderam-se até 1966, quando o governo brasileiro passou a restringir a entrada de imigrantes coreanos. Como justificativa para isso, foi utilizada a dificuldade de adaptação ao solo brasileiro. A partir de então, o que se verificou foi uma imigração mais pulverizada e com fins específicos, além daquela de caráter clandestino.

Entre 1968 e 1970, conseguiram vistos de entrada apenas os coreanos que possuíam relações de parentesco com aqueles que vieram nas primeiras levadas imigratórias, ou aqueles que foram contratados como técnicos, à semelhança do que aconteceu com os imigrantes japoneses do mesmo período.

A emigração coreana para o Brasil tem ainda outro ponto em comum com a japonesa, pois, em ambos os casos, o principal destino almejado eram os Estados Unidos da América e, nesse sentido, a vinda para o Brasil era tida apenas como um “trampolim” para se alcançar o principal objetivo. Assim, não são raros entre os

¹⁷ Extraído da fala de Augusto Myung Ho Kwon, então presidente da Associação Brasileira dos Coreanos, (ABC) em 07 de junho de 2003, durante mesa redonda comemorativa aos 40 anos de imigração coreana no Brasil, promovida pelo Instituto de Psicologia da USP (IP-USP).

¹⁸ Ibid.

coreanos casos de imigrantes que chegaram ao Brasil durante as décadas de 60 e 70 e que, tão logo obtiveram os recursos necessários, re-emigraram para os Estados Unidos da América.

Depois de três anos de muita dificuldade no campo, 90% dos imigrantes coreanos já havia se transferido para São Paulo, pois, diferentemente do que ocorreu com os imigrantes japoneses, que em grande parte dos casos tinha origem agrícola, os coreanos eram sua maioria urbanos e isso, somado ao período conhecido como o do “milagre econômico¹⁹”, atraiu muitas dessas pessoas para as grandes cidades em busca de trabalho. Nesse panorama, a cidade de São Paulo, então em pleno processo de industrialização, passou a ser o destino predileto, alimentando o sonho de independência econômica dos imigrantes coreanos.

A esse respeito, Choi (1991) esclarece que os primeiros imigrantes exerciam na Coréia do Sul atividades no ramo comercial, o que significa dizer que não possuíam nenhuma experiência agrícola. Contudo, vieram para cá movidos pelo sonho de, um dia, se converterem em pequenos proprietários de terra. Nesse sentido, a mudança de objetivo se explica, pois:

[...] para os que não tinham nenhuma experiência agrícola, as condições encontradas muitas vezes foram desanimadoras, na medida em que teriam de iniciar pela construção da própria moradia dentro da mata, perfurar poços para a captação de água etc. O fato do Brasil surgir na década de sessenta como um país em pleno processo de industrialização ampliou consideravelmente as oportunidades oferecidas aos imigrantes. O início do desenvolvimento da indústria pesada significou a absorção de mão-de-obra até então marginalizada. Ao mesmo tempo, a mecanização crescente na zona rural explica, em parte, o grande êxodo em direção à capital, onde as expectativas de trabalho e de salário pareciam mais tentadoras. Os brasileiros e os imigrantes em geral, inclusive os coreanos, não resistiram a essa onda²⁰.

Ao chegarem a São Paulo, os coreanos que haviam desistido da atividade agrícola entravam em contato com seus conterrâneos, que já se encontravam instalados na “vila coreana”, local onde posteriormente também eles também se estabeleciam.

A “vila coreana” situava-se entre as ruas Glicério e Conde de Sarzedas, no bairro da Liberdade. A favor da escolha dessa região específica da cidade, pesaram: a) a proximidade dos imigrantes de origem japonesa, e, por consequência, a

¹⁹ Cf.: HABERT, Nadine. Os anos de chumbo. In:____. **A década de 70: apogeu e crise da ditadura militar brasileira**. São Paulo: Ática, 1996 e GASPARI, Elio. **A ditadura escancarada**. São Paulo: Companhia das letras, 2002.

²⁰ CHOI, Keun Joa. Op. cit. p.80.

possibilidade de uma melhor comunicação através do emprego do idioma japonês; b) o baixo custo do aluguel; c) e a proximidade em relação ao centro da cidade. No depoimento de Augusto Myung Ho Kwon, é possível perceber que dentre esses três fatores o de maior influência foi o financeiro.

[...] era um lugar barato porque era uma rua de prostituição, então só de ser barato aí era tido um bairro coreano, aquela rua toda, ele começa lá em cima da praça João Mendes e desce lá em baixo até Glicério. É uma rua bastante povoada muita sujeira, muitas pessoas que atuavam na prostituição, um lugar uma tanto quanto complicado, mas era barato. Então assim pessoas se concentrava ali, porque coreanos que chegavam, chegavam pobres que moeda coreana daquela época era muito pouco valorizada em relação a dólar²¹.

Na cidade de São Paulo, os imigrantes coreanos desenvolveram suas atividades econômicas, fundamentalmente no ramo de confecções, concentrando-se no setor atacadista dos bairros do Brás e do Bom Retiro. A opção pelo ramo de confecções se deu pelo fato de os coreanos entenderem ser esse tipo de atividade o meio mais rápido de obterem retorno financeiro.

Todavia, a opção por esse ramo de trabalho não foi imediata, permanecendo, os coreanos, durante muito tempo, em atividades comerciais de cunho informal, para conquistar o capital financeiro necessário e assim se estabelecer no mercado de confecções.

Nesse panorama, ganhou destaque a atuação das mulheres coreanas, que, nesse primeiro momento, se dedicaram à venda de artigos orientais de casa em casa. Essa situação acabou gerando certa tensão no interior das famílias de imigrantes que se fixaram na cidade e São Paulo, uma vez que tradicionalmente as famílias coreanas possuem uma estrutura patriarcal extremamente rígida, cabendo ao marido o provimento dos bens materiais. As palavras de Choi (1991) ilustram bem essa situação:

Cabia às mulheres a venda das mercadorias. Os maridos ficavam em casa cuidando das crianças, ou as acompanhavam, permanecendo no carro. Para eles, a venda se tornava mais difícil, não só por serem homens orientais, mas, sobretudo, por conservarem certo orgulho inerente à classe média coreana. Mesmo que provocassem certos atritos nas relações familiares, alguns padrões deveriam continuar sendo respeitados. Não havia outras alternativas²².

²¹ Depoimento concedido ao autor por Augusto Myung Ho Kwon, em 12 de setembro de 2003, na cidade de São Paulo. (Grifo nosso)

²² CHOI, Keun Joa. Op. cit., p.99.

Esse conflito familiar foi apenas um dos problemas, pois a ingenuidade dessas mulheres fez com que muitas fossem vítimas de estupro ao desempenharem seu trabalho. Conforme nos aponta Augusto Myung Ho Kwon:

Essas coreanas saiam com roupas que produzidas no fundo de quintal do patrício, colocavam numa sacola pegavam linha..., linha até pro final de Santo Amaro batiam palma de casa em casa e normalmente fazia prestação 3, 4, 5 parcelas e assim que vendia, não sabia nem falar português e colocava o número, então dona de casa experimentava. Homem tava lá desocupado e tavam achando muito engraçado com toda essa situação muitas vezes trancava a porta e sabe o que acontecia? Havia muito estupro, muitas coreanas foram estupradas, estupradas eu digo, estupradas mesmo no concepção do crime²³.

A vida dos coreanos que se fixaram na cidade de São Paulo não foi fácil, sobretudo para os de origem clandestina. Para regularizar a situação dos clandestinos, o governo brasileiro, por três vezes, concedeu-lhes a anistia; em 1969, 1980 e 1988. Em sua maioria os clandestinos eram procedentes da Bolívia ou do Paraguai e logo que adentravam o território nacional recebiam a ajuda de seus conterrâneos.

Muitos deles foram utilizados como mão-de-obra barata em condições de trabalho que eram consideradas sub-humanas por parte das autoridades brasileiras da época. O depoimento do então delegado e superintendente da Polícia Federal, Romeu Tuma, citado por Choi (1991), é representativo do modo como as autoridades brasileiras da época enxergavam as condições nas quais eram mantidos os imigrantes clandestinos:

Existia uma enorme exploração [...]. Muitos dos coreanos que chegaram são mantidos em situação de penúria, quase que se pode falar de cárceres privados. Empresários coreanos pagam salários miseráveis e assustam os clandestinos, dizendo que podem ser presos. A colônia é formada por gente séria e trabalhadora, mas há briga em duas pontas: exploradores e explorados²⁴.

Em 1977, uma vez constada a presença ilegal de aproximadamente 5 mil chineses e 3 mil coreanos, o Governo Militar inicia a “operação imigrantes”, cujo objetivo principal foi a verificação de um possível envolvimento entre imigrantes clandestinos e atividades de caráter subversivo. Este foi um período de grande “terror” para os imigrantes coreanos em situação irregular, a ponto de os mesmos se assustarem

²³ Extraído da fala de Augusto Myung Ho Kwon, então presidente da Associação Brasileira dos Coreanos (ABC), em 07 de junho de 2003, durante mesa redonda comemorativa aos 40 anos de imigração coreana no Brasil, promovida pelo Instituto de Psicologia da USP (IP-USP).

²⁴ CHOI, Keun Joa. Op. cit. p.117.

com a presença de qualquer pessoa que trajasse um uniforme, mesmo que fosse apenas um motorista de ônibus.

De acordo com Choi (1991), oficialmente, na ocasião em que concluiu sua pesquisa, não havia mais imigrantes coreanos em situação ilegal no Brasil, o que não significa que a imigração tenha cessado.

Diante do exposto acerca da imigração coreana, veremos agora como se inseriram nesse processo os mestres da arte marcial Taekwondo e a justificativa para a “vertente militar” do processo de disseminação das artes marciais orientais na cidade de São Paulo.

São escassos os documentos escritos a respeito da introdução da arte marcial Taekwondo em São Paulo; assim, a memória de um dos mestres precursores dessa prática no Brasil configurou-se na principal fonte a respeito do episódio²⁵.

Afirma-se que a introdução do Taekwondo em São Paulo, bem como no Brasil, teria ocorrido em resposta a um pedido supostamente feito ao General Choi Hong Hi pelo governo brasileiro. Não se sabe ao certo a data exata em que esse pedido foi feito, a hipótese mais provável é que ele tenha ocorrido em 1968²⁶, por ocasião da visita diplomática do general Choi Hong Hi, então embaixador da Coreia do Sul ao Brasil.

Conforme nos apontou Kun Mo Bang, teria sido em virtude das notícias sobre o desempenho dos coreanos na Guerra do Vietnã, que “*matavam seus adversários sem armas utilizando-se do Taekwondo*”, que o governo brasileiro solicitou a Choi Hong Hi o envio de mestres de Taekwondo na intenção de treinar a polícia no combate aos grupos de esquerda, na época, envolvidos na luta armada contra o regime militar e que, por conta disso, eram classificados como “terroristas²⁷”. Conforme trechos extraídos do depoimento de Kun Mo Bang em dois momentos, 1998 e 2003:

Então, nós viemos aqui no Brasil pra ensinar policial militar que nosso convite foi

²⁵ Falarei dos depoimentos concedidos por Kun Mo Bang em duas ocasiões, 14 de novembro de 1998 e 11 de outubro de 2003, ambos na cidade de Marília-SP.

²⁶ A eleição do ano de 1968 como o momento em que Choi Hong Hi vem ao Brasil está fundamentada no depoimento do mestre Kun Mo Bang, que, não obstante afirmar que Médici teria sido o interlocutor de seu mestre, afirma também que sua emigração, bem como a do mestre Sang In Kim, seu companheiro na viagem, teria acontecido três anos após esse primeiro contato, em 1971. Entretanto, vale lembrar que Médici assumiria apenas em 69 a presidência da República. (Cf.: GASPARI, Elio. **A ditadura escancarada**. São Paulo: Companhia das letras, 2002)

²⁷ Os assim batizados pelo governo militar eram os grupos e organizações de esquerda que, no período entre 1969 e 1974, empreenderam a resistência armada contra a ditadura. (Cf.: HABERT, Nadine. Op. Cit. e GASPARI, Elio. Op. Cit.)

68, né. Sessenta e oito eu... Aquele época não tinha Federação Mundial, tinha Federação Internacional, né? Federação Internacional presidente era General Choi Hong Hi, ele 68 ele foi nomeado do embaixador da Malásia aí ele tava trabalhando com embaixador Malásia, aí deu oportunidade que ele recebeu do presidente pra viajar mundo, parece que tinha algum negócio, não sei. Ele chegou Brasil... [...] então chegou aqui no Brasil é presidente Médici, então conversando, acho era sobre guerra da Vietnã, Guerra da Vietnã: “Ah coreano soldado que matou 28 vietcongue sem armas, o que é isso?” Choi Hong Hi que do exército, que nós mandamos, Choi Hong Hi mandou um tropa de instrutores do Taekwondo para o Vietnã, então explicando. “Ah então por que não manda aqui Brasil? Brasil nós estamos sofrendo terrorismo que terrorismo que usava arma metralhadora mata... Pegar um e pegava metralhadora e civil que não tem nada a ver tá morrendo, então se você mandar esses técnicos em Taekwondo poderia sem matar civil pegar o terrorista²⁸”.

Aceitar essa versão significa, por conseguinte, admitir que o processo de imigração de mestres de Taekwondo coreanos ocorreu em resposta a um tipo de motivação bem diferente, por exemplo, daquela que trouxe os mestres japoneses que vieram no período anterior à II Guerra, pois os mestres coreanos, ao menos os primeiros, teriam vindo para cá no início dos anos de 1970, não em busca de uma vida melhor, mas com o objetivo específico de divulgar a cultura coreana no Brasil²⁹ e em resposta ao pedido feito ao General Choi Hong Hi pelo governo brasileiro. Eram mestres profissionais que tinham na arte marcial oriental sua principal ocupação nos primeiros anos de permanência no Brasil. Vieram para cá com essa função e, como consequência, estabeleceram uma “vertente militar” para o processo de disseminação das artes marciais orientais em São Paulo.

Contudo, apesar de esse convite ter sido feito em 1968, não foi imediatamente que os primeiros mestres de Taekwondo decidiram emigrar para o Brasil. Assim, foi apenas em junho de 1970 que o primeiro mestre de Taekwondo, Sang Min Cho, chegou ao território nacional³⁰.

Quanto a esse intervalo entre a data do convite e a chegada do primeiro mestre ao nosso país teria, pesado, principalmente, tal como no caso dos primeiros imigrantes coreanos, o total desconhecimento acerca do Brasil, conforme nos revelou Kun Mo Bang em seu depoimento:

²⁸ Kun Mo Bang, em depoimento concedido ao autor, em 11 de outubro de 2003, na cidade de Marília-SP.

²⁹ CHOI, Keum Joa. Op. cit.

³⁰ KIM, Yeo Jin. **A arte Marcial Coreana: Taekwondo**. São Paulo: Thirê, 1995.

Mas como Brasil não tava bem divulgado na Coréia, então a maioria não quis, não conheciam o Brasil direito. O Brasil é só Amazônia, mato. Conheciam muito pouco... só Pelé, Copacabana, não sabiam direitinho como era o Brasil. Também salário Brasil aquela época era muito barato. Treinaram vários homens transformando-os em instrutores internacionais, mas ninguém quis vir para o Brasil. E aí ficou vai, não vai, vai, não vai, e aí decidimos³¹.

Ao entrevistar Kun Mo Bang, em 2003, tive a oportunidade de questionar se essa atitude negativa por parte dos mestres em relação ao Brasil, em um primeiro momento, não teria sido um reflexo das notícias que porventura tivessem circulado na Coréia do Sul com relação às vicissitudes enfrentadas pelos primeiros imigrantes coreanos em nosso país. Nesse sentido, Bang contou que, apesar de ter notícia da situação dos coreanos no Brasil, essa questão não lhe interessava. Todavia na medida em que se tornava iminente a possibilidade de sua vinda, Bang passou a buscar informações sobre o nosso país.

Então foi noticiado na Coréia, mas como jovens eu tava interessado sobre o Brasil? Eu não sabia nada sobre o Brasil, mesmo meus colegas não sabia, mesmo nosso família não sabia, não tava interessado sofrimento, esse conversa do outro mundo. Você lê jornal, mas não interessa a gente não lê. Então noticiado, mas a gente não tava interessado. Mas o dia de convite aí procura saber o que é Brasil? Brasil é Amazônia, Brasil é Pelé, Brasil é Amazônia, calor, Brasil é malária, doença, Brasil é único bom que tem é Pelé, Copacabana, Santos, Santos também conhecido com um porto, bela, bonita, certo? Resto não conhecia. Você quer ir no mato? Por isso que demorou³².

A respeito dos mestres coreanos é interessante notar que, tal como ocorreu com os mestres japoneses que, com o tempo, foram rompendo os limites da colônia, para difundir sua arte entre os brasileiros, também eles, depois de algum tempo, passam a se dedicar à administração de academias³³. Entretanto, o início dos mestres coreanos no processo de disseminação do Taekwondo não teve a colônia como palco, e sim outro local. A esse respeito, o depoimento de Kun Mo Bang é bem esclarecedor:

Então, primeiro partiu Sang Min Cho pro Brasil, em 1970, acho que agosto, mais ou menos, chegou aqui no Brasil. Eu e mestre Sang In Kim chegamos juntos em 16

³¹ Kun Mo Bang, em depoimento concedido ao autor, em 14 de novembro de 1998, na cidade de Marília-SP.

³² Kun Mo Bang, em depoimento concedido ao autor, em 11 de outubro de 2003, na cidade de Marília-SP.

³³ A título de esclarecimento, destaco que essas “academias” a qual me referi são nesse momento apenas de Taekwondo sendo, portanto, bem diferentes daqueles estabelecimentos que se tornariam anos mais tarde tão comuns ao cotidiano das cidades, sobretudo de São Paulo, onde o Taekwondo é apenas uma entre as várias modalidades oferecidas.

de maio de 1971. Quando nós chegamos, Sang Min Cho já estava na DOPS de São Paulo ensinando pelotão de choque, aqui nós grupamos, mas esta já tá terminou o fim do terrorismo no Brasil, e não precisa ficar só lá em São Paulo³⁴.

Outro ponto importante, para além do fato de ter sido o DOPS de São Paulo o destino desses primeiros mestres coreanos, refere-se ao fato de Bang, ao falar sobre o período, afirmar que em 1971 já não havia terrorismo no Brasil e que, portanto seu trabalho no DOPS não era mais necessário.

Entretanto ao estudarmos alguns autores que escreveram sobre o período, percebemos que os primeiros anos da década de setenta foram marcados por uma intensa atividade dos grupos de esquerda contra o regime militar, algumas dessas atividades foram frustradas, como no caso do centro de treinamento de Carlos Lamarca no Vale do Ribeira³⁵ e no caso da chácara Ibiti em Itapeçerica da Serra³⁶, outras bem sucedidas como o sequestro de diplomatas³⁷ em troca da libertação de presos políticos, apenas para citar algumas. Em outras palavras eram os “anos de chumbo”, conforme terminologia utilizada para representar o período.

Assim, o que teria levado Bang a elaborar dessa maneira sua memória a respeito do episódio em questão? Alienação em relação à situação política do Brasil na época, ou a necessidade de “esconder” o tipo de relação que existiu entre o Taekwondo e o regime militar?

Em 2003 retomamos o assunto com Bang no sentido de tentar responder a inquietações relatadas acima, sua resposta foi a seguinte:

Não, não sei, não. Quer dizer, historicamente tá falando, então em 68 foi explicado assim aí Choi Hong Hi voltou pra Coréia pra selecionar, mandar pra Brasil pra ajudar pedido do presidente Médici, então nós chegamos depois três anos, depois três anos 71 chegou aqui terrorismo já tinha acabado. Então por isso que eu saí que nós não ficamos no DOPS por isso, não precisava [...]³⁸.

³⁴ Depoimento concedido ao autor por Kun Mo Bang, em 14 de novembro de 1998, na cidade de Marília.

³⁵ Esse episódio é apontado como a maior mobilização do II Exército. Foram feitas buscas por toda a região com homens e helicópteros, entretanto o objetivo de capturar Carlos Lamarca não foi alcançado. (Cf.: GASPARI, E. Op. Cit.)

³⁶ Nessa chácara quatro membros da “Vanguarda Popular Revolucionária” (VPR) foram surpreendidos e presos quando terminavam de pintar um caminhão, seguindo os padrões utilizados pelo Exército Brasileiro, que seria utilizado para roubar armamentos do 4º Regimento de Infantaria. (Cf.: Ibid.)

³⁷ Ibid.

³⁸ Kun Mo Bang, em depoimento concedido ao autor, em 11 de outubro de 2003, na cidade de Marília-SP. (Grifo nosso)

Se “em 68 foi explicado assim”. Para ele, “terrorista” era terrorista e nada mais. E julgar pela forma como ele relatou o episódio é bem provável que ele se orgulhe disso. Afinal, ao seu juízo ele teria prestado um importante serviço ao Brasil, além de ter cumprido a determinação de seu superior hierárquico, o General Choi.

Além disso, é interessante notar o posicionamento de Bang em se desvincular daquele que teria sido o motivo de sua vinda, o combate ao terrorismo, voltando a afirmar que em 1971, ano de sua chegada, esse já havia terminado.

Contudo, se Bang realmente permaneceu poucos dias no DOPS, talvez o que tenha ocorrido seria antes uma mudança de estratégia por parte do Governo Militar, em relação a esse tipo de atividade, em que a aprendizagem de uma arte marcial como o Taekwondo não se fazia mais necessária. Em outras palavras, o “terrorismo” não havia acabado, ao contrário, havia se intensificado, mas o que de fato poderia ter acabado seria a intenção, por parte do Governo Militar, de utilizar o Taekwondo nesse “combate”.

De qualquer maneira, essa hipótese não passa de mera especulação, pois, ao insistir nesse assunto com Bang, durante a entrevista de 2003, lembrando que essa época havia sido marcada por sequestros de aviões e embaixadores e que, portanto, o terrorismo não havia acabado, sua resposta continuou sendo negativa, entretanto reveladora de outro fato interessante:

Acho que é uma parte... Assim, sequestro assim é... Um caso que acontecendo qualquer hora, mas plano deles era ligado ao terrorismo aqui... Não sei história desse terrorismo, mas combater esse quadrilha de terrorista, então aquele linha já tá acabando, serviço registrado pra resolver, acho que já tava resolvido, aí terminando aquele plano, projeto ia acontecendo outro, sempre problema crescendo né? Mas pelo DOPS acho que já tava terminando, né? E passando pra... Porque mestre Cho, mestre Kim, passando pra dar aula Primeiro Batalhão, né? Aquele época³⁹.

De acordo com o depoimento de Kun Mo Bang, para a execução desse trabalho, nos quartéis da Polícia Militar do Estado de São Paulo, não havia a necessidade de três mestres, nem de trabalhar em tempo integral. E foi assim, a partir do tempo que lhes era livre, que esses mestres passaram a se dedicar à fundação e administração de academias de Taekwondo. Com efeito, a primeira academia fundada foi a Academia de Taekwondo Liberdade, por Sang Min Cho, ainda em 1970.

³⁹ Ibid.

No livro “*A arte marcial coreana: Taekwondo*”, Kim (1995), ao relatar da chegada do primeiro mestre de Taekwondo ao Brasil e das dificuldades por ele enfrentadas, afirma, ao contrário do depoimento de Bang, que sua missão não foi o combate ao terrorismo, mas sim a difusão do Taekwondo, de forma pura e simples.

No início do mês de junho de 1970, foi enviado ao Brasil, pelo presidente da Federação Internacional de Taekwondo general Choi Hong Hi, o grão mestre Sang Min Cho, 8º Dan, com a missão de difundir e implantar na América do Sul o Taekwondo, a arte marcial coreana. Cumprindo a missão a ele confiada, o mestre Sang Min Cho fundou a primeira academia para a prática do Taekwondo no Brasil, em 08/08/1970, atual “Academia Liberdade”. A sua fundação deu-se frente a diversas dificuldades, as principais foram o idioma português, a forma verbal de comunicação, e os hábitos e costumes do povo brasileiro⁴⁰.

Provavelmente a missão desses mestres tenha sido realmente a de divulgar o Taekwondo, e o fato dessa divulgação ter ocorrido primeiramente via quartel, em nada contradiz essa hipótese, uma vez que, na visão desses mestres, mesmo lá, eles estavam divulgando o Taekwondo. E dessa maneira é possível entender o porquê desses mestres terem permanecido no Brasil, dedicando-se à administração de academias, mesmo após perceberem que o trabalho para o qual inicialmente tinham sido “convocados” havia terminado.

Com o tempo, outros mestres coreanos chegaram a São Paulo, o que representou um grande impulso na disseminação dessa prática; entretanto, contra esse movimento, à semelhança do que ocorreu com os demais imigrantes orientais, pesaram o não domínio da língua portuguesa e diferenças culturais. O depoimento de um mestre brasileiro indica que essa diferença cultural teria se manifestado na associação entre artes marciais e a violência.

No começo foi difícil pela própria diferença de cultura, diferença de temperamento, muitos viam o Taekwondo também, até hoje, como uma arte puramente de briga. Então, houve uma certa resistência, mas a partir do momento que os outros começaram a ver que era uma arte marcial também que buscava o autocontrole, o domínio de si mesmo começou a se propagar com mais facilidade. E depois também, com a chegada de outros mestres que ajudaram bastante na disseminação do Taekwondo em São Paulo, mais notadamente na capital [...] ⁴¹.

Além disso, o grande domínio que esses coreanos tinham sobre o Taekwondo se configuraria em seu grande trunfo, na medida em que teria sido a partir

⁴⁰ KIM, Yeo Jin. Op. Cit.p.11.

⁴¹ Mauro Hideki, em depoimento concedido ao autor, em 1 de julho de 1999 na cidade de Bauri-SP.

de suas demonstrações – tal como no caso das artes marciais japonesas – que nesse primeiro momento a arte marcial começaria a se tornar conhecida.

[...] a gente sabe hoje, entre outros grandes mestres vieram, mestre Sang In Kim, além do..., depois do mestre Sang Min Cho, mestre Kum Joon Kwon, mestre Kim, Kun Hwan Kim, Kun Mo Bang, todos na minha opinião eram grandes artistas marciais cada um com a sua característica técnica, mas foram pessoas que realmente nesse primeiro momento fizeram um trabalho fabuloso, porque faziam demonstrações espetaculares e que impressionavam, eu posso estar esquecendo alguns nomes, mas basicamente são esses, além de outros que depois foram pro Rio de Janeiro que passaram por aqui, o Woo Jae Lee, o Grão mestre Woo Jae Lee, quase todos os mestres passaram por aqui na primeira academia de Taekwondo do Brasil que hoje não existe mais que era a academia do mestre Sang Min Cho [...] ⁴².

Outra questão relevante que reforça a tese de uma “vertente militar” para as artes marciais orientais em São Paulo ocorreu em 1972, quando o General Choi Hong Hi foi exilado da Coreia do Sul em virtude de uma suposta relação com o comunismo, fixando-se no Canadá, fato que desencadeou o processo de criação, em 1973, com auxílio financeiro do governo da Coreia do Sul, da “WORLD TAEKWONDO FEDERATION” (WTF), tendo na figura de Un Yong Kim seu primeiro presidente.

Esse foi um dos momentos decisivos no processo de disseminação do Taekwondo em São Paulo, pois, uma vez concretizada a saída de Choi Hong Hi da Coreia do Sul, os mestres coreanos, discípulos diretos de Choi, que aqui estavam, passariam por um momento de grande incerteza com relação aos rumos do Taekwondo. Tornaram-se órfãos da noite para o dia, perderam seu referencial, e ficaram lançados à própria sorte em uma terra estrangeira.

Nesse panorama, sua decisão pendeu em favor dos laços com sua terra natal. Assim, com a criação da WTF em 1973, os mestres coreanos, em consenso, decidem se afastar da ITF, filiando-se à primeira.

A esse respeito, pudemos perceber na fala de Bang que, a favor de sua decisão que, inegavelmente, representou uma quebra de hierarquia – um princípio fundamental nas artes marciais orientais –, pesaram fundamentalmente os fatores de ordem cultural, a ação do Consulado da Coreia do Sul e a preocupação quanto ao desenvolvimento do Taekwondo no Brasil, no que se referia à participação em campeonatos internacionais.

⁴² Carlos Negrão, em depoimento concedido ao autor, em 5 de setembro de 1999, na cidade de São Paulo.

Some-se a isso seu forte sentimento anticomunista, a relação com seu país de origem e o fato de na WTF existirem pessoas com as quais Bang cultivava laços de amizade teriam, em conjunto com a já citada ação do consulado e sua preocupação quanto à participação do Brasil em campeonatos internacionais, influenciado sua decisão de filiar-se à WTF:

[...] Quando a gente, quando estudava na universidade era obrigatório como conhecimento em geral aprender, ler, fazer trabalho marxismo, comunismo, ideal parte filosofia. Então lendo é maravilha, né? Mas prática não é, certo? Então eu não gosto de comunismo particularmente. E aconteceu e o mundo intero tava ligando, Un Yong Kim tava trabalhando, presidente da Federação Mundial aquele época, esse Un Yong Kim mesmo faculdade que formado comigo, né?⁴³

Além da afirmação de seu sentimento anticomunista, algo que o fragmento acima nos traz de novo é o fato de Un Yong Kim ter se formado na mesma faculdade de Kun Mo Bang; esse detalhe, que para nós brasileiros pode ser considerado banal, assume na cultura coreana um grande valor, na medida em que o simples fato de ter estudado na mesma faculdade fazia de Un Yong Kim, segundo as palavras do próprio Bang, como um “irmão mais velho”.

Em seu estudo sobre a imigração coreana Choi (1991) já atentava para essa particularidade dos coreanos que:

Ao contrário dos imigrantes japoneses, que se reúnem em associações de acordo com a província de origem, e chineses, que levam em conta os laços de parentesco, os coreanos se reúnem levando em conta os colégios e as universidades frequentadas na pátria. [...] Essas associações são muito importantes para seus membros. Sentem-se dentro de uma comunidade que há pelo menos um ponto em comum, isto é, o fato de terem estudado em um mesmo colégio ou universidade. Para os coreanos, esse pormenor é muito importante, não só no próprio país de origem, como em qualquer lugar onde estejam, fazendo parte de sua maneira de ser⁴⁴.

Em outras palavras, a favor da filiação de Bang à WTF parece ter concorrido o que Hoggart (1973), em seu livro “*Utilizações de Cultura*”, batizou de “a rocha dos costumes”⁴⁵, na medida em que foi a partir de uma tradição cultural coreana que se processou a aproximação entre Bang e Un Yong Kim. Essa aproximação teria se

⁴³ Kun Mo Bang, em depoimento concedido ao autor, em 11 de outubro de 2003, na cidade de Marília. (Grifo nosso)

⁴⁴ CHOI, Keun Joa. Op. Cit., p. 190-191.

⁴⁵ HOGGART, R. **Utilizações da cultura**. Lisboa: Editorial Presença, 1973.

efetivado, de acordo com a fala de Bang, através de cartas nas quais Un Yong Kim “propagandeava” a evolução da entidade da qual era presidente.

É interessante notar também que foi só a partir de uma tradição cultural coreana que se conseguiu “passar por cima” de outra tradição cultural coreana, o respeito à hierarquia e a devoção ao mestre. Uma “rocha” quebrando outra.

Uma luta em certa medida desleal, pois, contra a tradição cultural de respeito à hierarquia e de devoção ao mestre, ainda se somariam o sentimento anticomunista de Bang, por conta da ligação construída entre Choi Hong Hi e o comunismo, na qual a ação do consulado teria sido fundamental, e a preocupação de Bang com o desenvolvimento do Taekwondo no Brasil, isso sem falar de seu sentimento em relação à Coreia do Sul.

O ponto culminante de todo esse processo, que afastou os mestres coreanos da ITF a favor da WTF, teria se dado, supostamente, em 1973, quando, por ocasião da vinda do próprio General Choi ao Brasil, esses mestres tiveram a oportunidade de comunicar sua decisão.

Durante a entrevista, Bang demonstrou grande dificuldade em rememorar os detalhes desse encontro, não esclarecendo, por exemplo, quantos teriam sido os mestres que, ao lado dele, participaram dessa conversa com Choi Hong Hi, e ainda elegendo o ano de 1973 em tom de dúvida. Entretanto, Bang fez referência a pelo menos mais dois mestres, Sang Min Cho e Sang In Kim.

Eu conversei: “o senhor é meu mestre, mas eu tô aqui, já saiu do braço do pais, então eu responsável pra Brasil, futuro Brasil, então eu concordo tudo, origem o senhor tudo, meu mestre o senhor tudo, mas parte do burocracia para Brasil acho que bom ligar pra Federação Mundial”. Por quê? Federação Internacional diminuindo, ligando comunista, eu também não gosto de comunista, certo?⁴⁶

Outro detalhe com relação a esse encontro foi o fato de Choi Hong Hi ter conversado separadamente com cada um desses mestres. Entretanto, a decisão já havia sido tomada anteriormente, quando a convite do Consulado da Coreia do Sul, esses tiveram a oportunidade de assistir à exibição de uma gravação na qual Choi Hong Hi teria consolidado sua traição à Coreia do Sul e afeição ao comunismo.

Mais do que uma simples mudança de nome, a opção WTF desencadeou uma série de mudanças no que se refere à administração, bem como à dinâmica dessa

⁴⁶ Kun Mo Bang, em depoimento concedido ao autor, em 11 de outubro de 2003, na cidade de Marília-SP.

arte marcial, que gradualmente estaria se convertendo em um esporte. Entretanto, não devemos esquecer que, nesse momento, no Brasil, havia um número considerável de mestres coreanos, formados segundo a concepção de arte marcial difundida por Choi Hong Hi, cuja dinâmica era diferente daquela que passou a ser difundida pela WTF, sem falar no fato de serem coreanos recém-chegados que, para além da disseminação do Taekwondo, estariam preocupados também com questões mais urgentes, como a adaptação à realidade brasileira e a própria sobrevivência no novo país.

Além de Kun Mo Bang tive a oportunidade de entrevistar Yun Sik Kim, outro mestre coreano de Taekwondo e Hapkido. Apesar de ter chegado ao Brasil cinco anos depois de Bang, em 1976, o destino de Yun Sik Kim não foi muito diferente daquele experimentado por seu conterrâneo, anos antes, ao menos no que se refere ao primeiro local onde esse mestre encontrou emprego, na cidade de São Paulo. Dessa forma tal como Kun Mo Bang, mestre Yun Sik Kim foi empregado no treinamento de policiais na cidade de São Paulo, o que reforça a tese de uma vertente militar para a disseminação das artes marciais na cidade. Nas palavras do mestre: *“Aqui, sei lá, coreano mestre, todo mundo, gente tinha polícia militar, policial federal, polícia civil. Tudo esse, coreano mais que tinha de tudo. Eu também. [...] polícia chamando⁴⁷”*.

Quanto às diferenças entre a imigração de cidadãos coreanos “comuns” e a de mestres coreanos, no que se refere aos motivos e objetivos de ambas, é possível pontuar que a primeira ocorreu em resposta à crise econômica, vivenciada na Coreia, nos primeiros anos da década de sessenta e que seu objetivo era nitidamente a busca por melhores condições de vida, ir “além do arco-íris” e alcançar o “pote de ouro” da estabilidade financeira.

Em contraste, a imigração de mestres coreanos se diferenciaria, primeiramente por se tratar de um grupo *sui generis*, além disso, eles eram mestres profissionais, ou seja, um tipo de mestre diferente dos mestres imigrantes japoneses que, após algum tempo de trabalho na colônia, começam a se dedicar também à difusão das artes marciais orientais, primeiramente entre seus patrícios, e posteriormente entre os brasileiros; mas acima de tudo, esses coreanos eram mestres que vieram para cá com um objetivo bem definido de treinar a polícia no combate ao “terrorismo”. Entretanto, na medida em que isso não era mais necessário, eles passaram a se dedicar à disseminação do Taekwondo para além dos limites da caserna.

⁴⁷ Yun Sik Kim, em depoimento concedido ao autor, em 25 de maio de 2007, na cidade de São Paulo.

Assim, o caminho desses mestres, não teria sido, em um primeiro momento, o do “arco-íris” ou o “da colônia” e sim o “dos pés e das mãos”. Em outras palavras, o Taekwondo, expressou uma “vertente militar” com contornos que, em certa medida, podem ser considerados pioneiros para o processo de disseminação das artes marciais orientais em São Paulo.

Além dessas duas vertentes, a da colônia, experimentada pelos japoneses, e a militar, experimentada pelos coreanos, existiria uma terceira, aquela experimentada pelos mestres chineses de Hong Kong que tive a oportunidade de entrevistar, cuja principal característica residiria na necessidade “aventurar-se”, conforme veremos.

Ganhar o mundo: aventurar-se!

A presença chinesa no Brasil é estimada em cem mil imigrantes e seus descendentes, dos quais a grande maioria residiria nas cidades da grande São Paulo⁴⁸.

Apolloni (2004) propõe uma periodização para a imigração chinesa para o Brasil, dividida em basicamente dois momentos. O primeiro deles tem início em 1812, quando D. João VI autoriza a entrada de 2.000 chineses (apenas 400 vieram) para se dedicar à plantação de chá no Rio de Janeiro, indo do século XIX ao fim da II Guerra, com tímidas iniciativas de imigração⁴⁹. Foi um período marcado por intensos debates em torno da possibilidade de adoção da mão-de-obra chinesas em substituição à mão-de-obra escrava nas lavouras brasileiras e cujo resultado não foi favorável à imigração dos chineses, pois foi preterida em relação à imigração japonesa⁵⁰. O segundo momento tem início em 1949, quando chineses da China continental começam a fugir do regime comunista, perdurando até meados da década de 1970⁵¹.

Neste estudo, mantive contato apenas com dois imigrantes nascidos na cidade de Hong Kong, representantes da arte marcial popularmente conhecida como Kung Fu. Atualmente a cidade pertence à China, mas na época em que esses mestres emigraram, a década de 70 do século XX, tratava-se de um protetorado britânico.

Esse detalhe aparente banal, ou seja, Hong Kong chinesa ou Hong Kong britânica, parece ter exercido grande influência na decisão desses mestres em emigrar e

⁴⁸ FREITAS, Sonia Maria de. Op. Cit., 2001.

⁴⁹ APOLLONI, Rodrigo Wolff. Op. Cit. 2004.

⁵⁰ Cf.: LUCCOCK, 1942, citado por FREITAS, Sonia Maria de. Op. Cit., 2001; LESSER, Jeffrey. Op. Cit. 2001; e APOLLONI, Rodrigo Wolff. Op. Cit., 2004.

⁵¹ APOLLONI, Rodrigo Wolff. Op. Cit. 2004.

no desejo/necessidade de aventurar-se. Além disso, esse fato fez com que esses depoentes construíssem uma história bem diferente daquela construída pelos imigrantes chineses do continente, sobretudo, no que se refere aos motivos de sua vinda.

O primeiro imigrante de Hong Kong com quem estabeleci contato chama-se Yip Fu Kwan. Mestre Yip, como é conhecido, concedeu seu depoimento no “Instituto Yau-Man de cultura chinesa no Brasil” localizado na capital paulista. Um local onde, além do ensino da arte marcial Kung Fu, estilo Yau-Man, esse imigrante exerce também a medicina tradicional chinesa como atividade profissional⁵².

Nascido em Hong Kong, em 1946, Mestre Yip, já na infância, iniciou a prática do Kung Fu; na verdade, seu depoimento revela que a vida desse imigrante durante seu processo de formação foi marcada pelas duas atividades, que mais tarde no Brasil, durante a vida adulta, se configurariam em suas atividades profissionais.

[...] desde criança já começa a praticar arte marcial, mas época pratica arte marcial nunca pensar que vai ensinar com que tá, por que eu gosto esporte e mais ainda arte marcial gosto muito. Então época arte marcial já começava aprender alguma coisa de... tipo de... medicina tradicional chinesa, né? E depois eu reunindo todo mundo na família são médico alopata, eu também faz curso. Mas aí depois eu acho eu deve pra aperfeiçoar mais ainda, eu faz mais curso, especial curso da medicina tradicional chinesa⁵³.

Apesar de não ser um imigrante da China continental, o perfil de Yip Fu Kwan se assemelha ao dos chineses do continente, que vieram na mesma época, qual seja, o perfil de pessoas com alto nível educacional e preparo profissional, o que teria facilitado a sua inserção na sociedade brasileira⁵⁴.

A motivação de sua saída de Hong Kong não está relacionada a fatores econômicos ou políticos, algo que comumente vemos ocorrer com outros imigrantes, sobretudo da China continental, mas sim com pelo menos três fatores, sendo dois deles de foro íntimo e apenas um relacionado a uma condição concreta de seu tempo.

O primeiro desses fatores está relacionado com o fato de Yip Fu Kwan, apesar de nascido em uma família – segundo ele – economicamente estável, não

⁵² Não de não ser esse o seu plano inicial, tal como a grande maioria dos depoentes que emigraram após a II Guerra, mestre Yip irá se enquadrar, mesmo que parcialmente, no perfil já destacado de “mestre profissional”, pois sua atividade profissional na cidade, apesar de não estar exclusivamente calcada no ensino do Kung Fu, tem nessa arte marcial um de seus principais elementos.

⁵³ Yip Fu Kwan, em depoimento concedido ao autor, em 15 de setembro de 2004, na cidade de São Paulo.

⁵⁴ Sobre o perfil dos imigrantes chineses do Pós-II Guerra confira: APOLLONI, Rodrigo Wolff, Op. Cit. 2004.

desejava depender de seus familiares para sobreviver, algo que revela um traço importante de sua personalidade.

O segundo aspecto está relacionado à sua vida amorosa, pois na época Yip queria se livrar do peso de estar namorando a filha de uma pessoa influente da cidade de Hong Kong, situação que reduzia sua identidade, pois fazia com que ele fosse conhecido como o genro dessa pessoa e não Yip Fu Kwan, o médico e mestre de Kung Fu.

Na verdade esses dois motivos demonstram o anseio de Yip Fu Kwan em construir sua própria história, sua própria identidade nem que para isso fosse necessário viajar milhares de quilômetros e se instalar em um outro país e, vale dizer, em uma outra cultura, completamente diversa daquela na qual cresceu e se formou.

[...] família até de econômico ótimo, tudo bom e único coisa porque eu não gosto de depender do família [...] E segundo tem mais uma coisa também porque eu tinha uma namorada [...] Era uma moça muito rica e era muito bom, só que eu não sei se um dia... Porque todo mundo sempre pensa: “ah você vai casar com uma mulher rica tal, tal, tal...” E todo mundo pensa: “a casar moça Ken” E todo mundo fala família nome. Aí pensei: “um dia se eu casa com ela ninguém vai conhecer meu nome Yip Fu Kwan, todo mundo só sabe eu sou marido do Ken, ou genro do Ken” Ah! Isso também não é legal pra mim⁵⁵.

O terceiro ponto diz respeito ao temor de que Hong Kong, em algum momento, não fosse suportar seu próprio crescimento.

[...] Hong Kong é uma lugar enganoso, por que com Hong Kong é cidade a verdade não é grande, então pra mim eu pensava sempre pra frente, eu não pensava hoje, pensava sempre amanhã. “Um dia Hong Kong vai encher muita gente”, por quê? Por que uma lugar daquele tamanho daí uma dez, vinte, trinta anos o que vai acontecer? Vai encher tudo, não tem lugar pra ninguém [...]⁵⁶.

Mas por que o Brasil? O que esse imigrante encontrou aqui, que não encontrou em outros lugares? Sobre esse aspecto, é importante esclarecer que, antes de chegar ao Brasil, Yip passou também por, pelo menos, mais sete países, tendo iniciado sua jornada em 1970.

Sobre a grande mobilidade de Yip Fu Kwan, três detalhes merecem ser destacados: a) o fato de seu passaporte ser de Hong Kong, ou seja, Britânico o que lhe garantia mobilidade em meio a um mundo marcado, na época, 1970, pela chamada

⁵⁵ Ibid. (grifo nosso).

⁵⁶ Ibid.

Guerra Fria; b) o fato de ele, tal como os demais habitantes de Hong Kong, ter sido alfabetizado também em inglês; e c) o fato de esse mestre, tal como a sua família, gozar de certa estabilidade econômica.

A Austrália foi seu primeiro destino, foi também o local onde esse mestre estrategicamente chegou a cogitar a hipótese de se casar para adquirir o visto permanente, mas desistiu, pois, apesar de ter encontrado mulheres dispostas a ajudá-lo nisso, casar-se não estava nos seus planos naquele momento.

O segundo país foi os Estados Unidos da América, local onde Yip permaneceu durante apenas três meses, pois não gostou do que viu, especialmente com relação ao tratamento dispensado aos que, por um motivo ou por outro, não se enquadravam no padrão desejado.

[...] Estados Unidos, vamos lá pra América do Norte, vamos lá pra América, né? Aí chegou América do Norte eu não gosto muito porque lá pessoa muito também meio frio, né? Tipo de pessoas totalmente diferente e também meio racista aquele também não é fácil [...] ⁵⁷.

Interessante notar que mestre Yip aparentemente não se importava de estar na “contramão” dos demais imigrantes vindos do oriente, cujo primeiro desejo era o de se instalar nos Estado Unidos da América, e, mesmo quando não conseguiam isso, logo de início, trabalhavam e se preparavam financeiramente para uma eventual possibilidade de re-imigração. Foi assim com muitos coreanos, chineses e japoneses, mas não com Yip.

Depois disso, esse mestre ainda passou pelo México, Costa Rica, Panamá, Guatemala e Venezuela, contudo, não se interessou por nenhum desses lugares, fundamentalmente em função da pobreza por ele observada nesses países.

Por fim o Brasil, o país que, dentre todos aqueles por ele visitados, foi o que se mostrou mais amistoso, reforçando a identidade amplamente difundida pelo senso comum, que atribui ao nosso país o título de “terra acolhedora por excelência”. O ano, 1972.

No Brasil, seu primeiro destino foi o Rio de Janeiro, onde Yip permaneceu apenas duas semanas por não ter gostado da “malandragem carioca”.

Rio de Janeiro, duas semanas, mas a verdade Rio de Janeiro eu não gostou muito, sabe? (...) Encontrou uma pessoa muito enrolado (...) Encontrou pessoa pede pra

⁵⁷ Ibid.

mim “compra isso, pede isso”. Aí eu meio assim... “O quê é isso pôxa vida”. Essa pessoa muito assim... Tipo de malandragem⁵⁸.

Por fim, Yip Fu Kwan se instalaria na cidade de São Paulo, onde, nas primeiras duas semanas, ele se hospedou em um hotel. Ao contrário de outros imigrantes, Yip não buscou auxílio da colônia chinesa em São Paulo, valeu-se antes de conhecido de Hong Kong, que o levou para morar nos fundos de sua casa no bairro do Butantã. Segundo ele, nessa época, a colônia chinesa ainda era muito pequena e as pessoas estavam mais preocupadas em garantir sua própria subsistência. Fazendo referência ao bairro da Liberdade, Yip explicou que naquela época o mesmo contava apenas uma loja especializada em produtos chineses.

Aquele época eu lembro a liberdade só tem uma loja vende as coisas da chinesas assim... Alguma coisa, mas muito caro, é muito difícil comprar. Então aí você também não é fácil encontrar chinês assim... Bastante⁵⁹.

Uma questão importante, no que tange aos processos de adaptação dos imigrantes orientais está relacionada à alimentação, à dificuldade ou facilidade de se encontrar, no novo país, produtos alimentícios de sua terra natal. Sobre esse assunto, Yip explicou que, para a sua boa adaptação, foi necessário que ele mesmo preparasse a sua alimentação. Além disso, nas palavras dele: “*Eu come qualquer comida*”. Exceção feita às frituras, conforme se observa em uma passagem bem humorada de seu depoimento:

Não, pra mim não tem problema. Eu come qualquer comida. Só tô falando... Eu também sabe fazer comida. Só tô falando aquele época não é fácil encontrar restaurante chinesa, mas pastelaria... Aí você encontra...(risos) Mas eu nunca entrou, porque eu não gosta frita, comer comida frita⁶⁰.

Mas em que trabalhar? Especialmente em um país como o Brasil, onde, no período, as relações de sociabilidade e solidariedade da colônia chinesa ainda não estavam colocadas. O que fazer? Essas questões talvez sejam mais difíceis de serem respondidas, quando se trata de pessoas com certo grau de especialização, como foi o caso de Yip Fu Kwan. Imigrante que chegou a nosso país com, pelo menos, duas habilitações, Medicina tradicional Chinesa e o conhecimento da arte marcial Kung Fu.

⁵⁸ Ibid.

⁵⁹ Ibid.

⁶⁰ Ibid.

Além disso, o principal obstáculo, em se tratando das pessoas de origem oriental, está justamente na comunicação em língua portuguesa. E com Yip Fu Kwan não foi diferente. Conforme se observa no fragmento abaixo:

Aí chegou Brasil dificuldade trabalho porque primeiro: as pessoas ainda não sabe o quê que é ainda. É muito difícil. E alguma pessoa, mas é muito raro pessoa entende. Então começou trabalha, vai pra casa de pessoa assim... Domicílio, né? Pra ajuda pessoa tratamento. E muito difícil, mas começou usa mais a mão pra tratá pessoa, a perna, a mão. Mas aí eu um dia conhece uma alemão, uma alemão mesmo, que veio Alemanha Oriental, mas ele conseguiu tudo que a diploma aqui do médico, aí conversou comigo: “e porque você não faz reconhecimento do diploma”. Aí eu falei: “não tem condição a português pra mim é muito difícil” E tem que ficar dois anos no faculdade, e esses dois anos pra mim, primeiro difícil arrumar um... Assim... Comunicação do língua.⁶¹

O total desconhecimento das pessoas em relação ao Kung Fu e a medicina tradicional chinesa colocaram sérias dificuldades para a adaptação de Yip. Além disso, o fato de esse mestre não falar português impediu convalidação de seu diploma em alguma universidade brasileira, a exemplo do que ocorrera com seu amigo alemão; porém dois fatores tornaram possível sua sobrevivência: a fluência no idioma inglês e sua amizade com o médico alemão, o que garantiu a Yip a primeira ocupação na cidade de São Paulo, que consistia no tratamento da sogra desse médico e no ensino de Kung Fu aos filhos e amigos dos filhos desse mesmo médico.

Ela já não conseguia andar dois anos mais... [...] Eu falo: “tudo bem, eu tratar ela” Aí mais ou cinco semanas eu tratei ela, até chegou mais ou menos um mês e meio assim... Consegui levantar devagar e devagar tá caminhando tal... Justamente três meses ela conseguiu andar bem mais melhor, não tem 100%, acho que 60%, 70% que uma senhora de 60 quase 70 anos de idade e eu consegui. [...] E também época eles tem dois crianças, tinha doze anos. [...] Aí também à noite eu faz... Começou a ensinar arte marcial pra ele, e além dessas duas filhos ele arranhou mais meia dúzia de garotos, deu dez final, né? Então... Aí enquanto eu trata a sogra, a garagem lá é bem grande, né? Então aí a garagem, então aí pra mim aproveitar e ensinar a turma lá, umas dez pessoas mais ou menos. Então faz isso pra aula...⁶²

Assim, aos poucos Yip foi consolidando sua atividade profissional na cidade de São Paulo; contando com a ajuda de amigos, foi enfrentando a barreira da língua e ocupando o seu espaço. Mas essa história de relativo sucesso se aplicaria a outros mestres de mesma origem? Teria essa história algum tipo de relação com uma

⁶¹ Ibid.

⁶² Ibid.

suposta condição favorável que a cidade de São Paulo, na época, oferecia, ou seria apenas o resultado do esforço pessoal desse mestre que teria garantido sua sobrevivência na cidade? Existiria um “terreno fértil” onde as “sementes” do Kung Fu pudessem germinar?

Vejamos, no caso de outro mestre imigrante de Hong Kong, Thomas Lo Siu Chung, se é possível encontrar outras pistas para o entendimento dessas questões.

Meu contato com Thomas Lo se deu no “Instituto Si Yuen Ton de terapias e cursos de arte chinesa”, de sua propriedade, localizado na cidade de São Paulo, que oferece três tipos de serviços: Acupuntura, Kung Fu estilo Wing Chun Kuen e Tai Chi Chuan.

Nascido em 1943, na cidade de Hong Kong, Thomas Lo emigrou para o Brasil, a bordo de um navio que aportou no Rio de Janeiro, em fevereiro de 1969, a exemplo do que ocorreu com Yip Fu Kwan e outros imigrantes da China continental, que vieram no mesmo período, antes de emigrar, Thomas Lo já havia concluído dois cursos superiores, administração e engenharia mecânica.

Curiosamente, mas não muito, já que esse é um aspecto que Lo compartilha com seu patrício Yip Fu Kwan, ensinar Kung Fu nunca havia passado pela cabeça desse mestre, durante seu processo de formação em Hong Kong. Em suas palavras: “*sobre arte marcial e aquele época gente não pensa que dá aula. Eu nunca pensei que dá aula, ensiná alguém*⁶³”.

Além disso, vale ressaltar que foi só na universidade que Thomas Lo começou a “treinar sério”, aquilo que mais tarde no Brasil seria uma de suas atividades profissionais, o Kung Fu estilo Wing Chun Kuen.

Os motivos de sua saída de Hong Kong estão relacionados ao anseio pessoal desse mestre em “*conhecer novidade*”, algo que só foi possível graças ao fato de Thomas Lo ser o filho do meio e de sua família não necessitar dele em Hong Kong.

Vale lembrar a influência do confucionismo nessa parte do mundo, uma filosofia que, entre outras coisas, estabelece que a harmonia social está intimamente vinculada à família, sendo a devoção filial, ou seja, a relação entre pais e filhos um dos aspectos mais importantes.

⁶³ Thomas Lo Siu Chung, em depoimento concedido ao autor, em 25 de maio de 2007, na cidade de São Paulo.

Os pais, por exemplo, são responsáveis por cuidar dos filhos até atingirem uma idade em que possam cuidar de si próprios. Os filhos, em troca, têm uma dívida de gratidão com os pais por toda a vida e depois. Devem obedecer-lhes na juventude, cuidar deles na velhice e observar os rituais de sepultamento, luto e sacrifício quando morrem. (...) a relação pai-filho estabelece os valores e atitudes apropriados que devem ser seguidos na relação governante-súdito. Confúcio acreditava que um bom filho dificilmente seria um súdito rebelde, enquanto um bom pai dificilmente seria um governante tirano. Assim, a capacidade de cumprir as responsabilidades das relações íntimas também reforça a capacidade de cumprir outras responsabilidades sociais, contribuindo para a harmonia e a estabilidade da sociedade como um todo⁶⁴.

Entretanto, essa lógica não se aplicou a Thomas Lo, na medida em que ele era o filho do meio de uma família de cinco irmãos, o que, automaticamente, retirou de suas costas o “fardo” do confucionismo, deixando-o livre para decidir o seu próprio destino. Conforme se observa no fragmento.

Não. Eu francamente... É..., saí de lá justamente pra procurar novidade. Procurar conhecer o mundo. Graças a Deus família não precisava de mim. Então... [...] É. Aqui dentro povo diz, é proble..., primero é muito jovem demais. É..., e família num precisa... Então, então não liga muito. Só brincando, vai trabalhá, num gostou saí. E, prestando concurso de alguma firma conseguia? Eu consegui. Não conseguia? Não consegui⁶⁵.

Graduado, Thomas Lo trabalhou em Hong Kong, como projetista em um estaleiro, professor de inglês, chinês e matemática. Porém, a necessidade de conhecer o “novo”, de “aventurar-se”, aliado ao baixo nível de obrigações para com sua família, fez com que esse mestre, após algumas tentativas frustradas de estudar em outros países, embarcasse em um navio em direção ao Brasil.

Porque era um, depois que me formei em 68, ora eu procurei que é estudar mais aí, aquele época era muito caro estudar no exterior, então eu pedi bolsa pra Faculdade do Canadá e dos Estados Unidos. Aí pedi e aceitou. Mas quando eu pedi bolsa, já acabou este porque só tem no ano que vem. Então tive que esperar. Aí eu peguei passaporte e comecei a viajar e fiquei no navio, fiquei viajando até fim eu parei aqui no Brasil. Em junho de 1969, feivero⁶⁶.

No Brasil, seu primeiro destino foi a cidade do Rio Janeiro, onde um amigo o recebeu e onde esse mestre disse ter ficado apenas alguns dias passeando e

⁶⁴ STEVENSON, J. As palavras de Confúcio. In. _____. **O mais completo guia sobre filosofia oriental**. São Paulo: Arx, 2002, p. 269-270.

⁶⁵ Thomas Lo Siu Chung, em depoimento concedido ao autor, em 25 de maio de 2007, na cidade de São Paulo.

⁶⁶ Ibid.

conhecendo a cidade. Um dado interessante a esse respeito é que Thomas Lo não era um imigrante totalmente sem posses, uma vez que o mesmo declarou ter vindo ao Brasil com 500 dólares, segundo ele uma soma de dinheiro não muito grande, porém suficiente para suas necessidades básicas na época.

Após dez dias, Lo decide ir a São Paulo ao encontro de seu padrinho de batismo. Em seu depoimento Lo declarou ser católico, um aspecto que, de certa maneira, o distingue do senso comum, que, invariavelmente, vincula os imigrantes de origem oriental às religiões do oriente. “*Aí eu cheguei em São Paulo. Aí eu tenho um padrinho. Eu conheci esse padrinho meu, aí ele me recebeu. Padrinho mesmo. Padrinho de batismo. Sou católico.*”⁶⁷.

A princípio Thomas Lo não se instala na capital paulista, mas sim em uma cidade do interior onde seu padrinho residia, a cidade de Amparo. Tal como outros imigrantes, esse mestre também enfrentou grandes dificuldades no que se refere à comunicação em língua portuguesa.

Assim, para conquistar seu primeiro emprego, Lo estudou durante dois meses a fim de conseguir escrever uma carta, não em português, mas em inglês, pois o português ainda era muito difícil para ele.

Aí eu comecei a me virar sozinho. Aí estudei dois meses pra começar a escrever carta em inglês, não em português. Não sou gênio [...]. Manda carta para pedir serviço. E... Tem uma fábrica de tecelagem, fiação, fábrica de fiação, me aceitou [...]”⁶⁸.

Na verdade, ao desembarcar em nosso país, Lo só sabia o necessário para sobreviver: *Aí cheguei no Brasil. Aqui eu aprendi duas palavras: pão e banheiro. Foi muito importante*⁶⁹.

A relação desse mestre com a arte marcial Kung Fu se intensificou na Universidade, ocasião em que Thomas Lo se tornou amigo de um mestre da estilo Wing Chun Kuen.

[...] aquele época que eu treino mais, mais séria, era época que quando eu tava em faculdade. Eu como primeiro ano, como calouro, aí no começo de treino eu só ficava observando aí percebendo o rapaz [...] Depois eu comecei, sabe, fiquei

⁶⁷ Ibid.

⁶⁸ Ibid.

⁶⁹ Ibid.

sabendo que ele pratica Wing Chun né. [...] Aí eu comecei a aprender com ele. Todo dia. [...] e eu tenho mais de três colega de outro departamento. Aí pedi a ele pra dá aula pra gente, né. Aí ele aquele época ele, ele num dava aula publicamente, contrato. Então ele deu aula pra nós três. Aí quatro pessoa e eu sou um que fica tempo todo⁷⁰.

Esse aprendizado foi extremamente útil a Thomas Lo no Brasil, não como fonte de subsistência, mas para integrá-lo à realidade de nosso país, a partir dos relacionamentos feitos durante as aulas de Kung Fu. Entretanto: *“Eu nunca, nunca vivi com isso. Nunca pensei em dá aula. Eu dou aula é só... Como diz? Hobby, né? [...] só, gosta de manter atividade, conhecer as pessoa.”*⁷¹ Esse aspecto o afasta de Yip Fu Kwan, para quem o Kung Fu rapidamente se configurou em um meio de sobrevivência.

Assim, as atividades de Lo como professor de Kung Fu tiveram início na cidade de Amparo graças ao incentivo de seu padrinho.

Aí, Amparo é uma cidade muito pequena, não tem nada muito de muita atividade, então quem conhece, conhece e fica sabendo que tem capoeira, fica sabendo que tem judô, karatê. Assim, mas ninguém sabia que tem Kung Fu. Aí em 1970, começando filme Kung Fu, aqui no Brasil. Aí uma começando com..., aí o meu padrinho falou: “Ó, por que você num, num dá aula de Kung Fu”? Falei: “Eu não falo português”, eu num falava português, “eu num conheço o lugar”. Aí ele me levou clube: “Eu dei aula lá⁷²”.

Algo interessante a respeito desse trecho do depoimento de Thomas Lo reside na afirmação de que, no período, poucos conheciam o Kung Fu no Brasil. E que foi a partir do momento em que os filmes Kung Fu começaram a ser exibidos que Lo decidiu ensinar sua arte marcial.

Thomas Lo permaneceria em Amparo até 1975, quando decidiu se transferir para a cidade São Paulo, onde as habilidades adquiridas na faculdade de administração lhe foram muito úteis, pois garantiram seu emprego junto ao Hotel Hilton como contador.

Sobre a importância econômica do Kung Fu em sua vida, Lo, mesmo em São Paulo, manteve essa prática como uma atividade secundária, ou seja, ele não retirava dela o seu sustento.

⁷⁰ Ibid.

⁷¹ Ibid.

⁷² Ibid. (grifo nosso).

No depoimento desse mestre, a respeito de seus primeiros anos no Brasil, nos foi possível perceber o caráter secundário que arte marcial ocupava em sua vida e o seu alto nível educacional. Aspectos interessantes que, de certa maneira, afastam a história de Thomas Lo da história daqueles imigrantes orientais que “embarcaram na aventura” de construir no Brasil uma vida de riqueza material, bem diferente da realidade em seu país de origem.

Em relação a esses dois mestres nativos de Hong Kong, Yip Fu Kwan e Thomas Lo, chama-nos atenção o perfil aventureiro que, quase por força do acaso, fez com que os mesmos escolhessem o Brasil como sua segunda pátria. Não vieram buscando melhores condições de vida, como se observou entre os mestres japoneses do período anterior ao da II Guerra, pois, mesmo reconhecendo as limitações que a cidade de Hong Kong lhes impunha, não foi esse o principal motivo de sua saída. Não vieram em resposta ao pedido de seus mestres, como ocorreu com os mestres coreanos. Vieram, sim, em busca de novos horizontes, movidos pelo desejo de aventurar-se. Representam uma terceira vertente para o processo de disseminação das artes marciais orientais, mas isso somente foi possível, visto que no Brasil, e mais especificamente na cidade de São Paulo, esses mestres honcongueses, e junto com eles os demais mestres japoneses e coreanos, encontraram um “terreno fértil” para isso.

Um espaço que, a cada dia, se tornava mais favorável à disseminação das artes marciais orientais em função da visibilidade que essas práticas passaram a ter, nos anos finais da década de 60 e durante toda a década de 70.

1.1 Visibilidade e presença: as artes marciais orientais na cidade

Yasutaka Tanaka, Prof. de Kobu-Kan-Rio

**Se você duvida
que as Chapas Onduladas Sano
são as mais resistentes que existem
faça o teste do karatê**

A menos que você seja muito desconfiado, não vale a pena machucar sua mão. Pergunte e confie na experiência dos engenheiros. Casa Sano fabrica seus produtos para resistirem às mais duras provas. Chapas onduladas e Sanocalhas estruturais, caixas d'água e de descarga, postes, muros e moirões, drenos e tubos são testados na fábrica e no uso, há mais de 50 anos! Os engenheiros sabem disso. E agora você sabe também.

Casa Sano fabrica 1.000 diferentes produtos para construção. Escreva pedindo o catálogo.

CASA SANO S.A.
indústria e comércio

Rua Marinho Dias, 26 - Tel: 23-1966 - Rio - GB - Fábrica: Rod. Pres. Dutra, 2251
Filial: B. Horizonte, Av. Paraná, 173 - Tel: 2-3902 - Brasília - S.I.A. - Lote 1290/1300 - Trecho 3 - Tel: 2-0513
S. Paulo: Rua Marquês de Itó, 88 - 6.º and. - Tels: 35-2251 - 35-3660 - 37-2470

Fig. 5⁷³.

A imagem acima foi retirada da primeira edição da revista “Veja”, publicada em setembro de 1968. Trata-se de anúncio publicitário, em que as qualidades da arte marcial japonesa Karatê são transferidas para o produto anunciado. Aparentemente banal, esse anúncio demonstra que, nesse momento, as artes marciais orientais já não eram totalmente estranhas ao cotidiano dos brasileiros, afinal, se esse não fosse o caso, todo o argumento do anúncio perderia o sentido.

O anúncio ainda nos dá um forte indício de que outros elementos atuaram no processo de popularização das artes marciais. Algo que faz todo o sentido, pois é

⁷³ VEJA. São Paulo: Abril, n. 1, p. 133, 11 set. 1968. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervo/digital/home.aspx>>. Acesso em 09 de janeiro de 2009.

difícil imaginar que o empenho de alguns poucos mestres imigrantes orientais, muitos dos quais com pouca ou nenhuma fluência no idioma português e, mais ainda, sem nenhum conhecimento prévio a respeito dos costumes do povo brasileiro, pudesse por si só e em um período de tempo relativamente curto⁷⁴ estabelecer um caminho oriental para a cultura corporal em uma cidade como São Paulo.

Assim, para que esse trabalho pudesse lograr sucesso era necessário que a cidade lhes oferecesse um clima favorável. A esse respeito, durante a década de 1970, é possível verificar a veiculação de um grande número de anúncios de filmes de longa metragem, tendo como tema as artes marciais orientais. Além disso, temos as histórias em quadrinhos produzidas no período sob o mesmo argumento, isso sem mencionar os seriados, como por exemplo, o “O Besouro Verde” e “Kung Fu”, que já na década de 60 podiam ser assistidos nas televisões brasileiras, todos esses elementos ajudando a compor um ambiente favorável para a difusão das artes marciais orientais na cidade.

Nesse sentido, não é demais destacar que nossa pesquisa esteve centrada em dois dos elementos acima indicados, os anúncios de jornal e as revistas de histórias em quadrinhos. Quando colocados em contraste com os depoimentos, esses produtos da indústria do entretenimento fazem surgir um aspecto importante do processo de disseminação das artes marciais orientais em São Paulo, comprovando a tese de que nas décadas de 60 e 70 a cidade mostrava-se como terreno fértil para a edificação do caminho oriental em meio às possibilidades de experiências corporais instaladas anteriormente.

Entretanto, é importante destacar duas questões, a primeira refere-se ao fato de que esses produtos da indústria do entretenimento foram importados em sua grande maioria dos Estados Unidos da América. Em outras palavras não se pode perder de vista que esses filmes de longa metragem, seriados de televisão e revistas em quadrinhos fatalmente expressavam uma visão norte-americana das artes marciais orientais. Com efeito, a segunda questão refere-se justamente à relação entre a forma como as artes marciais orientais eram veiculadas nesses filmes, seriados e revistas em quadrinhos e a realidade cotidiana das academias, mantidas por mestres dessas artes na cidade de São Paulo.

De qualquer maneira, a julgar pelo grande número filmes que estiveram

⁷⁴ Para esse comentário, estou levando em consideração a comparação entre o que hoje se observa em relação a popularidade das artes marciais orientais na cidade de São Paulo e período relativamente curto, menos de 50 anos, para isso ocorresse.

em cartaz nos cinemas do centro da capital paulista na década 1970, é de se supor que havia um grande interesse por parte do público paulistano por essas produções⁷⁵. Em minha pesquisa junto ao acervo do jornal “Notícias Populares” do Arquivo do Estado de São Paulo foram analisadas todas as edições publicadas nas segundas-feiras⁷⁶ dos meses de maio, junho e julho em toda a década 1970 e digitalizados alguns dos mais de 90 anúncios de filmes encontrados, para que pudesse proceder à análise de seus conteúdos (textos e imagens). Além disso, nos foi possível digitalizar uma entrevista que tratava de um dos filmes de Bruce Lee exibidos no período.

Além dessa pesquisa realizada no acervo do jornal “Notícias Populares”, foi realizada outra, seguindo os mesmos critérios da primeira no acervo do jornal “Folha de São Paulo”. Chamou a atenção o fato de que esse periódico limitava-se a apresentar uma pequena tabela dos filmes que estavam em cartaz, sendo raros os anúncios com o padrão veiculado pelo jornal “Notícias Populares”. Assim, questiono se o tipo de propaganda veiculada nesses periódicos não teria relação com o tipo de público alvo desse gênero de filme.

FILMES BRASILEIROS	ÓTIMO	BOM	REGULAR	MAU
1.º — Jacobo: Um Fotógrafo no Céu (comédia) (Art Palácio s/S. Paulo).....	58,0%	27,5%	11,6%	2,9%
2.º — O Manto da Parteira (drama) (Rai).....	50,8%	32,2%	15,4%	1,5%
3.º — 19 Mulheras e um Homem (aventura) (República).....	23,0%	33,7%	16,3%	25,0%
4.º — Intervento de Meninas Virgens (drama) (Ours).....	8,6%	28,4%	33,3%	29,7%
FILMES DA SEMANA				
1.º — A Filha de Ryan (drama) (Comodoro-Cinemas).....	67,8%	28,8%	2,6%	0,0%
2.º — Rock em Lúpulo (drama) (Gazeta).....	27,1%	18,7%	2,1%	1,1%
3.º — O Expresso de Chicago (comédia) (Odeon, Paulistano).....	58,5%	35,8%	3,8%	1,9%
4.º — Garotas em Frente de Bola (comédia) (Metrol 2, Gemini 2).....	24,4%	67,9%	6,4%	1,3%
5.º — 20.000 Léguas Submarinas (aventura) (Spingale).....	50,0%	40,3%	7,0%	2,4%
6.º — King Kong (aventura) (Barbo, Copan, Marrocos, Marrocos Pullman).....	55,5%	33,2%	7,6%	3,7%
7.º — Barry Lyndon (drama) (Top Cine).....	24,1%	54,5%	11,4%	0,0%
8.º — A Nova Tronca do Pantera Cor de Rosa (comédia) (Regina).....	61,2%	26,9%	7,5%	4,4%
9.º — A Herança dos Ferramanti (drama) (Belas Artes e Mário Andrade).....	47,7%	37,5%	11,4%	2,4%
10.º — Taxi Driver (drama) (Mouss Auto Cine).....	28,6%	48,6%	9,3%	1,5%
11.º — Car Wash: Onde Acabou de Tudo (comédia) (Gemini Um).....	25,0%	60,0%	15,0%	0,0%
12.º — Amor sem Salto Amargo (drama) (Brisa).....	26,5%	44,2%	15,4%	1,9%
13.º — Carlota, o Genial Vagabundo (documentário) (Arouche Estúdio B).....	31,0%	44,8%	19,0%	5,2%
14.º — Ana e os Lobos (drama) (Arouche Estúdio A).....	29,0%	44,7%	22,4%	3,9%
15.º — Amores Andinos (drama) (Liberty).....	20,4%	48,1%	25,9%	5,6%
16.º — Gigantes do Karatê (documentário) (Marabá).....	32,4%	27,9%	26,5%	13,2%
17.º — A Sessão das Luas (comédia) (Belas Artes e Villa Lobos).....	9,4%	43,8%	23,4%	23,4%
18.º — Os Amores de Lady Godiva (drama) (Windsor).....	7,5%	17,5%	37,5%	37,5%

Fig. 6⁷⁷.

As imagens acima ilustram aquilo que estamos dizendo, a primeira foi extraída do jornal “Folha de São Paulo”, nela o anúncio “Bolsa de Cinema” é representativo do padrão utilizado pelo referido periódico em relação aos filmes de longa metragem exibidos na capital paulista. Ao lado, temos o anúncio do filme “O boxeador de Canton”, exibido no ano de 1975, no cine Marrocos, publicado no jornal “Notícias Populares”.

⁷⁵ Pesquisa realizada no jornal “Notícias Populares” período de 1970 a 1979.

⁷⁶ Essa estratégia foi adotada por ser a segunda-feira, o dia em que antigamente ocorriam as estreias de filmes nos cinemas da cidade de São Paulo.

⁷⁷ Respectivamente: Jornal “Folha de São Paulo”, de 18 de julho de 1977, e “Notícias Populares”, de 7 de julho de 1975.

Além do apelo imediato exercido pela imagem, chama atenção ainda o teor do texto: “*os mestres de Hong Kong e Formosa encontram-se em Xangay nas mais cruéis e violentas lutas de Karatê!*”. Em conjunto, texto e imagem atuam no sentido de construir representações em torno das artes marciais orientais. Porém, o mais interessante é que não há uma preocupação em aproximar, mesmo que de forma mínima, a fantasia da realidade. Isso se torna explícito na medida em que, não obstante o fato de se tratar de um filme produzido e ambientado na China, a arte marcial oriental apresentada pelo anúncio ser o Karatê e não o Kung Fu como seria o mais adequado. Tal fato pode estar relacionado ao pouco conhecimento em relação ao tema por parte daquele que elaborou o anúncio ou ainda por problemas do ponto de vista da tradução do filme.

Por outro lado questiona-se se essa não foi uma estratégia para atrair o maior número de espectadores possível utilizando-se do Karatê, provavelmente, uma arte marcial com maior popularidade na época do que o Kung Fu. Afinal, a disseminação do Karatê na cidade já estaria em curso desde a década de 1950⁷⁸. Vale lembrar também que a presença *nikkei* em filmes exibidos na cidade de São Paulo nesse momento já não era uma novidade, conforme se observa no recente estudo elaborado por Lesser:

Antes de 1960, era raro um *nikkei* atuar num filme brasileiro. No entanto, à medida que eles ganhavam visibilidade na paisagem urbana de São Paulo, isso mudou. Na década de 60, uma geração de nipo-brasileiros passou a buscar canais de expressão mais majoritários para os seus impulsos artísticos, no exato momento em que cineastas não-*nikkeis* sucumbiam ao fascínio dos incontáveis filmes japoneses exibidos em São Paulo, que iam desde épicos samurais e filmes de arte até os filmes “cor-de-rosa” de pornografia leve (*pinku eiga*). Esses filmes reforçaram as fortes imagens do Japão, tornadas ainda mais explosivas pela grande população nipo-brasileira da cidade⁷⁹.

⁷⁸ Julgamento baseado nos depoimentos de mestres de Karatê que chegaram a São Paulo ainda durante a década de 1950.

⁷⁹ LESSER, Jeffrey. **Uma diáspora descontente: os nipo-brasileiros e os significados da militância étnica 1960-1980**. São Paulo: Paz e Terra, 2008, p.63.

Fig. 7⁸⁰.

A figura 7 nos oferece algumas pistas do fascínio exercido pelos filmes de “pornografia leve”, cujo elenco era composto por atores nikkeis citados por Lesser. Mas, para além dessa questão, interessa ao nosso estudo o fato de que, nesse momento, os elementos da cultura oriental – na qual estão incluídas as artes marciais – começam a ganhar uma maior notoriedade na cidade. O sentimento de estranhamento inicial começa também a despertar admiração e curiosidade, elementos que provavelmente foram fundamentais para o sucesso dos filmes de artes marciais e, por consequência, para o rápido estabelecimento dessas práticas na cidade.

A forte presença japonesa na cidade de São Paulo nas décadas de 60 e 70 é reforçada por Lesser em outro trecho de seu estudo, onde o autor, além da já destacada presença nikkei no cinema, faz também uma referência importante ao seriado “Nacional Kid”.

Durante as décadas de 1960 e 1970, imagens de nipo-brasileiros eram onipresentes em São Paulo. Os paulistanos encontravam-se a todo momento com nipo-brasileiros reais, que participavam da expansão industrial e comercial da cidade. Eles viam nipo-brasileiros em anúncios de bancos, de detergentes e de repelentes de insetos, todos eles sugerindo que os japoneses eram brasileiros modernos e sérios. Atores nikkeis trabalhavam em filmes de arte e comédias eróticas. As crianças que viam televisão (e, no Brasil, seu número era enorme) ficaram fascinadas com a chegada, em 1964, da série de ação “Nacional Kid”, que criou uma geração que acompanhava seu tema musical cantado em inglês japonizado: “Nationaro Kiido, Kiido, Nationaro Kiido...⁸¹”.

⁸⁰ Anúncio publicado no jornal “Notícias Populares” de 18 de maio de 1970.

⁸¹ LESSER, Jeffrey. Op. Cit. p.55-56.

Fig. 8⁸².

Em seu estudo sobre os elementos religiosos orientais presentes no Kung Fu praticado no Brasil, Apolloni também reforça a tese que coloca a década de 1970 como um período em que há um aumento significativo na visibilidade das artes marciais orientais, dando destaque para as produções cinematográficas de origem chinesa. De acordo com o autor:

Os anos 70 foram marcados pelo surgimento, no Ocidente, de produtos culturais relacionados à representação do Kung Fu: filmes e séries televisivas, histórias em quadrinhos, músicas e publicações populares. A presença desses produtos levou pesquisadores a identificarem e arte marcial chinesa como fenômeno transcultural, ou seja, que já deixou os limites de uma cultura nacional e foi apropriado (e realimentado) por fontes culturais diversas. Diferentemente de produtos anteriores voltados à representação da cultura chinesa, marcados pelo estranhamento e pelo preconceito racial, eles se centraram na marcialidade e em valores considerados nobres pela sociedade ocidental, como a habilidade marcial, sabedoria, coragem e honra⁸³.

Em outro trecho de seu estudo, o autor destaca dois pontos, o papel exercido pela grande oferta dos produtos culturais chineses no Brasil na popularização do Kung Fu e o fato da representatividade da cultura chinesa em nosso país ser menor se comparada a de outras etnias⁸⁴. Nesse sentido, o autor afirma o seguinte:

A formação de uma comunidade de praticantes de Kung Fu no Brasil não se baseou apenas em mestres chineses. A presença chinesa, apesar de antiga na comparação com a de outras etnias, deixou marcas menos aparentes entre nós. Considerando a arte marcial como uma fração do universo cultural chinês, pode-se deduzir que o

⁸² O “Nacional Kid”. Disponível em: <http://www.minhainfancia.com.br/imagens/seriados/national_kid.jpg>, acesso em 20/02/2009.

⁸³ APOLLONI, Rodrigo Wolff. Op. Cit. p. 78.

⁸⁴ Cujo maior destaque em nossa avaliação seria atribuído aos japoneses.

número de mestres originários é pequeno. Seriam eles os responsáveis pelo sucesso do Kung Fu no Brasil? Em parte sim, fundamentalmente no que tange à transmissão de conteúdos de caráter corporal. Mas, [...] a indústria do entretenimento e, a partir dela, a oferta local de produtos de Kung Fu, também desempenharam um papel importante para a instalação desse subuniverso cultural⁸⁵.

Com efeito, os anúncios veiculados pelo jornal “Notícias Populares” reforçam a tese levantada por Apolloni, no que tange à característica transcultural da arte marcial chinesa. No entanto, entendemos que essa transculturalidade pode ser transferida para outras artes marciais orientais, como por exemplo, o Karatê na medida em que, mesmo sendo inadequada, era comum a associação dessa arte marcial oriental aos filmes produzidos ou relacionados com a China, conforme já vimos.

Outro exemplo disso pode ser observado na figura 9 onde o anúncio do filme “Karatê no oeste selvagem” traz impresso o seguinte texto: “*eles vieram da China com furor e dominaram o oeste americano com lutas de Karatê, contra as balas dos revólveres*”.



Fig. 9⁸⁶.

Outro detalhe a respeito desse filme e que reforça a característica transcultural das artes marciais reside no aspecto híbrido⁸⁷ dessa produção, ao tentar unir gêneros de filmes de ação bem populares na época, o de artes marciais orientais e o de faroeste. Não por acaso, esse hibridismo cultural irá transparecer nos nomes dos atores que compõem o elenco da referida produção.

⁸⁵ APOLLONI, Rodrigo Wolff. Op. Cit. p. 77.

⁸⁶ Anúncio publicado no jornal “Notícias Populares” de 14 de julho de 1975.

⁸⁷ Sobre a noção de hibridismo confira: CANCLINI, Nestor. **Culturas híbridas**. São Paulo: Edusp, 1997.

A análise desses anúncios permitiu-nos observar uma oscilação entre gêneros de filmes de ação durante a década de 1970 obedecendo à seguinte divisão: início da década, com o predomínio dos filmes de faroeste; filmes de artes marciais orientais predominando entre os anos de 1973 a 1977; e nos últimos anos da década, já adentrando a década de 1980, o predomínio de filmes do gênero policial.

Dentre todos os elementos que me chamaram a atenção, ao pesquisar os anúncios desses filmes, aquele realmente pode ter fomentado um aumento na procura pelas artes marciais orientais na cidade e está diretamente relacionado ao modo sobre-humano como essas práticas eram representadas. Nesse quesito, o maior ícone da época (e ainda hoje, alguns poderão dizer) foi com certeza Lee Jun Fan, ator sino-americano que ficou mundialmente conhecido como Bruce Lee⁸⁸.

O anúncio de um de seus filmes e uma entrevista concedida pelo diretor desse mesmo filme, ambos publicados no jornal “Notícias Populares”, ilustram bem essas características:

A quatro anos da morte, Bruce Lee volta na tela lutando contra um gigantesco jogador de basquete, no filme “The Game of Death”, de Robert Clouse. Este já dirigiu Lee em seu único filme internacional “Enter the Dragon”. Em seu novo trabalho, o cineasta incluirá 40 minutos de combates de Lee filmados pouco antes de sua morte. “Bruce, contou Clouse, filmou estes cem mil metros de sequências pouco antes de morrer”. “A filmagem foi interrompida e nunca mais reiniciada até hoje”. A cena mais importante do filme será uma luta entre Lee e o jogador norte americano de basquete Kareen Jabaar, com dois metros e meio de altura. Estas sequências, segundo o diretor, “são as melhores que Lee interpretou em toda a sua breve carreira”. Clouse acrescentou finalmente, que “no filme, o personagem interpretado por Bruce é assassinado e volta a viver para vingar-se das ultrajes suportadas”(sic.)⁸⁹.

⁸⁸ Ator sino-americano, nascido em São Francisco-EUA, no ano de 1940. Cf.: APOLLONI, Rodrigo Wolff. Op. Cit.

⁸⁹ Entrevista publicada no jornal “Notícias Populares” de 30 de julho de 1977.

Fig. 10⁹⁰.

Nos filmes de artes marciais orientais era (e ainda é) comum a utilização do argumento em que o herói vence um adversário supostamente “invencível”, porque maior ou aparentemente mais forte. Esses elementos teriam agido no sentido de possibilitar a criação de uma atmosfera “fantástica” em torno dessas práticas e de seus praticantes. Tudo somado não seria de se espantar, caso esses filmes pudessem fomentar o interesse de algumas pessoas pela prática das artes marciais orientais na cidade de São Paulo.

Ajudando a compor essa atmosfera “fantástica” em torno das artes marciais orientais, nesse período ainda tínhamos outros elementos como, por exemplo, as histórias em quadrinhos. Ao pesquisar o acervo⁹¹ da “Gibiteca Henfil”, localizei outro material que reforça a tese de que a cidade de São Paulo se configurava em um “terreno fértil” para a disseminação das artes marciais orientais nas décadas de 1960 e 1970. Trata-se de uma revista em quadrinhos publicada no período em questão, cujo

⁹⁰ Anúncio publicado no jornal “Notícias Populares” de 30 de julho de 1977.

⁹¹ O acervo analisado encontra-se no Centro Cultural São Paulo, mais precisamente na Gibiteca Henfil, e conta com cerca de 50 exemplares.

título era “O Judoka⁹²”, revista em quadrinhos mensal publicada, a partir de abril de 1969, pela Editora Brasil-América Ltda. (EBAL)⁹³.

Meu primeiro contato com o periódico despertou-me para a necessidade de digitalização do material pela riqueza de possibilidades de análise que apresentava. No entanto, esse tipo de acesso não foi liberado com facilidade em razão da lei de direitos autorais⁹⁴. Mesmo assim, após várias idas à Gibiteca Henfil, tive acesso ao material e a possibilidade de digitalizá-lo.

Os seis primeiros números são traduções dos originais publicados nos Estados Unidos da América pela Charlton Comics.

⁹² Apesar de ter encontrado apenas esse periódico, destaco que “O Judoka” não é o único quadrinho do gênero veiculado no Brasil durante esse período. Em sua pesquisa sobre o Kung Fu praticado no Brasil e os elementos da cultura oriental, Apolloni menciona a existência da revista em quadrinhos “Kung Fu”, também publicada pela Editora Brasil-América, nos anos de 1974 e 1975. Cf.: APOLLONI, Op. Cit.

⁹³ “A Ebal foi a maior e mais importante editora de quadrinhos do Brasil, tendo sido criada em 1945 por Adolfo Aizen. A criação da editora foi quase uma decorrência do grande sucesso do Suplemento Juvenil. A Ebal publicou no Brasil inúmeros autores estrangeiros como: Walt Disney (Seleções Coloridas), Alex Raymond (Flash Gordon), Hal Foster (Príncipe Valente), Lee Falk e Phil Davis (Mandrake), Lee Falk (O Fantasma), Chester Gould (Dick Tracy) e Charles M. Schulz (Peanuts), além das revistas da DC Comics e, mais tarde, Marvel Comics. [...] Além do material importado, a Ebal, valorizando os artistas brasileiros, publicou dezenas de talentos em revistas como Álbum Gigante, Série Sagrada, que publicava biografias de santos católicos, a Edição Maravilhosa (mais tarde reeditada como Clássicos Ilustrados), que publicava versões quadrinizadas de obras de escritores nacionais, como José de Alencar, Euclides da Cunha e Dinah Silveira de Queiroz, ou a publicação de adaptações de fatos históricos como as séries Grandes Figuras do Brasil, Episódios e História do Brasil, esta última com textos do acadêmico Gustavo Barroso e extensa pesquisa iconográfica (que consumiu oito anos de trabalho) de Ivan Wash Rodrigues.” (Disponível em: <<http://www.gibindex.com/enciclopedia/br/e/46>>. Acesso em: 04/10/2004).

⁹⁴ Para obter acesso ao material na forma que desejava, foi necessária a produção de um documento em papel timbrado da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), com as assinaturas da coordenadora do Programa de Estudos Pós-Graduados em História, de minha orientadora, além de minha própria assinatura. Contudo, esse documento, por si só, não garantiu acesso ao periódico, pois ainda foi necessário submetê-lo à comissão administrativa do Centro Cultural São Paulo, processo que demandou, aproximadamente, um mês.

Fig. 11⁹⁵.

Logo na sua estréia, a revista traz, em seu editorial, um texto que ilustra a necessidade de “alavancar” a nova publicação, fazendo uso de vários elementos. A cultura corporal oriental, como não poderia deixar de ser, está presente na menção das artes marciais judô, karatê e jiu-jitsu, práticas que já gozavam de certa popularidade, além, é claro, da própria indumentária de nosso herói. Em outra frente, temos também um paralelo feito entre *O Judoka* e outras publicações de heróis, sucessos de vendas nos Estados Unidos da América e bem conhecidos do público brasileiro, ali arrolados com a nítida intenção de “emprestar” seu prestígio ao novo herói que nascia. Vejamos o texto na íntegra:

Dono de uma técnica de fazer inveja aos maiores mestres do judô, o herói desta revista, sempre que necessário, usa seus conhecimentos em defesa dos fracos e dos oprimidos. Judô-Master, que na vida real é Rip Jagger, é respeitado mesmo pelos mais ágeis Campeões do Sol Nascente, com os quais desenvolveu suas habilidades e conhecimentos de jiu-jitsu. Tanto o judô como o karatê são empregados por ele com grande talento e precisão. Um revólver, um punhal ou um objeto contundente tem o mesmo valor para nosso herói, que não se detém diante de nada quando há

⁹⁵ Capa da primeira edição da revista de estórias em quadrinhos “O Judoka”, publicada no Brasil pela editora Brasil-América (EBAL).

uma importante missão a cumprir. Os adversários tremem só de ouvir o seu nome. Assim, para o nosso Judô-Master, a palavra lutar significa vitória, muito embora nem sempre esta seja tão fácil de se obter. Para realizar as suas missões, Judô-Master usa um uniforme vermelho e amarelo. No peito tem uma reprodução do sol nascente, amarelo. Uma máscara vermelha com um penacho amarelo completa a indumentária e oculta sua verdadeira identidade. Judô-Master – nome que significa mestre de Judô – é uma das coqueluches mais em voga nos Estados Unidos. Sua revista só encontra paralelo, nas revistas Superman, Batman, Superboy, Supermoça e Tarzan, tal o número de leitores que possui. Bem, mas já chega de falar para não tirarmos de vocês o sabor do que vocês irão ver a partir de hoje. Continuem acompanhando as emocionantes aventuras de Judô-Master, em *O Judoka*, e verão que não os decepcionaremos⁹⁶.

Tal como ocorreu com alguns dos filmes exibidos na cidade São Paulo, o periódico também pode ser considerado um híbrido, pois os números traduzidos contam as aventuras de um sargento do exército norte-americano que, disfarçado, utiliza seus conhecimentos em artes marciais para derrotar seus inimigos, representados por soldados do exército japonês.



Fig. 12⁹⁷.

Essa associação entre o herói e o exército norte-americano ganha sentido, tendo em vista que, no período, vivia-se o auge da chamada Guerra Fria.

A partir do sétimo número, *O Judoka* passa a ser escrito e desenhado no

⁹⁶ “O JUDOKA”. Rio de Janeiro: Editora Brasil-América, n.1, 1969.

⁹⁷ Ibid.

Brasil⁹⁸. Nesse momento, há uma mudança radical no argumento das estórias. O herói deixa de ser representado por um soldado, para se tornar um jovem estudante e a sua roupa passa a conter as cores e a forma da bandeira nacional brasileira. E se, nos números traduzidos, os inimigos eram do exército japonês, nos escritos e desenhados no Brasil, eles passam a ser representados por membros de gangues urbanas e ladrões comuns. Dessa forma, o hibridismo deixa ser entre a cultura norte-americana e oriental, para ser colocado entre a última e a cultura brasileira.

Fig.13⁹⁹.

Ao analisar as estórias de *O Judoka*, escritas e desenhadas em nosso país, muitas questões emergiram, como por exemplo, a que tenta entender o sentido de se desenhar um herói com as cores da bandeira do Brasil e, ao mesmo tempo, exaltar a prática das artes marciais nesse período. Além disso, até que ponto o fato de esse herói ter como inimigo os integrantes de uma gangue de bairro não estaria relacionado com um tipo de representação em que o conhecimento em artes marciais era enfatizado como uma maneira de o “cidadão” se defender da violência urbana?

Um dado ainda mais interessante emergiu da leitura das estórias, trata-se da percepção do ideal de juventude que se queria difundir entre os leitores do periódico. Chamamos a atenção para um pequeno, porém extremamente elucidativo trecho, presente nos primeiros quadrinhos do sétimo número da revista – o primeiro escrito e

⁹⁸ No Brasil as histórias foram escritas por Pedro Anísio e desenhadas inicialmente por Mário José de Lima e Eduardo Baron.

⁹⁹ “O JUDOKA”. Rio de Janeiro: Editora Brasil-América, n.7, 1970.

desenhado no Brasil –, em que Carlos, personagem principal, em um diálogo com sua futura namorada (Lúcia¹⁰⁰), conta sua história de vida e revela seus planos:

Carlos: Quando meus pais morreram, Tio Benevides, um arquiteto, tomou conta de mim...

Lúcia: É triste ficar-se órfão em criança...

Carlos: Tio Benevides tem sido muito bom para mim. Mas quando me tornei rapaz, não quis ser pesado a ele e pedir-lhe para trabalhar em seu “atelier” de arquitetura...

Lúcia: Você também quer ser engenheiro?

Carlos: Quero. Trabalho no “atelier” de dia, e estudo à noite. Quando terminar o científico, irei para a Universidade.

Lúcia: Você é um rapaz inteligente Carlos, e vencerá...¹⁰¹.

Trabalho e estudo. E de preferência em cursos de tecnologia e ciências exatas, como é caso do curso de engenharia, nada de cursos de natureza filosófica, nada de ciências humanas, nada da antiga formação clássica; enfim, nada que pudesse aproximar a juventude de pensamentos e inclinações políticas indesejáveis para o período. Mas qual o sentido de toda essa apologia?

Um possível caminho para responder a essa questão surge da suspeita de que a editora Brasil-América nutria fortes laços de afinidade com o governo militar (ou pelo menos não queria incomodar). Nada mais justo, afinal, não devemos esquecer que as concessões para a utilização de meios de comunicação dependiam – como até hoje dependem – diretamente do aval do governo que, na época, era ditatorial. No entanto, há indícios de que essa afinidade ia além de mera relação de “vassalagem” entre a EBAL e a ditadura, como se pode observar na propaganda encontrada na última página de um dos exemplares de *O Judoka*, na qual se observa uma inusitada “História do Brasil em Quadrinhos”.

¹⁰⁰ Nos números subsequentes da revista, a personagem Lúcia, além de se tornar a namorada de Carlos, “O Judoka”, irá também tomar parte nas estórias como a “Mulher Judoka”, levando-me a crer que o quadrinho também fazia sucesso entre o público jovem feminino, ou ao menos que essa era uma intenção de seus editores.

¹⁰¹ “O JUDOKA”. Rio de Janeiro: Editora Brasil-América, n.7, 1970.

Fig. 14¹⁰².

A Figura 14 mostra no detalhe as ilustrações dos presidentes Costa e Silva e Médici, além do General Lyra Tavares, do Brigadeiro do Ar Márcio de Souza e Melo, e do Almirante Augusto Rademaker, que compuseram a Junta Militar Provisória, após a enfermidade e afastamento de Costa e Silva. Essas imagens são precedidas pelo seguinte texto-propaganda:

Do ano da descoberta do Brasil (1500) ao ano da posse do Presidente Garrastazu Médici no governo da república (1969) são quase cinco séculos de história do Brasil, condensados em 399 legendas e desenhos de Ivan Wash Rodrigues, reconstituindo aspectos, trajes e fatos da História Pátria, narrados com serenidade¹⁰³.

No trecho acima, é interessante notar, além da incontestável posição pró-regime militar adotada pela EBAL, o final do texto quando diz tratar-se de “[...] fatos da História Pátria, narrados com serenidade”, o que nos leva a questionar: que fatos seriam subtraídos dessa história ou adicionados a ela em nome da propalada “serenidade”?

Um fato possivelmente abafado em favor da “serenidade”, talvez tenha sido a ação do movimento estudantil, que, conforme se pode observar no depoimento de Mateus Sugizaki, estava em plena ebulição no período. Além disso, chama a atenção o fato de esse mestre ter utilizado o Judô como justificativa para o seu afastamento das

¹⁰² “O JUDOKA”. Rio de Janeiro: Editora Brasil-América, n.11, 1970.

¹⁰³ Ibid. (Grifo nosso.)

questões políticas da época, um aspecto que coaduna perfeitamente com o ideário presente nas páginas de *O Judoka*. Nas palavras do mestre:

É, como em qualquer outro lugar, a gente acaba se envolvendo, não tem como não se envolver porque a, a, o que se institucionalizou, entendeu?[...] a Ditadura foi implantada em 64, quer dizer, antes de eu entrar até pra universidade, mas eu peguei períodos pesados, peguei períodos da recessão brava, da repressão brava, de, de, de... 68 a 70 eu foi o período mais pesado da repressão... [...] E eu era estudante, exatamente, então... Acontece o seguinte, é que é... eu tinha, tive que fazer uma opção, ou participava dos movimentos estudantis, ou eu me dedicava ao esporte.[...] Mas como tava lá... eu já vinha independente, eu já vinha naquele processo antes de entrar na faculdade, de... do Judô de buscar resultados, de buscar..., de ascender através do Judô. Então a minha opção foi pela continuidade da minha atividade dentro do Judô sem me envolver diretamente como os movimentos estudantis, muito embora a gente estivesse no todo. [...] Quer dizer a gente ta ali no meio, então muitas vezes o pessoal... Puxa vida! Nas reuniões, nas assembléias do centro acadêmico, (porque eram os centros acadêmicos que ferviam na oportunidade) a gente tava lá junto com os amigos, com os companheiros embora eu não me metesse, não envolvesse diretamente no movimento estudantil [...] ¹⁰⁴.

Assim, o posicionamento da EBAL como “arauto” do regime ao público jovem, e a publicação da revista *O Judoka*, na forma como ocorreu, parece ter a intenção de estabelecer uma boa relação entre as artes marciais e o Governo Militar Brasileiro.

Essa relação entre a Ditadura Militar Brasileira e artes marciais orientais está longe de ser resultado de um acaso insólito. Mais do que isso, ela reacende uma discussão em torno da “vertente militar” para a disseminação das artes marciais orientais na cidade de São Paulo, apresentada no seguimento anterior. Mas, como isso estaria relacionado aos quadrinhos?

Essa resposta não é tão simples, porém um indício parece estar relacionado a outro aspecto muito interessante sobre o periódico *O Judoka* e refere-se ao fato de, desde os primeiros números, essa revista em quadrinhos apresentar em suas páginas finais dois pontos. O primeiro deles eram os desenhos didáticos sobre algumas técnicas de artes marciais, mais especificamente de judô. Como se pode observar no trecho abaixo:

A partir deste número, O Judoka vai ensinar a você um pouco de defesa pessoal. Se você não perder nenhum número da série e lições que vamos apresentar, em pouco tempo terá reunido bons conhecimentos de luta livre e jiu-jitsu. Mas...

¹⁰⁴ Mateus Sugizaki, em depoimento concedido ao autor, em 26 de fevereiro de 2008, na cidade de Botucatu-SP.

não vá empregar o que aprender no seu irmãozinho menor, pois o bom judoka só usa seus conhecimentos em situações críticas, e quando encontra um adversário bem mais forte. Guarde os seus golpes apenas para quando se fizerem necessários¹⁰⁵.

Interessante notar, nesse trecho, a questão da associação entre defesa pessoal e artes marciais orientais. Menos do que a intenção de ensinar realmente algumas técnicas de artes marciais orientais, esse suplemento da revista parece ter exercido a função de propaganda para esse tipo de atividade. E, nesse sentido, indagamos: quem se beneficiaria com esse tipo de propaganda?



Fig. 15¹⁰⁶.

O segundo sentido refere-se à publicação de um boletim informativo sobre artes marciais, o *Judô Notícias*. Esse informativo trazia dados sobre academias e campeonatos de judô e outras artes marciais, de várias partes do país, com destaque para o Rio de Janeiro e São Paulo, e, tal como nos desenhos didáticos de técnicas, parece ter exercido uma função de propaganda.

¹⁰⁵ “O JUDOKA”. Rio de Janeiro: Editora Brasil-América, n.1, 1969.

¹⁰⁶ Ibid.

Fig. 16¹⁰⁷.

De tudo que foi exposto a respeito de *O Judoka*, cabe destacar que, além de oferecer uma contribuição importante ao nosso objeto de estudo, o trabalho com esse tipo de material tornou possível uma nova e extremamente rica forma de apreensão do cotidiano da época.

Essa riqueza emergiu uma vez que, por meio da análise dos supostamente “inocentes gibis”, foi possível ter acesso aos ecos do universo infanto-juvenil de outras épocas. Os estereótipos e costumes presentes nas estórias são representativos das sociabilidades que faziam parte do viver urbano no período. Assim, a simples existência desse periódico demonstra que não foi curto o alcance das artes marciais orientais no país.

Depois de analisar esses produtos da indústria do entretenimento (anúncios de filmes e *O Judoka*), é interessante tentar entender a forma como os mestres de artes marciais entrevistados acreditam terem sido beneficiados por esse ambiente favorável.

A esse respeito o depoimento de Lucy Nakano, mestre brasileira de Karatê, nos dá algumas pistas, pois os filmes de artes marciais orientais, sobretudo os estrelados por Bruce Lee, tiveram grande influência no fortalecimento de seu interesse pelo Karatê, em suas palavras:

Como tinha na minha época o Bruce Lee, é... [...] A gente saía da academia, juntava todo mundo e assistia, o que tava passando [...]. Porque quando tinha um, ficava aquele auê todo, né. “Vamos que está passando o filme do Bruce Lee¹⁰⁸”.

¹⁰⁷ Ibid.

Ainda de acordo com essa depoente, não eram os filmes que influenciavam as pessoas a praticar as artes marciais orientais, mas sim o contrário. Em suas palavras: “*eu acho assim, não é o filme que levava o pessoal pra arte marcial. Eu acho que é o contrário. Quem fazia artes marciais ia assistir o filme*¹⁰⁹”.

Essa fala contrasta com o ponto de vista de outros mestres a respeito do assunto, conforme se pode observar, por exemplo, no depoimento concedido por Tomeji Ito, em especial no trecho onde afirma que foi em função da exibição dos filmes de Bruce Lee que sua academia teria experimentado um grande aumento no número de alunos. Mais interessante ainda foi a constatação de que, mesmo se tratando de um estilo diferente (o mestre ensinava Karatê e os filmes representavam o Kung Fu), isso pouco importou, pois o que movia as pessoas, era o interesse pela prática de uma arte marcial oriental, pouco importando se era Kung Fu, Karatê ou qualquer outra.

Houve, houve muito aumento. Houve um diferença muito grande, sabe? Cê vê. Um estilo completamente diferente, mas para o povo não interessa o que interessa é que é uma arte marcial. Então no Karatê aumentou muita gente, sabe? [...] teve época eu tinha 400 alunos na minha academia, eu tinha que fazer grupo de domingo a domingo de tanto praticante que tinha¹¹⁰.

De acordo com depoimento de um imigrante coreano que vivenciou processo “do lado de fora”, os filmes de Bruce Lee foram os responsáveis pela rápida difusão das artes marciais orientais no ocidente. Em função disso, e ainda, graças ao mito construído em relação à eficiência do Taekwondo durante a Guerra do Vietnã, os mestres coreanos que vieram para São Paulo no mesmo período teriam sido largamente beneficiados.

Só que quando os coreanos começaram a vir no Brasil eles já..., Taekwondo já era conhecida principalmente porque ele se tornou uma marcial oficial do povo coreano e foi muito difundida durante Guerra da Vietnã. Durante Guerra de Vietnã, soldados coreanos lutavam como as armas e Taekwondo também e também naquela época dos anos final de sessenta, durante Guerra de Vietnã e comecinho de setenta, havia uma grande difusão de lutas marciais em função da..., em função dos filmes de Bruce Lee, que era verdadeiro lutador das artes marciais que também fez filme com esse tema e foi famoso, né? Então pra mundo ocidental, luta marcial oriental se tornou foco de atenção muito difundido pelo filme de Kung Fu, também

¹⁰⁸ Lucy Fonseca Nakano, em depoimento concedido ao autor, em 15 de junho de 2005, na cidade de São Paulo.

¹⁰⁹ Ibid.

¹¹⁰ Tomeji Ito, em depoimento ao autor, concedido em 19 de maio de 2005, na cidade de São Paulo.

parte criou-se um mito durante Guerra do Vietnã que com tudo isso vieram os mestres de Taekwondo da Coreia pra Brasil, como imigrantes¹¹¹.

É difícil precisar o grau de influência desses filmes e também dos demais produtos da indústria do entretenimento sobre o processo de disseminação das artes marciais orientais na cidade de São Paulo, tendo como ponto de partida a memória desses mestres, entretanto é também em função dessa memória que se pode afirmar a existência dessa influência. Mesmo sem se ter meios para quantificar, de forma pormenorizada, a extensão dessa influência, que tanto poderia ser positiva, quanto negativa, o alcance das informações contidas nesses produtos da indústria do entretenimento não deve ser ignorado.

Evidentemente que cada arte marcial oriental experimentou, de forma particular, os benefícios ou malefícios oferecidos por esse “terreno fértil”. Nesse sentido, não obstante a influência exercida por esses produtos da indústria do entretenimento no processo de disseminação das artes marciais orientais na cidade de São Paulo, alguns depoentes atentaram para o fato de que existia um descompasso entre aquilo que era retratado nos filmes e a realidade cotidiana das academias instaladas cidade.

A esse respeito, vale lembrar que o processo de aprendizagem de uma arte marcial oriental exige de seus praticantes disciplina e paciência para suportar as inúmeras repetições necessárias à perfeita execução de certos movimentos. Os filmes, por exemplo, são muito mais dinâmicos, a plasticidade estética de alguns movimentos executados na “grande tela”, muitas vezes, é inversamente proporcional a sua eficiência fora dela. O ritmo do treino é mais lento e as lutas (aspecto mais valorizado nos filmes), muitas vezes, são deixadas em segundo plano durante as aulas. Esse descompasso foi muito bem apontado no depoimento de Thomas Lo, de acordo com esse mestre:

Porque Kung Fu que a gente vê na filme é completamente diferente. Especialmente Wing Chun, é a forma muito feia. Eu gosto. Ele é só mais como diz, prático. Mas bom, mas não é bom. Então não tem aquele pulo, não tem aquele chute terrível, não tem aquele pulo alto¹¹².

¹¹¹ Augusto Myung Ho Kwon, em depoimento concedido ao autor, em 12 de setembro de 2003, na cidade de São Paulo.

¹¹² Thomas Lo, em depoimento concedido ao autor, em 27 de maio de 2007, na cidade São Paulo.

Além disso, ao se depararem com esse descompasso, com essa quebra de expectativa, muitos alunos abandonam os treinamentos. Afinal, na disputa entre aquilo que se busca e aquilo que efetivamente se ensina, as artes marciais orientais, sobretudo em função de seu compromisso com a manutenção de uma determinada tradição, perdem de “goleada”, se comparadas aos esportes modernos, em que a relação prática/representação é bem mais próxima. Yip Fu Kwan explica o que acontece com esse tipo de aluno:

E quanto a esse tipo de aluno, eu de vez em quando acontece isso, esse tipo de aluno não fica muito tempo aqui, se fosse causa de filme alguma coisa, chega um, dois, três, meia dúzia assim e vai embora logo. Por quê? Porque o pensamento dele é outro, ele acha vem aqui já consegue tudo, tal, tal, tal. Aí a final não foi isso, aí três meses, meio ano vai embora. Mas aquela pessoa quero realmente aprende coisa aquele lá, em cem dias já aprendeu, mês ele já aprendeu, ele fica. Independente, já vinte anos, não tem problema. Aqui não é uma academia é a casa de Yip¹¹³!

“Aqui não é uma academia é a casa de Yip!” E valeria dizer também que não é uma quadra, um campo ou piscina, pois é um lugar fortemente comprometido com uma tradição. Não uma tradição qualquer, mas sim a tradição oriental, algo custoso ao entendimento de alguns alunos.

Todavia existem exceções. E elas ficam por conta das artes marciais orientais, que abraçaram livremente o processo esportivização. Nesses casos, a aproximação entre aquilo que se busca e aquilo que se ensina em muito se assemelha ao que ocorre com os demais esportes. Mas, para que isso fosse possível, um tortuoso caminho teve de ser trilhado. Tradições tiveram que ser discutidas e laços hierárquicos tiveram que ser quebrados. Novos discursos começam a disputar seu espaço. O produto “arte marcial oriental” assume uma nova roupagem. E é justamente dos detalhes dessa disputa, contidos na memória de nossos depoentes, que trata o próximo capítulo.

¹¹³ Yip Fu Kwan, em depoimento concedido ao autor, em 15 de setembro de 2004, na cidade de São Paulo.

2 – Ocidentalização e esportivização à brasileira: tradições, identidades ou as pedras no caminho

A construção de um caminho oriental para cultura corporal na cidade de São Paulo exigiu, por parte das artes marciais orientais e de seus mestres, uma série de adaptações. A necessidade dessas adaptações correu em paralelo ao próprio processo de disseminação dessas práticas corporais na cidade.

Não se deve ignorar o fato de que todas as artes marciais orientais foram originadas em um ambiente diverso ao da cidade de São Paulo e em reposta às necessidades próprias daquela parte do mundo.

Assim, a retirada dessas práticas de seus locais de origem e a consequente disseminação das mesmas pelos países do ocidente exigiu o desencadear de um processo de ocidentalização. Para algumas artes marciais orientais¹¹⁴, esse processo teria dado seus primeiros passos ainda no oriente, quando, em finais do século XIX, as formas ocidentais de trabalho corporal (esporte e ginástica) começaram a ser difundidas por lá.

Todavia, não se deve esquecer que esse processo de ocidentalização não terminou no oriente, ao contrário, ele teria se intensificado ainda mais no momento em que essas práticas começaram a ser difundidas nos países do ocidente.

Fundamental também para o entendimento dos meandros desse processo é ter em mente que cada arte marcial oriental experimentou, de forma bastante peculiar, os desdobramentos advindos da ocidentalização. Algumas se esportivizaram, porém em diferentes graus, outras tentaram se desvincular o menos possível de suas tradições e raízes originais.

Além disso, essa peculiaridade em relação à forma como essas práticas experimentaram o processo de ocidentalização ganhou contornos específicos também

¹¹⁴ Nesse ponto tentamos evitar generalizações por termos estudado apenas parte do total de artes marciais orientais existentes na cidade de São Paulo.

em função do local onde foram implantadas. Dito de outra maneira, torna-se fundamental o entendimento de que, uma vez implantadas no Brasil, o desenvolvimento de cada uma dessas práticas assumiria contornos bem particulares. Afinal, não se podem negar as diferenças culturais, econômicas e sociais existentes entre, por exemplo, um país como o Brasil e os Estados Unidos da América. E essas diferenças deixaram suas marcas na forma como cada arte marcial oriental experimentou o processo de ocidentalização.

No caso específico das práticas, objeto desse estudo, algumas dessas adaptações se fizeram necessárias, logo de início, no processo de estabelecimento dos mestres imigrantes¹¹⁵; outras, em um momento posterior, quando a necessidade de expansão das práticas na cidade exigiu a formação de mestres brasileiros. Em ambos os casos, não foi raro o aflorar de conflitos identitários.

A natureza dessas adaptações agiu no sentido de aproximar essas práticas de origem oriental de uma lógica mais ocidentalizada de trabalho corporal, ou seja, concorreu para a associação entre as artes marciais orientais e alguns elementos presentes nos métodos ginásticos e nos esportes modernos.

Essas adaptações favoreceram também a constituição das condições materiais necessárias à prática, algo que, como consequência, favoreceu a criação de um mercado próprio e a apropriação dos discursos da saúde, do esporte, da defesa pessoal, face ao aumento da violência urbana verificado nos grandes centros e da adoção de um sistema de graduação, de acordo os níveis de aprendizagem, o que, segundo nossos depoentes mestres imigrantes, expressa uma lógica completamente diversa daquela que seria a aceitável, quando do momento em que os mesmos aprenderam a arte marcial oriental que representam, mas que se mostrou como uma estratégia necessária durante o processo de reconhecimento e aceitação dessas práticas em meio às demais possibilidades de experiências corporais disponíveis na cidade.

Enfim, cabe destacar que trabalhamos nesse capítulo com a hipótese de que essas adaptações não foram vivenciadas apenas no Brasil, mas que aqui assumiram algumas características peculiares e que, acima de tudo, elas conferiram

¹¹⁵ Conforme demonstrou-se na primeira parte do presente estudo.

uma “roupagem moderna¹¹⁶” aos antigos métodos de ataque e defesa originados nos países do oriente, em uma perspectiva belicista e que, atualmente, esse processo coloca dúvidas quanto ao quê de oriental essas práticas ainda reservariam.

Assim, o presente capítulo discutirá, com base na memória de mestres de artes marciais orientais, os seguintes elementos do que batizei de processo de “ocidentalização à brasileira”: a) as condições materiais necessárias à prática; b) esporte, saúde e defesa pessoal; e c) artes marciais orientais em São Paulo entre a tradição e a esportivização.

Mais uma vez, destaca-se que essas categorias não possuem a pretensão de serem generalizantes e, mesmo que possam ser observadas como alternativa de explicação para o processo de ocidentalização dessas práticas em São Paulo, é importante frisar que, ao nosso juízo, o mais apropriado seria dizer que elas tão somente nos auxiliaram na construção de um sentido plausível para os indícios desse processo, presentes na memória de nossos depoentes, pois, mais do que retratar situações passadas, esses indícios retrataram também situações atuais vividas por esses mestres.

¹¹⁶ Conforme destacado na introdução, nesse ponto, nos apoiamos fundamentalmente nos estudos realizados por Norbert Elias em relação ao papel dos esportes modernos no processo civilizador europeu, algo que foi de grande importância também no processo de desenvolvimento das demais sociedades ocidentais bem como nos estudos de Pierre Bourdieu em relação ao esporte moderno pensado como um campo específico, em que diferentes agentes sociais atuam no sentido de promover a construção de “estruturas estruturantes” para a organização das práticas material e simbolicamente algo que seguindo uma cronologia específica, ou seja, uma cronologia que mesmo relacionada às demais dimensões da sociedade possui seu próprio tempo e suas próprias regras, gera o surgimento de mercado relacionado tanto do ponto de vista do consumo quanto do ponto de vista do surgimento de profissionais direta ou indiretamente relacionados. (Cf.: BOURDIEU, P., Op. Cit., Op. Cit.; BOURDIEU, P. 1983. Como é possível ser esportivo. In: Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero. São Paulo: Brasiliense, 1990, p.208; ELIAS, Norbert. Op. Cit. 1994, v1. e ELIAS, N. & DUNNING, E. A Busca da Excitação. Lisboa: DIFEL, 1992.)

2.1 A memória das lutas e as condições materiais necessárias à prática

[...] na verdade o pessoal começo..., lá pra poder praticar judô, antes dos tatames, eles faziam um, uma área de areia, né. Cercava uma área de areia, é..., ao ar livre. [...] Quando evoluíram um pouco e arranjaram barracão, daí levavam o que? Palha de arroz. Fazia um cercado, colocava palha de arroz, socada e tal e cobria com uma lona¹¹⁷.

O fragmento em epígrafe traz um indício de como foram contornadas as dificuldades iniciais, no sentido de garantir a prática do Judô no interior do Estado de São Paulo. Nele é possível perceber que uma das primeiras dificuldades enfrentadas pelos mestres imigrantes em São Paulo referiu-se às condições materiais necessárias à prática das artes marciais orientais. Para aqueles que porventura não estejam minimamente familiarizados com as questões cotidianas que envolvem esses sistemas de ataque e defesa, vale lembrar que cada arte marcial oriental possui certas especificidades, do ponto de vista da vestimenta, dos equipamentos e do local onde se desenvolve a prática propriamente dita. Em outras palavras, sob o ponto de vista das condições materiais necessárias à prática, o Judô é diferente do Karatê, que é diferente do Sumô, que também é diferente do Taekwondo, que por sua vez difere do Kung Fu, e do Aikido, enfim, cada arte marcial oriental guarda, nesse aspecto, certas especificidades. Evidentemente existem aproximações possíveis, tanto que, para os não iniciados, em certos casos, é, por vezes, um tanto quanto difícil distinguir uma arte da outra.

No entanto, olhando com atenção, é possível perceber que cada uma delas não apenas possui suas especificidades, como também lutam para que assim seja, pois é nessas características próprias que reside uma parcela significativa de sua

¹¹⁷ Mateus Sugizaki, em depoimento concedido ao autor, em 26 de fevereiro de 2008, na cidade de Botucatu-SP.

identidade. Um elemento de distinção passível de ser utilizado como fator de atração para as mesmas.

Do ponto de vista da vestimenta e equipamentos, por exemplo, existem artes marciais orientais para as quais esse quesito assume um papel fundamental, em outras palavras, o pleno desenvolvimento da prática – referiro-me à possibilidade de acesso e à capacidade de execução de toda a gama de técnicas que envolvem o ensino de algumas dessas práticas corporais – implica diretamente o fato do praticante estar ou não devidamente paramentado para tanto. Esse é, por exemplo, o caso do Judô, do Kendo, do Sumô e do Aikido. Nessas lutas há uma série de golpes e técnicas que dependem diretamente do kimono, como o é no caso do Judô e do Aikido; do shinai,¹¹⁸ como o é no caso do Kendo; e do mawashi¹¹⁹, no caso do Sumô.

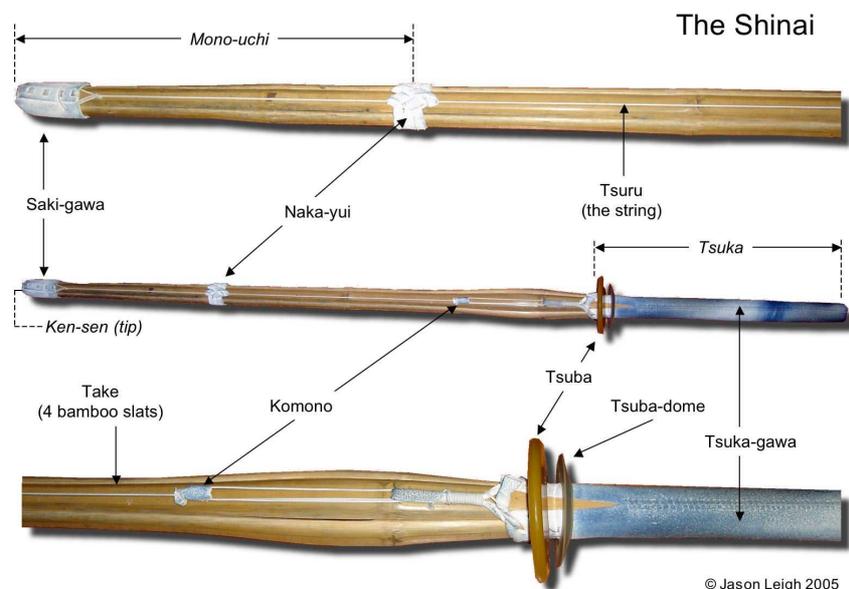


Fig. 17¹²⁰.

¹¹⁸ Bastão feito de bambu semelhante a uma espada japonesa.

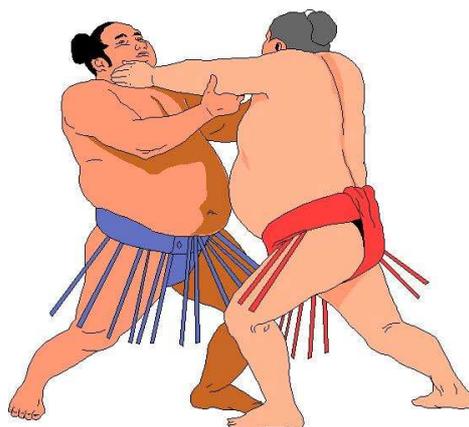
¹¹⁹ Vestimenta típica para prática do Sumô, composta por uma espécie de “faixa” que cobre apenas a região genital de tal maneira que seja formado um cinturão na região da cintura dos lutadores.

¹²⁰ Kimono utilizado no Judô. Disponível em: <<http://www.gerencianet.com.br/imgprod/120/48f4e5f3ea7d1.jpg>>, acesso em 03/03/2009.

Fig. 18¹²¹.Fig. 19¹²².

¹²¹ Kimono utilizado no Aikido. Disponível em: <http://www.kimonosshizen.com.br/aikido/hakama/fotos/grandel_2.jpg>. Acesso em 03/03/2009.

¹²² O shinai utilizado no Kendo. É importante salientar que o shinai é apenas um dos equipamentos utilizados na prática do Kendo; além dele, existe ainda uma série de equipamentos de proteção, uma espécie de armadura, que tem como função garantir a integridade física do praticante. Disponível em: <<http://www.evl.uic.edu/spiff/KendoBlog/images/Shinaiparts.jpg>>. Acesso em 03/03/2009.

Fig. 20¹²³.

Em todas as situações, a vestimenta e os equipamentos, além de serem fundamentais para a prática, parecem assumir também uma forte relação com a tradição que envolve cada uma das artes marciais orientais. É nesses casos também que a vestimenta e os equipamentos assumem uma função distintiva e identitária para essas práticas corporais. Um exemplo disso pode ser facilmente observado na diferença entre o dobok¹²⁴, utilizado no Taekwondo, e o kimono, utilizado no Karatê.

Karatê e Taekwondo guardam algumas semelhanças, do ponto de vista da prática propriamente dita; além disso, são muito semelhantes do ponto de vista da matéria-prima utilizada na confecção de seus trajes – ambos são feitos de um tecido leve¹²⁵, com a função de permitir liberdade na execução dos movimentos. Entretanto, a camisa do dobok é fechada, enquanto que a camisa do kimono de Karatê é aberta. Do ponto de vista da prática, esse detalhe não exerce nenhuma diferença, pois os movimentos podem ser executados com os dois uniformes. No entanto, o dobok fechado passou a ser utilizado justamente para diferenciar o Taekwondo do Karatê, uma vez que, conforme já aponte, do ponto de vista dos movimentos, as duas guardam certas semelhanças.

¹²³ O mawashi utilizado no Sumô. Disponível em: <<http://www.sumo-basho.com/sumobasho/images/sumo2.jpg>>. Acesso em 03/03/2009.

¹²⁴ Uniforme para a prática do Taekwondo.

¹²⁵ Um tecido leve, se comparado aos kimonos utilizados no Judô, que são confeccionados com tecido de algodão trançado e por isso mais pesado, para resistir aos golpes utilizados durante a prática.

Fig. 21¹²⁶.Fig. 22¹²⁷.

Essa necessidade de diferenciação foi ainda maior em São Paulo, na medida em que essa semelhança inicial, do ponto de vista da prática propriamente dita, com a arte japonesa foi utilizada pelos mestres imigrantes coreanos de forma estratégica, para atrair praticantes nos primórdios da disseminação do Taekwondo. No trecho a seguir, Kun Mo Bang explica como isso ocorreu:

Não sabiam o que era. O primeiro chegou aqui: “É... esse Taekwondo é restaurante da onde?” Né? Até chegou pra perguntar. (risos) [...] “Taekwondo é restaurante de qual país?” “Não é japonês? Chinês? Tailandês?” [...] Aí coloquei Karatê coreano, certo? [...] Aí... Pelo menos explicou, Taekwondo, arte de combate, Karatê coreano, acho que muito tempo cinco, seis anos ou mais nós usamos esse frase. [...] Eu coloquei primeiro aí outros começou colocar. [...] E aí começou a explicar melhor o que é Karatê coreano¹²⁸.

¹²⁶ O dobok utilizado no Taekwondo. Disponível em: <<http://images.americanas.com.br/produtos/item/573/4/573486gg.jpg>>. Acesso em 03/03/2009.

¹²⁷ Kimono utilizado no Karatê. Disponível em: <http://www.kimonosshizen.com.br/karate/lonak10/fotos/grande1_3.jpg>. Acesso em 03/03/2009.

¹²⁸ Kun Mo Bang, em depoimento concedido ao autor, em 11 de outubro de 2003, na cidade de Marília-SP. (Grifo nosso.)

Interessante notar que essa estratégia, que, segundo o depoimento de Bang, passou a ser utilizada também por outros mestres coreanos, desafia a memória dos coreanos, em relação aos anos em que Coréia foi uma colônia japonesa¹²⁹. Isso tudo graças à utilização do Karatê, uma arte cuja origem foi no Japão¹³⁰, para impulsionar a prática do Taekwondo em São Paulo. Mais do que isso, essa estratégia colocou à prova o orgulho e a identidade coreana, pois vinculou o Taekwondo, uma arte marcial supostamente autóctone a outra arte originada no Japão, seu rival histórico.

Dadas as circunstâncias, essa foi uma estratégia acertada, uma vez que, diferentemente do caso dos mestres japoneses – que em um primeiro momento tiveram sua atividade restrita à colônia e que, por conta disso, mantiveram-se ligados à tradição –, o caso dos mestres coreanos foi diferente, porque seu público-alvo também era. Não eram membros da colônia apenas, mas também e fundamentalmente brasileiros, que provavelmente muito pouco ou nada sabiam a respeito das disputas históricas envolvendo Coréia e Japão. Assim, a crise identitária, se ocorreu, se deu apenas em relação aos mestres que, em função da necessidade, não pestanejaram na hora de contorná-la. Além disso, o depoimento nos dá um indício de que, à medida que a popularidade do Taekwondo cresceu, perdeu o sentido essa associação, daí a necessidade de diferenciar as duas artes através do uniforme.

Por esse exemplo, percebe-se que contornar minimamente as dificuldades materiais inicialmente encontradas e garantir a prática das artes marciais orientais em São Paulo não foi uma tarefa das mais fáceis. Como contornar as situações em que foram postas em jogo a identidade e o apego à tradição desses mestres? E mais. Onde encontrar tatames, kimonos, shinais, faixas, mawashis, etc.? Não havia indústrias destinadas a isso. Tudo estava por fazer. Nascia uma demanda específica.

E para suprir essa demanda e garantir a prática, o improvisado, muitas vezes, foi a única solução encontrada. Foi assim com o Sumô, conforme se observa no depoimento de Masatoshi Akagi: *pega aquele saco de... [...] De, de algodão, saco de, de farinha ou... [...] Fardo. Fazia, fazia o coisa aqui né (gesticula) o Mawashi e só. Pelado, né. Então eu fazia aqui, então ajuntava a rapaziada no Domingo praticava sumô*¹³¹.

¹²⁹ A península coreana esteve sob domínio japonês de 1910 a 1945. (Cf.: CHOI, Keum Joa. Op. Cit.)

¹³⁰ Mais especificamente no arquipélago Ryu Kyu. Para mais, confira o capítulo I da primeira parte do presente estudo.

¹³¹ Masatoshi Akagi, em depoimento concedido ao autor, em 13 de maio de 2005, na cidade de São Paulo.

E de acordo com Mateus Sugizaki, foi assim também com o Judô:

[...] Os kimonos eram feitos por costureiras, lá, pelo menos onde nós morávamos, não é? É..., não, não tinha assim, pessoas que fornecessem kimono pronto. Então o que o pessoal fazia? Na época, compravam aquele saco de açúcar, saco de trigo que era um, um tecido branco, chamado..., muito resistente e arranjava uma costureira e costureira fazia os kimonos. É claro que não havia um padrão, assim, em termos de, é, de tamanho, comprimento. Então alguns tinha lá uma manga mais curta, o kimono era mais estreito... [...] Tinha que fazer com a quantidade de saco que tinha, né. E inclusive, a minha mãe depois, né, passando, passou o tempo, a minha mãe como tinha habilidade de costureira, ela começou realmente a fazer kimono assim, esse kimono de uma forma doméstica, mas acabou fazendo kimono para o pessoal que tinha interesse, né¹³²?

E provavelmente também foi essa a saída encontrada por outras artes marciais importadas para São Paulo durante o século XX. Confeção artesanal, em pequena escala, dos materiais necessários à prática.

Porém, com o tempo, esse panorama se alterou, sendo possível perceber na atualidade a existência de uma indústria e de suas marcas dedicadas à produção dos trajes (kimonos em geral) e equipamentos (protetores, tatames, etc.) destinados à prática das artes marciais orientais. Meikyo, Shizen, Dragão e Torah são alguns exemplos nacionais dessas marcas, mas, além delas, existem ainda as grandes marcas internacionais que também perceberam a importância desse mercado, como por exemplo, a Adidas e a Mizuno.

Vale destacar que esse mercado encontrou a grande maioria de seu público consumidor entre os praticantes das artes marciais orientais mais populares no mundo e no Brasil e que, não por acaso, são também as mais esportivizadas, Judô, Taekwondo e Karatê. Nesse sentido, vale destacar também que o acesso a esses produtos é diretamente proporcional ao nível de popularidade da prática. Em outras palavras, no que se refere à prática do Judô, do Karatê e do Taekwondo, por exemplo, é bem fácil encontrar produtos de origem nacional.

Entretanto, o mesmo não ocorre com o Kendo, por exemplo, em que os produtos destinados à prática são importados e por um preço, por vezes, pouco acessível, algo que fatalmente dificulta a sua disseminação, isso sem falar das barreiras alfandegárias às quais os produtos destinados à prática estão expostos, o que reforça a importância do processo de esportivização, na popularização de uma determinada arte marcial oriental, conforme nos contou Ciutoco Kogima:

¹³² Mateus Sugizaki, em depoimento concedido ao autor, em 26 de fevereiro de 2008, na cidade de Botucatu-SP.

[...] Shinais também, espada de bambu né. Então tamo importando com preço bastante razoável que por sorte poderia assim, tem um..., não pode muito. Tem a fiscalização né. [...] Então tem uma parte que faz como doação e tal, aí foi passando. Agora que tá começando, muita quantidade... [...] a fiscalização tá começando a pegar. Então tá pensando em abrir uma empresa pra importar legalmente. [...] Pra popularizar. Porque vindo normalmente, porque não é uma modalidade olímpica, não tem isenção de imposto. Eles não são bobo, então tem imposto normal, igual aos outros¹³³.

Com a intenção de exemplificar melhor como deu essa transição (da produção artesanal para a de larga escala), entrevistei um empresário do ramo de confecção de kimonos. Vejamos um trecho de seu depoimento, em que é destacado o modo como sua família ingressou nesse tipo de atividade:

Então, meu pai, ele..., na verdade a marca Dragão existe a 31 anos com meu pai... [...] Agora..., já existia a 8 anos a marca Dragão que era de um japonês que morava ali no centro... [...] fica ali perto do Minhocão, ali. E ele fazia os kimonos na casa dele. Era uma coisa assim prati..., bem artesanal. Ainda é artesanal, mas antes era mais artesanal ainda. [...] Você chegava lá e: “Ó, eu preciso de um kimono”. O cara era meio um alfaiate de kimono, né? E..., só existia aquele kimono liso, aquilo tudo. Aí à 31 anos atrás, o meu pai comprou a marca e começou a fabricar na garagem de casa. Era bem caseiro mesmo. [...] então o nosso professor de judô que ofereceu, né? Essa idéia pro meu pai. Porque não existia praticamente kimono, né¹³⁴?

No trecho acima, é possível perceber que foi a partir do incentivo dado por seu professor de Judô que a família de Fúlvio Saba ingressou no ramo de confecção de kimonos e que, antes disso, já existia a marca, mas com uma capacidade de produção insuficiente para suprir a crescente demanda. Mas em que essa família levava vantagem em relação ao alfaiate japonês? No depoimento de Fúlvio Saba, esse ponto não ficou muito claro, porém não nos parece inadequado sugerir a hipótese de que foi justamente por ser brasileiro e, portanto, conhecedor da dinâmica econômica de nosso país, que o pai de nosso depoente obteve êxito nesse ramo.

O que eu posso te falar é que... Poxa o nosso padrão de vida melhorou. Vi meu pai crescer com o negócio dos Kimonos. Muito trabalho... [...] mas enfim, o negócio melhorou. Melhorou e outra, meu pai..., a gente..., a Dragão sempre foi a pioneira em poxa, no judô. Antigamente os kimonos eram todos lisos, meu pai foi o primeiro a fazer o trançado. [...] Era tudo cru. Meu pai foi o primeiro a fazer branco. [...] Cru é aquele bege. Hoje a gente nem tem mais esse kimono. [...] E todo mundo prefere o branco mesmo. Até o cheiro dele, o cheiro do cru é muito

¹³³ Ciutoco Kogima, em depoimento concedido ao autor, em 24 de maio de 2007, na cidade de São Paulo.

¹³⁴ Fúlvio Saba, em depoimento concedido ao autor, em 27 de outubro de 2005, na cidade de São Paulo.

ruim. [...] O azul também, meu pai foi o primeiro a fazer. O azul não tinha nem sido aprovado ainda e a gente já ficou sabendo porque a gente tinha uns contatos dentro de Federação Internacional e tudo... [...] aí a gente lançou o kimono azul em 93. Porque aqui no Brasil ninguém tinha nem ouvido falar em kimono azul. Branco era quase uma novidade¹³⁵.

A Kimonos Dragão é atualmente uma das principais marcas de kimonos do Brasil, sua produção atende o mercado interno e externo e isso, inevitavelmente, garantiu a ascensão social da família de Fúlvio Saba. Além disso, o trecho acima nos permite observar como o prestígio alcançado por essa empresa foi capaz de influenciar a própria dinâmica do Judô praticado no Brasil, sendo esse um aspecto significativo de seu sucesso. A Kimonos Dragão não se limitou apenas a produzir kimonos, ela foi além, na medida em que, no Brasil, ela foi a pioneira na introdução de inovações que interferiram diretamente na prática do Judô.

Assim, no que tange às condições materiais necessárias à prática das artes marciais orientais, é possível perceber três vertentes. A primeira delas é a do imprevisto na resolução das dificuldades materiais, no sentido de garantir a prática. Basicamente essa situação é evidenciada, nos primeiros anos da introdução de uma determinada arte marcial oriental, com a produção artesanal em pequena escala dos produtos necessários à prática. Nesse aspecto, cabe destacar que as concessões, em sentido contrário ao da tradição e em favor da disseminação, foram maiores nos casos em que o público alvo não era de origem oriental.

Uma vez estabelecidas na cidade, foi em função do grau de popularidade que algumas artes marciais orientais foram capazes de manter uma demanda por produtos direcionados à prática.

Assim, para aquelas artes que, por um motivo ou por outro, não conseguiram atingir um determinado grau de popularidade, é possível observar duas situações: na primeira fica mantida a vertente caracterizada pela improvisação, na segunda observa-se a importação de produtos de países onde a prática já está consolidada; sendo esse o aspecto que caracteriza a segunda vertente, ou seja, a importação de produtos direcionados à prática.

A terceira vertente é caracterizada pelas artes marciais orientais que foram capazes de manter, de forma mais consistente, uma demanda por produtos direcionados à prática. Nesses casos, observou-se o surgimento de uma pequena

¹³⁵ Ibid.

indústria com marcas próprias, em resposta à crescente demanda por produtos destinados à prática. Isso teria ocorrido com o Judô, Taekwondo e com o Karatê. Não por acaso, são essas as artes marciais orientais mais populares na cidade e, não por acaso também, são essas as artes que mais se esportivizaram.

Assim, no próximo seguimento, veremos como o esporte e, além dele, a saúde e a defesa pessoal foram lembrados por nossos depoentes. De que maneira a associação das artes marciais orientais a esses três elementos teria influenciado o processo de disseminação dessas práticas em São Paulo?

2.2 A memória das lutas: esporte, saúde e defesa pessoal

Não é exatamente nova a associação entre as artes marciais orientais, o esporte e o discurso em torno de um determinado ideal de saúde. Vimos que essas questões já estavam presentes em algumas dessas práticas nos primeiros anos do século XX, tomando como exemplo o Judô, o Karatê e Taekwondo¹³⁶, dando início ao processo de modernização dessas práticas.

Além desses elementos (esporte e saúde), é possível perceber a inclusão de um terceiro elemento, a *defesa pessoal*, mas em uma perspectiva diferente daquela para a qual as artes marciais orientais foram originalmente idealizadas.

Muito mais ligado à porção marcial do que à porção esportivizada dessas práticas corporais em seu sentido moderno, esse elemento (em sua nova concepção) passou a fazer parte do cotidiano das artes marciais orientais, em um dado momento, na cidade de São Paulo. É difícil estabelecer esse momento de forma precisa; entretanto, a presença desse elemento já poderia ser notada no cotidiano dessas práticas, com clareza, na segunda metade do século XX.

É importante esclarecermos que promover a defesa pessoal sempre foi a função primordial das artes marciais em seu sentido lato. Afinal, essas práticas nada mais são que sistemas de ataque e defesa idealizados com fins bélicos. Entretanto, o que teria mudado nos anos da segunda metade do século XX seria a forma como esse elemento passou a ser explorado. Hoje isso está claro, visto que ninguém procura essas práticas com o intuito de se preparar para uma guerra.

Além do mais, o controle da violência potencial, promovido pelo processo de modernização, impôs barreiras, no que diz respeito a essa forma de utilização das artes marciais orientais. Contudo, mesmo com esse controle, o conhecimento de uma determinada arte marcial oriental supostamente conferiria ao praticante a capacidade de se defender, frente a uma eventual situação de perigo.

¹³⁶ Confira o capítulo 1 da primeira parte do presente estudo.

Mas qual seria esse perigo na segunda metade do século XX? Para alguns, esse perigo seria representado pelo aumento na violência urbana, e assim, esse passaria a ser o novo sentido dado à capacidade de promover defesa pessoal inerente às artes marciais orientais, em uma perspectiva moderna.

Esses três elementos (esporte, saúde e defesa pessoal) foram referenciados por nossos depoentes. Isso ocorreu de tal forma que nos pareceu ser possível afirmar que essas são, na atualidade, dimensões importantes que envolvem a prática das artes marciais orientais em São Paulo.

O trecho extraído do depoimento de Kun Mo Bang, no momento em que esse mestre destacou os objetivos de sua vinda para o Brasil, nos traz um primeiro indício:

[...] Por exemplo, minha parte, outros não sei, nós viemos aqui objetivo parte defesa pessoal mesmo, como que domina adversário não precisava nada de faixa certo? Dominar. Cada situação como que domina? Pra dominar você precisa preparar eu físico, então objetivo é esse. Eu ensino Taekwondo pra você, vai demorar pra chegar faixa preta, mas eu posso ensinar pra você dentro em três meses dominar uma pessoa, só ensina aquele técnico, então eu acho que você... Você não é taekwondista¹³⁷, né? Você tá preparando um atividade pra dominar durante ataque e pronto, então programa mudou né? Que não precisava, então nosso programa mudou e passando taekwondo¹³⁸.

Nesse trecho, Bang explica que, com o tempo, seu objetivo inicial de treinar a polícia militar mudou e passou a ser a difusão do Taekwondo. O ponto que se deve frisar é que essa fala mostra que a arte marcial ultrapassa os aspectos relativos à defesa pessoal, porém mostra também que esse aspecto está incluso na prática, ou seja, é uma dimensão importante do processo de aprendizagem, mas não é a única.

Em seu depoimento, Thomas Lo fez a mesma referência, mostrando ainda que, apesar de importante e presente, esse aspecto tem perdido sua relevância frente ao uso das artes marciais orientais na promoção da saúde:

Antigamente não. Eu aprendi isso para auto defesa, ou até vingança. Agora não, pode você pra cá falar saúde, é..., equilibra fisicamente e mentalmente e tal, assim, né. Antigamente já é contrário. Antigamente, efeito colateral é pra saúde. Agora é contrário, efeito colateral é para auto defesa. Porque arma de fogo é tão comum e tão mais fácil...¹³⁹.

¹³⁷ Praticante de Taekwondo.

¹³⁸ Kun Mo Bang, em depoimento ao autor, em 11 de outubro de 2003, na cidade de Marília-SP.

¹³⁹ Thomas Lo Siu Chung, em depoimento concedido ao autor, em 25 de maio de 2007, na cidade de São Paulo.

Assim, a defesa pessoal permaneceria como uma dimensão importante das artes marciais orientais, contudo, de forma apenas latente, pois, para esse mestre, sua eficácia cairia por terra quando posta em situação de confronto com uma arma de fogo, uma situação, infelizmente, cada vez mais comum no cotidiano das grandes cidades brasileiras. Nesse sentido, esse argumento (o da defesa pessoal) seria apenas um chamariz para a prática, e não mais do que isso, uma vez reconhecida sua ineficácia frente à realidade.

Além disso, existiria ainda uma demanda de mercado, conforme se pode observar no depoimento concedido por Kazuro Nakashima:

[...] se nós voltarmos a fita no tempo, o nosso treinamento de Gouju-ryu¹⁴⁰ era muito semelhante com o que eles treinam Kyokushin¹⁴¹ hoje. Que era essas pancadas. Bater em árvore, socar pedra, chutar poste e aqueles treinamentos físicos de subir escadas de ponta cabeça e tinha muito isso. Mas o que aconteceu? Com a modernização, nós fomos tirando todos esses treinos intensivos. Por quê? Porque a própria população não aguenta. Então o que acontece? O Karatê Kyokushin, ele pegou uma fatia do mercado que gosta de treinar intensamente e os demais Karatês que estão hoje em dia, os outros estilos, eles pegam a outra fatia do mercado, que são as pessoas que vêm treinar de repente buscando uma atividade física, uma saúde, ganhar mais resistência, né, aprender uma auto-defesa, aprender a se defender¹⁴².

Para entender o posicionamento de Kazuro, é importante termos em mente que, apesar de ter ascendência oriental, esse mestre é brasileiro e tem como principal atividade financeira a administração de sua academia de Karatê. Além disso, sua análise acerca da existência de um mercado específico para artes marciais orientais deriva provavelmente de sua formação superior em economia. Esses dados ajudam a explicar a noção de proporcionalidade inversa, identificada por ele, na relação entre a modernização das práticas e a intensidade dos treinamentos, sendo, portanto, incompatível com o uso dos antigos métodos de ensino (marcados pela rigidez), com o anseio dos praticantes por uma atividade física voltada para a saúde.

Interessante notar que, mesmo se contradizendo, ao afirmar que a defesa pessoal também é ensinada em sua academia, Kazuro o faz de modo a compatibilizar esse aspecto com a saúde. Além disso, o que fica latente em seu discurso é a colocação

¹⁴⁰ Estilo de Karatê.

¹⁴¹ Outro estilo de Karatê considerado mais intenso pelo fato de suas lutas serem decididas apenas por nocaute e permitirem o contato total sem o uso de protetores.

¹⁴² Kazuro Nakashima Diana, em depoimento concedido ao autor, em 11 de maio de 2005, na cidade de São Paulo. (Grifo nosso)

de seu estilo de Karatê como uma prática mais acessível e, nesse aspecto, melhor do que o estilo Kyokushin, que, em seu julgamento, seria mais intenso.

Seu posicionamento em relação à “intensidade” dos treinos de Karatê Kyokushin foi reafirmado por Seiji Isobe, mestre dessa arte marcial oriental, no seguinte trecho de seu depoimento:

Enton, nosso treino academia pode bater. [...] Aí, lógico aluno ia machucá. Bate, bate, porque num tem preparaçon físico. Aí, passando tempo, alguns anos, pessoa inteligente: “como é que vai ensiná menos machucá, menos problema físico”? Vai calejar! Abdominais mil vezes, duas mil vezes. Flexão: 200, 500 vezes. O negócio é ganhá força bom. Força nos dedos, nos dedos. Antigamente non tinha força ou sem tempo. Kyokushim, é, precisa força no..., precisa força no dedo. Aí, inventou bastante treinamentos, bastante coisas, bastantes golpes, equivar. [...] Enton todo ano tem que prepará. Aí, 63, 69 começou, mestre a exigir: “Vamos realizar campeonato. Com contato”¹⁴³.

E essa rigidez nos treinos acaba funcionando como um meio de atração para um público específico. Assim, o Karatê Kyokushin, apesar de estar estruturado como um esporte com federações de âmbito nacional e mundial, do ponto de vista das competições, aproxima-se muito mais das artes marciais em sua forma antiga, promovendo situações em que o risco para a integridade física dos praticantes é maior. Vale lembrar que a manutenção da integridade física dos praticantes é um dos pontos mais enfatizados pelo esporte moderno; nesse sentido, esse estilo de Karatê parece caminhar na contramão do processo de modernização e das artes marciais orientais.

Assim, a tônica, no que se refere ao modo como as artes marciais orientais estudadas por nós têm se adaptado às demandas impostas pelos interesses daqueles que as procuram, parece estar caminhando em direção à criação de multiplicidade de sentidos. Essa forma de pensar a arte marcial oriental aparece no seguinte trecho do depoimento concedido por Sérgio Takamatsu, mestre de Karatê estilo Wadou Ryu, brasileiro e filho do mestre imigrante japonês Koji Takamatsu:

[...] o nosso estilo tem uma característica, quer dizer, né, o mestre Takamatsu, a forma dele ensinar, né, que ele deixa muito aberto para o aluno escolher o caminho que ele deseja seguir, né. O fundamento, obrigatoriamente, é igual pra todos, porque aqui é a matriz da Wadou Ryu, nu no Brasil, na América do Sul. Então o fundamento é insistentemente cobrado, né. E a partir daí, se ele vai virar um atleta ou um praticante do estilo, ou se tá vindo porque faz bem pra saúde, ou a mãe mandou pela disciplina, uma filosofia mais assim ah, disciplina não de fazer

¹⁴³ Seiji Isobe, em depoimento concedido ao autor, em 13 de julho de 2007, na cidade de São Paulo. (Grifo nosso)

bagunça, mas de se achar, na... Então existe vários programas. A academia, né, é aberta ao público em geral, né? [...] a partir do momento que o aluno tem vontade de aprender, não importa a qualidade técnica, a capacidade técnica do aluno, né, nós devemos respeitá-lo e atendê-lo em tudo que ele nos solicitar, né? E, especificamente no que você perguntou anteriormente, o aluno ele quer se tornar um atleta, ele vai fazer todo o fundamento, todo estilo Wadou Ryu, né, todas as aulas regulares, né, e nós acrescentamos mais algumas aulas voltada à competição, né? Então, na academia todo mundo tem uma aula, né? Vamos falar assim 100% da aula técnica de estilo. E, além disso, se ele quiser nós temos aulas, treinamento para competição¹⁴⁴.

Entretanto, para as artes marciais orientais mais esportivizadas (olímpicas), Taekwondo e Judô, essa multiplicidade de sentidos vem, cada vez, mais perdendo espaço, de forma a favorecer a dimensão esportiva dessas práticas, e isso pode ser constado nos depoimentos de Kun Mo Bang e Mateus Sugizaki. Assim, de acordo com Bang:

Este transformação... Acho que não é transformação. Eu que cansado de modalidade olímpica que demonstrando, que mostrando um parte, uma parte do Taekwondo, e Taekwondo não é só parte de luta, mas gente esforçando mais parte menos parte do Taekwondo. Então por exemplo: nós temos 100% do Taekwondo, Taekwondo tem 100, então parte de luta eu acho que é menos de 10% e 90% é mais parte postura, parte respiratória, saúde, falando fisicamente e treinamento para ter saúde em geral e outro lado espiritual, é uma parte né? Uma parte prática. Então, demonstração com lutando como modalidade olímpica, competições é uma pequena parte se ele vai transformar ou não tudo depende do mestre. Eu acho que, está mostrando uma parte de luta, e será que ele está treinando outra parte que ele não está mostrando? Então, tudo dependendo do mestre. Por exemplo. Eu gostaria de gostaria de ensinar Taekwondo total, 100%, então uma diferença grande, cê conhece meu aluno Mauro Hideki, instrutor de da cidade de Bauru, Antônio Silvio instrutor de Lençóis Paulista, eles são mestres, os únicos 2 mestres que formei. Eles se formaram mestre depois de quanto tempo? Hoje outros mestres cê vai encontrar e vai saber, ele orgulhosamente vai falar: Eu 5 anos já tô mestre, mas meus 2 alunos estes citados, demorou mais de 20 anos pra ser mestres. Então, eu percebo, são mestres enquanto mestres brasileiros que tem diferença, não sei porque, mas outros mestres respeitam dois alunos meus mestres, então não sei diferença existe, tentei ensinar 100% do Taekwondo, mas outros mestre ensinam só parte de, só movimentos, então eu acho que dependo do mestre. Eles não demoraram 20 anos porque tem problema na parte física, pois eles têm mais flexibilidade, mais títulos em campeonatos dentro do Brasil e até fora, que Mauro Hideki até participou de campeonato mundial várias vezes. Então, [...] demorou, porque eles estavam completando parte espiritual¹⁴⁵.

¹⁴⁴ Sérgio Takamatsu, em depoimento concedido ao autor, em 20 de maio de 2005, na cidade de São Paulo.

¹⁴⁵ Kun Mo Bang, em depoimento concedido ao autor, em 14 de novembro de 1998, na cidade de Marília-SP.

Para Bang a supressão das características marciais do Taekwondo em favor do esporte dependeria fundamentalmente do posicionamento do mestre frente à prática, desconsiderando as demandas do praticante. A esse respeito, Sugizaki nos traz outros elementos:

Veja bem, é, se nós conseguíssemos, [...] fazer dentro do judô, é... Veja bem, mas é difícil porque [...] é uma questão de mentalidade, não é uma questão simplesmente de você baixar a norma e vai ser assim. Não! Vai ser muito mais..., puramente de mentalidade. Se você tem a atividade educacional, essa atividade educacional, [...] do Judô, do Taekwondo, do Karatê, ela existe em qualquer momento em qualquer oportunidade, em qualquer tempo, em qualquer fase, em qualquer idade. Certo? A educacional. Que pode ser ao mesmo tempo recreativa e voltada pra saúde, certo? [...] Um outro lado agora sai e que tinha que sair exatamente desse núcleo é o esporte de alto rendimento. Porque esporte de rendimento não é quem quer, é quem tem mais habilidade. [...] Então se houvesse esse entendimento de todos, o Judô, como o Taekwondo seria maravilhoso. O problema é que nessa mistura das coisas [...] Um indivíduo que se torna um professor de Judô, ou um professor de Karatê, ele se torna o homem que sabe fazer tudo. Ele é o primeiro que prepara o atleta, “é, meu atleta não pode ir, ir naquela academia porque não sei o quê... O meu não sei o quê..., é, o meu aluno, eu que formei”. [...] Ele num tá trabalhando para o conjunto ele está trabalhando em cima do indivíduo e dele próprio, né? Então é isso que torna-se difícil. [...] Seja no Judô, seja no Taekwondo que são esportes olímpicos, certo?¹⁴⁶.

Parte importante, no que se refere ao processo de ocidentalização das artes marciais orientais em terras brasileiras, sua associação aos múltiplos discursos, tem agido no sentido de garantir a tradução dessas práticas com vistas a estimular o seu “consumo”, por uma população cada vez maior e eclética. Isso tudo, porém, não sem colocar em cheque antigas práticas/rituais que, aos olhos brasileiros, pareceriam inadequados ou fora de lugar. Nesse sentido, ganha destaque o processo de esportivização das artes marciais orientais em São Paulo que, por sua vez, vem proporcionando profundos questionamentos, do ponto de vista das tradições que compõem essas práticas.

Esses questionamentos, endereçados, sobretudo aos mestres imigrantes, surgiriam em um primeiro momento da própria demanda (praticantes brasileiros) criada pelo processo de disseminação dessas práticas na cidade. Contudo, à medida que esse processo (a disseminação) avançou, a necessidade de formação de mestres brasileiros fez “germinar” alguns pontos de tensão, do “lado dentro” dessas práticas. As

¹⁴⁶ Mateus Sugizaki, em depoimento concedido ao autor, em 26 de fevereiro de 2008, na cidade de Botucatu-SP.

consequências desse processo foram conflitos de ordem identitária, hierárquica e também econômica, conforme veremos a seguir.

2.3 A memória das lutas entre a tradição e a esportivização

[...] alguma coisa você muda, mas disciplina não pode mudar. Se você muda tudo as coisas, aí fica muito comercial. Isso não é comercial, é uma tradicional, você tem que continuação aquele coisa que é mais firme, sabe? Se você muda tudo isso, aí você realmente estragou um pouco. Não existe mais coisa verdade, tudo é falso. Então daqui um pouco não existe mais coisa¹⁴⁷.

A esportivização talvez seja um elemento chave do processo de ocidentalização das artes marciais orientais. O grau de esportivização nos ajudaria a entender parte do sucesso de algumas dessas práticas, fora de seus países de origem. Todavia, os depoimentos que analisamos nos dão fortes indícios de que a esportivização foi um aspecto experimentado de forma diferente, pelas diferentes artes marciais orientais durante seu processo de disseminação em São Paulo. Em outras palavras, aquilo que ocorreu com o Judô guardaria certas especificidades em relação ao que ocorreu com o Taekwondo, com o Kung Fu, com Aikido, com o Sumô, com o Karatê, e assim por diante. Vale lembrar que esse processo, na maioria dos casos, ainda não está acabado, ou seja, continua em curso, impondo desafios para o desenvolvimento dessas práticas em sua forma moderna.

Nesse sentido, essa peculiaridade, em relação ao processo de disseminação das artes marciais em São Paulo, guardaria certa semelhança com os estudos realizados por Pierre Bourdieu em relação ao esporte moderno, para o autor:

[...] deveríamos nos perguntar primeiro sobre as condições históricas e sociais da possibilidade deste fenômeno social que aceitamos muito facilmente como algo óbvio, o “esporte moderno”. Isto é sobre as condições sociais que tornam possível a constituição do sistema de instituições e de agentes diretamente ou indiretamente ligados à existência de práticas e de consumos esportivos, desde os agrupamentos “esportivos”, públicos ou privados, que têm como função a representação e a defesa dos interesses dos praticantes de um esporte determinado e, ao mesmo tempo, elaborar e aplicar as normas que regem estas práticas, até os produtores e vendedores de bens (equipamentos, instrumentos, vestimentas especiais, etc.) e de serviços necessários à prática do esporte (professores, instrutores, treinadores, médicos especialistas, jornalistas esportivos, etc.) e produtores e vendedores de

¹⁴⁷ Yip Fu Kwan, em depoimento concedido ao autor, em 15 de setembro de 2004, na cidade de São Paulo.

espetáculos esportivos e de bens associados (malhas, fotos dos campeões ou loterias esportivas, por exemplo). Como foi se constituindo, progressivamente, este corpo de especialistas que vive direta ou indiretamente do esporte? [...] E mais precisamente, quando foi que este sistema de agentes e de instituições começou a funcionar como um campo de concorrência onde se defrontam agentes com interesses específicos, ligados as posições que aí ocupam? Se é verdade que, como minha interrogação parece sugerir, que o sistema de instituições começou a funcionar como um campo, segue-se daí que não se pode compreender diretamente os fenômenos esportivos num dado momento, num dado ambiente social, colocando-os em relação direta com as condições econômicas e sociais das sociedades correspondentes: a história do esporte é uma história relativamente autônoma que, mesmo estando articulada com grandes acontecimentos da história econômica e política, tem seu próprio tempo, suas próprias leis de evolução, suas próprias crises, em suma, sua cronologia específica¹⁴⁸.

Dessa maneira, ao transferir os apontamentos de Bourdieu para as artes marciais orientais, observando suas “condições de possibilidade” em São Paulo, é possível perceber que o nível de ocidentalização não é igual para todas elas e que o fato de essas práticas terem se originado em meio a uma lógica oriental instalou certos conflitos, no que se refere à adoção das características próprias do esporte moderno.

Nesse sentido, em alguns dos casos, a opção pareceu pender em favor da tradição, como por exemplo, no caso do Kung Fu, do Karatê Kyokushin, do Aikido e do Hapkido. Em outros, a opção pareceu pender mais claramente em favor do esporte, como, por exemplo, no Judô e no Taekwondo. Em outros casos, ainda, a opção também pareceu pender em favor do esporte, porém um esporte mais comprometido com os ritos e tradições orientais como, por exemplo, no caso do Kendo e Sumô.

Um exemplo da opção feita em favor da tradição relacionada à prática do Kung Fu surgiu no depoimento de Thomas Lo, no momento em que esse mestre se referia às transformações que estão se processando na China, no sentido de esportivizar a prática. Em suas palavras:

Bom, é... Se tornando esporte, lá na China. Gente treina agora. Eu não, eu num treinei. Agora maioria tá fazendo dois tipos de arte marcial. Um é para cumprir missão. Esse de cumprir missão é... Ah... O governo autorizou departamento de esporte que formou. Você quer competir? Você tem que fazer isso, isso, esse forma, esse forma, esse forma. Então, que estilo? Não tem estilo. Vai ver, tem cá um movimento desse, um movimento daquele. Então formando a forma. Aí esse é, é pular, executar [...] Então você conforme o que governo te dá, você treina e concretiza. Até luta, tudo limitado, com esse ponto. Então esse é... Considera como um modelo para competição. Agora, outro, é tradicional. Tradicional, você tem que

¹⁴⁸ BOURDIEU, P. Op. Cit., 1983, p.137. (Grifo no original)

fazer exatamente que o que eu pedir. Então aqui. Agora lá, tem esses dois formas¹⁴⁹.

Com relação ao Karatê Kyokushin, a opção pela tradição se expressaria na intensidade dos métodos de treinamento e nas lutas com contato total decididas por nocaute, uma situação em que o risco a integridade física tende a ser maior, conforme se observa na fala de Isobe:

Antigamente, antigamente parava o golpe. Enton non problema físico. Non sabe, non sabe correr mão fechado. Porque non bate, non machuca. Non conseguir fechar mão completa, non aguenta 10 lutas. Non aguenta. Mão non aguenta. Machuca mais, dor mais. Non consegue mais 20 lutas, 30 lutas. Nosso teste máximo é 100 lutas. Direto, sem parar. Normal e trocando luta, até mão fechada. Fecha mão correto. Antigamente non. Non tinha batida (barulho de batida). Enton qualquer maneira, qualquer, qualquer região do corpo, non importa, velocidade máxima iááá (grito de finalização) ipon. Esse simulação. Imaginação. “Acho que deu”. Mas verdade non condizia muito. Uma coisa, alguma coisinha errada, nunca conseguiu quebrar, nunca conseguiu nocaute, derrubar. Enton, nosso treino academia pode bater. [...] Aí, lógico aluno ia machucá. Bate, bate, porque non tem preparaçõ físico. Aí, passando tempo, alguns anos, pessoa inteligente: “como é que vai ensiná menos machucá, menos problema físico”? Vai calejar! Abdominais mil vezes, duas mil vezes. Flexão: 200, 500 vezes. O negócio é ganhá força bom. [...] Kyokushim, é, precisa força[...]¹⁵⁰.

Já no Aikido, a opção pela tradição residiria na própria negação do esporte, na medida em que o Aikido não realiza competições. Essa questão foi bem enfatizada no depoimento de Makoto Nishida, em suas palavras: “*Arte marcial. Aikido nunca vai ser esporte. [...] Isso, esportivizando, né? Se tornando arte marcial competitivo. Mas, aikido nunca vai ter isso porque criação já diferente, né? Foi criado pra não fazer competições, então por isso*¹⁵¹”.

Esse posicionamento, a negação do esporte, fica evidente também no texto introdutório do manual de conceitos básicos utilizado pela “Associação Lenwakan de Aikido” da cidade de São Paulo.

Embora o Aikido seja uma inovação relativamente recente no mundo das artes marciais, ele é herdeiro de uma rica tradição cultural e filosófica. O Aikido foi criado no Japão por Morihei Ueshiba. [...] O Aikido não é primordialmente um sistema de combate, mas um meio de auto-educação e melhoria do ser. Não há, no Aikido, torneios, competições, provas ou “sparring”. Ao contrário, todas as suas técnicas são aprendidas cooperativamente, em ritmo adequado às habilidades de cada um. Segundo o fundador, a meta do Aikido não é a derrota dos outros, e sim a

¹⁴⁹ Thomas Lo, em depoimento concedido ao autor, em 25 de maio de 2007, na cidade de São Paulo.

¹⁵⁰ Seiji Isobe, em depoimento concedido ao autor, em 13 de julho de 2007, na cidade de São Paulo.

¹⁵¹ Makoto Nishida, em depoimento concedido ao autor, em 13 de julho de 2007, na cidade de São Paulo.

derrota das características negativas que habitam as mentes das pessoas, inibindo seu funcionamento. Ao mesmo tempo, seu potencial para a auto-defesa não pode ser ignorado. Uma das razões para a proibição de competições de Aikido é que muitas de suas técnicas teriam que ser excluídas, dado o elevado risco de causarem ferimentos graves. No treino cooperativo, mesmo as técnicas potencialmente letais podem ser praticadas sem riscos substanciais. É importante enfatizar que no Aikido não há atalhos para a proficiência. Consequentemente, não há outro caminho senão o treinamento dedicado e persistente. Ninguém se torna perito em poucos meses¹⁵².

No Hapkido, o argumento também seria negação do esporte em função da existência, tal como no Aikido, de técnicas de alto risco. Segundo Yun Sik Kim: *“Hapkido num dá. Hapkido, pessoa entrou querer matar, matava. Morreu”¹⁵³*.

Em contrapartida, o Judô e Taekwondo fizeram a opção em favor do esporte. Assim, na atualidade a prática dessas artes marciais orientais estaria marcada em maior ou menor grau, a depender do posicionamento do mestre, pela especialização das técnicas utilizadas nas competições. Em outras palavras, o que tem se observado nessas práticas além da opção pelo esporte, é a opção por um tipo específico de esporte, o esporte de rendimento. Conforme os depoimentos de Sugizaki, em relação ao Judô, e de Kun Mo Bang, a respeito do Taekwondo:

[...] o esporte é a vitrine do judô. É isso que eu queria que os professores entendessem. Que a vitrine é uma coisa que a gente põe lá porque é mais bonito, o de melhor, para chamar a atenção. Agora, o trabalho, o ponto X da questão tá lá atrás que é quando o professor, ele não vai privilegiar dois, três atletas que possam se destacar, mas ele vai trabalhar com uma massa grande. Se ele souber trabalhar bem esta vitrine, ele vai ter aqui uma base muito grande, ter duzentos, trezentos alunos. Isso vai ser bom pra ele. E eu sempre tive muita dificuldade em mostrar isso aí, entendeu? Por quê? Porque o pessoal fica muito obtuso nessa... Nessa visão. E a gente não consegue mostrar que a vitrine todo mundo quer, mas o que tá lá atrás é que o pessoal [...] acabou deixando de lado em relação ao Judô. Acaba deixando de lado que é exatamente um fundamento, o porquê da prática do Judô, ou o porquê da prática do Taekwondo que existe uma, [...] importância maior. Então, eu sempre cito que é muito mais importante você [...] pegar criança de sete, oito, dez anos e mostrar pra eles que eles têm uma série de possibilidades a mais quando estão fazendo essas atividades, que eles [...] vão procurar ganhar coisas que não é apenas a medalha em si. Agora o pessoal sempre acaba levando no final pra questão da medalha. Quando é que vai ganhar, quando é que vai ficar bom (risos)¹⁵⁴.

Então, as mudanças estão aparecendo porque estão forçando pra competição, mas fundamento do Taekwondo permanece o mesmo. Por exemplo, comparando com

¹⁵² MANUAL DE CONCEITOS BÁSICOS DO AIKIDO. São Paulo: Associação Lenwakan de Aikido, s.d.

¹⁵³ Yun Sik Kim, em depoimento concedido ao autor, em 23 de maio de 2007, na cidade de São Paulo.

¹⁵⁴ Mateus Sugizaki, em depoimento concedido ao autor, em 26 de fevereiro de 2008, na cidade de Botucatu-SP.

outro esporte que você está sentado aqui na quadra de tênis, uma hora que sacar serviço, um direto é melhor. Então uma época que famoso jogador, joga sacando direto aí todo mundo tenta sacar direto, exige velocidade. Em outra época baixinho que famoso, ele coloca bastante efeito e os atletas todos mudam pra fazer efeito, então cada época é diferente. Então WTF, colocou bastante movimentos pra facilitar competir, mas eu já falei aquele não é 100% do Taekwondo, aquele é só o que parece. Você veja o iceberg aquele que parece é mínimo aquele escondido que é tão grande. Então todo mundo pensa que tá conhecendo Taekwondo 100% falando isso, falando aquilo, não pode falar assim. Eu acho¹⁵⁵.

Na transição de arte marcial para esporte, tanto o Judô quanto o Taekwondo, teriam feito concessões a favor do esporte e contra a manutenção de certos elementos tradicionais dessas práticas. Todavia essa não seria uma regra geral para todas as artes marciais que se esportivizaram. A esse respeito nossos depoimentos nos trazem dois exemplos emblemáticos. O Kendo e Sumô. Duas práticas consideradas esporte, mas que, apesar disso, guardariam fortes laços com as tradições nas quais foram fundadas. Em relação ao Sumô disse Masatoshi: “*Ele é esporte, esporte. [...] Esporte e ele é cultura japonesa*¹⁵⁶”. A esse respeito Kogima enfatizou em seu depoimento que o Kendo é um esporte, porém esporte que não tem a pretensão de se tornar olímpico, pois isso colocaria em risco a manutenção de suas tradições:

[...] eu acho que o Kendo tem um lado bom, né? Muito treino, lado bom de uma coisa que nasceu lá. Então eu acho que, eu faço conta que continue, [...] espero que o Kendo se propague por todo... Todos os países, né? Eu acho que é uma coisa muito bom, sabe? Disciplina, né? [...] Disciplina de pessoal de treinamento é muito diferente né? [...] Tanto é que o pessoal europeu, asiático e tal [...] Não quer que seja olímpica. Justamente pra manter a tradição, de conservar a tradição, né? [...] Então 5 anos atrás já poderia. Mas o pessoal europeu também não faz questão [...] Porque queira ou não queira, quando for modalidade olímpica já começa mais a profissionalizar, né? [...] Então, só pensa em vencer. [...] O pessoal quer manter a tradição, tirando Kendo que... Judô, Karatê, esse já foi tudo pra modalidade olímpica. E também tem o lado bom e outro tem o lado negativo também, né? Se fosse modalidade olímpica a gente não tava sofrendo aqui pra importar equipamento ainda¹⁵⁷.

De qualquer maneira, o conflito expresso pela dicotomia tradição/esportivização permanece como uma questão a ser resolvida, tendo em vista as demandas externas, ou seja, o público que, pelos mais diversos motivos, acaba se aproximando de uma determinada prática; e as demandas internas, na medida em que a

¹⁵⁵ Kun Mo Bang, em depoimento concedido ao autor, em 14 de novembro de 1998, na cidade de Marília-SP.

¹⁵⁶ Masatoshi Akagi em depoimento concedido ao autor em 13 de maio de 2005, na cidade de São Paulo.

¹⁵⁷ Ciutoco Kogima em depoimento concedido ao autor em 24 de maio de 2007, na cidade de São Paulo.

necessidade de expansão, que resultou na formação de mestres não orientais, ou seja, resultou na formação mestres brasileiros de artes marciais orientais, instalou no interior dessas práticas um campo de tensão, que, nos depoimentos, tomou a forma de uma disputa por legitimidade através da memória.

Assim, nos depoimentos colhidos, essas duas demandas foram identificadas. A primeira delas, a externa, surgiu fundamentalmente nos trechos em que os mestres falaram sobre as concessões feitas em favor da aproximação de suas artes de uma lógica mais ocidentalizada de trabalho corporal, destacando-se: a) a criação de diferentes níveis de graduação entre os praticantes, com a adoção de um sistema de faixas/camisas¹⁵⁸, de exames de graduação periódicos e do estabelecimento racional de um currículo mínimo para cada graduação, algo completamente avesso às tradições inerentes a essas práticas; b) a ênfase nos elementos práticos (golpes) de acordo com o gosto do público ou de seu uso em competições; e c) a supressão dos elementos práticos considerados inadequados ou violentos em demasia, de forma mais ou menos acentuada, em função dos compromissos assumidos com o esporte moderno.

A segunda delas, a interna, é também a que tomou um vulto maior, provavelmente pelo fato de ter entrevistado alguns mestres brasileiros. Sobre essa demanda, dois aspectos ganharam notoriedade: a) o posicionamento dos mestres brasileiros em relação à hierarquia interna das artes marciais orientais; e b) a diferença em relação ao uso dessas práticas como meio de sobrevivência e as ações implementadas para tanto.

Assim, o primeiro aspecto das demandas externas, ou seja, *a criação de diferentes níveis de graduação entre os praticantes*, foi citada no depoimento de Yip Fu Kwan da seguinte maneira:

Por isso que aqui eu usa camisa cor diferente. Branca, início, amarela já passou alguma altura, azul então já nível mais alto, por isso. Mas, não quer dizer nada. [...] mas não tem jeito. O brasileiro gosta isso. Então eu também criou um diferença. Eu nunca faz isso na China, mas chegou aqui mudou meu pensamento. Por quê? Porque pra eles, pra alunos dão diferença. Até o aluno ele age diferente. Porque ensinamento põe o branco pra ensinar o branco ele fala: “como pode!” Né? Põe uma amarela vai ensinar azul? Não tem como. Então tem que ser realmente

¹⁵⁸ Alguns estilos de Kung Fu possuem um sistema de graduação no qual a distinção entre os diferentes níveis de aprendizagem são feitos por cores de camisa e não por faixas, como ocorre com outras artes marciais orientais. Um exemplo disso é o Kung Fu estilo Yau Man, que no Brasil tem como um de seus representantes o mestre Yip Fu Kwan.

amarela pode ajudar branca, mas azul pode ensinar todo mundo. É isso que faz. Eu também faz isso agora¹⁵⁹.

O sistema de graduação é algo que atualmente se encontra presente em grande parte das artes marciais orientais. Nesse sentido, o depoimento de Yip Fu Kwan nos mostra que a adoção desse sistema no Kung Fu estilo Yau Man, na cidade de São Paulo, surgiu em resposta a uma demanda externa à prática. Ou seja, surgiu da necessidade de seus alunos brasileiros terem a sensação de que estavam “avançando” em relação ao aprendizado da prática. Além disso, esse sistema ainda permitiria a construção de uma hierarquia interna na qual o praticante mais novo respeita o mais antigo, que, por sua vez, tem o compromisso de auxiliá-lo no aprendizado, fortalecendo os vínculos entre mestre e discípulos.

No cerne dessa questão estaria um elemento cuja percepção parece variar, em função do fato de um determinado praticante ser de origem oriental ou ocidental, o *tempo*. O tempo necessário ao aprendizado de uma determinada arte marcial oriental, não apenas no que se refere aos movimentos que a compõem na prática, mas daquilo que os mestres entendem ser a sua totalidade, algo que extrapolaria essa questão. Em relação a isso, o seguinte trecho extraído do depoimento de Yip Fu Kwan nos dá uma idéia de sua percepção desse *tempo*:

Eu acredito que qualquer um é difícil. Demora. Não é 1, 2 anos, demora muito... Meu aluno agora 20 anos aqui academia, aqui comigo 20 anos, justamente aqui aniversário. Agora depois todo tempo a pessoa começa a conseguir entender os técnicos, não é só a força, porque treinamento não é só a força, tem que ser com mente, concentração, tudo junto, como que vai? Porque você treinar arte marcial, por ue você não entra com força, com a mão, só pé, tem que entrar com a alma. Ele agora entende [...] Explica antigamente não entende, porque mesmo se explicar se você não chegou lá não adianta nada, se entendeu? [...] Isso é que é difícil. Porque o arte marcial chinesa chamado Wu Chu é muito mais fundo, muito mais difícil, por é um arte completa. Tanto que arte marcial... Tanto que Karatê, Taekwondo, Judô, tudo esse que... A verdade início vem tudo da China, a verdade não é como fala, não é. Só que o técnico mais que simplificou, ele não totalmente completo, porque arte marcial Wu Chu é completa. [...] Não é um ano, dois anos, não é caso de faixa nada, porque você não pode parar de treinar. [...] E porque o arte marcial Wu Chu, chinês Kung Fu não tem faixa? É por causo isso. Ele não reforça só faixa, ele não reforça conseguir reter o poder, treina você manter sua saúde sempre igual¹⁶⁰.

¹⁵⁹ Yip Fu Kwan, em depoimento concedido ao autor, em 15 de setembro de 2004, na cidade São Paulo.

¹⁶⁰ Ibid.

As palavras de Yip Fu Kwan demonstram que a importância do tempo no aprendizado das artes marciais orientais vai muito além da cronologia. Além disso, é interessante notar que a “arte marcial completa” seria composta de elementos pouco tangíveis, devendo ser aprendida com a “alma”. Nesse sentido, também aquelas práticas que assumiram a esportivização promovendo uma seleção de suas técnicas perderam o sentido de sua totalidade tornando-se, aos olhos desse mestre, piores que o Kung Fu, por terem perdido seu estatuto de “verdade”.

De acordo com Sugizaki, a adoção do sistema de graduação no Judô, mesmo tendo sido idealizado por Jigoro Kano, foi uma consequência direta do processo de ocidentalização da prática. Em suas palavras:

[...] esse sistema de faixa já foi inventado por pelo professor Jigoro Kano. As cores, as cores abaixo da faixa preta, da faixa preta, já é uma adaptação ocidentalizada... [...] o professor Jigoro Kano quando, ele introduziu esse sistema de graduação, ele só tinha três faixas: branca, marrom e preta. E acima de preta, daí vinha, viriam as graduações. Mas só tinham essas, essas graduações. Não tinha é, as cores intermediárias. As cores intermediárias foi uma adaptação dos europeus, principalmente na França, [...] então eles colocaram mais quatro, mais quatro faixas intermediárias. Começando com a branca, a azul, a amarela, o alaranjado, o verde e o roxo, cinco. E, então foi isso, esse foi uma adaptação européia, vamos chamar de européia, mas os franceses são os principais nesse processo. [...] Então havia esse interesse em ser faixa uma amarela, faixa laranja, faixa azul, né? Faixa verde. E, o mais importante era faixa marrom e a faixa preta. E continua sendo até hoje, né. Quer dizer, nós utilizamos de todas as graduações intermediárias no sentido de incentivar os alunos, os praticantes pra eles saberem que eles estão ganhando assim, um nível de conhecimento um pouco, um pouquinho melhor¹⁶¹.

Assim, a necessidade de “ganhar um nível de conhecimento um pouco melhor”, no caso Judô, uma arte marcial esportivizada, está diretamente relacionada a uma percepção de tempo cronológica e, por isso mesmo, mais tangível, porque ligada à racionalidade ocidental. Uma racionalidade ligada ao capitalismo e que por isso, mesmo nos momentos de não-trabalho, deve ser produtiva. Uma situação muito bem retratada por De Decca ao analisar os aspectos referentes ao tempo de não-trabalho presentes na obra de Thompson:

De acordo com sua perspectiva histórica, o capitalismo foi responsável pela destruição de sistemas de valores que garantiam a permanência e a sobrevivência das sociedades humanas, criando um modo de vida destrutivo, no qual visualizamos no futuro o desastre nuclear. Thompson não acreditava em uma forma de sociabilidade em que predominasse a busca da abundância material como

¹⁶¹ Mateus Sugizaki, em depoimento concedido ao autor, em 26 de fevereiro de 2008, na cidade de Botucatu-SP.

forma de alcançar felicidade; por esse motivo percebe o lazer e o tempo de não-trabalho também com tempo de conflitos. Os sistemas de valores do tempo cronometrado e dos costumes tradicionais pré-industriais estão, hoje, emaranhados e imbricados, a ponto de antigas atividades lúdicas terem se tornado objeto de cálculo de tempo e produtividade. No coração de cada indivíduo bate um relógio moral capitalista e um outro relógio natural avesso a esse tempo calculado e produtivo, e, segundo o autor, nem sempre um joga em favor do outro. Ainda que esse relógio moral do capitalismo precise bater muitas vezes contrariando a sua própria vocação produtiva, ele não é uma figura abstrata. O relógio moral do capitalismo, segundo o autor, bate em favor de determinados sujeitos sociais e em detrimento de muitos outros¹⁶².

Nesse sentido, a percepção de Sugizaki contrasta com aquela referenciada por Yip Fu Kwan. Entretanto, Sugizaki também atenta para os efeitos negativos que essa demanda externa por graduação instalou no interior no Judô. De acordo com o mestre:

[...] Então como essa... Graduações. O quê que tá aconte... O quê que aconteceu? O faixa preta... O praticante de judô. O objetivo dele é ser faixa preta. Ele chegando à faixa preta ele é aquilo que ele queria ser, aqui em nível de Brasil. [...] Infelizmente aqui no Brasil, por questões políticas [...] a graduação se tornou um instrumento de política. Entendeu agora? “Você me apóia na eleição, não sei o quê”? “Você vai ser promovido a faixa preta, você vai ser promovido a Nidan, a Sandan¹⁶³”. Quer dizer, então, o valor, o valor real da graduação acabou sendo jogado ao léu. [...] O comércio hoje é claro nesse, nesse aspecto, não é? Existe, não vamos falar que ele não existe. É lógico que tem alguns que procuram manter assim, um mínimo, digamos, um mínimo de ética, um mínimo de profissionalismo, um mínimo de condição de conceituação a respeito do que seja a ordem hierárquica pra fazer as promoções. E existem outros que simplesmente, deixa pra lá¹⁶⁴.

Um exemplo do segundo aspecto das demandas externas às artes marciais orientais, a ênfase nos elementos práticos (*golpes*) de acordo com o gosto do público ou de seu uso em competições, foi enfatizado no depoimento de um mestre brasileiro de Taekwondo, no momento em que ele falava sobre os efeitos negativos do processo de esportivização para essa arte marcial. Em suas palavras:

[...] se tem uma técnica que é fundamental no Taekwondo, mas que não agrada muito os alunos o professor já deixa aquela técnica de lado. Não é porque eu vou ensinar esporte, é o que agrada entendeu? Eu acho que se o que agrada o aluno for praticar defesa pessoal, o professor vai dar defesa pessoal. O apelo maior que o Taekwondo tem hoje e o que faz as pessoas procurá-lo, é o fato de ele ser um

¹⁶² DE DECCA. Edgar Salvadori. E. P. Thompson: tempo e lazer nas sociedades modernas. In BRUHNS. Heloisa Turini (org.). **Lazer e ciências sociais: diálogos pertinentes**. São Paulo: Cronos, 2002. p. 64-65.

¹⁶³ Nidan e Sandan são graduações subsequentes à faixa preta no Judô.

¹⁶⁴ Mateus Sugizaki, em depoimento concedido ao autor, em 26 de fevereiro de 2008, na cidade de Botucatu-SP.

esporte, as pessoas gostam de competir. Você vai em campeonatos que tem muita gente, principalmente crianças e adolescentes. Então quer dizer, os professores estão privilegiando técnicas, que são usadas em competições, mas não é por uma opção, é visando esta questão financeira. E por aí também, se você na sua academia exigir que o aluno tenha uma postura ética, por exemplo, que cheguem, cumprimentem o mestre, cumprimentem os mais velhos, tátata... É possível que você perca alunos. Então eu sinto que os professores estão cedendo cada vez mais. Entendeu? Cada vez existe menos respeito¹⁶⁵.

Assim, para Negrão, em conjunto com o esporte, as questões financeiras, a necessidade de sobreviver, a partir do trabalho com a arte marcial oriental, é que seriam a mola propulsora do processo de seleção de determinadas técnicas. E isso teria como fim a intenção de “agradar” e atender a demanda externa, mas, ao mesmo tempo, também a intenção de atender à demanda interna referente à necessidade de sobrevivência dos próprios mestres.

O terceiro elemento das demandas externas à prática, *a supressão dos elementos práticos considerados inadequados ou violentos em demasia de forma mais ou menos acentuada em função dos compromissos assumidos com o esporte moderno*, tomou forma no seguinte trecho do depoimento concedido por Kun Mo Bang, a respeito do Taekwondo:

[...] ensinamento do Taekwondo é esse né? Que ele treinando, ele sofrendo. Mas pelo sofrimento, aí exigia aprender persistência, esperança, como mestre está fazendo assim agente entender que ele é cavalheiro. Então, para seguir, para futuramente viver como mestre. Então, ensinava mais parte espiritual. Claro que ocorre treinamento bem mais sofrimento, sofre mais do que hoje. Depois começou a usar protetor de pé, canela, mão, cotovelo, peito, e naquela época não tinha nada de protetor, pancada mesmo. Então, treinamento também diferente. [...] Então, uma luta de Taekwondo não é interessante para assistir, porque 3 minutos, parado, só um golpe resolvia. Hoje, já diferente com protetor tudo, tem bater bastante vezes para fazer pontos. Então, mudou muito esta parte. E o uso de protetor, no meu tempo que não usava protetor, era bem diferente, então transformação mesmo, que antigamente não... Eu penso que não era tão esportivo. Que se fica dentro da quadra 3 minutos [...] “será que vai, será que não vai, e que medo”. Como que domina essas coisas? [...] Então, hoje já é diferente, 3 minutos, tem que correr, pular, girar, sem parar para fazer ponto¹⁶⁶.

Com o esporte, a racionalidade em torno do *tempo* nas artes marciais orientais muda. E isso, apesar de ter garantido a tradução dessas práticas, promoveu também uma seleção dos elementos que integram os movimentos e técnicas inerentes à

¹⁶⁵ Carlos Negrão, em depoimento concedido ao autor, em 5 de fevereiro de 1999, na cidade de São Paulo.

¹⁶⁶ Kun Mo Bang em depoimento concedido ao autor em 14 de novembro de 1998, na cidade de Marília-SP.

prática. Mas, além disso, significou uma mudança filosófica, uma mudança de fundo subjetivo para certos aspectos presentes nas artes marciais orientais em sua totalidade (não apenas os movimentos), favorecendo, nesse sentido, a adoção da racionalidade ocidental e capitalista.

Isso não significa que o capitalismo não adentrou o oriente, ao contrário, existem inúmeros exemplos empíricos disso, porém há que se destacar que, do ponto de vista da forma como as artes marciais orientais devem ser praticadas, os depoimentos apontam para o comprometimento com uma tradição, na qual a percepção do tempo assume uma dimensão bem diferente daquela capitalista, em que a produtividade deve ser o objetivo primordial.

Em conjunto com as transformações providas pelas demandas externas à prática, a necessidade de expansão das artes marciais orientais em São Paulo, com a consequente formação de mestres brasileiros, culminou no aparecimento de demandas internas, algo que transformou o interior de algumas dessas práticas, sobretudo as mais esportivizadas, em uma arena de conflitos. Nos depoimentos, esses conflitos tomaram a forma de uma disputa por legitimidade no campo da memória.

Assim, no que se refere à primeira demanda interna, *o posicionamento dos mestres brasileiros em relação à hierarquia interna das artes marciais orientais*, o depoimento de Kazuro Nakashima mostra que a mobilidade social oferecida pelo esporte seria o elemento que tornaria possível aos brasileiros o enfretamento da ordem hierárquica defendida pelos mestres orientais. Em suas palavras:

[...] A outra parte que você falou é o que vem da tradição. [...] O que se passa dentro da acade..., dentro da cabeça dos atletas, do pessoal brasileiro, que não é imigrante, é atleta, é praticante, ele pensa o seguinte: “Eu já estou cheio desses japoneses ficarem achando que eles sabem tudo”. “Só eles? Por que só eles são os mestres? Por que só eles querem mandar”? Então, brasileiro, ele tem uma gana de querer superar essas pessoas. E o único jeito de superar um mestre, um mestre que veio de imigrante, que é imigrante que veio aqui e fez carreira aqui, é você superar na área esportiva. Porque na área teórica, tradicional, você não vai superar, porque ele é maior na graduação. Ele é 9º Grau, 8º, 10º grau. Você é 5º grau, 6º grau, você não consegue superar. Então a população olha muito a graduação. Com a faixa, como o poder do cara. Na verdade as faixas só segura as calças, né? Então isso, isso não quer dizer nada. [...] Então, o quê que acontece? Não existe jeito de passar esse pessoal. Único jeito de passar é sendo campeão. Hoje eu vejo que, por exemplo, eu sento com um mestre que é 8º grau, 6º grau, 7º grau, até 10º grau, eu mantenho respeito por ele. Mas se ele opinar errado sobre a minha pessoa eu respondo de igual pra igual com ele. Porque a minha medalha, a minha experiência em competição supera tanto quanto à graduação dele¹⁶⁷.

¹⁶⁷ Kazuro Nakashima Diana, em depoimento concedido ao autor, em 11 de maio de 2005, na cidade de São Paulo.

Em relação à hierarquia nas artes marciais, Carlos Negrão, ao falar dessa questão no Taekwondo, apresentou um contraponto à hipótese que coloca o processo de esportivização da prática como o responsável por um conflito interno. Para ele, o caso do Taekwondo se explicaria pela falta de organização interna da prática e não em função do fato de, a cada dia mais, ele estar se tornando um esporte. No entanto, esse mesmo mestre também afirmou a crença de que a esportivização, com o tempo, resultará em uma seleção de técnicas. Nas palavras dele:

[...] outro aspecto grave é a questão da hierarquia. Por a gente não ter uma organização, você tem hoje uma bagunça generalizada. Por exemplo, você está me chamando de mestre, e eu aceito ser chamado de mestre, mas eu tenho pessoas que tem a mesma graduação que eu que é o 4º.Dan que tem muito mais tempo de Taekwondo do que eu, e tem pessoas com muito menos tempo do que eu que também tem a mesma graduação que eu. Quer dizer, os Grão Mestres, alguns Grão Mestres foram dando graduação a torto e a direito ou porque gostavam do cara ou porque o cara pagava. É lógico que não posso generalizar, mas isto aconteceu de fato. Então, esta bagunça hierárquica, você não saber quem é quem, isto é que mata a tradição e a filosofia do Taekwondo. [...] A filosofia do Taekwondo reside no esporte. O que mata a filosofia do Taekwondo, o que vai acabar com a tradição, com algumas tradições não é o Taekwondo ser praticado como esporte, isso é um engano que eu acho que se popularizou, todo mundo fala que agora que o Taekwondo vai virar esporte... [...] Por exemplo, quando você fala princípios filosóficos, técnicas e tradições, quem que sabe isso? Vamos pegar os grandes mestres, estes que foram os introdutores do Taekwondo no Brasil e pega os alunos deles e vamos ver quem sabe isso. A minoria. [...] E por que não sabem? Porque não foi ensinado. De quem é a responsabilidade não importa, o que importa é o que se pode fazer pra corrigir isso. Eu só tô afirmando que é uma mentira dizer que o Taekwondo de competição, tá matando o Taekwondo tradicional. O Brasil é um país muito atrasado em Taekwondo de competição, no entanto, não tem um Taekwondo tradicional forte, não tem raízes fortes¹⁶⁸.

Quanto ao segundo aspecto das demandas internas, *a diferença em relação ao uso dessas práticas como meio de sobrevivência e as ações implementadas para tanto*, destacamos o seguinte trecho do depoimento concedido por Carlos Negrão, no qual esse mestre fala desse processo no Taekwondo. Em suas palavras:

[...] Eu acho que vai gerar uma descaracterização pelo seguinte fato: hoje o Taekwondo, e cada vez mais quando ele se desenvolver como um esporte, ele está virando um meio de sobrevivência para os instrutores, para os técnicos. Então, hoje eu vejo na maioria dos instrutores qual a principal preocupação do cara? É sobreviver. Então se ele vai vender “Dobok”, se ele vai vender flâmula, se ele vai vender camiseta, isso é o princípio nas academias e mesmo fora das academias no

¹⁶⁸ Carlos Negrão, em depoimento concedido ao autor, em 5 de fevereiro de 1999, na cidade de São Paulo.

lugar onde se ensina o Taekwondo e isso é o que gera a descaracterização. Por que se tem uma técnica que é fundamental no Taekwondo, mas que não agrada muito os alunos o professor já deixa aquela técnica de lado¹⁶⁹.

Cabe destacar que esse é um ponto no qual o processo de ocidentalização e esportivização das artes marciais parece ter concorrido para a inclusão do profissionalismo entre os mestres. Ou seja, concorrido para a criação de um espaço no qual esses mestres, independentemente de suas origens (oriental ou não), pudessem sobreviver, e até mesmo bem viver, em função exclusivamente de seu trabalho junto a essas práticas.

Para alguns, o profissionalismo seria um fator de afastamento das tradições, em função de uma seleção mais “rentável” das técnicas, porém, para outros, esse mesmo profissionalismo acarretaria uma melhor organização e modernização das práticas. Nesse sentido, um detalhe interessante a respeito dos mestres entrevistados em nossa pesquisa é que raramente o profissionalismo com dedicação exclusiva à prática esteve acompanhado de uma formação educacional superior. Nos casos em que isso ocorreu, as artes marciais orientais foram referenciadas como segunda atividade econômica desses mestres, quando não como atividade voluntária.

Todavia, existem casos em que o profissionalismo nas artes marciais tornou-se o caminho a ser escolhido por ser essa a única opção para alguns mestres brasileiros que, por um motivo ou por outro, não conseguiram ou optaram por não completar sua formação educacional. Isso explicaria, por exemplo, o porquê da necessidade de se responder às demandas externas e, ao mesmo tempo, tencionar internamente a prática, mesmo reconhecendo que essa atitude, por vezes, acaba indo na contramão das tradições.

Concluindo, é importante destacar que os sentidos da prática em São Paulo têm sido marcados pela multiplicidade. Sendo impossível afirmar, por exemplo, que, mesmo nas artes mais esportivizadas, não existiriam iniciativas a favor da manutenção das tradições orientais ou que naquelas em que o apego à tradição é afirmado não existiria um movimento, mesmo que sutil, no sentido da esportivização.

Nesse sentido, o mais adequado é reconhecer que o interior dessas práticas permanece como um campo de tensões, tornando inalcançável a definição de um único rumo para as mesmas. Esse campo de tensões seria atualmente composto por

¹⁶⁹ Ibid.

três tipos de atores: os mestres imigrantes, os mestres brasileiros e os praticantes. Cada um deles buscando ver saciado seus próprios anseios, baseados nas suas próprias crenças a respeito de como devem ser praticadas as artes marciais orientais na cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao estudar o processo de disseminação das artes marciais em São Paulo tive a oportunidade de perceber a importância de algumas dessas práticas, na construção de caminho oriental para a cultura corporal na cidade. Evidentemente a prática das artes marciais orientais não surgiu na cidade como uma regra geral, como uma prática que todos na cidade tiveram oportunidade de experimentar.

O que ocorreu com essas práticas foi algo mais sutil. Elas conseguiram demarcar seu espaço, porém não como uma prática de acesso universal, mas sim como uma possibilidade de experiência. Em outras palavras, sua inserção na cidade, a partir dos anos iniciais do século XX, fez delas uma experiência corporal possível em meio aos demais elementos da cultura corporal presentes até então.

E foi justamente no sentido de tentar entender como isso ocorreu que desenvolvi o presente estudo. Assim, a complexidade do tema, logo de início, impôs certas escolhas, sobretudo em relação à delimitação temporal e à escolha das fontes. A esse respeito, as conclusões obtidas em nossa dissertação de mestrado¹⁷⁰ serviram como norte.

Elegi, como fonte principal de pesquisa, o depoimento de mestres de artes marciais orientais, oriundos de três países do extremo oriente: China (Hong Kong), Coreia do Sul e Japão, países onde tiveram origem algumas das artes marciais orientais mais praticadas atualmente na cidade de São Paulo. E, com respeito às balizas cronológicas, optamos por uma delimitação, que compreendeu o ano de 1932 (momento em que chegou ao Brasil nosso primeiro depoente) e o fim da década de 1970 (década em que, em conjunto com a década de 1960, observou-se um aumento considerável na visibilidade, não só das artes marciais orientais, como também da cultura oriental de forma mais ampla na cidade). Entretanto, destacamos que essa periodização não foi

¹⁷⁰ MARTA, Felipe Eduardo Ferreira. Op. Cit., 2004.

tomada de forma estaque, na medida em que, especificamente para a análise do processo da esportivização e da formação de um mercado próprio para as artes marciais orientais, os depoimentos conduziram a narrativa até os anos finais do século XX e iniciais do século XXI.

Esse procedimento tornou possível a visualização de dois momentos claramente demarcados no processo de disseminação das artes marciais orientais na cidade. Tal constatação materializou-se na divisão desta tese, em duas partes, cujas considerações finais ora apresento.

A primeira parte foi dedicada à análise das condições iniciais de possibilidade de introdução e disseminação das artes marciais na cidade. Nesse estudo, tal momento ficou marcado pelo trabalho exclusivo dos mestres, no processo de introdução e disseminação dessas práticas na cidade, com destaque, nesse sentido, para as práticas de origem japonesa. Dessa forma, quanto às balizas cronológicas, esse momento do processo de introdução e disseminação das artes marciais orientais ficou demarcado pelo início da imigração japonesa, estendendo-se até os primeiros anos do período Pós-II Guerra Mundial.

Para que a introdução e disseminação fossem possíveis, essas práticas tiveram que iniciar um processo de tradução. Algumas delas iniciaram esse processo ainda em seus países origem, outras, por sua vez, somente no país receptor, no caso o Brasil. De qualquer maneira, o ponto fundamental é que esse processo de tradução caminhou em um sentido bem definido, o da modernização dessas práticas, que conferiu um novo sentido às artes marciais orientais, na medida em que fez com que essas práticas, aos poucos, fossem se distanciando de sua finalidade original, a de ser preparação para Guerra.

Dessa forma, no lugar deixado por sua finalidade original, assistiu-se à inclusão de novos e múltiplos sentidos.

Nesse percurso, ganharia um lugar de destaque a adoção total ou parcial de elementos da cultura corporal de origem européia, representada pelo modelo esportivo e pelos métodos ginásticos.

Especificamente sobre o modelo esportivo, é importante frisar que essa adoção de seus elementos não se limitou apenas aos aspectos que envolvem a prática propriamente dita, sendo, verificada também a adoção da estrutura organizacional, administrativa, e comercial comuns a ele.

Além disso, agregaram-se a elas alguns discursos, dentre os quais destacamos, além do esportivo já citado, outros dois: o da saúde e o da defesa pessoal.

Consideradas um elemento cultural exótico em um primeiro momento, por estarem diretamente relacionadas aos imigrantes orientais, sobretudo, os japoneses, à medida que avançou o processo de adaptação dessas pessoas ao solo brasileiro, as artes marciais também começaram a conquistar seu espaço, para se tornar parte efetiva do universo de experiências corporais na cidade.

Nesse sentido, três teriam sido os principais elementos contrários à facilitação desse processo: o primeiro deles é a situação de isolamento, à qual os imigrantes japoneses foram submetidos, nos primeiros anos de sua permanência no Brasil, que teria agido no sentido de impedir o acesso dos mestres de artes marciais orientais às transformações advindas do processo de modernização dessas práticas em seus países de origem. O segundo são as representações preconceituosas construídas em torno dessas pessoas, durante o período da II Guerra Mundial e do Estado Novo, cujo principal motor fora o surgimento da organização “Shindô Renmei”. O terceiro teriam sido as próprias dificuldades de adaptação à realidade brasileira, que, em relação à disseminação das artes marciais, se expressaria na barreira linguística interposta entre mestres imigrantes e discípulos brasileiros e também nos métodos de ensino e aprendizagem culturalmente aceitos pelos mestres imigrantes, mas ao mesmo tempo, completamente estranhos aos anseios dos brasileiros.

Assim, uma vez vencidas essas dificuldades iniciais, aos poucos essas práticas corporais começaram a romper os limites da colônia, demarcando seu espaço na cidade. Em outras palavras, aquilo que no início do século foi visto com estranhamento e com preconceito, durante os anos da II Guerra e do Estado Novo, começou a se tornar uma dimensão possível em meio aos demais elementos da cultura corporal presentes na cidade.

O início desse trabalho de disseminação, entretanto, não significou um momento em que já se observava uma popularização das práticas. Acreditamos, ter sido esse um momento importante no qual a presença das artes marciais, sobretudo, japonesas, como possibilidade de experiência corporal na cidade, começa a ser evidenciada, porém de maneira bastante marginal. O câmbio de seu significado rumo às formas mais modernizadas da prática era uma noção que estava chegando, porém de maneira muito lenta.

Mais do que tudo isso, os indícios de que a popularização das artes marciais, naquele momento, ainda “engatinhava” mostraram-se consistentes, pois a divulgação dessas práticas, de forma massificada, era um elemento que ainda não se fazia presente, ou seja, sua visibilidade ainda era muito pequena.

A segunda parte do presente estudo foi dedicada à análise do processo de disseminação das artes marciais na cidade de São Paulo, no período compreendido entre as décadas de 1960 e 1970 do século XX. A esse respeito três foram os aspectos analisados: a visibilidade dessas práticas corporais na cidade; o processo de esportivização com seus desdobramentos, sobretudo em relação às tradições próprias de cada prática; e as sociabilidades que foram se constituindo em torno das artes marciais orientais na cidade de São Paulo, ponto evidenciado principalmente a partir da multiplicidade de discursos e interesses, aos quais as mesmas passaram a ser associadas.

Assim, foi possível perceber indícios de três vertentes para o processo de disseminação das artes marciais na cidade de São Paulo, a caminho da colônia, a vertente militar e a necessidade de aventurar-se.

O primeiro deles seria o caminho da colônia. Uma vertente que explicaria o processo de disseminação de grande parte das artes marciais de origem japonesa. Foi caracterizada por uma situação em que o imigrante, uma vez no Brasil e de alguma maneira ligado à colônia de seu país de origem, decidiu difundir a prática de uma determinada arte marcial oriental, a princípio entre seus patrícios e posteriormente entre os brasileiros. Nesse caso foram muitas as nuances observadas. Entre elas, entretanto, ganhou destaque o tipo de recompensa obtida, por cada mestre, em função do “trabalho” realizado, variando do voluntariado até às situações em que as artes marciais orientais assumiram o lugar de seu principal meio de subsistência, passando pela contribuição simbólica, quando a prática assumiu a posição de uma atividade secundária, em relação à principal ocupação dos mestres.

Esses aspectos fundamentais para o entendimento da vertente de disseminação das artes marciais orientais, em São Paulo, que batizei de “o caminho da colônia”, o trabalho voluntário, de subsistência ou secundário, não podem ser vistos como uma exclusividade das práticas de origem japonesa; porém, nesse estudo, as outras práticas (coreanas e chinesas) analisadas, apresentaram suas especificidades. E isso nos remeteu à segunda vertente, a militar, expressada nesse estudo por uma situação, em certa medida inusitada, que, no Brasil, teria unido as artes marciais

orientais ao regime militar. Em São Paulo, essa situação foi experimentada, pelas artes marciais coreanas, Taekwondo mais notadamente, e, em menor grau, pelo Hapkido.

Nesse sentido, uma vez analisadas as diferenças entre imigração de cidadãos coreanos “comuns” e de mestres coreanos, observou-se que, em relação aos motivos e objetivos, a primeira ocorreu em resposta à crise econômica vivenciada na Coreia do Sul, nos primeiros anos da década de 1960, e que seu objetivo foi nitidamente a busca por melhores condições de vida. Em contraste, a imigração de mestres coreanos se diferenciou primeiramente por se tratar de um grupo *sui generis*, além disso, por serem mestres profissionais, ou seja, um tipo de mestre diferente dos mestres imigrantes japoneses e que vieram com um objetivo bem definido, o de treinar a polícia no combate ao “terrorismo”. Entretanto, foi na medida em que isso deixou de ser necessário, que eles passaram a se dedicar à disseminação do Taekwondo para além dos limites da caserna.

Assim, o caminho desses mestres, ao contrário do caminho dos demais imigrantes coreanos e dos mestres imigrantes japoneses, não teria sido, em um primeiro momento, o do “arco-íris” ou o “da colônia”, e sim o “dos pés e das mãos”, em outras palavras, o Taekwondo; expressou, uma “vertente militar”, com contornos que, em certa medida, podem ser considerados pioneiros para o processo de disseminação das artes marciais orientais em São Paulo.

Além dessas duas vertentes, a da colônia, experimentada pelos japoneses, e a militar, experimentada pelos coreanos, existiria uma terceira, a dos mestres chineses de Hong Kong, que teve a oportunidade de entrevistar e cuja principal característica residiu na necessidade de “aventurar-se”. Eles não teriam vindo atrás de melhores condições de vida, como se observou entre os mestres japoneses do período anterior ao da II Guerra, ou em resposta ao pedido de seus mestres, como observado entre os mestres coreanos. Vieram em função do reconhecimento de que a cidade de Hong Kong lhes impunha severas limitações. E vieram também buscando novos horizontes, impelidos pelo desejo de aventurar-se.

Quanto ao sucesso das artes marciais no período Pós-II Guerra Mundial, verificou-se a constituição de um “terreno fértil”, um espaço que, a cada dia, teria se tornado mais favorável à disseminação das artes marciais orientais, em função do aumento de sua visibilidade na cidade.

Essa situação se expressou, por exemplo, através de filmes de longa metragem, seriados de televisão e revistas em quadrinhos, veiculados nos anos finais da década de 1960 e durante toda a década de 1970.

Não foi possível precisar o grau de influência desses produtos da indústria do entretenimento sobre o processo de disseminação das artes marciais orientais, na cidade de São Paulo, entretanto alguns indícios presentes nos depoimentos permitem afirmar que essa influência, no período em questão, de alguma maneira efetivamente existiu.

Mesmo sem ter encontrado meios para quantificar, de forma pormenorizada, sua extensão, destaco que o alcance das informações contidas nesses produtos da indústria do entretenimento é um elemento que não pode ser ignorado, quanto se pensa na construção de um “terreno fértil” para o processo de disseminação dessas práticas.

Assim, cada arte marcial oriental teria experimentado, de forma particular, os benefícios ou malefícios oferecidos por esse “terreno fértil”. Nesse sentido, alguns depoentes atentaram para o fato de que existiu um descompasso entre aquilo que era retratado nos filmes e a realidade cotidiana das academias instaladas na cidade.

No centro da discussão entre o que era mostrado pela indústria do entretenimento e o que efetivamente era difundido nas academias, estaria o compromisso com a tradição. Não uma tradição qualquer, mas sim a tradição oriental, que seria custoso ao entendimento de alguns alunos.

Todavia evidenciaram-se exceções. E elas ficaram por conta das artes marciais orientais, que abraçaram livremente o processo de esportivização. Mas para que isso fosse possível, um tortuoso caminho teve de ser trilhado. Tradições tiveram que ser discutidas e laços hierárquicos tiveram que ser quebrados. Novos discursos começam a disputar seu espaço. O agora produto “arte marcial oriental” assumiu uma nova roupagem, que nos remeteu à investigação das condições materiais necessárias à prática.

Nesse sentido, foi possível perceber três vertentes: o improviso, a importação de produtos e a criação e manutenção de um mercado próprio.

O improviso foi uma situação que se evidenciou nos primeiros anos da introdução de uma determinada arte marcial oriental, com a produção artesanal em

pequena escala dos produtos necessários à prática. Sobre esse aspecto, constatou-se que as concessões, em sentido contrário ao da tradição e em favor da disseminação, foram maiores nos casos em que o público-alvo não era de origem oriental.

Uma vez estabelecidas na cidade, verificou-se que foi em função do grau de popularidade que algumas artes marciais orientais foram capazes de manter uma demanda por produtos direcionados à prática.

Assim, a segunda vertente, a importação de produtos destinados à prática, evidenciou-se naquelas artes que, por um motivo ou por outro, não conseguiram atingir um determinado grau de popularidade. Nesse sentido, ficou mantida a improvisação, mas incorporou-se também a importação de produtos de países onde a prática já estava consolidada.

Por fim, a terceira vertente caracterizou-se pelas artes marciais orientais que foram capazes de manter, de forma mais consistente, uma demanda por produtos direcionados à prática. Nesses casos, observou-se o surgimento de uma pequena indústria com marcas próprias, em resposta à crescente demanda por produtos destinados à prática. Isso teria ocorrido com o Judô, Taekwondo e com o Karatê. Não por acaso as artes marciais orientais mais populares na cidade, e, não por acaso também, as artes que mais se esportivizaram.

O surgimento de um terreno fértil, em que as artes marciais orientais puderam se estabelecer, a modernização e a esportivização comporiam um processo maior de ocidentalização para essas práticas.

Com isso, múltiplos sentidos passaram a ser associados à prática das artes marciais orientais em terras brasileiras, agindo como facilitadores e estimuladores do “consumo” dessas práticas, por uma população cada vez maior e eclética. Isso, porém, teria agido também no sentido de colocar em cheque antigas práticas/rituais que, aos olhos dos brasileiros, foram taxadas como inadequadas ou fora de lugar.

As questões surgidas desse embate foram endereçadas, sobretudo aos mestres imigrantes, e tiveram como origem, em um primeiro momento, a própria demanda externa, gerada pela disseminação das práticas (praticantes brasileiros) na cidade. Contudo, à medida que esse processo (a disseminação) avançou, a necessidade de formação de mestres brasileiros teria sido a responsável pelo “germinar” de novos pontos de tensão do “lado de dentro” dessas práticas, uma demanda interna. As

consequências desse processo foram conflitos de ordem identitária, hierárquica e também econômica.

Foi nesse ponto que o processo de ocidentalização e de esportivização das artes marciais pareceu ter agido de forma a favorecer a inclusão do profissionalismo entre os mestres, ou seja, concorreu para a criação de um espaço no qual esses mestres, independentemente de sua origem (oriental ou não), pudessem sobreviver e até mesmo bem viver em função exclusivamente de seu trabalho junto a essas práticas.

Para alguns mestres, a profissionalização foi referenciada como um fator de afastamento das tradições em função de uma seleção mais “rentável” das técnicas, porém para outros esse mesmo profissionalização, foi referenciado como algo que proporcionaria uma melhor organização das práticas.

Nesse sentido, a respeito dos mestres entrevistados em nossa pesquisa, raramente a profissionalização com dedicação exclusiva à prática esteve acompanhado de uma formação educacional superior. Nos casos em que isso ocorreu, as artes marciais orientais foram referenciadas como segunda atividade econômica, quando não como uma atividade voluntária.

Todavia, existiram também casos em que a profissionalização nas artes marciais evidenciou-se como o caminho escolhido, por ser a única opção para alguns mestres brasileiros que, por um motivo ou por outro, não conseguiram completar a sua formação educacional ou optaram por não completá-la. Aí poderia estar, por exemplo, uma boa explicação para o motivo da necessidade de se responder às demandas externas e, ao mesmo tempo, tencionar internamente a prática, mesmo reconhecendo que essa atitude, por vezes, acabaria indo na contramão das tradições.

Enfim, destaco que os sentidos da prática, em São Paulo, têm sido marcados pela multiplicidade, não sendo possível dizer, por exemplo, que mesmo nas artes marciais orientais mais esportivizadas não existiriam iniciativas a favor da manutenção das tradições orientais ou que, naquelas em que o apego à tradição foi afirmado, não existiriam ações no sentido da esportivização.

Assim, o mais adequado, em relação ao processo de disseminação das artes marciais orientais, na cidade de São Paulo, seria o reconhecimento de seu interior como um campo de tensões, tornando a definição de um rumo único para as mesmas difícil de ser visualizado. Nesse campo de tensões, seria destacada a participação de três atores sociais: os mestres imigrantes, os mestres brasileiros e os praticantes, cada um

deles buscando ver saciado seus próprios anseios, baseados nas suas próprias crenças a respeito de como são ou devem ser praticadas as artes marciais orientais na cidade.

Longe de ter esgotado essa discussão, entendo ter conseguido avançar alguns passos no que se referiu à construção de um caminho oriental para cultura corporal na cidade de São Paulo. As considerações aqui apresentadas não possuem a pretensão de ser generalizantes. Ao contrário, a pretensão seria muito mais a de instigar novos estudos e investigações a respeito do rico universo da cultura corporal brasileira, um universo múltiplo, em que até mesmo elementos originados em uma cultura completamente diversa, artes marciais orientais, conseguiram conquistar o seu espaço.

FONTES

Orais:

1. Kun Mo Bang, entrevistado em 14 de novembro de 1998, na cidade de Marília-SP.
2. Carlos Negrão, entrevistado em 5 de fevereiro de 1999, na cidade de São Paulo.
3. José Carlos da Silva, entrevistado em 2 de fevereiro de 1999, na cidade de São José dos Campos-SP.
4. Fábio Goulart 4^o Dan, entrevistado em 22 de abril de 1999, na cidade de Santos-SP.
5. Mauro Hideki, entrevistado em 1 de julho de 1999, na cidade de Bauru-SP.
6. Yeo Jin Kim, entrevistado em 28 de julho de 1999, na cidade de São Paulo.
7. Cláudio Sidinei Lopes, entrevistado em 28 de julho de 1999, na cidade de São Paulo.
8. Júlio Gavião, entrevistado em 18 de fevereiro de 1999, na cidade de Campinas-SP.
9. Kiyoshi Ike, entrevistado em 15 de janeiro de 2000, na cidade de São Paulo.
10. José Roberto Lira, entrevistado em 15 de janeiro de 2000, na cidade de Diadema-SP.
11. Silvio Cruz, entrevistado em 17 de janeiro de 2000, na cidade de São Paulo.
12. Gilberto Monteiro, entrevistado em 17 de janeiro de 2000, na cidade de Guarulhos-SP.
13. Manoel Ferreira (Maninho) entrevistado em 18 de janeiro de 2000, na cidade de Mogi das Cruzes-SP.
14. José Palermo Junior (Tilico), entrevistado em 19 de janeiro de 2000, na cidade Campinas-SP.
15. Augusto Myung Ho Kwon, entrevistado em 12 de setembro de 2003 na cidade de São Paulo.
16. Kun Mo Bang, entrevistado 11 de outubro de 2003, na cidade de Marília-SP.
17. Yip Fu Kwan, entrevistado em 15 de setembro de 2004, na cidade de São Paulo.

18. Kazuro Nakashima Diana, entrevistado em 11 de maio de 2005 na cidade de São Paulo.
19. Masatoshi Akagi, entrevistado em 13 de maio de 2005, na cidade de São Paulo.
20. Makoto Nishida, entrevistado no dia 14 de maio de 2005, na cidade de São Paulo.
21. Tomeji Ito, entrevistado em 19 de maio de 2005, na cidade de São Paulo.
22. Koji Takamatsu e seu filho Sérgio Takamatsu, entrevistados no dia 20 de maio de 2005, na cidade de São Paulo.
23. Lucy Fonseca Nakano, entrevistada em 3 de junho de 2005, na cidade de São Paulo.
24. Fúlvio Saba (Kimonos Dragão), entrevistado em 27 de outubro de 2005, na cidade de São Paulo.
25. Matsumoto, entrevistado 22 de maio de 2007, na cidade São Paulo.
26. Yun Sik Kim, entrevistado em 23 de maio de 2007, na cidade de São Paulo.
27. Ciutoco Kogima, entrevistado em 24 de maio de 2007, na cidade de São Paulo.
28. Thomas Lo, entrevistado em 25 de maio de 2007, na cidade de São Paulo.
29. Zen Tachibana, entrevistado em 30 de maio de 2007, na cidade de São Paulo.
30. Seiji Isobe, entrevistado em 13 de julho de 2007, na cidade São Paulo.
31. Mateus Sugizaki, entrevistado em 26 de fevereiro de 2008, na cidade de Botucatu-SP.

Periódicos:

Revistas:

1. O Cruzeiro: período de 1970 a 1980.
2. Veja: período de 1970 a 1980.

Revistas em Quadrinhos:

1. O Judoka: período de abril de 1969 a março de 1970.

Jornais:

1. Notícias Populares: período de 1970 a 1979;
2. Folha de São Paulo: período de 1970 a 1979.

BIBLIOGRAFIA

- APOLLONI, Rodrigo Wolff. **“Shaolin à brasileira”**: estudo sobre a presença e a transformação de elementos religiosos orientais no Kung-Fu praticado no Brasil. São Paulo, 2004 (Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Puc-SP).
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA dos COREANOS: **“40 anos de Imigração Coreana no Brasil”** (publicação comemorativa). São Paulo, 2003.
- BANG, K. M. **Taekwondo Bang Club**. São Paulo. 1986 (mimeo).
- BERCITO, Sonia de Deus Rodrigues. **“Ser forte para fazer a nação forte”**: a Educação Física no Brasil (1932-1945). São Paulo, 1991, p.7. (Dissertação de mestrado apresentada ao departamento de história da faculdade de filosofia, letras e ciências humanas, USP).
- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BOTTENBURG, Maarten van; HEILBRON, Johan. De-sportization of fighting contests: the origins and dynamics of no holds barred events and the theory of sportization. **INTERNATIONAL REVIEW FOR THE SOCIOLOGY OF SPORT**. v.3–4, Londres, n.41, p. 259–282, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. *Algumas propriedades dos campos*. In: _____. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? . In: _____. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. Programa para uma sociologia do esporte. In: _____. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BRACHT, Valter. Esporte, história e cultura. In. PRONI, Marcelo Weishaupt; LUCENA, Ricardo de Figueredo (orgs.). **Esporte: história e sociedade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.
- CALLEJA, C. C. **Contribuição para o estudo e interpretação das regras internacionais de Judô**. São Paulo, 1981 (Dissertação de mestrado apresentada à escola de educação física, USP).

CANCLINI, Nestor. **Culturas híbridas**. São Paulo: Edusp, 1997.

CARDOSO, Ruth Corrêa Leite. **Estrutura familiar e mobilidade social: estudo dos japoneses no Estado de São Paulo**. 1972. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

CHARTIER, R. Introdução. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In:____. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHEN, Kuan-Hsing. A formação de um intelectual diaspórico: uma entrevista com Stuart Hall. In. HALL, Stuart, org. SOVIK, Liv. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: editora UFMG/Brasília, representação da UNESCO no Brasil, 2003.

CHOI, K. J. **Além do arco-íris: a imigração coreana no Brasil**. São Paulo, 1991 (Dissertação de mestrado apresentada à faculdade de filosofia, letras e ciências humanas, USP).

CORÉIA. **Informações sobre a Coréia**. Serviço Coreano de Informação ao Estrangeiro. Seul, 1996.

CORÉIA. **Guia de herencia cultural de Coreia**. Serviço Coreano de Informação ao Estrangeiro. Seul, 2002.

CYTRYNOWICZ, Roney. **Guerra sem guerra: a mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Geração Editorial: Edusp, 2000.

DE DECCA. Edgar Salvadori. E. P. Thompson: tempo e lazer nas sociedades modernas. In BRUHNS. Heloisa Turini (org.). **Lazer e ciências sociais: diálogos pertinentes**. São Paulo: Cronos, 2002. p. 64-65.

DEZEM, Rogério. **Inventário DEOPS: módulo III, japoneses: Shindô-Renmei: terrorismo e repressão**. São Paulo: Arquivo do Estado/imprensa Oficial, 2000.

DIEHL, A. A. **Cultura historiográfica: memória, identidade e representação**. Bauru: Edusc, 2002.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994, v1.

ELIAS, N. & DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: DIFEL, 1992.

EPPLÉ, Angelika. Gênero e espécie da História. In. MALERBA, Jurandir (org.). **A história escrita: teoria e história da historiografia**. São Paulo: Contexto, 2006.

FASSHERBER, José Ronaldo, Mendonça. Kanjire X Estado: um etno-desporto Kaigang e a colonização brasileira no século XIX. In. Simpósio Nacional de História,

24., 2007, São Leopoldo, RS. **Anais eletrônicos...** São Leopoldo: Unisinos, 2007. 1 CD-ROM.

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. pp. 291; 452; 1153; 1647; 1804.

FERREIRA, M. M., História oral: um inventário das diferenças. In: ____ (coord.), **Entrevistas: abordagens e usos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1994.

FILHO, C. J. dos S., **Histórias em quadrinhos e cinema passagens da imagem-texto à animação em Batman**. São Paulo, 2003 (Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Estudos Pós-graduados em Comunicação e Semiótica da Puc/SP).

FREITAS, Sônia Maria de. **Falam os imigrantes: armênios, chineses, espanhóis, húngaros, italianos de Monte San Giacomo e Sanza, lituanos, okinawanos, poloneses, russos, ucranianos, memória e diversidade cultural em São Paulo**. São Paulo, 2001. (Tese de doutorado apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo).

FUJIYAMA, P. L. **Aspectos antropométricos e nutricionais de atletas de Taekwondo da cidade de Bauru - SP**. Bauru, 1994. (Monografia apresentada ao Departamento de Educação Física da Faculdade de Ciências, UNESP, Campus de Bauru, para a obtenção do título de Licenciado em Educação Física).

FUNAKOSHI, Ginchin. **Karatê- dô: meu modo de vida**. São Paulo: Cultrix, 1975.

FUNDAÇÃO JAPÃO. **Guia da cultura japonesa em São Paulo**. Editora JBC, São Paulo, 2004.

GASPARI, Elio. **A ditadura escancarada**. São Paulo: Companhia das letras, 2002.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição**. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. **O corpo: filosofia e educação**. São Paulo: Ática, 2007.

GOMES, Fábio José Córdias. Quatro histórias e uma epifania: estudos interdisciplinares acerca do budô japonês. **Dialogia**. São Paulo: Universidade Nove de Julho, v.7, n.1, p. 41-52, 2008.

HABERT, Nadine. Os anos de chumbo. In: _____. **A década de 70: apogeu e crise da ditadura militar brasileira**. São Paulo: Ática, 1996.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HOBSBAWM, E. & RANGER, T. (orgs.) **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOBSBAWM, E. J. **A Era dos Impérios (1875-1914)**. 3. ed. Trad. Sieni M. Campos e Yolanda S. de Toledo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

HOGGART, Richard. **Utilizações da cultura**. Lisboa: Editorial Presença, 1973, v1.

HYAMS, J. **O zen nas artes marciais**. São Paulo: Pensamento, 1979.

KAWAHARA, L. S. I. **Um estudo transgeracional: a escola de língua japonesa em Cuiabá, segundo as representações sociais de membros da colônia nipônica**. Cuiabá: Ed.UFMT/FAPEMAT, 2007.

KIM. Y. J. **Arte marcial coreana: taekwondo**. São Paulo: Thirê, 1995.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 1992.

LEÃO NETO, Valdemar Carneiro. **A crise da imigração japonesa no Brasil (1930 – 1940): contornos diplomáticos**. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 1989.

LESSER, J. Em busca de um hífen. In: _____. **A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

LESSER, Jeffrey. **Uma diáspora descontente: os nipo-brasileiros e os significados da militância étnica 1960-1980**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

LUCENA, Ricardo Figueredo. **O esporte na cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

LUYTEN, S. M. B., **Mangá: o poder dos quadrinhos japoneses**. São Paulo: Estação Liberdade, 1991.

MANUAL DE CONCEITOS BÁSICOS DO AIKIDO. São Paulo: Associação Lenwakan de Aikido, s.d.

MARANGONI, Adriano, J. **Histórias em quadrinhos: o herói entre a tradição e o desajuste como síntese da cultura norte-americana (1983-1987)**. São Paulo 2006 (Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Estudos Pós-graduados em História da Puc/SP).

MARTA, Felipe Eduardo Ferreira. **A história do Taekwondo no Estado de São Paulo**. Bauru, 1999. (Relatório Final de Pesquisa, Bolsa de Iniciação Científica Pibic/CNPq/Unesp, apresentado à Comissão de Pesquisa da Faculdade de Ciências, UNESP, Campus de Bauru).

MARTA, Felipe Eduardo Ferreira. **Taekwondo: arte marcial ou esporte? Reflexões acerca de sua história**. Bauru, 2000. (Relatório Final de Pesquisa, Bolsa de Iniciação Científica Pibic/CNPq/Unesp, apresentado à Comissão de Pesquisa da Faculdade de Ciências, UNESP, Campus de Bauru).

MARTA, Felipe Eduardo Ferreira. **O Taekwondo no Estado de São Paulo: sua história e princípios filosóficos**. Bauru, 2000. (Monografia apresentada ao Departamento de Educação Física da Faculdade de Ciências, UNESP, Campus de Bauru, como pré-requisito para a obtenção do título de licenciado).

MARTA, Felipe Eduardo Ferreira. **O caminho dos pés e das mãos: Taekwondo. Arte marcial, esporte e colônia coreana em São Paulo (1970 – 2000)**. São Paulo, 2004 (Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Estudos Pós-graduados em História da Puc/SP).

MEHL, Margaret. Chinese learning (kangaku) in Meiji Japan (1868-1912). **History**. Oxford, UK, n. 277, p. 48-66, 2000.

MERGULHÃO, L. E. e LEE, W. J. **Aprenda taekwondo**. Rio de Janeiro: Brasil - América, 1978.

MESQUITA, C. W. **Identificação de incidências autoritárias existentes na prática do Judô e utilizadas pelo professor**. Rio de Janeiro, 1994. (Dissertação de mestrado apresentada à escola de educação física, UFRJ).

NAKADATE, Jouji. **O Japão venceu os aliados na Segunda Guerra Mundial? O Movimento social “Shindô-Renmei” em São Paulo (1945 – 1949)**. São Paulo, 1988. (Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Estudos Pós-graduados em História da Puc/SP).

NAKAYAMA, M. **O melhor do Karatê I: visão abrangente-práticas**. São Paulo: Cultrix, 1977.

NEGAWA, S. **Formação do bairro oriental: um aspecto da história da imigração asiática da cidade de São Paulo, 1915-2000**. São Paulo, 2000 (Dissertação de mestrado apresentada à faculdade de filosofia, letras e ciências humanas, USP).

NORA, Pierre. “Entre memória e história: a problemática dos lugares”. In: **Projeto História**, Nº 10. São Paulo: Educ, 1993.

PORTELLI, A. “Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na história oral”. In: **Projeto História**, Nº 15. São Paulo: Educ, 1997.

PORTELLI, Alessandro. The death of Luigi Trastuli, o momento da minha vida: funções do tempo na História oral. Mimeo traduzido. Publicado pela primeira vez em **Internacional Oral History Journal**, II, 3 (Outono, 1981) 162-180.

PORTELLI, Alessandro. “O que faz a história oral diferente”. **Projeto História**, São Paulo, n.14, p.31 fev. 1997.

PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos: narração interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**, Rio de Janeiro, v.1, n.2, pp.59-72, p.64, 1996.

- PRONI, M. W. Referências para o estudo das artes marciais. ENCONTRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA E DO ESPORTE, 1, 1993, FEF/Unicamp. **Coletânea**. Campinas: Unicamp, 1994. p.22-26.
- PRONI, M. W. Observações sobre a história das artes marciais. ENCONTRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA E DO ESPORTE, 2, 1994, DEF/UEPG. **Coletânea**. Campinas: Unicamp, 1994. p.400- 410.
- PRONI, M. W e LUCENA, R. F. (orgs.). **Esporte, história e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2002.
- PROST, A. e VICENT, G. **História da vida privada, 5: da Primeira Guerra aos nossos dias**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- SAITO, Hiroshi. **O japonês no Brasil: estudo sobre mobilidade e fixação**. São Paulo: Ed. Sociologia e Política, 1961.
- SAITO, Hiroshi (org.). **A presença japonesa no Brasil**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1980.
- SAM, K. **Socialização de jovens imigrantes coreanos**. São Paulo, 1993 (Dissertação de mestrado apresentada ao instituto de psicologia, USP).
- SANT'ANNA, D. B. de. **O prazer justificado, história e lazer (São Paulo, 1969-1979)**. São Paulo: Marco Zero, 1992.
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. É possível realizar uma história do corpo? In. SOARES, Carmen Lúcia (Org.). **Corpo e história**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.
- SANTOS, Isabele Pires. **Oficina de capoeira: escola em movimento**. Salvador: Fundação Cultural Palmares, 2002.
- SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu estático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo: Companhia da Letras, 1992.
- SOARES, Carmem Lúcia. **Educação física: raízes européias e Brasil**. Campinas, SP, 1994.
- STEVENSON, J. **O mais completo guia sobre filosofia oriental**. São Paulo: Arx, 2002.
- TAN, Kevin S.Y. Constructing a martial tradition: rethinking a popular history of karate-dou. **Journal of Sport and Social Issues**, Thousand Oaks, CA, n. 28, p. 169 – 192, 2004.)
- THOMPSON, P. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- VIGARELLO, Georges; HOLT, Richard. O corpo trabalhado: ginastas e esportistas do

século XIX. In. CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jaques; VIGARELLO, Georges (Orgs.). **História do corpo 2: da Revolução à Grande Guerra**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

WILLIAMS, R. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar editor, 1979.

YANG, D. J. A new perspective of martial arts education for the 21st century. **ICHPER journal, The official magazine of the international council for health, physical education, recreation, sport and dance**, (Virginia, USA), v.36, p. 23-28, 2000.

ZHENG, Tiantian. Embodied masculinity: sex and Sport in a (post) colonial chinese city. **The China quarterly**, Cambridge, UK, n. 190, p. 432-450, 2007.

Internet

<<http://www.gibindex.com/enciclopedia/br/e/46>>, acesso em 04/10/2004.

<<http://www.dnbk.org/history.cfm>>. Acesso em 15/09/2008.

<<http://www.lancenet.com.br>>. Acesso 11/08/2008.

MEULIEN, Eric. Samurais, o fim de uma era. **História viva**, Rio de Janeiro, n. 30, abr. 2006. Disponível em:

<http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/samurais_o_fim_de_uma_era_imprimir.html>

<<http://www.bushido-online.com.br>> acesso em 09/11/2008.

<<http://www.infantv.com.br>>. 07/02/2009.

< <http://www.cbj.com.br/novo/institucional.asp>>. 06/02/2009.

VEJA. São Paulo: Abril, n. 1, p. 133, 11 set. 1968. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/acervo_digital/home.aspx>. Acesso em 09 de janeiro de 2009.

<http://www.minhainfancia.com.br/imagens/seriados/national_kid.jpg>, acesso em 20/02/2009.

<<http://www.gerencianet.com.br/imgprod/120/48f4e5f3ea7d1.jpg>>, acesso em 03/03/2009.

<http://www.kimonosshizen.com.br/aikido/hakama/fotos/grande1_2.jpg>. Acesso em 03/03/2009.

<<http://www.evl.uic.edu/spiff/KendoBlog/images/Shinaiparts.jpg>>. Acesso em 03/03/2009.

<<http://www.sumo-basho.com/sumobasho/images/sumo2.jpg>>. Acesso em 03/03/2009.

<<http://images.americanas.com.br/produtos/item/573/4/573486gg.jpg>>. Acesso em 03/03/2009.

<http://www.kimonosshizen.com.br/karate/lonak10/fotos/grande1_3.jpg>. Acesso em 03/03/2009.

Mapa da região por onde passava a estrada de ferro Mogiana. Disponível em: <<http://www.cmef.com.br/Fotos/mapa22gr.jpg>> Acesso em 14/10/08.

Mapa da região por onde passava a estrada de ferro Paulista. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/mapa92.htm>> Acesso em 14/10/08.

Mapa da região por onde passava a estrada de ferro Mogiana. Disponível em: <http://www.pell.portland.or.us/~efbrazil/efs_map_1961.html> Acesso em 14/10/08.

Documento sonoro

Mesa Redonda em comemoração aos 40 anos da imigração coreana, em 07 de junho de 2003, na cidade de São Paulo, 2 fitas cassete.

ANEXOS

Tratado de amizade Brasil-Japão

TRATADO DE AMIZADE, DE COMMÉRCIO E DE NAVEGAÇÃO, FIRMADO EM PARIS A 5 DE NOVEMBRO DE 1895

Sua Excelência o Senhor Presidente dos Estados Unidos do Brasil e Sua Majestade o Imperador do Japão, igualmente animados do desejo de estabelecer sobre bases sólidas e duradouras relações de amizade e de comércio entre os dois Estados e seus cidadãos e súbditos respectivos, resolveram celebrar um tratado de amizade, de comércio e de navegação, e para esse fim nomearam seus Plenipotenciários respectivos, a saber:

Sua Excelência o Senhor Presidente dos Estados Unidos do Brasil, o Senhor Doutor Gabriel de Toledo Piza e Almeida, seu Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário em Paris,

A Sua Majestade o Imperador do Japão, o Senhor Soné Arasuke Jushü, seu Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário também em Paris, os quaes, depois de communicarem os seus plenos poderes, que foram achados em boa e devida forma, convieram nos artigos seguintes:

Artigo 1º - Haverá paz perpétua e amizade constante entre os Estados Unidos do Brasil e o Império do Japão, assim como entre seus cidadãos e súbditos respectivos.

Artigo 2º - Sua Excelência o Senhor Presidente dos Estados Unidos do Brasil poderá, si assim lhe approver, acreditar um Agente diplomático junto ao Governo do Japão, e Sua Majestade o Imperador do Japão poderá igualmente, si o julgar conveniente, fazer residir um Agente diplomático no Brasil; e cada uma das duas Altas Partes contractantes terá o direito de nomear Cônsules Geraes, Cônsules, Vice-Cônsules e Agentes Consulares, que poderão fixar suas residencias em todos os portos e cidades dos Territórios da outra Parte contractante, onde a funcionários identicos da Nação mais favorecida for permitido residir. Todavia, para que possa exercer suas funções, necessitará o Consul Geral, Consul, Vice-Consul ou Agente Consular, segundo as fórmias usuaves, que seja a sua nomeação approvada pelo Governo do paiz para onde for enviado, mediante um Executor gratuito. Os Agentes Diplomáticos e Consulares de cada uma das duas Altas Partes Contractantes gosarão, conforme as estipulações do presente Tratado, nos Territórios da outra Parte, dos direitos, privilégios e imunidades que são ou forem concedidos aos mesmos Agentes da Nação mais favorecida. (1)

Artigo 3º - Existirá entre os Territórios e Possessões das duas Altas Partes Contractantes liberdade recíproca de comércio e de navegação. Os cidadãos e subditos respectivos terão o direito de transitar livremente e com inteira segurança com seus navios e mercadorias em todos os portos, rios e logares onde igual favor for permittido aos cidadãos ou subditos da Nação mais favorecida, e ahi poderão alugar ou occupar casas e armazens e entregar-se ao comércio por atacado ou a varejo de todos os produtos e mercadorias do comércio lícito. Quanto ao que diz respeito á aquisição, gozo e cessão de propriedades de toda a espécie, os cidadãos ou subditos de uma das duas Altas Partes contractantes serão collocados nos Territórios e Possessões da outra Parte no mesmo pé de igualdade que os cidadãos e subditos da Nação mais favorecida.

Artigo 4º - As duas Altas Partes Contractantes convém que todo o privilégio favor ou imunidade em matéria de comércio, de navegação, de trânsito e de residência que uma das duas Altas Partes Contractantes conceder atualmente ou vier a conceder aos cidadãos ou subditos de um outro Estado, se estenderão aos cidadãos ou subditos da outra Parte Contractante, gratuitamente, si a concessão feita em favor deste alludido Estado for gratuita, e com as mesmas condições equivalentes, si a concessão for condicional, sendo sua intenção reciproca de collocar, sob todos os pontos de vista, o comércio e a navegação de cada Paiz no pé da Nação mais favorecida.

Artigo 5º - Não serão lançados á importação no Japão de todos os artigos produzidos ou fabricados nos Estados Unidos do Brasil e reciprocamente não serão lançados á importação nos Estados Unidos do Brasil de todos os artigos produzidos ou fabricados no Japão, direitos differentes ou mais elevados do que aquelles que são ou forem impostos aos mesmos artigos produzidos ou fabricados em todo e qualquer paiz estrangeiro e importados para o mesmo fim.

Não serão tão pouco impostos nos Territórios ou Possessões de uma das duas Altas Partes Contractantes a exportação de todos os artigos para os Territórios ou Possessões da outra, direitos e contribuições differentes ou mais elevados do que aquelles que são ou forem pagos por artigos similares, com destino a outra qualquer paiz estrangeiro.

Nenhuma proibição será imposta á importação de artigos produzidos ou fabricados sobre os Territórios ou Possessões de uma das Altas Partes contractantes, nos Territórios ou Possessões da outra, a menos que esta proibição não seja igualmente applicada á importação dos artigos similares produzidos ou

fabricados em outro qualquer paiz. Outrossim, nenhuma prohibição será imposta á exportação de artigos dos Territórios ou Possessões de uma das duas Altas Partes contractantes com destino aos Territórios ou Possessões da outra, sem que essa prohibição se estenda igualmente ás exportações de artigos similares com destino a outro qualquer paiz.

Artigo 6º - Quanto ao que diz respeito ao direito de trânsito, armazenagem, premios, facilidades e drawbacks, os cidadãos ou subditos de cada uma das duas Altas Partes contractantes serão nos Territórios e Possessões da outra, sob todos os pontos de vista collocados no pé da Nação mais favorecida.

Artigo 7º - Não serão impostos nos portos do Japão sobre os navios dos Estados Unidos do Brasil, e nos portos dos Estados Unidos do Brasil sobre os navios do Japão, direitos ou tributos de tonelagem, pharões, portos pilotagem, quarentena, salvamentos ou outros direitos ou contribuições similares ou análogas, de qualquer denominação que sejam, lançados ou não em proveito do Governo, dos funcionarios públicos, dos particulares, das corporações ou de qualquer estabelecimento, differentes ou mais elevados do que aqueles que são actualmente ou forem para o futuro applicados em iguaes circumstancias nos mesmos portos sobre os navios da Nação mais favorecida.

Artigo 8º - A cabotagem das duas Altas Partes Contractantes fica exceptuada das disposições do presente tratado e será respectivamente regularizada pelas leis, decretos e regulamentos dos dous paizes.

Artigo 9º - No presente Tratado todos os navios que, pelas leis brasileiras, poderem ser considerados como navios brasileiros e todos aquellos que, segundo as leis japonezas, puderem ser considerados como navios japonezes, serão respectivamente considerados como navios japonezes e brasileiros.

Artigo 10º - Os subditos e os navios do Império do Japão que forem ao Brasil ou ás suas águas territoriaes se submeterão, durante todo o tempo de sua estada, ás leis e á jurisdicção do Brasil, bem como se sujeitarão ás leis e á jurisdicção do Japão todos os cidadãos ou navios brasileiros que forem ao Japão ou as suas águas territoriaes.

Artigo 11º - Os cidadãos e subditos de cada uma das duas Altas Partes contractantes gozarão respectivamente nos Territórios e Possessões da outra Parte de inteira protecção para as suas pessoas e propriedades; terão livre e fácil accesso junto aos tribunaes para a defesa de seus direitos; e, da mesma forma que os cidadãos ou subditos do paiz, terão o direito de empregar advogados, solicitadores, ou mandatários para se fazerem representar junto aos ditos tribunaes.

Gozarão igualmente de uma inteira liberdade de consciência, e, conformando-se com as leis e regulamentos em vigor, terão o direito de exercer pública ou privadamente o seu culto; terão igualmente o direito de enterrar seus nacionaes respectivos, segundo os seus ritos, nos lugares convenientes e apropriados que, para esse fim, foram estabelecidos e mantidos.

Artigo 12º - Quanto que diz respeito á obrigação de hospedar militares, ao serviço obrigatório nos exercitos de terra e mar, ás requisições militares ou aos empréstimos forçados, os cidadãos ou subditos de cada uma das duas Altas Partes contractantes gozarão nos Territórios e Possessões da outra dos mesmos privilégios, imunidades e isenções que os cidadãos ou subditos da Nação mais favorecida.

Artigo 13º - O presente Tratado entrará em vigor immediatamente depois da troca das ratificações e se tornará obrigatório por um período de 12 annos a partir do dia em que for posto em execução.

Cada uma das Altas Partes contractantes, decorridos onze annos depois de entrar em vigor o presente Tratado, terá o direito, em um momento dado, de o denunciar á outra, expirando elle no fim do décimo segundo mez a contar desta notificação.

Artigo 14º - O presente Tratado será feito em duplicata nas línguas portugueza, japoneza e franceza, e no caso de divergência nos textos japonez e portuguez, se recorrerá ao texto francez, o qual será obrigatório para os dous Governos.

Artigo 15º - O presente Tratado será ratificado pelas Altas Partes contractantes e a troca das ratificações terá lugar em Paris, logo que for possível.

Em testemunho do que os Plenipotenciários respectivos o assignaram e lhe fizeram por o sello de suas armas.

Feito em seis exemplares em Paris, aos cinco dias do mez de novembro do anno de 1895, correspondente ao 28º de Meiji.

(L.S.) Gabriel de Toledo Piza e Almeida.

(L.S.) Soné Arasuké.

Conforme. - O director geral, J.T. do Amaral.

(1) Por Decreto nº 2495 de 14 de abril de 1897 foi criada uma Ligação no Imperio do Japão e um Consulado Geral de 1ª classe com sede em Yokoama, e por Decreto nº 2786 de 5 de Janeiro de 1898 foi designada a sede dos Consulados em Yokoama e Kobé.

Fonte: <http://www2.mre.gov.br/dai/b_japa_01_2881.htm> Acesso em 06/09/2008.

Tratado de Amizade Império do Brasil – Império Chinês

IMPERIO DA CHINA

Tratado de amizade, commercio e navegação

Este tratado foi promulgado pelo decreto n. 8651 de 24 de Agosto do anno proximo findo.

Em virtude do que nelle se estipulou foram pouco depois nomeados um Consul Geral e um Vice-Consul, e já deixaram esta Corte, encaminhando-se para o seu destino.

Pelo Ministerio da Agricultura, Commercio e Obras Publicas se fará o que lhe incumbe para que aquelle ajuste produza os seus efeitos em beneficio da agricultura por meio da colonisação ; e pelo da Justiça se chamará a vossa attenção para a necessidade de providencias que tornem effectivas as disposições pelas quaes os Brasileiros residentes na China ficam isentos da jurisdicção local e sujeitos á do seu paiz.

S

Fonte: <<http://www.crl-jukebox.uchicago.edu/bsd/bsd/u1597/000006.html>> Acesso em 17/02/2009.

Tratado de Amizade Brasil - República Popular da China
Decreto nº 18.380, de 16 de Abril de 1945

Promulga o tratado de amizade entre o Brasil e a China, firmado no Rio de Janeiro, a 20 de agosto de 1943.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA:

TENDO sido aprovado a 4 de dezembro de 1944 e retificado, a 27 de março de 1945, o Tratado de Amizade entre o Brasil e a China, firmado no Rio de Janeiro a 20 de agosto de 1943; e

HAVENDO sido trocados os respectivos instrumentos de ratificação na cidade do Rio de Janeiro, a 9 de abril de 1945;

DECRETA que o referido Tratado, apenso por cópia ao presente decreto, seja executado e cumprido tão inteiramente como nêle se contém.

Rio de Janeiro, 16 de abril de 1945, 124º da Independência e 57º da República.

GETÚLIO VARGAS

P. Leão Velloso

GETULIO DORNELLES VARGAS

Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil

Faço saber, aos que a presente Carta de ratificação virem, que, entre a República dos Estados Unidos do Brasil e a República da China, foi concluído e assinado, pelos respectivos Plenipotenciários, no Rio de Janeiro, a 20 de agosto de 1943, o Tratado de Amizade, do teor seguinte:

Tratado de Amizade entre a República dos Estados Unidos do Brasil e a República da República da China
Treaty of Amity between the do Public of the United States of China Brasil and the Republic of China

O Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil e o Presidente em exercício do Governo Nacional da República da China, desejosos de fortalecer os vínculos de amizade que de longa data unem os seus respectivos Povos e Governos, resolveram celebrar um Tratado de Amizade baseado nos princípios geralmente aceitos do Direito Internacional para substituir o Tratado de Amizade, Comércio e Navegação assinado pelas duas Altas Partes Contratantes em *Tien-Tsin* a três de Outubro de 1881, e, para êsse fim, nomearam seus Plenipotenciários:

Sua Excelência o Senhor Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, o Senhor Doutor Oswaldo Aranha, Ministro das Relações Exteriores do Brasil; e

Sua Excelência o Senhor Presidente em exercício do Governo Nacional da República da China, o Senhor Doutor Shao Hwa Tan, Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário da República da China no Brasil;

Os quais, depois de haverem trocado seus Plenos Poderes, achados em boa e devida forma, convieram nos artigos seguintes:

ARTIGO I

As Altas Partes Contratantes reafirmam os propósitos de paz e amizade que sempre animaram em suas relações recíprocas os seus respectivos Povos e Governos.

ARTIGO II

Os agentes diplomáticos e consulares de cada uma das Altas Partes Contratantes receberão, no território da outra, a título de reciprocidade, o mesmo tratamento geralmente concedido pelo Direito Internacional.

ARTIGO III

Os nacionais de cada uma das Altas Partes Contratantes, assim conmo os seus bens, ficarão no território de outra, sujeitos às leis e regulamento do país e à jurisdição dos seus tribunais.

ARTIGO IV

Cada uma das Altas Partes Contratantes concorda em conceder aos nacionais da outra, dentro do seu território, o direito de viajar, residir e comerciar em tôda a extensão do referido território, observadas as leis do país, nas mesmas condições que os nacionais de qualquer terceira Potência.

Cada um das Altas Partes Contratantes procurará dispensar, em seu território, aos nacionais da outra, tratamento não menos favorável do que o concedido aos seus próprios nacionais no que se referir a todos os trâmites legais, às matérias relativas à administração da justiça e à cobrança de impostos e respectivos formalidades.

ARTIGO V

As Altas Partes Contratantes concordam em entrar em negociações em futuro próximo para a conclusão de novo e amplo tratado de comércio e navegação que regule as condições de seu intercâmbio comercial.

O Tratado a ser assim negociado basear-se-á nos princípios do Direito Internacional e nas práticas internacionais.

ARTIGO VI

O presente Tratado será ratificado e entrará em vigor um mês após a troca de suas ratificações que se efetuará no Rio de Janeiro dentro do mais breve prazo possível.

Este Tratado é feito em dois exemplares, cada um dos quais nos idiomas português, inglês e chinês. No caso de divergência de interpretação dêste Tratado, fará fé o seu texto em língua inglesa.

Em fé do que, os Plenipotenciários, acima nomeados, firmam o presente Tratado e lhe apõem os seus respectivos selos, no Rio de Janeiro, aos vinte dias do mês de Agosto do ano de mil novecentos e quarenta e três, data correspondente aos vinte dias do oitavo mês do trigésimo segundo ano da República da China.

The President of the Republic of the United States of Brazil and the Acting President of the National Government of the Republic of China, desirous of strengthening the bonds of friendship which have long united their respective Peoples and Governments, have resolved to conclude a Treaty, of Amity based on the generally accepted principles of international law to replace the Treaty of Amity, Commerce and Navigation the two High Contracting Parties signed at Tien-tsin on the third of October, 1881, and have, for this purpose, appointed as their Plenipotentiaries:

His Excellency the President of Republic of the United States of Brazil, Doctor Oswaldo Aranha, Minister for Foreign Affairs of Brazil; and

His Excellency the Acting President of the National Government of the Republic of China, Doctor Shao Hwa Tan, envoy Extraordinary and Minister Plenipotentiary of the Republic of China to Brazil;

Who after having exchanged thier full powers, found to be in good and due form, have agreed upon the following articles:

ARTICLE I

The High Contracting Parties reaffirm the purposes of peac and amity which have always animated their respective Peoples and Governments in their mutual relations.

ARTICLE II

The diplomatic and consular agents of each of the High Contracting Parties shall receive in the territory of the other, on terms of reciprocity, the same treatment generally by international law.

ARTICLE III

The nationals of each of the High Contracting Parties, as well as their properties, in the territory of the other, shall be subject to the laws and regulations of the latter and to the jurisdiction of its law courts.

ARTICLE IV

Each of the High Contracting Parties agrees to accord to nationals of the other within its territory the right to travel, reside and carry on commerce throughout the whole extent of that territory according to its laws and on the same terms as the nationals of any third country.

Each of the High Contracting Parties will endeavour to accord in its territory to the nationals of the other treatment not less favourable than that accorded to its own nationals with reference to all legal proceedings, to matters relating to the administration of justice and the levying of taxes and formalities in connection therewith.

ARTICLE V

The High Contracting Parties agree to enter into negotiation in the near future for the conclusion of a new and comprehensive Treaty of Commerce and Navigation which will regulate the conditions of their commercial intercourse.

The Treaty to be thus negotiated shall be based upon the principles of international law and international practice.

ARTICLE VI

The present Treaty shall be ratified and shall come into force one month after the exchange of ratifications, which shall be effected in Rio de Janeiro as soon as possible.

The present Treaty is drawn up in duplicate in the portugueses, english and chinese languages. In case of divergence of interpretation, the english text shall be authoritative.

In witness whereof, the above mentioned Plenipotentiaries have signed the present Treaty and affixed thereto their respective seals in Rio de Janeiro this twentieth day of August of 1943, corresponding to the twentieth day the eighth month of the thirty second year of the Republic of China.

(L.S.) OSWALDO ARANHA

(L.S.) SHAS HWA TAN.

E havendo o govêrno do Brasil aprovado o mesmo Tratado nos têrmos acima transcritos, pela presente o dou por firme e valioso para produzir os seus devidos efeitos, prometendo que será cumprido inviolavelmente.

Em firmeza do que mandei passar esta Carta, que assino e é selada com o sêlo das armas da República e subscrita pelo Ministro de Estado interino das Relações Exteriores.

Dada no Palácio da Presidência, no Rio de Janeiro, aos vinte sete dias do mês de março de mil novecentos e quarenta e cinco, 124º da Independência e 57º da República.

Getulio Vargas
P. Leão Velloso

Publicação:

- Diário Oficial da União - Seção 1 - 19/04/1945 , Página 7076 (Publicação) v

Fonte:

<<http://www2.camara.gov.br/internet/legislacao/legin.html/textos/visualizarTexto.html?ideNorma=327305&seqTexto=1&PalavrasDestaque=>> Acesso em 17/02/2009.